

POR DENTRO DO CRIME

CORRUPÇÃO - TRÁFICO - PCC

Márcio Sérgio Christino



F I U Z A
EDITORES

Abril – 2001

2ª edição



FIUZA EDITORES COMÉRCIO DE LIVROS LTDA.

Rua Martim de Sá, 66 - Casa 01 - CEP 04128-070

Vila Mariana - São Paulo - SP

Fone (11) 5594-6661 - Fax (11) 276-5921

www.fiuzaeditores.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro)

Christino, Márcio Sérgio

Por dentro do crime / Marcio Sérgio Christino.

— São Paulo : Fiuza Editores, 2001

1. Crimes e criminosos — São Paulo (Estado)

I. Título

01-0427

CDD: 364.98161

Índice para Catálogo Sistemático:

1. São Paulo : Estado : Crimes e criminosos :
Problemas Sociais 364.98161

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, sejam quais forem os meios empregados, sem autorização por escrito do autor. O infrator ficará sujeito, nos termos da Lei nº 6.895, de 17/12/80, com as alterações introduzidas pela Lei nº 9.610, de 19/02/98, à penalidade prevista nos artigos 184 e 186 do Código Penal, a saber: reclusão de um a quatro anos.

AGRADECIMENTOS

Como todo livro, este também não se fez sozinho e seria injusto deixar de consignar as pessoas que tanto contribuíram para sua conclusão. Os Ilustres Promotores de Justiça Gabriel Cesar Zaccaria de Inellas, José Romão de Siqueira Neto e Eduardo Roberto de Alcântara Del Campo estão dentre estas, a visão e o aconselhamento foram inestimáveis. O Editor Cesario Fiuza de Andrade não pode deixar de ser mencionado, abraçando a idéia desde um primeiro momento; a eles meus profundos agradecimentos.

Aos Drs. Marilse dos Santos Casagrande e José Carlos Monteiro Belino, amigos e mentores da idéia, sem os quais sequer teria a coragem de concretizar este livro.

A Ana Paula Elias minha revisora e crítica, e ainda a Flávio Santos de Mello, criador da capa deste livro; a eles, meu muito obrigado.

Às repórteres Marinês de Campos, do Jornal da Tarde, e Fátima Souza, da Rede de Televisão Bandeirantes, que autorizaram a reprodução das reportagens da Introdução e da fotografia que ilustra a quarta capa; indubitavelmente são duas jornalistas com uma visão profunda e quase sempre acertada do fenômeno “crime” em São Paulo; ao jornalista João Antonio de Barros, do Jornal carioca “O DIA” pelas confirmações da atividade do “Comando Vermelho”.

São Paulo, fevereiro de 2001

O Autor

SUMÁRIO

Prefácio - Dr. Gabriel Cesar Inellas de Inellas	7
Introdução	9
I - O Distrito Policial	15
II - Receptadores	36
III - O Advogado	47
IV - O PCC	63
V - O Acerto - Pedágio	90
VI - Roubo - A Batida de Carro	99
VII - Roubo de Carga - Tecidos e Roupas	109
VIII - Distrito Policial - A Fuga	122
IX - Preparação	130
X - Roubo à Agência Bancária	133
XI - Os Oponentes	149
XII - Roubo de Carga - Produtos Eletrônicos	152
XIII - Primeira Reação	158
XIV - Uma Captura	163
XV - Desconfiança	169
XVI - Roubo de Carga - Medicamentos	170
XVII - Uma Visita	177
XVIII - A Ação	183
XIX - Um Jogo	197
XX - Conflito de Interesses	205
XXI - Um Lance	212
XXII - Vitória - Um Homicídio	217
XXIII - Preliminares	226
XXIV - Queima de Arquivo	231
XXV - Resgate de Presos - Planejamento	234
XXVI - Resgate de Presos - Ação e Coincidência	238
XXVII - Início do Fim	254
XXVIII - Uma Obstrução	260
XXIX - Imobilizados	270

XXX - Cuidados	279
XXXI - Como Vaza uma Notícia	282
XXXII - Morte	287
XXXIII - Jogo de Espera	298
XXXIV - Confronto	308
XXXV - Uma Cena	323
XXXVI - Uma Visão do Futuro	327

PREFÁCIO

MÁRCIO SÉRGIO CHRISTINO é Promotor de Justiça Criminal da Capital do Estado de São Paulo, exercendo suas funções no **S.A.I. – Serviços Auxiliares e de Informação**. Portanto, é um profundo conhecedor da matéria enfocada no presente livro. Sua obra enfoca o crime no Estado de São Paulo. Suas causas, conseqüências e disseminação, dissecando essa patologia social com muita perspicácia. O presente livro é um livro policial e de ficção. Ficção? Jamais! Sinto-me muito à vontade para afirmar-lhe, caro leitor, que embora a trama principal, suas personagens, Promotores de Justiça, Juízes, Delegados de Polícia, Investigadores e Escrivães de Polícia e outros que orbitam pelo mundo do crime sejam produto da fértil inspiração do autor, o pano de fundo da obra é uma triste realidade. Através da leitura, leve e clara, simples e concisa, **MÁRCIO** leva o leitor a conhecer os meandros da criminalidade, o submundo da corrupção, das torturas e dos arrebatamentos de presos em Distritos Policiais; fica-se conhecendo o tristemente notório **PCC – Primeiro Comando da Capital!**

Conheço muito bem o PCC; sou Promotor de Justiça Criminal da Capital do Estado de São Paulo e fui eu que acompanhei as investigações, durante anos, demonstrando a existência do PCC: como e aonde atuava, seus líderes e a vontade, por parte de certas autoridades, de fingir que ele não existia! Fui eu que, após viagens aos mais diversos Estabelecimentos Penais do Estado de São Paulo, após dias e horas ouvindo presos e mais presos, conseguindo documentos, ofereci a Denúncia cujo contexto abarcava a valoração de tal organização criminosa. Contudo, todo aquele trabalho foi em vão; foi reduzido a nada, porque a Denúncia foi rejeitada! Aos **15 de maio de 1997**, o **S.A.I.** requereu a instauração de uma Sindicância, junto ao Departamento de Inquéritos Policiais e da Corregedoria da Polícia Judiciária, e após quase dois anos de investigações foi oferecida a Denúncia, descrevendo minuciosamente todos os meandros e a extensão dos tentáculos do PCC. Como já dito, tal denúncia foi rejeitada, rejeição esta confirmada posteriormente pelo Tribunal de Justiça de São Paulo.

Agora, a imprensa vem noticiando a existência de diversos grupos de criminosos, dentre os quais o PCC, comandando a criminalidade no interior dos Presídios. Aos 3 de outubro de 2000 os jornais estamparam manifestação de nobre Magistrado, que fora Corregedor do Sistema Penitenciário do Estado de São Paulo e que se demitira, diante dos: "...erros, desmandos, a corrupção sistêmica do nosso sistema prisional ou de haver compactuado com tais falhas". Cita a existência de cinco organizações que disputam o poder no Sistema Penitenciário estadual. Quase ao final da manifestação, afirma o articulista: "É necessário que o Ministério Público, a Ordem dos Advogados do Brasil e o Poder Judiciário tomem posição de luta, enfrentando o Executivo". Acontece que, como já demonstrado, o Ministério Público do Estado de São Paulo já em 1999 enfrentou e combateu tal questão, tomando a posição de luta ora pleiteada pelo Magistrado Corregedor, lamentavelmente foi o próprio Judiciário que à época rejeitou as investigações realizadas pelo Ministério Público.

Ao terminar a redação deste Prefácio, para a magnífica obra do meu colega Promotor de Justiça Criminal, **MÁRCIO SÉRGIO CHRISTINO**, leio que o jornal O Estado de S. Paulo, de hoje, dia 25 de outubro de 2000, noticia a morte e ferimentos de detentos, no interior da Casa de Detenção de São Paulo, resultado de confronto entre duas facções rivais: o PCC e a **Seita Satânica**, duas das organizações criminosas que comandam o crime no interior de todo o Sistema Penitenciário paulista. Assim, posso afirmar que você, leitor, através do presente livro, será levado a conhecer o mundo do tráfico de entorpecentes e sua estrutura; da corrupção, das torturas e de como se introduzem armas e drogas nos Estabelecimentos Penais do Estado de São Paulo. Enfim, conhecerá um universo à parte, que o leitor jamais sonharia pudesse existir!

Espero que gostem do livro. Eu gostei!

São Paulo, 25 de outubro de 2000

Gabriel Cesar Z. de Inellas

INTRODUÇÃO

11 de junho de 2000 – Jornal da Tarde – Reportagem de Marcelo Godoy – **“Facções dominam Penitenciárias de SP”** – principais tópicos:

- Três grandes facções criminosas atuam nas maiores e mais importantes penitenciárias do Estado. A mais antiga e forte quadrilha é o Primeiro Comando da Capital, o PCC.
- O grupo age ainda nas prisões paranaenses, para as quais o governo paulista transferiu seis de seus líderes.
- A segunda maior facção é uma dissidência do PCC e a terceira o Comando Democrático da Liberdade.
- Eles dominam setores das cadeias como a faxina, planejam fugas e expedem sentenças de morte contra quem desobedece.

11 de junho de 2000 – Jornal da Tarde – Reportagem de Marcelo Godoy – **“Líderes do grupo foram removidos para o PR”** – principais tópicos:

- Seis líderes do Primeiro Comando da Capital (PCC) foram transferidos para o Paraná em 1998 numa tentativa do governo paulista de acabar com sua influência nas prisões do Estado. A ação, mantida em sigilo até agora, retirou do Centro de Reabilitação Penitenciária (CRP), em Taubaté, alguns dos mais perigosos membros do partido e mostra que, se publicamente o governo negava a existência do grupo, internamente agia contra ele.
- Os presos também causaram problemas no Estado vizinho. No ano passado (1999) a direção da Penitenciária Central, em Piraquara, apreendeu com detentos o manifesto de criação do Primeiro Comando do Paraná (PCP), o documento afirma que o PCP está coligado com o PCC paulista e entre suas regras consta: “Aqueles irmãos que estiverem em liberdade com condições de ajudar os irmãos presos, mas não ajudarem, serão condenados à morte e executados.”

13 de outubro de 2000 – Agência Estado – Reportagem de Evandro Fadel – **“Motim acaba. Depois de quatro dias”** – principais tópicos:

- Os 16 amotinados foram, conforme exigiam, transferidos para outros Estados e liberaram os sete agentes penitenciários que eram mantidos como reféns.
- Treze dos detentos amotinados deveriam ir ainda ontem (12 de outubro de 2000) para Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Rondônia.

30 de junho de 2000 – Jornal da Tarde – Reportagem de Marcelo Godoy – **“PM faz operação em Penitenciária de Avaré contra facção criminosa”** – principais tópicos:

- Participaram da ação em Avaré 300 homens da Tropa de Choque da PM. Os policiais chegaram às 6:30 horas e cercaram as duas penitenciárias da cidade.
- Foram apreendidas pistolas semi-automáticas cal. 380 e 9mm (uso proibido) além de cocaína e celulares.
- A operação foi feita para desarticular a segunda maior facção criminosa do sistema prisional paulista, o Conselho Democrático da Liberdade (CDL).
- A Penitenciária 1 de Avaré tem capacidade para 852 presos e abrigava 885. No começo do ano, sob influência dos líderes do CDL, 640 detentos fizeram um abaixo-assinado contra a investigação feita pela Delegacia Seccional sobre o CDL.

14 de julho de 2000 – Agência Estado – Reportagem de Marcelo Godoy – **“PCC é responsável por mortes e extorsões”** – principais tópicos:

- Até o mês passado, o governo estadual negava a existência da facção. Apesar disso, agiu contra o grupo. Um exemplo foi a transferência dos fundadores do PCC para o Paraná.
- Em junho o secretário de Administração Penitenciária admitiu o que seus antecessores diziam ser uma fantasia: a existência do PCC e de duas outras facções – o Comando Revolucionário do Brasil para o Crime (CRBC), dissidência do PCC em Guarulhos e o Comando Democrático da Liberdade (CDL), que tomava conta da Penitenciária 1 de Avaré.

14 de julho de 2000 – Agência Estado – Reportagem de Marcelo Godoy e Luiz Carlos Lopes – **“Presos de facção matam 5 e ferem 30 em cadeia”** – principais tópicos:

- Um grupo de 55 presos da facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC) revoltou-se anteontem às 20:00 horas na Penitenciária de Presidente Bernardes.

- Os amotinados haviam sido expulsos das alas 2 e 3 pelos presos de outro grupo criminoso que estava articulando-se na penitenciária.

- Anteontem à noite, os rebelados, por meio de uma chave falsa, abriram as celas onde estavam e foram à ala 2. Ali dominaram o agente penitenciário Marcel Gregório, que estava de plantão. Armados com facas e estiletes, retiraram seus desfetos das celas, mataram-nos e jogaram seus corpos na entrada da ala.

- A carnificina só não foi maior porque um grupo de 25 detentos escapou da ala 3 antes que os amotinados também a dominassem. Por volta da zero hora, os rebelados passaram a exigir a transferência dos 55 que iniciaram a revolta para São Paulo.

- A Secretaria negou-se a atender a exigência e informou aos presos que, depois da libertação dos reféns, seriam examinados caso a caso as transferências dos rebelados.

- Pela manhã, os membros do PCC amarraram 19 presos nas grades de entrada da ala 2. Eles envolveram esses reféns com colchões embebidos em álcool e ameaçaram imolá-los.

- As negociações continuaram entre a direção da cadeia e um grupo de dez presos que se revezavam para apresentar exigências.

- Para o secretário-adjunto, os amotinados de Presidente Bernardes podem ter sido influenciados pela revolta dos presos na Penitenciária do Ahú, terminada anteontem em Curitiba. Em 1998, o governo paulista enviou ao Paraná seis dos fundadores do PCC. A presença deles no Paraná provocou a criação do Primeiro Comando do Paraná, cujo estatuto foi apreendido na Penitenciária Central do Estado, em Piraquara. Os presos paranaenses amotinados exigiram do governo paranaense a volta dos detentos paulistas para São Paulo.

15 de julho de 2000 – Agência Estado – Reportagem de Luiz Carlos Lopes e Marcelo Godoy – **“Motim acaba após presos matarem 6 e ferirem 8”** – principais tópicos:

- Terminou após 38 horas a rebelião liderada por um grupo de presos do Primeiro Comando da Capital (PCC) na Penitenciária de Presidente Bernardes.

- Eles mataram seis presos e feriram oito, dos quais um com gravidade. Os rebelados, que ameaçavam queimar vivos os reféns, libertaram os 50 presos e o agente penitenciário que estavam em seu poder desde o começo do motim às 20:00 horas de quarta-feira. O governo concordou em transferir 45 amotinados para outros presídios.

18 de setembro de 2000 – Agência Estado – matéria não assinada –
“**A guerrilha silenciosa que comanda os presídios**” – principais tópicos:

- É um grupo forte: estima-se que, hoje, as cinco organizações criminosas que disputam o poder interno nos presídios tenham em caixa R\$ 80 milhões, arrecadados nos grandes assaltos planejados dentro das celas e com o movimento do tráfico de drogas, dentro e fora das prisões.
- Com tanto dinheiro, as organizações corrompem funcionários – um cálculo preliminar aponta que 1% dos 18.800 agentes penitenciários tem envolvimento com os criminosos –, financiam fugas, organizam resgates de presos, contratam advogados e compram armas e drogas.
- O problema, até agora negado pelos últimos governos, saiu da clandestinidade para mostrar sua poderosa proporção.

18 de setembro de 2000 – Agência Estado – matéria não assinada –
“**PCC impõe regras e pune desobediência**” – principais tópicos:

- O Primeiro Comando da Capital (PCC) pode ser comparado ao Comando Vermelho e à Falange Vermelha, do Rio. Seus membros tentam desestabilizar o sistema penitenciário, têm armas, planejam roubos e resgates de presos, controlam o tráfico, patrocinam mortes, financiam fugas e promovem rebeliões.
- Táticas como assassinatos na Penitenciária do Estado e tentativas de “tomar de assalto” o presídio são usadas para negociar com as autoridades a desativação do Piranhão.
- A desativação também visaria a transferir estes presos para estabelecimentos prisionais de regime comum e, assim, provocar rebeliões e extorquir seus próprios companheiros.
- Agentes de segurança também têm feito denúncias: há estimativas de que 1% dos funcionários tenha aderido aos “comandos”, colaborando com o tráfico, financiamento de fugas, rebeliões e resgate de presos.
- A organização ensina a usar armas das forças armadas, dá lições de como atacar um carro-forte, resgatar presos e assaltar banco, avião pagador. Os chefes desenham armas e ensinam a usá-las. Em uma folha de papel sulfite, apreendida na Penitenciária do Estado, havia o desenho de um revólver calibre 38, fuzil FAL, espingarda cal. 12, pistolas, granadas, lança-granadas de fuzil, fuzil AR-15, metralhadoras e bazucas.
- Os líderes do PCC, nome que passou a identificar a organização, reapareceram no Piranhão e, de lá, passaram a comandar quadrilhas de assaltantes. Era tal a organização que os integrantes do PCC começaram a pagar mensalidades de faculdades de Direito a jovens pobres da perife-

ria, com o compromisso de que eles trabalhariam na defesa dos “chefões” na Justiça.

18 de setembro de 2000 – Agência Estado – matéria não assinada – **“CRBC: estatuto feito na sala da direção”** – principais tópicos:

- O comando prega a arrecadação de fundos e exige algumas características especiais de seus integrantes: eles têm de ser “dignos, inteligentes, com bom grau de intelectualidade, como médicos, enfermeiros, advogados ou outros profissionais liberais”.

Outubro de 2000 – Jornal da Tarde – Reportagem de Marinês de Campos: **“Prisões: um corregedor contra 5 máfias”** – principais tópicos:

- A cada 15 dias, “filiados” do Primeiro Comando da Capital (PCC), a maior organização criminosa que detém o poder nos presídios paulistas, organizam um animado churrasco de confraternização no município de Diadema. Nesses encontros, comemoram a liberdade comprada com dinheiro roubado, planejam novos ataques, traçam ações para resgate de presos nas cadeias e delegacias e decidem sobre qual valor irão pagar a agentes penitenciários ou policiais corruptos para que seus companheiros abreviem o tempo na prisão.

- Além do PCC, do CRBC e do CDL, há a Seita Satânica e o Comando Jovem Vermelho da Criminalidade. A Corregedoria já instaurou 80 procedimentos para investigar o envolvimento de funcionários na facilitação de fugas – no ano passado 552 presos fugiram dos presídios e, somente no primeiro semestre deste ano (2000), 503 conseguiram escapar.

- O Corregedor recebeu informações de que o tráfico de drogas rende tanto dinheiro nos presídios que um condenado, já com direito a passar para o regime semi-aberto, continua há mais de um ano no sistema fechado sem reclamar ou fazer o pedido para a concessão do benefício. “O consumidor dele está dentro da Penitenciária e, por isso, ele prefere ficar lá”, diz o desembargador.

- De acordo com as apreensões feitas nos presídios, o menor problema encontrado pelos presos é a falta de comunicação: somente no mês de maio deste ano, foram encontrados na Casa de Detenção 22 aparelhos improvisados para fax, além de sete armas de fogo, 123 facas e estiletes, maconha e cocaína.

- O grande volume de dinheiro arrecadado é usado para financiar fugas e resgates, contratação de advogados e compra de drogas e armas.

- Em maio deste ano foi encontrada na casa da amante de um preso da Penitenciária de Assis uma bazuca antitanque Rocket HE-66 M-72 A2, calibre 66, de fabricação desconhecida, que seria usada para a tomada do presídio.

Márcio Sérgio Christino

5 de novembro de 2000 – Jornal da Tarde – Entrevista da Secretária Nacional da Justiça, Dra. Elisabeth Sussekund – principal tópico:

- Organizações Criminosas pagam cursos preparatórios e inscrições com o intuito de infiltrarem membros na polícia e no sistema penitenciário os quais, posteriormente, irão influir em inquéritos e passar informações ao crime organizado.

Fonte: site www.estadao.com.br

I – O DISTRITO POLICIAL

Esquema básico de extorsão

O carro entrou no pátio da delegacia um pouco rápido demais, parou bruscamente em frente a uma vaga onde a inscrição “Reservada” ficava meio apagada, a freada levantou os pedregulhos e chamou a atenção das pessoas que estavam em frente à entrada principal do 222º Distrito Policial. Não era um carro novo, mas era luxuoso, típico de quem gosta de muito conforto, mas não tem cacife para tanto. O Delegado Marco Sforza sem dúvida gostava de conforto, quanto ao resto, pelo menos para ir ao Distrito, optava por um veículo mais modesto. Sabia que era melhor não ostentar. Desceu do carro e foi direto para a entrada principal, se com o carro tratava de não aparentar ostentação, o mesmo não se podia dizer do terno caríssimo, do relógio, não faria feio fosse aonde fosse. Andou com passos largos e passou pela tumultuada entrada principal, sentiu os olhares: medo, raiva, ódio, inveja, conhecia todos os tipos que gravitavam em torno de uma delegacia, familiares de presos, testemunhas, pequenos criminosos que tentavam justificar-se ou enganar alguém, ambulantes atraídos pelo movimento, tudo fazia parte do cenário que ele conhecia bem. O agente policial que ficava perto da porta o cumprimentou e recebeu um aceno de mão como resposta. O olhar de Sforza foi atraído para o fim do corredor que se iniciava da portaria, cerca de quatro policiais militares estavam parados ali, junto a um jovem mulato algemado, colocado com o rosto voltado para a parede. O oficial estava, como sempre, com uma prancheta na mão e aguardava uma jovem que prestava depoimento dentro do cercado do delegado plantonista. O oficial e Sforza trocaram olhares, desde que o mundo é mundo, ou melhor, desde que polícia é polícia, policiais civis e militares não se suportavam, a antipatia é mútua, mas a convivência forçada os obriga a um mínimo, e tanto o oficial quanto o delegado limitaram-se a um sinal com mão. Mais atenção Sforza dedicou à vítima, sem dúvida uma bela mulher. Satisfeito, subiu a escada de dois lances para o pavimento superior, passou por uma sala com uma pequena placa de “almoxarifado”, pela salas da chefia de escrivães e investigadores, pequenos bancos no corredor, uma ou duas pessoas, geralmente vítimas,

esperando serem ouvidas. Seguiu reto e chegou a seu gabinete. Abriu a porta e entrou. Pouco se importava que o Distrito estivesse, como a maioria aliás, em condições precárias, fiação elétrica à mostra, pintura descascada, bolor e móveis já manchados pelo tempo não lhe importavam, muito menos o fedor de urina que subia da carceragem superlotada no pavimento inferior ao da entrada. Seu gabinete tinha móveis antigos, certo, mas devidamente recuperados e que inspiravam até certa nobreza, bom tapete, televisão com vídeo, máquina de café expresso e um pequeno aparelho de som, um móvel com portas de vidro lotado de livros e pastas mas, essencialmente, um ótimo aparelho de ar-condicionado com controle remoto, pequenos luxos que o isolavam das lamentáveis condições do resto. Sforza fora designado para o 222º Distrito Policial a título de punição. Era um Distrito problemático, como todos os da periferia, com grande número de ocorrências, principalmente roubos e homicídios, abrangia uma grande área tanto em sentido geográfico quanto populacional, e por ela passavam o trecho urbano de pelo menos duas rodovias. Mas o que para muitos é prejuízo para outros é vantagem, e Sforza sabia muito bem tirar proveito da situação. Primeiramente montou uma equipe de confiança, de suas andanças pelos Distritos trouxe dois investigadores, tidos sempre como indesejados aonde quer que fossem, conhecidos pelas alcunhas de “Dedo” e “Tainha”. Eram experientes, sabiam como era a vida na rua e dentro das repartições policiais seriam tidos como ótimos investigadores, se não fosse a compulsão de ambos pela violência e pelas suspeitas de corrupção. Seu imediato contudo era Vasconcelos, o chefe dos escrivães, muitos anos de polícia safando-se sempre das suspeitas que volta e meia recaíam sobre ele o tornavam ideal, sabia o que era um inquérito e também um processo administrativo, o que fazer constar e o que não constaria nunca, como favorecer sem mostrar-se interessado, seu defeito quando muito era o sadismo, mas isto era outra história. Quando pleiteou a vinda destes policiais recebeu o *okay* imediato, todos queriam livrar-se deles. Do 222º DP mesmo aproveitou o investigador Castanheira, que se incorporara ao plantel de confiança de Sforza, morava no mesmo bairro da delegacia desde pequeno e tinha uma rede de contatos e informantes excelentes. Isso o ajudou a se integrar facilmente com o grupo e logo percebeu que poderia cair nas graças do chefe. Quanto aos demais policiais do Distrito, os utilizava com cuidado e quando conveniente, sempre através da mediação de Vasconcelos, que esperadamente descobria quem era quem e a que se prestaria. Sem dúvida, para o que planejava, era uma boa equipe.

Mas nem tudo era perfeito no ambiente sonhado pelo titular, logo foi-lhe designado um delegado auxiliar de quem imediatamente não gostou. Adriano Del Tessio, seu novo comandado, passou a ser responsável pelos plantões como uma espécie de supervisor.

Adriano era inteligente e dedicado. Dedicado demais para o gosto de Sforza. Era tão dedicado que se tornou inconfiável. A solução que ele encontrou para neutralizar Adriano foi passar-lhe todas as ocorrências envolvendo crimes que não eram de seu interesse, ou melhor, aqueles que não lhe proporcionariam uma perspectiva de lucro, isolando seu grupo do contato direto com ele.

É claro que o assistente era colocado à margem de tudo, sequer pleiteara uma sala e passava quase todo tempo próximo ao cercado do plantão sobrecarregado com as ocorrências. Vasconcelos, Tainha e Dedo não gostavam dele também, o sentimento era recíproco. De qualquer forma, Adriano estava isolado e o grupo que Sforza montara ia de vento em popa.

João da Silva era aquele sujeito que não tinha nada de especial, assim como Castanheira crescera no bairro e como pessoa não tinha nenhum atributo notável. Trabalhou até a aposentadoria sempre no mesmo emprego e hoje não passava de uma pessoa amarga, a qual como tantas outras acreditava que a vida o maltratara e que nunca tivera uma oportunidade. Não cansava de dizer que fora mal aproveitado durante toda a vida e, agora, na aposentadoria, só lhe restava agüentar os vizinhos.

De toda a vizinhança, aquele que mais o irritava era o Vanderlan, filho da vizinha da frente, uma mulher batalhadora que desde a morte do marido assumira a mercearia e a mantivera com mão de ferro, ensaiando até um pequeno crescimento. Para João, Vanderlan era um vagabundo que não estudava e passava o dia todo perambulando pela rua.

João na verdade não sabia se o que mais o irritava em Vanderlan era sua vagabundice ou o fato de o rapaz, apaixonado por motos, entrar e sair, a toda hora, com motos barulhentas e um enorme vozerio. Coisas que tiravam o sono e a paz do aposentado. João não compreendia como Vanderlan podia ter tanta liberdade. Por vários dias seguidos, dirigiu-se até a padaria perto de sua casa até que, na mesma semana, encontrou quem procurava, o investigador Castanheira, que costumava passar por ali de vez em quando em busca de notícias. Conversava com o dono da padaria e o português ficava feliz em informar-lhe o que sabia. Tanta presteza do Joaquim se devia ao fato de ele acreditar que a presença de Castanheira na padaria funcionava como uma garantia contra eventuais roubos. Ele imaginava que todos pensavam que ele era “amigo da polícia”, pensava também, não sem certa dose de razão, que quando precisasse poderia contar com Castanheira para lhe quebrar um “galho” qualquer.

– Como vai “Seu Castanheira”? – perguntou João aproximando-se do policial.

– Ô “Seu” João! – respondeu Castanheira. – E a patroa, tudo bem? – Castanheira se segurou para não sair correndo dali. Ele achava João chato e pegajoso.

– Preciso de um favor Castanheira. É sobre o meu vizinho, o Vanderlan, filho da Dona Zefa do bar.

Ao ouvir a conversa do velho, Castanheira sentiu mais pressa em sair do local. Ele lembrou que briga de vizinho é a coisa mais chata e a que mais tem numa delegacia. Será que até ali seria aporrinhado com esta droga?

– Você está com pressa, mas é rápido. Olha, eu moro lá há quase trinta anos e nunca tive problemas. Mas este moleque passou dos limites. Todo dia ele chega e sai de moto, cada vez uma moto diferente. De noite, então, nem se fala, é barulho e vozeirão. Agora ele até fica espalhando peças de moto pela calçada! Ninguém gosta disto, mas ninguém reclama, porque Dona Zefa é muito querida. Eu também gosto muito dela, mas também não sou obrigado a agüentar as chatices do Vanderlan. Você me desculpe, eu não quero mal pra ninguém, só quero dormir tranquilo após meus quarenta anos de profissão. Eu ainda...

Castanheira nem ouviu o resto, dizia sim às vezes. Quando não suportou mais, saiu da padaria dizendo que iria ver o que fazia. Naquele instante desprezou ainda mais João da Silva. Na verdade, apesar de precisar deles, Castanheira detestava um delator. O investigador sabia que este tipo de ralé só abria o bico por um interesse mesquinho qualquer. Era incrível como todos eles procuravam sempre se justificar usando motivos os mais fúteis possíveis.

Castanheira voltou para a delegacia e subiu até a sala do Vasconcelos.

– Ô Vascão, tenho um lance.

– Qual?

– Conheço um rapaz que está envolvido num rolo com motos, não sei se roubo, furto ou desmanche, toda noite ele aparece com moto nova e um bando de metidos.

– Batata Castanheira, é desmanche. Ele tem grana?

– A mãe é a Dona Zefa do bar.

– A dona da mercearia? A loja é boa, deve valer a pena. Chama o Tainha e o Dedo que vai dar lance. Pega o carro do plantão e vai até lá, não espera de noite não, dá uma olhada e vê se tem peça espalhada pelo lugar. Vê se dá pra pegar o rapaz. Se ele age de noite deve estar com sono, fica mais fácil. Agora anda que eu não tenho o dia todo. Daqui a pouco o chato do Adriano chega e quero resolver isto antes da troca do plantão.

– Tô saindo. Eu preciso levar a Dona Zefa para ver a carceragem, avisa o Lelé pra deixar os “passarinhos”¹ perto da grade.

¹ Presos que serviam de informantes aos policiais.

– Tá. Some.

Castanheira não simpatizava com Dedo e muito menos com Tainha. Tainha era mais fácil de se lidar. Já o Dedo, este quase não falava e algo nele, embora não soubesse o quê, despertava certo receio. É como se Dedo não ligasse para nada. Ninguém sabia o que ele fazia com o dinheiro que ganhava nos “por fora”. Andava montado num carro velho, não se vestia lá grande coisa e morava num pequeno apartamento de um dormitório na Liberdade. Parecia até meio louco. Já de Tainha a única coisa que todo mundo sabia é que era gamado por uma prostituta chamada Cybele.

Tainha e Dedo estavam na sala dos investigadores. Assim que entrou Castanheira contou-lhes o que sabia e o plano de Vasconcelos. Tainha ficou animado. Dedo não falou nada, apenas pegou a chave de uma viatura e saiu para o pátio.

– Tainha, o Vascão pediu para usar o Gol e eu...

– Não se mete, o lance é nosso e a gente sabe o que faz. Se você pegar o Vanderlan vai colocar onde? No colo? Estamos em três. Este Vasconcelos é uma besta que não viu isso.

– Tudo bem, vocês que se virem, são amigos “do homem”, eu só estou na sobra.

– “O homem” não tem amigo seu jumento, olha o carro!

Todos entraram no carro e foram primeiro verificar o comércio da mãe de Vanderlan.

A “Mercearia do Infante” era variada, bem equipada e havia sido reformada recentemente. O local chamou a atenção dos três e atçou ainda mais a cobiça dos investigadores. De lá foram então verificar a casa. Perceberam um sobrado pequeno, dois dormitórios, garagem na frente, junto à porta da sala um pequeno corredor que levava até os fundos e uma pequena edícula. Era lá que as motocicletas eram desmontadas, pensaram os três.

A frente do sobrado, pintada num verde claro desbotado pelo tempo, era pequena, porém o terreno era fundo e fazia divisa com outra casa, através de um muro alto e com cacos de vidro. A casa era geminada pelo lado esquerdo e a lateral direita também era murada e dava para um estacionamento. Eles logo imaginaram que aquela parte da casa poderia servir como rota de fuga.

– Por trás ele não sai. – disse Tainha. O propósito do exame na casa era simples, não deveria haver chance de Vanderlan escapar. O ideal, nestes casos, eles sabiam, era permitir uma fuga por um caminho que já se sabia e detê-lo fora da casa. Uma “tocaia” das boas.

– É isso aí. – disse Castanheira – Pelos fundos não sai, os cacos de vidro não deixam.

– Eu vou para o lado. – disse Dedo. Ele sabia que quando Vanderlan os visse tentaria pular o muro lateral e cair do lado da garagem e, dali, alcançaria a rua do outro lado do quarteirão.

Combinados, Castanheira e Tainha permaneceram no carro enquanto Dedo, com sua altura incomum, facilmente pulou o muro da garagem e identificou-se como policial ao vigia. Tainha e Castanheira partiram então para o ataque. Ligaram o carro e estacionaram em frente à casa de Vanderlan. Tomaram o cuidado de verificar se Dona Zefa encontrava-se na mercearia para evitar um tumulto maior. Como estava tudo certo, Castanheira tocou a campainha e foi logo pulando o portão que protegia a garagem.

Uma porta lateral se abriu e um rapaz loiro, magro e alto, de olhos azuis e com cara amassada apareceu no corredor.

– O que é que o senhor está fazendo, entrando aqui?... – perguntou o rapaz.

– É “cana”! – disse Castanheira.

– A casa caiu! – gritou.

Mesmo com sono Vanderlan era rápido e já tinha pensado em como sair de uma situação destas. Havia duas motos na edícula para serem desmontadas e a prisão era certa. Fugir era a única solução. Com dois passos atravessou o corredor, tomou impulso e sem tocar no muro caiu na garagem rolando para não se machucar. Levantou-se e ensaiou uma corrida até sentir uma dor no abdome que o paralisou. O ar faltou e o coração quase parecia sair pela boca.

Somente aqueles que já levaram um soco violento no estômago sabem o que o garoto sentiu. Ele então percebeu que um outro policial o estava aguardando no estacionamento. Dedo ainda aplicou no rapaz mais um chute que acertou as costelas e um outro que atingiu o peito e o deixou sem condições de reagir.

– Calma. Calma Dedão! Ele já é nosso. Deixa que eu coloco as algemas. O Castanheira foi pegar os pedaços das motos no quatinho dos fundos, vamos levá-lo até a viatura.

– Tá Tainha eu levo o moleque, vai ajudar o Castanheira a pegar as peças. Pode deixar, eu cuido dele.

Tainha e Castanheira rapidamente pegaram algumas peças das motocicletas desmontadas e colocaram no banco traseiro do carro. Vanderlan mal respirava no “chiqueirinho” onde estava trancado. Dedo

guiou a viatura até o DP com Castanheira ao seu lado e Tainha no banco traseiro examinando a numeração de algumas peças e anotando em um papel.

Sforza já sabia o que estava acontecendo e avisara Vasconcelos para que agisse rápido antes que Adriano chegasse para o plantão noturno. A ação dos investigadores foi tão rápida que não chamou a atenção de ninguém, exceto do vizinho da frente, João que assistiu a tudo, esfregando as mãos prazerosamente. Mais tarde, para completar sua vingança e tirar de suas costas a delação, ele mesmo se encarregaria de avisar Dona Zefa da prisão do filho.

Nesta altura Vanderlan já estava no “corró”.²

– A moto é minha, vocês não têm nada com isso, dois amigos meus “de menor” me deviam e pagaram com as peças das duas motos. – afirmava o rapaz.

– Cala a boca senão toma mais umas porradas. – retrucou um dos investigadores. – A numeração do chassi confere, foram roubadas.

– Deixa de ser burro, você vai é pra cadeia. Vai ser muito bem recebido lá com este corpinho de bailarino espanhol. – disse Castanheira procurando causar mais desespero em Vanderlan.

– Mas não se preocupa – continuou o investigador –, tua mãe chega logo e vamos ver no que vai dar isto.

João da Silva foi de fato avisar Dona Zefa. Esta, como de costume, atendia freguesas. Ao vê-la, João sentiu-se piedoso e pediu para falar-lhe lá dentro, tentando evitar o vexame da notícia do filho criminoso.

– Olha Dona Zefa – disse João –, seu filho foi preso agorinha. Eu estava na porta e vi a viatura com um grandão e um moreno levarem ele. Acho que foram até o 222º.

– Meu filho? – perguntou Dona Zefa. As lágrimas começaram a descer por seu rosto.

– Eu sabia, eu falei pra ele seu João, não vai atrás desta turma, eles não são pessoas de bem e eu preciso de tanta ajuda aqui no bar.

– Calma Dona Zefa, não há que ser nada. – dizia o piedoso João sentindo-se ainda mais poderoso.

² Gíria. Denominação dada a uma sala, próxima a carceragem, nos Distritos Policiais ou Delegacias de Polícia, onde são colocadas pessoas temporariamente. *Apud* “Dicionário de Expressões Criminais e Linguagem Policial”, de Gabriel Cesar Zaccaria de Inellas, Editora Juarez de Oliveira. São Paulo, edição de 2000.

– Vamos lá que a gente resolve. – disse ele.

– Pois o senhor me leve, por favor, eu preciso chegar lá, vou pegar os documentos dele, alguma roupa...

– Eu....

– Por favor “Seu João”. – suplicou a mulher.

O piedoso João já não se sentia tão bem assim. Teria o trabalho de levá-la até a delegacia e, muito embora não estivesse fazendo nada, tinha medo que Castanheira deixasse escapar que fora ele o mentor da prisão. Para não correr o risco pensou em deixar Dona Zefa na porta e voltar para casa.

Dona Zefa levou consigo uma vizinha que casualmente passava pelo local e compadeceu-se de seu sofrimento. Ambas entraram no DP de braços dados e avistaram o cercado onde estava o delegado plantonista, rodeado de pessoas que pareciam falar ao mesmo tempo.

– Por favor, por favor doutor... – falou Dona Zefa.

– A senhora que chegou agora, o que foi?

– Meu filho foi preso “por aqui”. Ele não deve nada, meu senhor. É um engano!

O delegado logo percebeu que se tratava de mais uma mãe de preso inconformada com a prisão e pronta para sair aos prantos pelo corredor da delegacia.

– Espere aí minha senhora. – Prado! – disse ao escrivão que estava ao seu lado –, verifique os flagrantes e veja se consta...

– Nem precisa doutor, é coisa do Dr. Sforza, e quem está conduzindo é o Dedo, também o Castanheira e o Tainha. O Vasconcelos está tomando os depoimentos.

O plantonista ficou agradecido a Deus por ter uma ocorrência a menos dentre as que já entulhavam o seu plantão. As pessoas que Dona Zefa vira a seu redor eram testemunhas de um duplo homicídio e o matador já se encontrava no corré algemado por dois policiais militares. Este seria um flagrante que tomaria todo o tempo útil do plantão.

– Prado, manda esta senhora lá para cima com o Vasconcelos e veja se não sobra para a gente.

– Pode deixar doutor.

Dona Zefa subiu com a vizinha até o segundo andar da delegacia. Lá o movimento era pequeno e poucas pessoas estavam nas salas.

Vanderlan não estava em lugar nenhum. Havia apenas um rapaz, que ela já conhecia, no corredor. Dona Zefa se lembrou dele vagamente porque já comprara muita coisa na mercearia. Recordou-se, então, do nome: Castanheira. Isto mesmo, Castanheira. Num sopro de alívio ela imaginou que ele a ajudaria.

“Meu Deus – pensou ela –, é uma graça divina encontrar um conhecido aqui, justamente agora”. Dona Zefa dirigiu-se até ele.

Castanheira fora avisado pelo escrivão do plantão da chegada de Dona Zefa. Depois do aviso, ele se postou um pouco afastado da ponta do corredor e esperou que ela chegasse. Com um pouco de sorte, ele imaginou que ela o reconheceria e nunca desconfiaria de nada. Castanheira acertou em cheio.

– Boa tarde, Sr. Castanheira.

– Dona Zefa! O que aconteceu? Roubaram a mercearia?

– Foi um engano Sr. Castanheira, levaram o meu filho Vanderlan. Era viatura desta delegacia. Isso tudo é um engano, ele não deve nada! – Enquanto explicava, Dona Zefa começou a chorar.

– Faz o seguinte Dona Zefa, a senhora fica aqui neste banco perto da minha sala. Eu vou verificar o que aconteceu e já volto. Mas se acalme que para tudo tem jeito. Vamos tentar resolver.

Castanheira entrou na sala de Vasconcelos. Tainha estava lá e ambos tomavam café.

– A velha chegou, me dá uns quinze minutos. – disse Castanheira.

– Senta aí, toma um café enquanto a velha fica esperando. – sugeriu Vasconcelos. Ele era um negociador de primeira e tiraria vantagem de tudo o que pudesse.

– Veja só a cara do Tainha com as fotos da Tiazinha na Playboy, só falta babar.

– Cala a boca, bicha louca, não gosta de mulher? – reclamou Tainha.

– Calma os dois. Eu já falei com a velha e daqui a pouco eu volto lá. Mas quero que o Leléio deixe os passarinhos na porta. Vou dar uma volta com ela e mostrá-lo na “viúva”.³ Quem sabe o preço aumenta.

– Isto, isto. – disse Vasconcelos. – Não se esqueça que a parte do chefe é a maior.

³ Ante-sala estreita e comprida, ao seu final ficava o tão famoso “seguro”.

– Sei, sei. – respondeu Castanheira.

Quinze minutos depois Castanheira foi ao encontro de Dona Zefa. Ela estava totalmente descontrolada, muito nervosa.

– A situação é grave Dona Zefa, ele foi encontrado na posse de várias motocicletas roubadas, parece que fazia o desmanche e era parte da quadrilha que atua nesta região.

As primeiras palavras de Castanheira remeteram Dona Zefa aos seus piores medos. Ele sabia como as mães tinham medo por seus filhos e como todas sempre temiam pelo pior. Dona Zefa não sabia como negar, não tinha vocação para a mentira e demorou alguns momentos antes de decidir.

– O que eu faço? O que eu faço?

– Olha, tem um advogado por aqui, o Dr. Rafael. A senhora fala com ele primeiro.

– Obrigada, Sr. Castanheira, obrigada. O senhor me espera? Não vai embora? Eu não sei o que esse advogado vai falar e o senhor me ajuda depois.

– Pode ficar tranqüila Dona Zefa, eu estou no plantão hoje e ficarei até mais tarde.

– Obrigada, obrigada.

Dona Zefa desceu até o andar inferior e foi até onde Castanheira lhe dissera que o advogado estaria. Chegando lá ela avistou um homem já com seus quarenta anos, de terno escuro, camisa branca e gravata vermelha. Ele tinha uma aparência distinta. Ela teve certeza de que só podia ser ele o advogado.

– Dr. Rafael? – perguntou a mulher.

– Pois não senhora?

– É sobre meu filho. – Dona Zefa então novamente explicou o que ocorrera, enquanto ela contava, a vizinha que a acompanhara acenava positivamente com a cabeça, concordando com o que ela dizia.

O Dr. Rafael era o mais conhecido dos advogados “colaboradores”. Mais precisamente, um “porta-de-cadeia”. Amigo de Vasconcelos, ele estava ali justamente esperando Dona Zefa a pedido deste. Ele sabia de antemão todo o teatro armado e esperava ganhar uma parte dos lucros.

– Vou ver, vou ver. Vou falar com o delegado. A senhora conhece o Castanheira, que é gente muito boa, pode ser um bom começo. Vamos até a sala dele.

No andar de cima Castanheira já os esperava. Na verdade, achava que o advogado já tinha demorado tempo demais.

– E então Dr. Rafael?

– Eu ouvi a senhora, Sr. Castanheira. Estou compadecido e tomarei todas as medidas cabíveis para soltar o filho dela. Vou falar com o Dr. Sforza e ele certamente resolverá a questão.

Era a primeira vez que Dona Zefa ouvira o nome de alguém que, finalmente, teria poder para “resolver” a situação.

– Pois fale. – disse Dona Zefa – Fale o que puder, eu faço tudo, tudo...

– Calma, a senhora me espera aqui com o Castanheira.

Rafael saiu da sala e Castanheira falou mansamente:

– Dona Zefa eu lhe prezo muito.

– Obrigada.

– A senhora gostaria de ver seu filho?

– Eu já tentei Sr. Castanheira. O Sr. Prado lá do plantão disse que só com a autorização do Dr. Sforza e que era muito difícil. – A mulher voltou a chorar.

– Pois olha, eu posso me comprometer, não é da minha alçada – Castanheira gostava muito desta palavra, achava que lhe dava um toque de sofisticação e inteligência –, mas eu levo a senhora lá. Mas olha bem, hein? Ninguém pode saber.

– Eu lhe agradeço Sr. Castanheira, por Deus eu lhe agradeço!

Conforme o combinado anteriormente, Castanheira faria com que Dona Zefa passasse defronte à carceragem, a porta-forte estaria aberta e os passarinhos estariam lá. Leléio os avisara e eles fariam bastante zorra com Vanderlan quando a vissem. Tudo parte de um plano para aumentar ainda mais o desespero de Dona Zefa e também sua vontade de aceitar qualquer “acerto”.

Ambos desceram para o pavimento inferior, passaram pelo setor do plantão e dirigiram-se até o subsolo, onde ficava a carceragem. Passaram em frente à sala do carcereiro, onde Leléio já os aguardava. De onde estava, fez um sinal para Dentinho e Simão, dois de seus passarinhos.

– Ô Sr. Leléio.

– Pois não investigador! – respondeu Leléio. Ele achava que fazendo isso valorizava o papel de Castanheira como pessoa influente na delegacia.

– Por favor, eu vou levar a senhora para ver aquele moço que foi preso hoje de manhã.

– Ele está no seguro, perto da carceragem, não é um bom lugar. – disse Leléio fazendo sua parte da encenação.

– Eu me responsabilizo.

– Se é assim...

Leléio abriu a porta-forte e Dentinho e Simão já estavam a postos. Cada um receberia um pacote extra de cigarros. Vanderlan era o abatimento em pessoa. Ele chorava quando Dedo reapareceu e sem dizer uma palavra o arrastou até a porta da viúva. Viu então sua mãe e ficou aliviado por alguém saber que ele estava preso.

Dona Zefa ficou ao mesmo tempo aliviada por ver o filho e aterrorizada com o estado em que ele se encontrava, algemado, pálido, com manchas roxas nas costelas.

– Mãe, eu...

Foi então que Dedo desceu um tapa na cara de Vanderlan. Não era um tapa forte. Dedo podia facilmente machucá-lo, mas não era esta a intenção. O tapa na cara tinha o objetivo de desmoralizar Vanderlan, de tornar visível que ele estava em seu poder.

Dona Zefa quase desmaiou. Queria gritar, mas tinha medo do que podia ocorrer com o filho. Foi neste momento que os passarinhos piaram.

– Este vai ficar.

– Esta noite vai ter festa.

– É loirinho, vai ser Madonna.

– Tiazinha, Tiazinha, Tiazinha, Tiazinha, Tiazinha...

Simão e Dentinho gritavam a plenos pulmões e chamaram a atenção de outros presos que começaram também a gritar do mesmo jeito, até porque nada tinham a fazer.

Vanderlan vomitou de nervoso. Dona Zefa perdeu os sentidos por um breve momento. Castanheira e Leléio ficaram preocupados com a velha e mandaram os passarinhos calarem a boca. Dedo retornou com Vanderlan para o corró e Dona Zefa, amparada por Castanheira, voltou para o andar superior.

Lá já estavam esperando por eles o Dr. Rafael e o Vasconcelos, ambos olharam para Dona Zefa com seriedade e foi Dr. Rafael quem anunciou:

– Acho que podemos fazer algo pela senhora.

Dona Zefa não conseguiu falar nada, nem o graças a Deus de costume. Sua situação era crítica. Ela mal conseguia raciocinar.

– Eu aceito, eu faço qualquer coisa, me diga Dr. Rafael como faço para tirar meu filho daqui?

O advogado e Dona Zefa saíram da sala e foram até o fim do corredor. Dr. Rafael foi enfático:

– O Vanderlan está muito encrencado, é um flagrante de receptação e os investigadores já sabem que ele está envolvido com uma quadrilha de motoqueiros.

– Eu disse para o Vanderlan que eles são más companhias. Ele não me ouve, só pensa em moto. Mas doutor, ele não quer fazer mal para ninguém, depois que o pai dele morreu é que ele deu pra agir assim. O senhor tem de nos ajudar Dr. Rafael.

– Olha, eu falei com o delegado, e ele entendeu a situação. O Castanheira também ajudou muito em nome de sua amizade, mas tem uma coisa, são muitas motos e vai dar muito trabalho.

– Me fale, Dr. Rafael, pelo amor de Deus.

– Trinta mil.

O coração de Dona Zefa quase parou, era muito dinheiro. Mais do que tinha naquele momento. Ela pensou em pedir ajuda aos parentes, faria empréstimo no banco, faria o que fosse necessário para tirar o filho dali. Começou imediatamente a pensar para quem pediria auxílio, esqueceu até de regatear, tudo na ânsia de procurar a liberdade de Vanderlan.

– E tem mais Dona Zefa, em dinheiro e até amanhã, porque o Dr. Sforza não vai poder segurar a “bronca” do Vanderlan por mais tempo.

– Até amanhã?

– É só chegar o dinheiro que ele sai.

– Mas e esta noite? O senhor me garante que não vão bater nele?

– Dou a minha palavra Dona Zefa. Feito o acerto é só esperar que ele vai sair inteirinho. Eu mesmo vou interceder junto ao Dr. Sforza e ele nem vai para a carceragem.

Dona Zefa e sua acompanhante, que não tinha ouvido nada, saíram da delegacia logo depois. Como o banco estava fechado e não havia nada a fazer, voltaram para suas casas. Dona Zefa começou imediatamente a contatar os parentes explicando a situação. Nem todos ouviram

com boa vontade, a maior parte se dispunha a ajudar mais por Dona Zefa. A maioria dos parentes, apesar de solidária, em seu íntimo achava merecido que Vanderlan fosse preso.

Nem bem Dona Zefa saíra do Distrito, Tainha e Dedo retornaram ao corró. Vanderlan, abatido e moralmente destruído, temeu ainda mais quando ambos entraram com cara de poucos amigos.

– É o seguinte merdinha, você vai agora dizer quem furta as motos e onde vendem.

– Eu...

Dedo, quase num passe de mágica, mostrou um cassete e atingiu o estômago de Vanderlan. O rapaz arqueou-se e recebeu outras duas pancadas, desta vez nas costas. Tainha ficou sem paciência.

– Vamos logo Dedo, daqui a pouco é o turno do Adriano.

– Tá, já vai. Vamos levar o cara para a “sala vip”.

Ambos carregaram Vanderlan por poucos metros e entraram numa sala onde havia um pequeno aviso de banheiro quebrado. Abriram a porta e entraram em um local abafado. As janelas estavam fechadas, havia apenas uma cadeira, um cano trespassando o cômodo de ponta a ponta e duas tomadas. Uma aberta e com os fios desencapados, à mostra. Próximo à parede havia algumas tiras de couro grossas e um livro grande e volumoso. Primeiro Vanderlan foi amarrado à cadeira, as mãos, uma em cada braço do móvel, e os pés também. Uma mordança e um tapa-olhos terminaram o arranjo.

Dedo saiu da sala e Vasconcelos entrou. A arte de convencer e arrancar depoimentos pertencia a ele. Pegou o cassete e começou a espancar as coxas de Vanderlan. Este gemeu e chorou. Tainha já puxara uma extensão da parede e enrolou um fio em cada ponta dos polegares de Vanderlan. Por duas vezes fez contato e imediatamente Vanderlan se contorceu na cadeira. As tiras de couro rasgaram-lhe os pulsos e ele passou a tremer descontroladamente.

Após três choques e o espancamento, Tainha e Vasconcelos saíram, durante este tempo nada lhe foi perguntado. Esta era a técnica. Primeiro agiam e demonstravam a disposição que tinham sobre a vida de Vanderlan. O rapaz, humilhado, já desconfiava que sem querer nada já lhe haviam feito tudo aquilo, o que mais eles fariam então quando realmente quisessem alguma coisa?

Para os policiais, o eletrochoque não deixaria marcas no rapaz, as borrachadas não deixariam grandes hematomas que, neste caso, justifi-

cavam-se, pois o “acerto” tinha sido feito e o risco era mínimo. Vanderlan, porém, não sabia disto, assim como Dona Zefa não sabia que seu filho passaria uma noite longa.

Quando Vanderlan retomou a consciência, forçado pelo cheiro forte de amoníaco, alguém tirou-lhe o tapa-olhos e ele pôde ver aqueleque lhe pareceu o chefe de todos. Pelo menos foi o que imaginou, já que era o único que usava terno e Tainha e Vasconcelos demonstravam certo respeito por ele. Foi a primeira e única vez que Vanderlan deparou-se com Sforza.

– Eu disse a estes estúpidos que não fizessem isto, você é gente boa e sua mãe muito conhecida no bairro.

– Levei choque, levei choque e borrachada.

– Quem foi?

– Não sei, estava com o tapa-olhos, mas foi este aí – disse o rapaz apontando para Tainha – quem me trouxe aqui.

– Eu o trouxe doutor e depois saí, estava no plantão.

– Calem a boca os dois. Meu filho você tá mal, sua mãe está doente por sua causa, você vai pra cadeia e o que você viu aqui não é nada.

– Mas eu...

– Cala a boca merda. Ouve. Em consideração a tua mãe vou dar um jeito em sua situação, vai custar um pouco caro, mas a culpa é sua. Falta uma coisa...

– O quê?

– Os nomes.

– Nomes de quem?

– Bom, já que não sabe nem do que estou falando, vou embora. Aliás, estou terminando meu plantão e não voltarei mais, nos veremos muitas vezes ainda. Pode levar pra carceragem.

A ameaça velada funcionou. Os choques deixaram Vanderlan com violentas dores de cabeça e o espancamento deixara seu preço. Foi preso durante a manhã e já era quase meia-noite, sua resistência física esgotara-se, não tinha preparo para tanta violência, não tinha certeza de nada e seu único desejo era voltar para casa.

– “Zeca Tribola”, “Nego Maluco”, Maurício e Marquinhos, na Rua das Oliveiras.

– Muito bem. Dedo e Tainha vão conferir, se a dica for falsa você não sai mais. – Vasconcelos!

A porta abriu-se e Vasconcelos entrou.

– Pois não doutor.

– Leva o moleque para o corró e guarda ele até amanhã, deixa algemado na grade.

Vanderlan não agüentava andar. Tainha e Castanheira entraram e o levaram.

– Até que vocês estão aprendendo. Lembrem bem: primeiro localizem o cara, prendam e assegurem-se de que tenham algo em mãos para justificar-se. De cara já dêem uma geral no moço, aguardem o contato da família, negociem bem negociado, vejam se não é nenhuma fria, alguém com algum contato etc. Peçam o dinheiro, nunca façam a exigência direta, sempre através de um advogado, o Rafael fica aqui para isso, porque se der bode, ele agüenta a parada e jura que o pagamento é por honorários. Deixem uma folha de registro de boletim de ocorrência em branco, se der errado e não pagar, vocês autuam o cara e preenchem, ele tem que saber que vai se foder.

– É batata doutor.

– É sim, se o cara dá com a língua nos dentes tem que se incriminar também e vai para a cadeia do mesmo jeito. Isto se alguém contar agora, se não contar e vier depois, sempre haverá o Rafael para justificar o pagamento e no mínimo sempre ficará a dúvida, saber se é verdade ou mentira, porque não haverá nenhuma evidência. Lembrem-se, o cara tem que ter medo, tem que saber que a “casa caiu”.

– Pode deixar doutor, é com a gente.

Dedo, Tainha e Vasconcelos saíram à cata de Zeca Tribola, Nego Maluco, Maurício e Marquinhos. Eles pretendiam dar o mesmo golpe em cada um deles. Como a esta altura Adriano Del Tessio já assumira o plantão, as diligências seriam somente confirmatórias. Somente depois da manhã, quando novamente o plantão fosse trocado, seria a vez destes quatro. O esquema então teria variações. Veriam o quanto apreenderiam, avaliariam quanto poderiam pedir, talvez os afazeres de Vasconcelos em convencimento fossem mais utilizados. Os “puxadores”, como são chamados os furtadores de carros, geralmente são mais escolados, nada porém que os assustasse. Quando todos soubessem que Vanderlan os delatara, seria melhor que este mudasse para outra cidade.

O plantão noturno transcorreu freneticamente, o movimento era intenso e três flagrantes de roubo foram apresentados por policiais militares. Adriano Del Tessio providenciou a lavratura de todos, foi procurado

então por um dos escrivães, o qual, munido de vários boletins de ocorrência nas mãos, pediu para falar com ele.

– Pois não, Sr. Vitório.

– Doutor, eu reuni cerca de quinze boletins de ocorrência praticamente iguais, todos com a mesma descrição dos roubadores e com o mesmo *modus operandi*. Primeiro eles batem no carro da vítima, geralmente mulher desacompanhada e durante a noite. Quando ela desce, eles “enquadram” e a forçam a entrar no carro, a levam para tirar dinheiro do caixa eletrônico e, bem, eh...

– Fala homem!

– Eles passam a mão, chupam, fazem, bem, fazem...

– Sexo anal?

– Isto aí, doutor.

– O nome é atentado violento ao pudor.

– Pois é, aí soltam a vítima levando o dinheiro.

O escrivão Vitório também era novo na carreira e sentia-se desconfortável falando de crimes sexuais.

– Vitório, quando isto acontecer concentre-se apenas no que estiver datilografando, não olhe muito a vítima, ela se constrange. Olhe para o papel e sempre pegue o Código Penal com anotações de minha mesa e leia a parte dos crimes sexuais, você tem de saber.

– E o que vamos fazer?

– Tem dois investigadores e uma investigadora que são relativamente novos aqui, estão fazendo estágio, são o Demétrio, o Romeuzinho e a Priscila. Chame eles aqui mais tarde, vamos ver o que vai acontecer.

– Tudo bem doutor.

Após a conversa, Adriano sentou-se quase que exaurido em uma cadeira de sua sala, seu turno havia acabado. O próximo plantonista já era mais experiente e não precisava de acompanhamento, queria apenas ir para casa, deitar e dormir.

Após o amanhecer, assim que o banco abriu, Dona Zefa entrou na agência e sacou o dinheiro que tinha aplicado, descontou também o cheque de seu irmão Joaquim. Juntando tudo e entrando no limite do cheque conseguiu o dinheiro. Com as notas na mão saiu do banco e foi direto para a delegacia. Lá encontrou na portaria Castanheira e o Dr. Rafael

conversando. Quando Dona Zefa entrou, Dr. Rafael tomou-lhe o braço e a levou em separado para um canto no pátio.

– Tudo bem? Trouxe tudo?

– Tá aqui.

– Dê pra mim, vou levar para dentro.

– Não, eu quero o Vanderlan.

– Mas eu preciso repassar o dinheiro.

– Eu quero meu filho, senão não pago.

O advogado não estava a fim de brigas. Foi até Castanheira e disse:

– A puta velha não quer dar o dinheiro sem ver o moleque.

– E aí? O bicho tá verde que tá.

– Vai lá pô, você é conhecido dela.

Castanheira pensou um momento, chamou Dona Zefa e a levou para dentro da delegacia, até o andar superior, onde ontem a encontrara primeiro.

– Tudo bem Dona Zefa, a senhora está aqui dentro, é preciso confiar em mim, afinal, sou amigo da família. Por outro lado, se o Dr. Rafael receber o dinheiro e não soltar o Vanderlan a gente vai reclamar direto para o delegado titular.

– Tudo bem seu Castanheira, eu vou dar o dinheiro na confiança de sua palavra.

Castanheira pegou o envelope com o dinheiro e pediu para Dona Zefa esperar, pois haveria papéis a serem preenchidos. O dinheiro seria entregue pelo Dr. Rafael. Castanheira saiu e foi até a sala de Vasconcelos.

– Vascão, a velha trouxe a grana.

– Os trinta?

– Tudinho. Como vai ser?

– Quatro pau cada um. Eu, você, Dedo, Tainha, três para o Rafael, e onze para o Dr. Sforza.

– Só?

– Olha, o Tainha já trouxe o Marquinhos hoje de manhã quando o Adriano saiu, vai dar negócio, o Nego Maluco fugiu, faltam o Zeca Tribola e o Maurício. O Dedo está te esperando, acho que vai dar negócio também.

– Beleza!

– Vai rápido, fala para o Leléu soltar o moleque e entregar para a mãe. Avisa o Rafael para fazer o de sempre, acompanhar a família até o ônibus e ver como a barra pesa. Se alguém quer reclamar para a Corregedoria... Fica de olho, avisa para ele se oferecer como voluntário se alguém quiser ir para a Corregedoria, assim a gente fica sabendo.

– Que idéia!

– Dr. Sforza...! O homem é cabeça, vai.

Castanheira avisou Leléu para soltar Vanderlan, este saiu mancando e apoiado até a saída da carceragem, viu a mãe e chorou um pouco, ambos se abraçaram, Leléu foi logo falando:

– Aqui não é lugar de drama não, quer ficar mais um pouco?

O medo era de que chamassem por demais a atenção e alguém os notasse e pudesse testemunhar depois.

– Que jeito carcereiro, são meus clientes, tenha respeito.

A intervenção do Dr. Rafael fez com que Dona Zefa o visse como um herói e seu salvador.

– Como está, meu filho? – perguntou o advogado.

– Não está vendo ? – respondeu o rapaz.

– O que é isso Vanderlan, este advogado te salvou.

Vanderlan não vira Rafael na delegacia e portanto só saberia de suas atividades pela mãe, assim, ele sempre apareceria como senhor das boas intenções e ainda quem “quebrara o galho” para a saída de Vanderlan.

– Como vocês voltam para casa?

– De ônibus.

– Não Dona Zefa, eu levo vocês. Meu carro está aqui na delegacia, vamos lá.

– Meu filho, está ferido, meu Deus, está verde!

– Eu quero esquecer mãe, não quero falar, só quero sair daqui.

– Meu carro está logo ali.

Todos acomodaram-se no carro de Rafael e ele lentamente saiu da delegacia, o lentamente, é claro, era porque precisava de tempo para saber o que fariam Dona Zefa e Vanderlan.

– Foi um absurdo, uma violência. – Rafael provocava, querendo saber alguma coisa. – Hoje em dia sempre é este abuso, se nada tivesse sido apreendido em sua casa eu mesmo iria até a Corregedoria reclamar contra estes marginais que usam distintivo.

– Chega, chega, Dr. Rafael, já é encrenca demais, vamos esquecer isto.

– Pois eu tenho vontade de processá-los, o que fizeram comigo não se faz nem com bicho, apanhei, tomei choque, fui humilhado.

– Cala a boca meu filho! Não aprendeu ainda? Com estas coisas não se mexe, quem vai te garantir?

– Olha, se vocês precisarem de mim eu tomo as providências junto à Corregedoria.

– Não vai precisar – A voz de Dona Zefa encheu-se de autoridade. –, mas eu preciso saber quanto o senhor vai cobrar Dr. Rafael?

Por um instante Rafael titubeou, esquecera de que para Dona Zefa ele não fazia parte do esquema e se não cobrasse nada poderiam desconfiar.

– Olha Dona Zefa, já que a senhora tocou no assunto, eu não quis falar porque sei que a senhora teve muitos dissabores.

– Mas pode falar Dr. Rafael, o senhor ficou um amigo.

– O mínimo que se cobra aí são uns mil reais, mas como é a senhora e eu sei como o Vanderlan sofreu, faço pela metade, quinhentos.

– Está bem doutor.

O carro estacionou em frente à mercearia, Dona Zefa entrou e saiu novamente. Carregava uma peça de frios na mão e um maço de notas na outra.

– Aqui estão trezentos, em dois dias o doutor pode vir pegar o resto e aqui está alguma coisa para a família, presunto gordo de primeira.

– Dona Zefa, a senhora me constrange, deixa prá lá, se a senhora precisar de mim aqui está meu cartão, estarei pronto a ajudá-la no que precisar.

– Obrigada, Dr. Rafael, é Deus quem manda alguém como o senhor no nosso caminho, rezarei pelo senhor.

– Até logo Dona Zefa, fique com Deus.

Rafael saiu com o carro e voltou para a delegacia, pôde perceber claramente que Vanderlan e Dona Zefa nada fariam. A raiva do garoto logo passaria e quando Nego Maluco, Marquinhos, Maurício e Zeca Tribola

soubessem quem os delatou, ele estaria em maus lençóis. Aliás, Marquinhos já estava na delegacia desde a manhã e deliberadamente fora colocado longe de Vanderlan, a esta altura Vasconcelos e Castanheira estavam amaciando sua resistência. Dedo e Tainha foram atrás dos outros. O circo duraria pelo menos mais três dias, com chamadas durante a noite para algum “plantão” na delegacia. Dr. Rafael sempre ficava lá esperando que algum parente chegasse para ser indicado como advogado influente.

Neste caso fora fácil porque Dona Zefa e Castanheira eram conhecidos, os outros, todavia, exigiriam mais dedicação de sua parte.

Ao cair da noite Vasconcelos entrou na sala de Sforza carregando o envelope com os onze mil reais.

– Está aqui doutor.

– Conferiu?

– Tudo.

– E os desdobramentos?

– Marquinhos e Maurício já estão aí, o pai de Marquinhos apareceu e já está conversando com o Rafael, parece meio nervoso, mas vai dar negócio sim. Estão falando em preço.

– Fique de olho, Rafael deve estar cobrando alguma coisa a mais fora o acerto.

– Por quê?

– Ora, como ele vai justificar ter trabalhado no acerto de graça? Fica de olho.

– E se ele ficar valente e quiser cair fora?

Sforza apenas olhou, Vasconcelos entendeu.

Bateram à porta.

– Dr. Sforza?

– Entre. Ô Adriano, o que você quer?

– Eu e o Vitório detectamos uma quadrilha que ataca à noite no esquema batida de carros, a novidade é que ficam com o cartão da vítima e ainda praticam o coito anal.

– Pois pegue eles.

– Pois é, o doutor sabe, estou cheio de serviço no DP, não existe tempo para sair e investigar, para conversar com o senhor tive de chegar meia hora mais cedo.

Sforza detectou o “senhor” no lugar do “doutor” e entendeu a crítica. Ocorre que Adriano estava cuidando muito bem da parte “certa” do DP e se fosse removido seu serviço como titular aumentaria. Deixou passar fazendo apenas uma anotação mental.

– Queria que senhor me deixasse com três dos investigadores que saíram da academia agora, o Demétrio, o Romeuzinho e a Priscila.

– Tudo bem, não sei o que você vai fazer com eles, é tudo “laranja”.

– Melhor que nada.

– Tá bom, eu aviso o Vasconcelos para escalar os três com você e não me enche mais.

Sforza encerrou a conversa e saiu do DP com o dinheiro no bolso. Foi direto para um dos restaurantes japoneses mais caros de São Paulo. Desta vez pagaria em dinheiro, é claro, e estava muito animado, muito mesmo. Até o final de semana contabilizaria pelo menos o triplo do que lucrara. Isto se, com as orientações que dera, não se chegasse a outros idiotas.

Enquanto jantava, Sforza pensava em ampliar suas operações. Agora daria o salto maior. Sua idéia era mais ambiciosa, queria um pagamento periódico e este somente seria possível com alguma atividade permanente. Sabia, através de seus próprios informantes, os quais mantinha distante do Distrito e dos olhares até mesmo de Vasconcelos, que um tal “Caveirinha” era o dono da Favela do Buraco Negro, dentro da área do 222º DP.

Sforza já tinha uma “equipe” muito boa e estava forte o suficiente para vôos mais altos. Quando a correria das motos acabasse chamaria seus investigadores e exporia a eles sua nova idéia. Era muita grana, isto, porém, era para depois, hoje usufruiria da noite, quem sabe uma das prostitutas caras na casa freqüentada por Tainha?

Lembrou-se que diziam que a tal Cybele era o máximo. Rejeitou a idéia porque lembrou-se que Tainha era descontrolado pela mulher, não queria afrontar um de seus braços. De qualquer forma havia muito lugar, ligou o carro, o ar-condicionado e saiu pela noite.

II – RECEPTADORES

Na mesma noite em que Sforza dedicava-se ao prazer, Tainha, já tendo embolsado sua parte no dinheiro pago pela mãe de Vanderlan e contando com o dinheiro que o pai de Marquinhos traria consigo no dia

seguinte, não teve dúvidas em ligar para Cybele avisando que ali passaria a noite, entrou no carro que deixara na porta da delegacia, uma velharia, passaria em seu apartamento e pegaria seu carro “de passeio” e um terno, gostava de copiar secretamente os ternos de Sforza e gastava assim parte do dinheiro, gostava de mostrar a Cybele sua verdadeira importância, amava aquela puta.

Cybele recebeu o telefonema e muito a contragosto preparou-se para receber Tainha, da mesma forma ligou para o número que lhe fora dado por Carlinhos Maracanã e o avisou que poderia tentar o contato naquela noite, novamente teve a sensação de que alguma coisa viria a acontecer entre os dois.

Horas depois, Tainha já pensava no êxtase (dele) que tivera na noite com Cybele, após a transa descera para o andar intermediário da boate, uma área fechada apenas para clientes especiais e que continha uma grande mesa de bilhar e um bar estilo inglês. Cybele instalara-se em uma das banquetas, usava minissaia e uma blusa fechada que lhe favorecia os seios, ninguém dela se aproximava, ali estavam apenas os clientes potencialmente mais gastadores e sobretudo costumeiros, ninguém sequer olhava para Cybele, pois a fama de Tainha era mais do que conhecida, se algum incauto tentasse ao menos conversar, o próprio *barman* já tinha a instrução de avisar o intruso e até mesmo acionar os nada amigáveis leões-de-chácara que permaneciam sempre nas proximidades.

Tainha examinou o ambiente com cuidado, não era à toa que tinha fama de esperto, nada percebeu de anormal, apenas um novo cliente, um moreninho magrinho, mirrado, um bostinha, pensou.

– Tatá – chamou Cybele languidamente –, queria te apresentar o Carlinhos Maracanã, ele veio do Rio e talvez tenham algum interesse em comum.

– Muito bem – disse Tainha. Sabia que Cybele era bonita mas não era burra, muito pelo contrário, era muito espertinha e se estava querendo apresentar alguém é porque tinha alguma razão, o que seria? Concordeu mais por curiosidade que outra coisa.

– Então você é o tal do Carlinhos Maracanã, hein? Eu te conheço de conversa, você compra jóias e outros bagulhos e paga até que bem, já vi briga por tua causa. Quer jogar uma sinuquinha, vale cem paus, dinheiro na mão.

– A gente faz o que pode, eu topo o joguinho, cem paus na mão. – Carlinhos sabia que, como sempre, Tainha o subestimava pelo aspecto físico, todavia, no pano verde sua altura era outra, não pensava em ganhar, apenas em cativar Tainha e utilizá-lo como um instrumento para chegar a Sforza.

– Ademais Sr. Tainha – fez questão de emprestar certa formalidade ao evento –, faço questão de pagar-lhe a bebida, um uísque não?

Cybele que já ouvira tudo, avisou ao *barman* que a bebida era a reservada, primeira linha, pura, o jogo começou em seguida com Tainha dando a primeira tacada.

– Então, qual é o esquema?

– Sr. Tainha é o seguinte, como sabe eu vim do Rio, cresci demais ali e o Comando me despachou quando viu que eu estava espaçoso demais, tive de vir para São Paulo e aqui me instalei, todos sabem como meu capital era limpo, acontece que aqui estou crescendo também, muito, não quero outro desencontro, minha idéia é instalar-me aqui definitivamente.

As palavras de Carlinhos eram medidas, quando afirmou que tivera muito espaço no Rio e causara a intervenção do Comando, em verdade estava dizendo que ganhara muito dinheiro e seu negócio era bom, quando dizia que pretendia instalar-se definitivamente, automaticamente fazia uma analogia entre Sforza e sua trupe e o Comando Vermelho. Dava a impressão de que ambos tinham o mesmo valor e isto agradaria tanto a Tainha como a seu chefe.

– E eu com isto? Sou só um investigador de polícia.

– Sr. Tainha – disse novamente Carlinhos usando novamente o tratamento cerimonioso –, eu sei que o Dr. Sforza ajuda muita gente, na verdade a lei às vezes é muito dura e todos merecem uma segunda chance, o negócio é que no meu ramo acabo sabendo de muita coisa, mas nem sempre consigo dar a mão para todos, talvez com sua ajuda possamos ampliar nossas expectativas.

– Sabendo muita coisa o quê? O que você consegue saber?

– Olha, posso saber que o rapaz lá da região, o Vanderlan, acabou denunciando outros quatro amigos e três deles vocês já pegaram, falta só o Zeca Tribola eu acho, mas este já se mandou faz tempo para o Rio, a parte do Dr. Sforza é do leão? – Carlinhos soubera de tudo ouvindo uma conversa do advogado, um tal de Dr. Rafael, o qual soube fazia um “esquema” com Sforza, acabara insinuando-se também com o auxílio de outra prostituta e ao final da noite, bêbado, Rafael já entregara os pontos, depois soube que Zeca Tribola fora para outro Estado, falou Rio apenas para impressionar Tainha com sua precisão e, aparentemente, conseguiu.

– Como você soube? Quem te contou?

– Calma meu chapa, tenho muito mais, vamos terminar o joguinho primeiro.

A primeira, a segunda e a terceira partidas foram ganhas por Tainha, na verdade foram perdidas por Carlinhos o qual embora pusesse alguma dificuldade para Tainha vencer o controlou o tempo inteiro, na quarta, e última, partida triplicou a aposta, não ganharia em cima de Tainha, não hoje, mas recuperaria o que perdera, como de fato o fez, numa vitória que pareceu sofrida, mas o sofrimento era só para parecer difícil e não permitir que o policial desconfiasse, isto exigia muito mais habilidade e perícia de Carlinhos.

No final da noite, ambos já haviam conversado muito, pode-se dizer que eram quase íntimos e como sempre a empatia do carioca lhe ganhara a noite. Tainha já bêbado, Carlinhos consciente como sempre, selaram uma amizade. Carlinhos seria então apresentado a Sforza, não naquele dia, Tainha levaria pelo menos um dia para recuperar-se da bebedeira, mas em pouco tempo Carlinhos Maracanã pretendia inserir-se dentro do círculo íntimo de Sforza e assim conseguir acesso ao lucro, o qual pensava, viria fácil.

Ao final Tainha despediu-se e chamou Cybele novamente para o quarto, esta fez um sinal para Carlinhos cujo olhar já dizia: tudo bem. Quando Tainha deitou na cama chamou por Cybele e desmaiou de sono e bebedeira, momento no qual Cybele examinou toda a carteira e documentos do seu cliente preferencial, tirou uma pequena agenda e entregou ao *barman* que, no ato, fez cópia de tudo, até de cartões de crédito e cheques, utilizando uma máquina de xerox da própria boate. Tainha nunca saberia disto, é claro, Cybele despiu-se e deitou-se ao lado dele, o tonto pensaria que, com certeza, tinham transado.

Neste momento Carlinhos saía da boate, levava consigo todas as cópias que Cybele tirara de Tainha, puta é puta, pensou, e todas fazem isto, sacou a do *barman* que fora chamado por Cybele e com uma gorjeta conseguira um jogo de cópias extras para si também, é claro que Cybele nem desconfiava que o *barman* também tinha tirado cópia de tudo e lhe entregara, não porque soubesse qual a intenção dela em tirar cópias ou tivesse algum interesse, é que como a transa do Tainha queria para si estas cópias, elas deveriam valer para alguma coisa e sabe como é, né? Uma graninha extra era uma boa. Carlinhos era tudo menos tonto, pediu a cópia e na hora sacou que o *barman* faria a mesma coisa, isca boa na boca de peixe pequeno, como sempre isto acaba em morte.

Carlinhos sabia que Tainha o tinha identificado claramente como um informante, afinal por pior que fosse, era um policial experiente e sabia que quase sempre o esclarecimento de algum crime não se devia a qualquer capacidade investigatória e sim ao relacionamento com o escuro submundo dos informantes. Assim, se a prova não é técnica e não existem meios para identificar-se o autor do crime como, pergunta-se,

poderiam os criminosos serem identificados e presos tão rapidamente? Tainha sabia e Carlinhos também que policiais e informantes viviam em simbiose. O que Tainha não sabia era que tipo de informante era Carlinhos. Com certeza não era alguém que tinha algum motivo pessoal para “entregar” alguém, muito menos alguém que depende da boa vontade da polícia ou de seus favores, tal como um viciado, longe destes dois tipos, Tainha percebera que Carlinhos era um tipo de informante muito diferente: um profissional. O informante profissional é o último degrau de todo um escalão criminoso, raramente é só um informante, geralmente mantém algum tipo de fachada, as mais comuns a compra e venda de ouro e jóias e os chamados despachantes. Seu objetivo é sempre o lucro, repartido com os policiais. O profissional freqüenta os mesmos locais que a marginália, envolve-se com a prostituição, e com outros informantes, ele mesmo compra suas mercadorias e neste caso, tanto Tainha quanto Carlinhos sabiam, o que se negociava era geralmente cargas grandes, mercadorias ou qualquer outra coisa cujo valor justificasse a empreitada. O lema era sempre o máximo de lucro no mínimo de tempo. Ambos sabiam também que o informante, profissional ou não, cedo ou tarde, torna-se um arquivo a ser despachado, o conhecido arquivo morto.

Carlinhos quase fora bem sucedido no Rio de Janeiro, onde nasceu, tinha dois atributos notáveis, era um excepcional jogador de sinuca e tinha uma resistência lendária ao álcool, permanecendo sóbrio enquanto todos se embriagavam. Como também era uma figura simpática, foi fácil estabelecer-se como receptador, fazia contato com os “soldados” do Comando Vermelho e quando estes apareciam com alguma jóia roubada pagava mais do que os outros e conseguia um preço de revenda igualmente maior. Fez sucesso rápido e fácil, tanto sucesso que os soldados do Comando Vermelho lhe fizeram uma visita e transmitiram uma ordem: trabalharia sob as ordens do comando e receberia uma parte do que arrecadasse. Carlinhos fechou as portas e veio a São Paulo onde começou tudo novamente, freqüentava os bares, os jogos e a prostituição. Foi assim que Carlinhos localizou e conheceu Tainha, uma das mãos executoras de Sforza, o qual, nesta época, já tinha alcançado a titularidade do 222º DP e através de seus contatos descobriu igualmente o ponto fraco do investigador: Cybele. Cybele era o nome da prostituta, ao contrário das prostitutas usuais, era muito bonita, não raras vezes era confundida com alguma modelo e os cabelos loiros (devidamente pintados) e os olhos claros (estes verdadeiros), além do corpo bem torneado, a fizeram conhecida e, claro, seu preço era alto, sua “praia” era uma muito conhecida boate dos Jardins e ela não podia ser paga por qualquer um.

Por que Cybele faria o contato entre eles? Primeiramente ela não tinha idéia do que queria Carlinhos, fizera contato com este através de outras prostitutas e sabia da fama deste como “quebra-galho” e ainda que

eventualmente não explorava as prostitutas tanto quanto o normal, principalmente quando estas tinham alguma jóia para vender, como ela. Por outro lado Cybele tinha outra razão para fazer o contato: detestava Tainha, na mesma proporção em que este a procurava, o que não era pouco.

Poucos dias se passaram, Marquinhos e Maurício já haviam pago sua parte no esquema tal como Vanderlan, tudo correria às mil maravilhas. Castanheira, Dedo, Rafael e Tainha receberam cada qual seu quinhão, Sforza, como sempre, com a parte maior. Era hora de outro lance.

Sforza chamou a sua sala Vasconcelos, Tainha, Dedo e Castanheira, resolveu incluir este último face aos recentes lucros, esperou a troca de plantão, um horário em que todos estariam ocupados e todos os cinco reuniram-se no gabinete.

– Vocês já pegaram o jeito da coisa, agora a hora é outra, o problema aqui é simples, não podemos ficar esperando uma jogada aparecer, precisamos de uma fonte de renda regular que semanalmente nos garanta, e assim devemos aumentar a nossa rentabilidade.

– Mas doutor – disse Vasconcelos, de longe o mais esperto de todos – , para que a gente faça isso precisamos de algum pato que tenha atividade fixa, e muita, porque senão não adianta, receptor e roubador a gente sabe que ganha muito, mas não todo mês, eles estão sempre precisando de um alcagüete dentro de firma ou de algum puxador “de carreira” e nem sempre dá certo.

– Ora, vocês estão esquecendo o melhor, eu sei que na Favela do Buraco Negro está um traficante dos bons, o maior da região pelo que sei, possui vários pontos-de-venda e trabalha com intermediários em duas camadas, ninguém nunca chegou nele, o fulano que eu quero vocês sabem, o Caveirinha.

Os quatro pensaram que Sforza deveria estar louco, o risco era grande demais, todo mundo sabia quem era o Caveirinha, a favela era dele, o cara era liso pra caramba e já teve gente que morrera só de falar o “nome” dele para os policiais; até colaboração de informante da favela seria difícil, todo mundo sabia que quem fala morre e Caveirinha agradava a todos, dava remédio para doente, mandava abrir a farmácia quando alguém queria alguma coisa fora de hora (e o dono abria porque senão quando voltasse talvez nem farmácia tivesse mais) e até pagava. O povão gostava dele e os soldados e os tenentes eram pessoas da própria favela.

– Vocês têm de pensar, com calma, não vamos apertar o cara, aliás não vamos nem no barraco dele.

– Esta eu não entendi.

– Muito simples Castanheira, primeiro nós vamos dar uma geral no maior ponto da favela, no segundo escalão, mais perto da distribuição, o prejuízo vai ser grande e nós vamos deixar um aviso; depois, vamos marcar uma reunião, eu e ele, vocês por perto, num lugar seguro para os dois e a proposta vai ser na boa, ele quer o tráfico? Tudo bem, um percentual é nosso, garantimos a chegada do bonde que vier abastecer a favela, garantimos que ninguém será incomodado e toda vez que alguém do DENARC passar por perto a gente avisa, daremos, digamos, um certo controle de qualidade à venda, ele então poderá até vender mais. De vez em quando pegaremos alguns “laranjas” que ele indicar para fazer estatística do Distrito, em troca, um percentual do faturamento, fixo, semanalmente, cada um pegando uma parte, falta combinar o preço, o lugar da reunião e a proteção que faremos.

– Mas chefe, que lugar de reunião “seguro” é este?

– Porra Castanheira, problema meu, quem vai sou eu, vocês ficam só na cobertura ou até nem vai precisar.

– Ele não vai querer dizer onde o bonde com a droga vai chegar e nem vai dizer onde fica a farmácia (laboratório) na favela onde eles fazem o crack, ele não vai querer a gente ali.

– Que se foda Vasconcelos, mesmo assim a grana será nossa.

– Será que ele vai dar uma parte da grana?

– Vai dar, Tainha, vai dar porque nós temos que dar prejuízo a ele, se Caveirinha perceber que terá prejuízo se não fizer o acordo ele entrega, até porque com o acerto ele vai poder aumentar a venda, muito viciado irá pra lá.

– Olha doutor – Vasconcelos falou com a voz grave –, tudo bem, a idéia é bala, só que tem dois problemas, primeiro como vamos chegar até um depósito intermediário? Eu já estou aqui há muitos anos e ninguém chegou perto; depois como se encontrar com ele? O Caveirinha não é bobo, nem é preciso mandar recado, ele vai saber se a gente espalhar o boato, mas também não só ele né? Todo “cagüeta” da área também.

– Tem jeito. Primeiro vamos chegar ao ponto-de-venda direta ao viciado, eu sei que você tem um viciado como informante, aliás, todo mundo tem, o que mais existe nesta vida é viciado informante, a gente vai chegar até o ponto, estoura com tudo, pega a droga e o dono do ponto, traz ele aqui e faz cantar, o Vasconcelos vai ter de caprichar bastante, depois a gente pega as indicações e procura o Caveirinha, só tem uma coisa errada, a gente não pode soltar o boato de que queremos um acerto na favela, boato pode chegar até alguém e este alguém acaba cantando, tem que ser diferente.

Neste ponto Sforza teve atenção absoluta, ninguém tinha a menor idéia de como chegar diretamente a Caveirinha sem passar pela rede da favela. Sforza dispensou todo mundo e ordenou que se preparassem, a idéia foi bem recebida não por outra razão que não a perspectiva de grana alta e certa todo mês, é o que todo mundo sonha, afinal de contas, e ainda na manha? Como resistir?

Quando todos saíram Sforza repassou o plano na cabeça, primeiro pesquisara todos os vendedores de droga que haviam sido presos na favela, quer pelo DP quer pelo DENARC, vira todos os processos no fórum e notou que grande parte deles era defendido por um único escritório de advocacia, na verdade descobrira que os advogados eram três ou quatro e usavam papel timbrado com nome próprio, sem alusão a qualquer sociedade, porém todo papel era igual, de um tipo especial, muito caro, cinza claro com relevo e o símbolo feito na impressora, ou seja, o papel era comprado de uma vez só e quando o advogado precisava apenas imprimia o nome próprio, a jogada era óbvia, fosse quem fosse não queria que ninguém percebesse que tratava-se do mesmo grupo.

E este grupo era inteligente, Sforza percebeu que após algumas visitas que fizera no fórum até o papel passou a mudar, isto significava claramente que esta turma era inteligente e que alguém no fórum os avisara de que ele havia feito uma pesquisa, havia um ou vários informantes dentre os funcionários do cartório e isto não era para qualquer um, aparentemente o vínculo entre eles era bem sólido e se era sólido era, principalmente, lucrativo.

Examinara ainda com mais cuidado os processos maiores e chegara até um advogado que aparecia apenas quando a complexidade exigia, um tal Windolf Prado Neto, neto do agora ex-desembargador Aureliano Windolf Prado (o nome é inconfundível e fora fácil chegar ao parentesco). O desembargador aposentara-se, começou a advogar com o neto, que antes trabalhava no escritório de Jorge Dias Velho, reputado como o melhor advogado de São Paulo, desistira, porém, e agora apenas gozava da aposentadoria, o tal Dr. Netinho (assim como era chamado no fórum) voltara a trabalhar com o escritório de Jorge Dias Velho, tudo se encaixava, faltava apenas confirmar o vínculo direto com o escritório de Jorge. Para tanto, Sforza pesquisou processos recentemente terminados na área cível e no júri, onde Jorge Velho agia diretamente, nos últimos nada constatou, este cara é pilantra mesmo pensou Sforza, mas encontrou pelo menos dois em que pôde ver claramente: o papel era cinza e fino, tal como os anteriores, a única diferença era o logotipo do escritório, gravado em um relevo caro no próprio papel. Para Sforza a questão estava decidida: Jorge Dias Velho era o advogado de Caveirinha, quando alguém caía e era preso Jorge despachava algum advogado auxiliar para agir em nome próprio e não do es-

critório, para evitar que alguém fizesse qualquer ligação, depois, se necessário, agia no Tribunal fazendo jogo de bastidores ou até de vez em quando em nome próprio, raras vezes, quando quem era preso era alguém próximo ou do gosto de Caveirinha. Se o esquema era este Jorge devia ter contato freqüente com Caveirinha e seria gente de sua confiança; Sforza identificou finalmente um intermediário cuja utilização não acarretaria risco algum de vazamento de informação, pelo menos não ao nível “da rua”, Jorge Dias Velho seria o elo entre ele e Caveirinha sem que qualquer tipo de boato ou contato fosse feito claramente, assim daria certo.

Restava aguardar que o viciado-informante de Vasconcelos indicasse um vendedor de baixo escalão, daqueles que entregava a droga diretamente ao viciado, depois viria o dono do ponto e após o estouro o aviso seria dado através de Jorge Dias Velho, isto até causaria mais respeito e faria com que Caveirinha soubesse que Sforza não era um venal qualquer, bem, poderia até ser venal, pensou, mas era o melhor e chegaria por cima e não por baixo. Quanto ao local do encontro, bem, este já estava decidido, vamos por partes, pensou ansioso, sem erros, na certeza, novamente pensou como fora uma bênção ser nomeado para o 222º DP.

Enquanto Sforza montava mentalmente sua estratégia, Adriano Del Tessio também pensava, seu objetivo contudo era a detenção da quadrilha que se utilizava do famoso expediente da batida de carro, o mais difícil já conseguira, Demétrio, Romeuzinho e Priscila já estavam disponíveis e o aguardavam em sua sala, após um breve cumprimento, Adriano foi objetivo:

– Muito bem, vocês já sabem do que estamos tratando, segundo um levantamento feito pelo Vitório existe um grupo que está praticando roubos nas avenidas principais da região agindo da seguinte forma: primeiro roubam um carro, geralmente surpreendendo alguém em um farol, depois saem com o carro algumas vezes levando o motorista e procuram um outro carro chamativo, principalmente importado ou um modelo mais caro, a vítima deve também ser de preferência mulher e sozinha, primeiro eles batem no carro e um deles desce, muito bem vestido, com terno coisa e tal, e se apresenta, pelo que se constatou é sempre o mesmo que se apresenta, loiro e bem apessoado, ninguém desconfia, vai com educação e conversa com a vítima, quase uma paquera, quando ela desce aí ele saca a arma e a coloca de volta no carro, o outro carro é abandonado e os outros dois se juntam no novo roubo, na seqüência seguem o saque de caixa eletrônico e a violência sexual dentro do carro mesmo, nem chega a estupro, é abuso mesmo, depois soltam a vítima, abandonam o carro e vão para outro, em seqüência.

– E por que ninguém avisa? – Priscila, a novata, não se intimidou com a preleção.

– Muito simples, geralmente após o abuso sexual a vítima não vai ao Distrito, sente vergonha, está emocionalmente transtornada e sem condições de falar, morre de medo e sabe que se depuser não terá proteção, aparentemente quer esquecer, procura auxílio da família ou parentes etc. Estou convencido de que a violência sexual é pensada e não casual, sabem que a vítima vai se constranger e que não vai direto para polícia e aqui vai sua parte Priscila.

– Eu?

– É isto aí, você vai procurar todas as vítimas que o Vitório listou, a maior parte fala de violência sexual, mas uma grande parte não, como você é mulher talvez elas se abram mais fácil. Vá até a casa delas e não as traga ao DP, com a ambientação será mais fácil.

– Mas doutor, é só isto? Vou fazer um catálogo das taras destes filhos da mãe?

– Lembre-se que tais detalhes são relevantes, mas há outra coisa que eu quero também, quero características físicas, as vítimas são muito vagas quanto às feições, como é normal nesta prática de crime, querem mais é esquecer, só que neste caso é preciso mais, quero mais detalhes não só do estuprador mas dos outros também, falando devagar talvez consiga mais detalhes. Agora Demétrio.

– Pois não doutor.

– Tem uma coisa que ninguém pensou até agora, eles vão, subtraem um primeiro carro, fazem uma seqüência de dois ou três, viu Priscila? Nem dá tempo da vítima chegar ao DP! E depois abandonam o último carro... e eles somem como? Andando? É lógico que não, tem que existir um outro carro, este carro pode estar parado em algum lugar ou com um comparsa seguindo o carro da vítima.

– Doutor, eu acho que não está parado não, chama muito a atenção, deve estar perto, seguindo, até para dar cobertura numa fuga, se estivesse parado só haveria uma rota de fuga e se acontecesse alguma coisa longe?

Adriano confirmou o que suspeitava, Demétrio era muito esperto, pegava as coisas no ar, aliás todos eles, foram escolhidos a dedo, e apesar de novatos compensavam a falta de experiência com dedicação.

– Perfeito, temos um segundo carro, agora vamos ver, como seria este carro?

– Bem doutor – adiantou-se Demétrio –, penso que deve ser um carro de porte médio para grande, são quatro criminosos e num carro pequeno, pelo menos dois de terno, chamariam a atenção de uma viatu-

ra, deve ser um carro bom, novo, que coincida com a imagem de quem usa um terno de bom corte e com as características físicas deles, deve ser o tipo de carro que os policiais militares não suspeitam.

– Muito bem, concordo com você, um carro novo ou caro e anoto, este carro é “bom”, não é roubado ou furtado, é lícito, se policiais o pararem não vão desconfiar e se checarem os documentos estarão regulares. E aí Romeuzinho? Qual o seu pensamento?

– Olha doutor, se é para ninguém desconfiar porque não pode ser uma mulher no carro? Uma mulher não gera tanta desconfiança.

– Eu acho que não – Demétrio falava com autoridade –, uma mulher com três homens no carro é típico “assalto”, seria parado pelos policiais militares.

– Olhem os três, eu como delegado já contatei a Polícia Militar e eles intensificaram a vigilância e mesmo assim este carro passa, todos os carros com três ocupantes homens ou mais são detidos, mesmo assim ele passa.

Seguiu-se o silêncio.

– Bom, Priscila e Demétrio já têm o que fazer, Romeuzinho é sua vez, vá falar com o Comandante local do Policiamento Militar, a idéia é a seguinte: vamos verificar em todas as ocorrências em quais ruas as últimas vítimas da seqüência de batidas são deixadas, faça o percurso com a viatura, verifique o trajeto com cuidado, veja se existe alguma transversal, ponha todos os trajetos no mapa e veja se existe algum lugar onde haja um jornaleiro vinte e quatro horas, vigia de rua, bar, qualquer lugar neste percurso onde alguém possa ter visto alguma coisa.

– Pois não doutor, mas é muito vago.

– Melhor que nada.

– Dr. Adriano, eu pensei uma coisa, eles ficam com algum objeto da vítima?

– Não vi Priscila, acho que não, por quê?

– Se não ficam é porque sabem que se forem pegos com algum objeto estão ferrados já que faremos a ligação, daí só levam o dinheiro.

– Tudo bem, mas qual a idéia?

– Se eles temem ou sabem que estamos atrás e que podem ser parados por uma viatura eles estão usando algum disfarce, eles têm alguma armação, podemos estar errados.

– Veremos, façam o que puderem, e rápido.

Encerrada a reunião todos saíram da sala e Adriano, tendo esgotado os plantões, saiu do DP quase esbarrando em Tainha, de quem não gostava nem um pouco.

Tainha pensava febrilmente, seu novo amigo tinha idéias muito boas, muita grana, precisava porém contar ao chefe e não tivera coragem na conversa sobre Caveirinha, tudo bem, ficava para depois, sabia que Sforza estava sempre disposto a um bom lucro.

III – O ADVOGADO

Jorge Dias Velho estava em seu escritório gozando do luxo da tecnologia dos equipamentos que mandara instalar recentemente, os computadores trabalhando em rede permitiam acompanhar o trabalho dos advogados iniciantes. Netinho fizera escola, pensou, agora já era praticamente um sócio, a supervisão porém era importante e os grandes crimes continuavam com sua presença, afinal, marketing é tudo. Surpreendeu-se com o chamado da secretária avisando que um delegado ligara, na verdade já conhecia Sforza e o defendera de pequenas causas administrativas na Corregedoria, pensou que seria mais um desses, estranhou porém que quisesse aparecer sem adiantar qualquer coisa, cheirava a algum trambique, quando Sforza chegou, no começo da noite, dispensou sua secretária particular, em quem, como todos os advogados depois de certo tempo, deposita confiança apenas restrita, seguiram-se os cumprimentos de praxe e reminiscências das sindicâncias onde o defendera, o assunto porém aflorou rápido.

– Jorge, vamos dispensar o uso do doutor, sei muito bem que você trabalha fazendo partido de um traficante conhecido como Caveirinha.

– Isto pode ser verdade, como não é, mesmo que fosse, e daí?

– Calma, nada com você, veja o dossiê. – Sforza então mostrou a Jorge as cópias dos timbres e das defesas dos advogados ligados ao escritório e que defendiam Caveirinha.

– Vejo que os timbres mudaram.

– Isto só prova que você é bom, deve pagar uma grana para ter informantes em todos os cartórios do fórum.

– Não afirme sem provar.

– Não tenho nada contra você Jorge, veja bem, quero que faça uma ponte, um contato entre nós, eu e Caveirinha, em uma reunião aqui em seu escritório.

– Por quê? Quando?

– O porquê saberá mais tarde e quando fica a seu cargo, só quero que Caveirinha saiba que quero falar com ele, aqui, a sós, e não é cana.

– Só isso?

– E precisa mais?

– E o que eu ganho?

– O que vai ganhar vai depender do Caveirinha, mas você me conhece, não dou ponto sem nó.

Após a breve conversa despediram-se secamente, Sforza foi embora e Jorge ficou sozinho, sentiu a cobiça crescer dentro de si. Sforza era esperto, seria algum acerto e a grana seria alta. Sforza vai pedir dinheiro por alguma coisa, não importa o que, uma parte seria embolsada aqui, espantou-se com a escolha de Sforza, denotava certo estudo jurídico da situação. Realmente o escritório do advogado é inviolável, mesmo que uma escuta fosse colocada no telefone com autorização judicial a violação da comunicação reservada entre cliente e advogado tornaria nula a prova, pudesse conter o que fosse, confissão, plano de um crime etc., qualquer prova advinda de tal escuta seria nula e nenhum processo poderia sequer ser iniciado com tal fundamento, como ele fora cliente do escritório também nada poderia fazer, não poderia procurar a polícia (mesmo porque não o queria) e qualquer menção ao que fosse falado deporia contra si, ninguém jamais procura um advogado que trai um cliente potencial, fora a OAB e outras consequências, em verdade estava amarrado, também não poderia deixar que nada acontecesse em seu escritório, tornaria patente seu contato com o traficante e o envolveria com policiais corruptos. Sforza pensara bem. Algo porém o assustava, porque o delegado falara que saberia o motivo depois, depois do quê? Jorge não ligou para seu intermediário com Caveirinha, iria esperar, veria o que aconteceria por alguns dias e depois tomaria uma decisão. Jorge Dias Velho quando ainda era aluno de Direito em São Paulo, sempre foi aluno destacado, o que o levou a ser aceito pelo melhor escritório de advocacia de São Paulo, quando formou-se abriu um pequeno escritório na região Central da Capital Paulista, pouca coisa lhe vinha, casos pequenos que não lhe despertavam a paixão ou interesse maior, no máximo pequenas reclamações trabalhistas. Ou seja, o escritório ia mal, entretanto, um dia Jorge foi procurado por um senhor já de meia idade o qual, aflito, contou-lhe que o filho fora preso com um carro de um amigo e estava preso porque o carro era roubado, porém não tinha qualquer relação com o roubo e não sabia porque isto acontecera. A narrativa era

confusa e Jorge foi então para a delegacia onde o filho de seu cliente estava preso, lá chegando constatou que realmente o rapaz estava preso e que além do carro outros objetos foram encontrados em seu poder, o fato contudo não justificava a prisão eis que não fora sequer lavrado o auto de prisão em flagrante, um simples de liberdade provisória bastaria. Deixou o pai do rapaz na delegacia e voltou ao escritório onde começou a redigir o pedido, qual foi sua surpresa todavia quando duas horas depois o pai aflito retornou ao escritório e com nítido constrangimento disse que se enganara e constituiria outro advogado, virou as costas e saiu do escritório quase correndo.

Jorge Dias Velho desconfiou, voltou à delegacia e soube que o rapaz fora solto, perguntou sobre o inquérito e descobriu que não havia registro, procurou então o escrivão que atendera o pai de seu ex-cliente.

– Você soltou o rapaz?

– Qual é doutor, já se resolveu tudo.

– Como se resolveu tudo? Qual é digo eu, onde está o delegado? Quem foi o advogado que se apresentou?

– O doutor não sabe mesmo ou é brincadeira?

– Eu vou à Corregedoria.

– Calma doutor, é o seguinte, o rapaz tinha muita coisa em casa, não ia segurar a “bronca”, o pai insistiu, afinal, somos humanos e resolvemos dar uma chance ao rapaz, aliás doutor, ele fez um contrato com um advogado conhecido aqui da delegacia, está tudo devidamente “legalizado”. – O escrivão exibiu então um maço de dinheiro – Afinal ninguém é de ferro!

Jorge foi até o endereço que o senhor lhe dera e encontrou-o juntamente com o rapaz, ambos estavam no quintal e carregavam peças de carro em uma kombi.

– O que o senhor fez? Pagou os policiais? Mas seu filho não ia ficar preso, não era flagrante.

– Doutor, ele ia ser processado?

– Claro, mas teríamos chance...

– Ele podia ir pra cadeia? O senhor me garante que não? Em hipótese nenhuma?

– Não posso lhe dar esta garantia.

– Então doutor, eu prefiro pagar, pago e me livro, afinal o menino deve, eu devo, a gente desmonta carro doutor, mas se o que o senhor quer é dinheiro terá que esperar, pagamos tudo na delegacia.

Jorge Dias Velho não terminou de ouvir, ia embora, porém antes perguntou:

- Por que o senhor foi me procurar?
- Ora doutor, todo mundo sabe que o senhor não faz acerto, como eu achei que não ia ter acerto pensei em procurar o senhor.
- Todo mundo sabe que eu não faço acerto?
- É, como todo mundo se acerta na delegacia ninguém procura o senhor, mas tá certo, a gente tem é que ser honesto.

Foram dias ruins, muito ruins, até que soube que um de seus colegas, iria para uma sala própria, tinha até ar-condicionado, como trabalhavam na mesma área Jorge o procurou e acabaram acertando uma sociedade exclusiva entre ambos, na sociedade, combinada palavra a palavra, Jorge Dias Velho passou a acompanhar o trabalho do amigo na delegacia, seis meses depois tornou-se uma personalidade nos Distritos Policiais, era excelente negociador afinal e acerto é negócio.

Agindo desta forma passou a agigantar o escritório, com habilidade conduziu outros casos em Juízo, sempre que não havia acordo entre a polícia e os indiciados, e conseguiu inúmeras vitórias, por conseqüência, passou a ser mais respeitado como negociador, pois os próprios policiais sabiam que Jorge poderia reverter a situação no mundo da Lei, e a partir disto, passou a ser respeitado nas delegacias e no fórum, isto trazia mais clientes, os quais o faziam mais respeitado, e assim por diante.

O escritório cresceu, expandiu-se e tornou-se um escritório de porte médio para grande, restava alguma coisa contudo para lançá-lo como um grande “medalhão” da advocacia, algo que o tornasse definitivamente uma personalidade e que o levaria ao mundo das grandes causas (e grandes ganhos), algo que quando aconteceu veio sem alarde, quase de modo silencioso.

Tudo ocorreu em um Tribunal; sustentar uma posição oralmente no Tribunal é sinal de prestígio e capacidade técnica, poucos são aqueles que assim o fazem com capacidade, embora muitos o tentem com uma sereníssima cara-de-pau a encobrir a incapacidade técnica. Jorge Dias Velho, ao contrário, agraciado que foi com o dom da oratória, não perdia uma oportunidade de assim fazê-lo e demonstrar seu efetivo brilhantismo. Desta feita, após calorosamente defender os interesses de um cliente, permaneceu como muitos esperando a decisão que geralmente é proferida de imediato, após o veredicto recolheu os últimos rascunhos de sua fala e quando estava prestes a retirar-se percebeu a aproximação do Desembargador Aureliano Windolf Prado, um dos mais velhos, de notável capacidade técnica e muito conhecido por seus pontos de vista liberais.

- Dr. Jorge, sua defesa foi realmente excelente, parabéns!
- Obrigado Excelência, ficarei mais contente quando o acórdão decidir a favor de meu cliente.
- Então seu nível de felicidade não crescerá muito, dentro desta câmara a tese que levantou não é aceita por três dos cinco desembargadores, eu me incluindo entre eles.
- Todas as opiniões são respeitáveis Excelência. – Jorge a esta altura já percebia a amabilidade inusual no desembargador, a que título estava sendo procurado? Por que Aureliano perderia seu tempo com ele quando poderia simplesmente ter votado e saído?
- De qualquer forma – continuou Jorge –, o Tribunal sempre opta pela melhor decisão e cada caso é um caso e precisa ter suas peculiaridades estudadas.
- Bravo, excelente discurso de um excelente advogado, eu sei que seu escritório expandiu-se muito nestes últimos anos, sua clientela, ao que vi, é bem selecionada.
- Nos esforçamos o máximo Excelência.
- Talvez agora esteja na hora de você dar uma contribuição maior ao Direito.
- A esta altura Jorge estava excepcionalmente alerta e seus pensamentos zuniam tentando perceber o que era dito nas entrelinhas.
- Talvez esteja Excelência, embora eu não saiba como, talvez Vossa Excelência possa, com sua experiência, mostrar-me para o que devo voltar-me ao bem da ciência jurídica.
- Ora, deve ensinar, é claro, seria um brilhante professor.
- Não tenho aptidão para o professorado, Excelência, ademais, o escritório me toma praticamente todo o tempo e não poderia dedicar-me com o afinho que tal posição exige.
- Mas quem está falando em dar aulas? Veja, tenho um neto que está no quarto ano da melhor faculdade de Direito do país, suas notas são excepcionais, falta-lhe contudo prática, percepção da realidade, vivência que somente um escritório pode fornecer.
- Jorge já percebera o caminho que a proposta seguiria, o que queria já sabia, restava saber o quanto e o que receberia.
- Com certeza poderia ajudá-lo, Excelência, por enquanto todavia não tenho nenhum estagiário e sem ter treinado ninguém duvido que eu

seria capaz de, sozinho, cuidar de quem quer que seja, muito mais de um estudante brilhante e tão bem indicado.

– Pois que seja, através de meu neto poderei orientá-lo sobre eventuais dúvidas, veja que hoje poderia até existir uma reversão na posição da Câmara, é claro que sempre dentro dos parâmetros da razoabilidade e para tal confiamos em seu tirocínio.

A proposta estava feita, o preço combinado, estava em suas mãos aceitar ou não.

– Aguardo então o contato de seu neto, aqui está meu cartão e anoto também o telefone de minha residência.

Despediram-se e separaram-se, uma conversa de corredor que se ouvida não representaria absolutamente nada. Dois dias depois Aureliano Neto ligara e se incorporara ao escritório, seu salário consistiria numa porcentagem dos casos que atuasse, quando formado e se demonstrasse capacidade tal porcentagem seria revista, estaria sempre acompanhando Jorge em todo o lugar que este fosse e exerceria realmente a profissão.

Netinho era realmente muito bom, muito bom mesmo, muito capaz e dedicado, embora de péssima oratória, possuía uma redação notável e seu conhecimento jurídico crescia dia-a-dia, meses se passaram até quando Jorge cuidava de outro processo a ser examinado novamente pelo Tribunal de Justiça, surpreendeu-se com Netinho a procurá-lo em seu gabinete.

– Dr. Jorge, estive olhando sua minuta para a sustentação oral de quinta-feira, acho que podemos tentar uma tese antiga, porém relevante.

– Besteira Netinho, volta para o rascunho, a tese antiga é o que o nome diz, ninguém mais adota faz tempo, é esforço inútil, por outro lado uma atenuação de pena seria bem-vinda.

– Dr. Jorge, meu avô aconselhou que usemos a tese antiga e disse que um cliente tão consciente de sua condição pagaria para correr o risco.

Agora Netinho tinha a total atenção de Jorge.

– Deve ser um cliente muito importante, disse Netinho.

– De fato, de fato, vou falar com ele e fazê-lo compreender que este esforço extra será penoso para todos. É claro que agora você também me ajudará na sustentação oral não?

– Com certeza Doutor Jorge, meu avô me assegurou que o senhor se sensibilizaria com o assunto.

O próprio Netinho redigiu parcialmente o rascunho da sustentação, Jorge recebeu as notas e alterou uma parte, estava realmente muito bem escrita, a redação era excelente, faltava apenas o dia do debate.

Jorge Dias Velho utilizou-se muito bem de seu tempo e sustentou a tese já quase desconhecida de tão rejeitada, outros advogados que ali apenas passavam o tempo ou estavam na sequência da sustentação surpreenderam-se e anteciparam o boato do erro de Jorge, excepcionalmente, todavia, a Câmara atendendo a peculiaridade do caso e ressaltando aspectos técnicos inverteu o entendimento costumeiro e absolveu o cliente de Jorge. O fato causou furor e foi creditado à oratória vibrante e a convicção do advogado, cujo prestígio quintuplicou com a notícia.

Ninguém se apercebia que um desembargador vira mais sustentações orais em sua carreira do que qualquer um imagina e estava praticamente imune a tal influência, apenas excepcionalmente tinha sua sonolência perturbada por uma ou outra manifestação. No escritório o cliente satisfeito já houvera pago o preço sugerido e deste metade fora para Jorge e metade para Netinho como prêmio pelo esforço e dele, indiretamente e de um modo que Jorge não sabia, para o desembargador.

Este foi o primeiro de vários casos onde as orientações do Desembargador Aureliano eram bem aceitas, agora sim o escritório crescia em tamanho e prestígio, Jorge era considerado por todos o que sempre gostaria de ser, um dos melhores advogados de São Paulo.

É claro que as orientações vinham apenas em casos excepcionais que combinassem duas circunstâncias: um cliente com capacidade de pagar o preço e a existência de uma tese, mesmo que abandonada, que o favorecesse com um mínimo de crédito.

Hoje Jorge Dias Velho sabia que o grande sucesso na advocacia vinha de um conhecimento que somente por circunstâncias muito especiais se apresentava, o retorno financeiro de casos de repercussão não era o que parecia, verdade porém que os casos muito menos rumorosos, mas envolvendo interesses de onde emanava poder, estes sim valiam a pena e se não tinham o holofote da imprensa a iluminá-los, em compensação lhe imprimiam a marca do poder, e deste todo mundo gosta e quem dele prova nunca esquece e quase sempre se vicia. E até que ponto ia sua influência e seu poder, nem mesmo o Delegado Sforza sabia.

Dias depois Sforza já decidira como fariam a surpresa a Caveirinha, o principal ponto da favela fora encontrado pelo viciado-informante de Vasconcelos, um tal de Aldair, o esquema utilizado era o mais seguro para o traficante, o vendedor era acompanhado de dois menores, geralmente com dezesseis anos ou mais e recrutados na vizinhança, como de

praxe, o vendedor fazia o contato e às vezes recebia o dinheiro, não tocava na droga porém os “papelotes”, geralmente pequenos envelopes plásticos, ficavam escondidos nas proximidades, dentro de uma caixa ou debaixo de algum objeto ou local e quando o vendedor recebia o dinheiro fazia um sinal ao menor que ia até o esconderijo e pegava então a quantidade de droga que o viciado adquirira.

Existiam, é claro, variantes, o vendedor poderia nem receber o dinheiro, apenas dava sinais para os menores que recebiam e pegavam a droga a seu comando, a vantagem era boa porque ficava quase impossível admitir o vínculo entre o vendedor e a droga pelo fato de que simplesmente fazer sinais ao menor nada significava como prova em Juízo, garantia de segurança para o traficante. Muitas vezes este esquema era vencido pelo fato de que a nota entregue em pagamento pela droga era marcada ou tinha os números anotados ou ainda extraí-se uma cópia xerox da nota, quando o vendedor pegava o dinheiro que era entregue pelo menor recebia a voz de prisão e neste caso sempre existia algum vínculo que o caracterizava como traficante, no caso o dinheiro. É certo que alguns evitavam pegar o dinheiro na hora, porém também não confiavam totalmente nos menores. Mais fácil, e comum, ocorria quando o próprio vendedor negociava a venda com o comprador, os menores somente recebendo o dinheiro e entregando a droga ou ainda somente entregando a droga, o esquema dos menores porém era o melhor e não havia dúvida de que Caveirinha orientaria seus vendedores nesta opção.

A idéia era simples, chegaria ao local juntamente com seus quatro homens de confiança, Dedo, Tainha, Vasconcelos e Castanheira, o informante Aldair faria o papel de comprador e os demais identificariam o vendedor e os menores; esperariam para encontrar o depósito da droga e prenderiam a todos, eles seriam levados ao DP e então seria tarefa de Vasconcelos fazer com que o vendedor falasse onde era o ponto no qual se abastecia; na sequência iriam até lá e fariam a prisão de quem quer que fosse, neste caso talvez precisassem de mais alguém de confiança, incumbência de Vasconcelos. Com o movimento, ele mesmo lavraria o auto de prisão em flagrante, não dava para ocultar a ocorrência, da droga apreendida ficaria com uma boa parte para revender e o resto faria constar oficialmente. Depois disto teria argumentos para convencer Caveirinha de que fazia por merecer um percentual para proteção. Os menores seriam soltos, em seguida iriam para a FUNDABEM. O Estatuto da Criança e do Adolescente não admite internação pela prática de tráfico, esta a razão aliás para a utilização de menores, era uma guerra sem baixas. Era certo que Caveirinha acionaria o escritório de Jorge Dias Velho para defender não o vendedor, mas o dono do ponto e provavelmente algum júnior do escritório defenderia o vendedor em nome próprio para que

não ficasse tão evidente o vínculo com o advogado. Mesmo que todos fossem torturados para falar não comunicariam a ninguém, seria parte do acordo com Caveirinha e ademais eles ficariam presos no DP, qualquer coisa valia a pena correr o risco de uma morte na carceragem, neste caso usaria a experiência de Leléio, o chefe dos carcereiros.

E assim foi. Dias depois todos chegaram prontos ao DP, muito bem armados. Dedo utilizava duas pistolas automáticas cal. 45, Tainha uma metralhadora UZI e uma pistola 380, Vasconcelos uma cal. 12 e também uma pistola 380, Castanheira gastara parte do que ganhara com Vanderlan e comprara no *black* uma pistola 9 mm, era o único que utilizava apenas uma arma, Sforza utilizava uma pistola automática cal. 45, tinha no carro um fuzil de assalto AR-15 e munição explosiva, levava como amuleto uma granada antipessoal, o informante Aldair, nada tinha. Utilizariam três viaturas, destas uma Blazer nova, recentemente recebida pelo DP e onde estariam Vasconcelos e Sforza, Dedo e Castanheira utilizariam uma perua Kadet, a mesma em que prenderam Vanderlan, Tainha e Altair usariam um carro frio apreendido pelo DP para se aproximarem como compradores, as viaturas ficariam paradas em um primeiro momento fora de alcance, e quando Tainha fizesse o sinal entrariam em ação.

Assim resolvidos, todos foram até o local e dispersaram-se, Tainha e Aldair foram direto ao vendedor, a quem Aldair conhecia como Brina, ambos aproximaram-se devagar, pararam o carro e este desceu sozinho.

- E aí? – Anunciou Aldair.
- E aí? – Respondeu Brina – Tá a fim de mais uma farinha ou pedra?
- Mais uma não, pelo menos dez, tá vendo meu amigo aqui? Hoje queremos um pouco mais, uma festa.
- Quantos?
- Dez para começar, quero um abatimento, dez paus o “papelote” tá caro.
- Você é cliente antigo, mas não folga, te faço nove e já é muito.
- Feito por nove, a grana tá aqui.

Brina nunca pegava o dinheiro direto, mas como Aldair já tinha comprado antes e era cliente antigo, resolveu pegar o dinheiro, pegou e fez o sinal para os dois menores que trabalhavam com ele, eram dois irmãos que moravam na favela, tinham dezesseis anos e eram conhecidos como Miguelzinho e Pedrinho, eram baixos e gordinhos, morenos de cabelo crespo e olhos redondos e escuros, eram espertos e nunca tinham

ido nem para a FEBEM, estavam na vida faz tempo, mas sempre deram sorte. Pegou o dinheiro, sem saber que fora previamente xerocado por Vasconcelos no DP, e fez um sinal com a mão para Pedrinho, este olhou interrogativamente para Miguelzinho, o qual geralmente era quem pegava o dinheiro mas este deu de ombros, quem mandava era o Brina, Pedrinho então afastou-se cerca de quinze metros e retirou de dentro de uma caixa de sapateiro alguns “papelotes”, contou dez e entregou para Miguelzinho, ele foi então para perto de Aldair e entregou-lhe a droga.

A reação de Tainha não era esperada nem por Aldair: simplesmente desferiu um violento soco em Brina que curvou-se e perdeu a respiração. Brina buscou na cintura uma arma e recebeu um novo impacto, desta feita na cabeça, tonteou e caiu, mas não desmaiou.

Miguelzinho num primeiro momento ficou paralisado, depois se virou e saiu em disparada gritando pelo nome do irmão, ambos correram juntos e ao virarem o primeiro quarteirão foram agarrados por Dedo e Castanheira que a tudo assistiam e imediatamente avançaram com o carro.

– Rápido, rápido!

– Calma Tainha, tá na mão.

– Qual é Dedo? Preciso pegar a caixa com o resto, põe os três na perua, vamos antes que fique cheio de bico.

– Castanheira, Castanheira, ajuda o Dedo, vai, corre!

Tainha correu, pegou a caixa de sapateiro, olhou dentro e viu grande quantidade de papelotes, uns oitenta ou noventa, pegou a caixa, correu, entrou no veículo que utilizara junto com Aldair – este ficara quieto e surpreso pela diligência, não fora dada voz de prisão e nada, fora pau puro. Brina já estava algemado junto com os menores no carro, era hora de sair dali. Tainha e Aldair entraram no carro e saíram em disparada, todos foram então ao 222º DP.

Chegando ao DP Miguelzinho e Pedrinho foram levados até o corró, ficaram sob os olhares dos presos da carceragem e os passarinhos de Leléio já começavam com a gritaria de que seria a vez deles, os dois apavorados não conseguiram deixar de urinar nas calças.

Brina porém ficou quieto, não falou nada ao ser levado para a sala onde existia uma placa de banheiro, viu os fios elétricos saindo da parede, o cano fincado no meio da sala, um cassetete e sabia o que aconteceria. Brina porém era velho nesta conversa, não iria cair fácil.

Sforza entrou na sala com Tainha e Vasconcelos, Brina estava amarrado na cadeira, nu, mas não estava encapuzado como de costume.

– Muito bem, você vai falar logo e rápido, geralmente nem chego a perguntar primeiro mas eu conheço seu tipo, pensa que vai resistir, está esperando advogado? Pode esquecer.

– Não sei de nada, eram os dois pivetes que vendiam farinha lá, eu estava passando e indo para casa, não estou devendo nada.

– Muito simples, eu não argumento, o Vasconcelos aqui funciona como detector de mentira, não vou perguntar de novo, ninguém vai te perguntar nada, você sabe o que eu quero e quando quiser falar me avise, lembra cara, ninguém vai te perguntar nada, não vai ouvir nada e ninguém vai te ouvir.

Brina cuspiu no chão, Sforza simplesmente saiu da sala, Vasconcelos pegou uma extensão e ligou os fios nas pontas dos dedos dos pés e nos genitais de Brina, levantou-se e passou metodicamente a socá-lo no estômago, quando Brina fez menção de vomitar, parou, foi para perto da parede e deu o primeiro choque. Brina contorceu-se mas resistiu, o tempo corria a seu favor, pensava em Caveirinha e se algum advogado chegaria a tempo. O segundo choque doeu mais, seus músculos contraíam-se involuntariamente e as tiras de couro marcavam seus pulsos e os tornozelos onde estavam amarrados na cadeira, a dor espalhou-se pelo corpo, Brina era forte e musculoso e continuou a resistir.

Uma hora e muitos choques depois Vasconcelos mudou de tática, tirou as correias de Brina e juntamente com Tainha passou algemas nas mãos e pés, levantaram-no e o penduraram no cano que atravessava a sala, pegaram um cassetete, jogaram um balde de água para acordá-lo e esperaram cinco minutos para que recobrasse plenamente a consciência, então simplesmente enfiou o cassetete no seu ânus e o ligou na fiação elétrica, o cassetete era recoberto com borracha, mas dentro tinha um fio metálico que saía na ponta, o choque interno no corpo fez com que o corpo de Brina se contorcesse no ar, ele desmaiou, mas nada falou.

– Merda – pensou Vasconcelos –, tá difícil, Tainha, me pega um balde com água pela metade, mija um pouco e dá uma cagadinha.

– O quê?

– É surdo porra? Mija e dá uma cagadinha, se não quiser peça para um dos coió do Leléio, vamô cara!

Tainha saiu correndo e voltou quinze minutos depois com um balde carregado por um dos presos de confiança de Leléio.

– Porra, Tainha, você demora quinze minutos para mijar cara?

– Eu não mijeí nesta porra, o duro é achar um balde, peguei o da carceragem e já estavam com uma cagada e um pouco de mijo, eu só

joguei água, tá um fedor dos diabos, eu que não boto a mão nisso, este coió que trouxe.

– Puta, mas fede mesmo, deixa aí, dispensa o coió e me ajuda com o Brina.

– Esta eu quero ver.

Brina já estava consciente, incapaz de manter-se de pé, mas pensava e se pensava, raciocinou Vasconcelos, sabia que deveria respirar, foi então que ambos os policiais o trouxeram até o balde que fora completado com água e simplesmente enfiaram a cabeça dele dentro, esperaram dez segundos, tiraram, deixaram que respirasse apenas uma vez e colocaram de novo, desta vez quinze segundos, repetiram aumentando para vinte e depois trinta segundos, durante todo o tempo, tal como Sforza determinara, ninguém falava nada, ninguém perguntava nada. O fedor, o asco, a fraqueza, as dores no corpo e a cabeça explodindo fazendo o corpo pedir socorro finalmente venceram a resistência de Brina, quando pela quarta vez percebeu que sua cabeça voltaria ao balde grunhiu alguma coisa.

– Ele falou Vasconcelos.

– Falou nada, é só um grunhido.

– Ele falou porra, tô falando que ele falou, tira a cabeça dele fora e dá um tempo.

– O Tainha, se ele não falou é a tua cabeça que eu vou enfiar no balde.

– Gorda, Gorda, Gorda! – Repetia Brina.

Os policiais aguardaram, Brina vomitou violentamente, deitou-se e quase perdeu a consciência, os policiais cuidaram porém de mantê-lo acordado e após meia hora Brina delatou onde ficava o ponto, quem era a responsável, como chegar lá usando uma senha e quantos soldados do tráfico ali estariam.

Vasconcelos anotou tudo, chamou Leléio e mandou que Brina fosse colocado no corró junto com Miguelzinho e Pedrinho e também providenciou para que recebesse algum cuidado médico, depois subiu para o gabinete de Sforza que assistia televisão calmamente, bateu à porta e entrou.

– Então Vascão, ele cantou não é?

– É isto aí doutor, já anotei tudo, o ponto fica mais no interior da favela, pertence a uma tal de Gorda que faz a ligação diretamente com um dos tenentes de Caveirinha, um tal de Nego Zulu, no ponto ficam

dois soldados armados mas estão descuidados, há muito tempo ninguém é louco de desafiar Caveirinha deste jeito, é um dos maiores pontos, não soube porém dizer quantos existem na favela, somente os tenentes ligados diretamente ao Caveirinha sabem.

– Vamos embora, chame Castanheira, Dedo e Tainha.

– Já estão aí.

– E as viaturas?

– Prontas.

– Antes eu vou ver o Brina.

Sforza saiu do gabinete e foi diretamente para o corró, chegou perto de Brina e falou devagar e pausadamente.

– Eu falei que você ia cantar, eu sei o que estou falando e vou falar mais, se o que contou for mentira ou for uma armação, você não vai morrer, vou cuidar para que fique impossibilitado de ver, de andar e de falar, vou te transformar num zumbi, mas matar não vou te matar não, entendeu?

Brina mal podia levantar a cabeça, entendeu porém que Sforza poderia fazer o que prometia.

Desta vez Sforza e sua trupe usaram três carros frios, foram também acompanhados de outro investigador, Siqueira, conhecido de Vasconcelos e também envolvido com a “produção” do Distrito. Siqueira ficaria cuidando dos carros durante a invasão do “mocó”. Os carros seguiram velozmente até a favela mas lá chegando dispersaram-se e entraram por três pontos diferentes, devagar e sem chamar a atenção, quando chegaram nas proximidades do mocó da Gorda novamente juntaram os carros e desceram, Siqueira permaneceu do lado dos carros com uma escopeta cal. 12 à vista e uma pistola 380 ostensivamente na cintura, os demais, Sforza inclusive, espalharam-se em leque e começaram vagarosamente a cercar o mocó da Gorda.

O mocó era uma construção de alvenaria, tinha um quintal na frente, mas a porta era de ferro com um visor, não haviam roupas no varal ou outro sinal de vida, o quintal porém fora varrido recentemente, estranhamente, apesar de a porta ser de ferro, as janelas eram comuns, com venezianas e estavam fechadas.

– Dedo, vai.

– Estou indo doutor.

Esta era a praia de Dedo, o homem de ação, ele andou ao redor do mocó e examinou cuidadosamente portas e janelas, rota de fuga e de

onde poderia vir alguma ajuda, também por onde fugiriam se tudo desse errado e os soldados fossem mais numerosos, distribuiu os demais em volta de acordo com sua percepção, engatilhou as duas pistolas e foi até a porta, usou então a senha de Brina e fez uma sequência de batidas, a porta abriu-se vagarosamente e assim que Dedo percebeu que não havia outra tranca chutou a porta com força, o soldado que abria não esperava a reação e caiu para trás, Dedo foi entrando e atirando em direção ao outro soldado que encontrava-se de costas para a parede, o tiro pegou em um rifle AR-15 que estava ao lado e a arma pulou longe. Dedo não parou e continuou avançando em direção do segundo soldado, enquanto Tainha logo atrás, lançou-se contra o primeiro caído no chão e passou a desferir coronhadas, Sforza entrou com o AR-15 na mão e um terceiro soldado apareceu saindo de outro cômodo, o delegado então mostrou sua aptidão para o corpo-a-corpo e com um chute no joelho derrubou o soldado no chão e no mesmo movimento bateu-lhe com a coronha do rifle, o soldado simplesmente apagou. Em quinze segundos os três soldados do tráfico estavam batidos, Gorda presa enquanto tentava fugir pela cozinha, dois quilos de cocaína pura, balança, maricas (cachimbos para crack), um quilo de bicarbonato de sódio, várias armas e duas granadas antipessoal foram encontradas, em dez minutos os policiais saíram levando a Gorda, a droga e as armas, os soldados do tráfico foram deixados no local não sem antes serem espancados novamente por Dedo e Sforza, que virou para os soldados e falou firme:

– Podem avisar teu chefe, meu nome é Sforza, do 222º DP, se quiser acordo fale com o Velho, se não quiser vai se foder, repitam.

Os três repetiram duas vezes e quando Sforza deu-se por satisfeito, entraram nos carros e junto com Siqueira saíram da favela em alta velocidade rumo novamente ao 222º DP.

O nome de Gorda era Rosângela Damasceno, já na casa dos cinqüenta, era o que o apelido dizia, antiga prostituta que não dera certo na vida, acabara na favela e terminou por vender crack para Caveirinha, como era boa de conta e sabia escolher bem seus vendedores, além de não ser viciada, acabou subindo de escalão e até aquele dia via sua conta bancária aumentar, breve iria parar, já falava isto há muito tempo, é verdade, mas a vida tinha sido boa até então. Foi levada para a mesma sala onde Brina havia sido torturado, despida e amarrada da mesma forma.

Estranhamente, as mulheres quando despidas não se sentem tão desprotegidas quanto os homens, o impacto psicológico era significativamente menor, Sforza sabia disto mas não se importou, entrou e repetiu a mesma cena que fizera com Brina, apenas acrescentou que queria saber dos demais pontos, ela chorou, suplicou e negava a todo instante saber

mais. Durou cinco choques e dois minutos com o balde que continuava no mesmo lugar, acrescido de algum vômito do próprio Brina. Gorda indicou apenas mais um ponto, não sabia mais, aliás sabia de mais um ponto apenas porque conhecia casualmente o dono, Caveirinha fazia questão que um não soubesse do outro.

Sforza satisfeito, chamou o escrivão Vitório e começou a ditar o auto de prisão em flagrante, a versão, é claro, era diferente, começava com uma informação anônima dando conta de que o tráfico se realizava em uma casa da favela, os policiais Dedo, Tainha e Castanheira foram até lá e constataram a realidade da informação, adentraram no local e detiveram dois traficantes, Gorda e Brina, além de vasta quantidade da droga, cerca de um quilo, dois revólveres, além da balança e envelopes, Dedo, Tainha e Castanheira confirmaram a versão, Gorda e Brina nada falaram, constou do auto de prisão em flagrante. A apreensão de um quilo de cocaína chamou a atenção de repórteres e a imprensa noticiou o fato como uma grande investigação do delegado do 222º DP, os indiciados contudo negavam-se a falar com a imprensa. No dia seguinte o telefone do gabinete tocou, era Jorge Dias Velho, marcando uma reunião entre Sforza e Caveirinha em seu escritório, no dia seguinte, depois do almoço, lá pelas duas horas. Sforza apenas sorriu. Talvez seu sorriso não fosse tão largo se soubesse com quem estava se metendo.

Antes mesmo que a imprensa noticiasse a prisão de um grande traficante, Caveirinha já percebia quais seriam as intenções de Sforza. Caveirinha, assim era conhecido o “dono” do tráfico da “Favela do Buraco Negro”, uma das maiores de São Paulo e como quase todos os membros do tráfico nascera e envolvera-se no crime dentro da própria favela. Assim sua ligação a tal atividade foi natural, tornou-se soldado do tráfico, depois um dos tenentes do dono da favela e depois, em circunstâncias não muito esclarecidas, assumiu o lugar do antigo “barão”. Firmou-se definitivamente como líder na década de 80. O Comando Vermelho, sindicato do crime organizado no Rio de Janeiro, tentara instalar-se em São Paulo e haviam escolhido justamente a Favela do Buraco Negro. Alguns soldados do Comando foram mandados para controlar o tráfico de Caveirinha e o espanto dos chefes do Comando Vermelho foi enorme quando encontraram um carro com placas de São Paulo e os corpos esquartejados e mutilados dos soldados cariocas no centro da maior favela do Rio, algumas outras escaramuças e logo o Comando Vermelho achou muito caro e desvantajoso travar uma “guerra” tão longe do ambiente que lhes emprestou o poder. Longe das favelas do Rio de Janeiro o Comando Vermelho não demonstrou ter força que o tornara famoso e, sobretudo, temível.

Caveirinha compreendia a natureza humana e a natureza da traficância, que nada mais era que um simples comércio e, portanto, tinha

um ponto forte, que era acordo de vontades entre o viciado e o traficante e um ponto fraco: a mercadoria deveria ser acessível, e portanto ao alcance do viciado e via de consequência à polícia.

Juntando-se o ponto forte com o ponto fraco, chega-se até um equilíbrio entre oferta e procura.

Caveirinha criou então uma estrutura hierárquica efetiva, com direitos e deveres, uniformizando a venda e distribuindo os pontos-de-venda em locais estratégicos primeiramente criou duas classes de subordinados, primeiro os tenentes, seus subordinados diretos, responsáveis pelo recebimento dos carregamentos, divisão e embalo, bem como para a distribuição às bocas. Os tenentes eram também responsáveis pela segurança e por serviços que garantissem a prevalência do poder de Caveirinha.

Afora os tenentes, existiam os soldados, estes limitavam-se a obedecer aos tenentes e tinham a seu cargo a vigilância da favela e principalmente das bocas-de-fumo, bem como daqueles que fazem o contato direto com o viciado os soldados são os mais visíveis dos três mas tudo vigiam de perto.

Montada esta estrutura militar, que garantia seu poder sobre todos, Caveirinha instalou então um sistema de distribuição através de bocas-de-fumo, espalhadas em pontos mais colocados no interior da favela. Quando a droga chega do fornecedor é levada ao QG no centro da favela, os tenentes e soldados acompanham o recebimento fortemente armados e geralmente muito nervosos, eis que o momento é especialmente perigoso não só em face do medo de ação por parte da polícia, mas também com algum outro grupo que queira tomar a droga.

A droga é então levada a uma fortaleza – barraco como outro qualquer, porém sob severa vigilância –, onde é pesada, às vezes misturada, preparada como crack, embalada ou dividida em porções maiores, então é levada para as bocas pelos soldados e tenentes e entregue ao dono da boca, que é o responsável pela venda.

Os tenentes e os soldados então vão embora e o dono da boca assume a responsabilidade pela droga, se esta for roubada, se o dono for preso ou o que quer que seja, o pagamento é obrigatório, sob pena de morte sofrida. É certo que normalmente o pagamento é feito já na entrega, porém nem sempre, eis que o comércio da droga é volátil e suscetível a variações ainda maiores do que as de um produto comum.

O dono da boca, por sua vez, conta com os vendedores, estes geralmente são escolhidos entre os viciados habituais da própria favela ou de locais próximos, como a pobreza é evidente e o vício exige que cada vez mais se usem doses maiores, levando o viciado ao desespero e em grande

parte das vezes à criminalidade, o dono da boca sempre tem um bom negócio, oferece uma quantidade de drogas substancial e passa a consumir um percentual do montante recebido, ou seja, caso venda quantidade tal recebe tantos papelotes para uso próprio, assim, torna-se barato conseguir vendedores e o vínculo além do interesse é o próprio vício. Outras vezes o vendedor não é viciado, porém ganha mais vendendo drogas do que qualquer emprego lícito a seu alcance, porém o traficante sempre prefere os viciados.

Caveirinha viu ainda mais, quando um vendedor ou ponto começa a se tornar visado pela polícia, os “soldados” agem rapidamente e mais um cadáver engrossa as estatísticas de crimes de autoria desconhecida, o que o dono da boca de fumo não sabe é que se começa a ter vendedores ou pontos presos, Caveirinha começava a temer uma eventual identificação dos tenentes e daí chegar até ele, razão pela qual optava pela queima de arquivo e a condição de dono da boca vagava, nunca faltava um viciado que se julgasse mais esperto que o dono da boca anterior e a reposição era rápida. Caveirinha notava com satisfação que a cada sucessão os donos da boca tornavam-se mais espertos e atentos, mas não demais pensava, eis que odiava concorrência.

Como se vê, Caveirinha nunca tinha contato direto com a droga e, portanto, a probabilidade de ser preso era praticamente nula.

Caveirinha e Sforza iriam se encontrar.

IV – O PCC

No mesmo dia em que Brina e Gorda eram presos e torturados, Leléio, o carcereiro de confiança de Sforza, e responsável geral pela carceragem no 222º DP, pensava em assuntos mais simples, quase ao término de seu turno recebera a notícia de remoção de presos oriundos do Centro de Observação Criminológica onde, há dias atrás, ocorrera uma rebelião cujo desfecho determinou a remoção de alguns dos presos que ali estavam retidos. O COC fora criado inicialmente para abrigar presos que estariam sendo submetidos a exame criminológico, ou seja, um exame realizado por técnicos que concluiriam pela concessão de benefícios ou não. O destino do COC todavia foi outro, por uma necessidade de número de presos passou a receber também condenados e principalmente os jurados de morte, presos que são condenados à morte por outros presos por algum motivo qualquer, com o tempo a prática acabou

determinando que os presos mais perigosos seriam encaminhados ao COC que de Centro de Observação passou a verdadeiro ente prisional híbrido, fazendo tudo para o que fora planejado e muito mais ao mesmo tempo. Com o aumento da população carcerária vieram também os vícios a esta inerente e, dentre estes vícios, rebeliões e, principalmente o Primeiro Comando da Capital.

Leléio sabia de quase tudo, porém desconhecia por completo a existência do PCC e quando soube que seriam apresentados cinco presos apenas pensou no trabalho que daria, a carceragem estava com uma explosiva superpopulação, com cerca de cento e cinquenta presos em cinco celas numeradas, os chamados “X” de um a cinco, X-1, X-2, X-3 etc., contavam hoje com pouco mais que o triplo, para dormir havia revezamento, as condições sanitárias eram péssimas ou, mais especificamente falando, inexistentes, contudo o carcereiro mantinha ordem usando os meios usuais, cooptação e informantes.

Ora, todo mundo sabia que dentro da carceragem existiam certos presos cuja função era justamente vigiar o comportamento dos outros, se um “tatu” (túnel) estava sendo escavado eles avisariam, se havia uma arma escondida eles saberiam, se uma fuga estivesse sendo preparada informariam, a contraprestação era simples e se reduzia a regalias que para uma pessoa normal seria parte do cotidiano, banho quente no inverno, comida melhor, visita íntima etc. Existia ainda um outro aspecto que desenvolveu-se com a chegada de Sforza, a entrada de drogas e qualquer objeto que não armas feita mediante pagamento, o pedágio permitia a entrada principalmente de cigarros em quantidade impressionante, cocaína e maconha também, não sabendo Leléio onde as “mulas” (pessoas que efetuavam o transporte) adquiriam a droga, também o correio entre os detentos e seus comparsas fora da detenção era permitido sob as vistas grossas de Leléio. Fora isto, havia outros serviços feitos pelos passarinhos, limpeza do DP, pequenos serviços etc., tal como o carregamento de baldes ou mesmo a atuação frente a eventuais pessoas trazidas por Dedo, Tainha ou Castanheira para serem extorquidas, os presos de confiança gritavam, provocavam e ameaçavam com violência sexual àqueles que estivessem no corró, quando incitados efetivamente a violência sexual se perfazia.

O carcereiro recebeu os presos pelas mãos de policiais civis da delegacia de Vigilância e Capturas, sabendo que seriam presos oriundos do COC fez uma revista mais minuciosa e fez os registros com diligência, até anotou em separado os apelidos dos presos, “Mata-Mata”, “Zoião”, “Pinga”, “Russo” e “Sabonete”. O que nem o carcereiro e nem os passarinhos sabiam era que estes cinco detentos pertenciam ao PCC, o Primeiro Comando da Capital, o líder do grupo era Russo, este não se intimidou nem

com a dura do carcereiro na chegada e nem mesmo com a superlotada carceragem. Quando desceu do bonde e olhou o 222º DP seu olhar mais parecia o de Sforza do que o de um reles preso. Lembrou-se então de Taubaté, cidade tida às vezes como tranqüila, é também conhecida por outro motivo, ali está instalado o “Piranhão”. Piranhão é o nome popular do presídio de segurança máxima do Estado de São Paulo, o nome advém do fato de que ali são encarcerados os “piranhas”, ou seja, os presos cuja periculosidade atinge até os outros detentos, matadores dentro do próprio presídio e principalmente os amotinados. É um presídio tipo vai-e-vem, onde os presos são mandados a título de punição por um período de tempo determinado e depois retornam ao presídio de origem. Russo passara muito tempo lá e portanto não se intimidava com cadeia nenhuma, de qualquer forma não desejava retornar para o inferno daquele presídio que contava até com policiais de elite. Foi neste movimento de ida e volta que juntamente com seus outros companheiros de crime fundou o Primeiro Comando da Capital. É claro que o fizeram por estímulo primeiro do Comando Vermelho carioca, embora estes presos estivessem em situação lá não muito favorável. O Comando Vermelho tentou infiltrar-se no Estado de São Paulo, como se sabe, trata-se de uma das tantas organizações criminosas formadas dentro das penitenciárias e que conseguiu expandir-se para além das paredes do presídio dominando a criminalidade no Estado do Rio de Janeiro, não existe tráfico, roubo ou seqüestro que não passe com a concordância do Comando Vermelho ou organizações deste tipo que lotearam a Capital Carioca. Mas se deram mal em São Paulo e Russo sabia porquê, longe do abrigo das favelas, enfrentando uma polícia menos corrupta e bem mais organizada e dotada de melhor estrutura material, sem um esconderijo seguro para onde pudessem fugir, tão longe de seus queridos morros, sem contar com outro apoio, sua presença foi notada e automaticamente reagiu-se através do reforço do sistema policial na região. Russo conheceu os primeiros membros do Comando Vermelho, mandados para agir em São Paulo quando estavam presos em Taubaté, e com estes iniciara uma longa amizade, a segunda leva também seguiu o mesmo caminho e logo os líderes do Comando perceberam que a chegada a São Paulo não seria fácil. Mas, como Russo sabia muito bem, também desta vez não obteriam êxito, os membros do Comando Vermelho não dominavam a comunidade dos informantes e receptadores tal como no Rio, razão pela qual uma “cobrança” maior da polícia civil junto a estes também serviu para que os homens do Comando Vermelho fossem identificados e presos, isto então tinha um significado: Piranhão. Foi assim que o Comando Vermelho desistiu de São Paulo e o punhado que restou preso foi mandado para o Presídio de Taubaté, e foi ali que Russo soube de toda a história. Foi ali também que os membros do Comando Vermelho passaram a ensinar um grupo de colegas de prisão e deu origem à fundação do PCC, Russo,

atento a tudo, foi um dos pioneiros e logo vinculou-se ao “Comitê Central” do PCC. Tudo o que o Comando Vermelho sabe veio do Presídio da Ilha Grande, por muito tempo presos políticos e criminosos ficaram confinados juntos, inclusive os guerrilheiros, e estes se dispuseram a ensinar aos seus colegas de prisão as técnicas militares de guerrilha e subversão, organização, planejamento e execução. A vantagem que tal treinamento lhes deu é visível até hoje, o Comando Vermelho veio e ficou, dominou rapidamente as favelas e impôs seu poder a tudo e a todos. Foram estas lições que Russo aprendeu em Taubaté e foram estas as lições que o levaram à fundação e sobretudo à atuação do PCC, Russo tendo um papel destacado em toda atuação, embora não pertencesse ao Comitê Central. Adotou-se então aquilo que seria a marca registrada tanto do PCC quanto do Comando Vermelho: O Lema PAZ, JUSTIÇA E LIBERDADE. Ainda em Taubaté definiu-se que o alvo prioritário seria a Casa de Detenção. Na Casa de Detenção já existiam os famosos “Serpentes Negras”, estes nem de longe possuíam o grau de organização e o suporte que seus novos rivais possuíam, assim, na década de 80, viram-se as primeiras rebeliões onde inicialmente a causa foi identificada como conflitos entre grupos rivais e que, na verdade, foi o desfecho da dominação de um grupo que eliminou os rivais do Serpentes Negras, matando seus líderes: o PCC – Primeiro Comando da Capital⁴ mostrou a que viera. Imediatamente após tomarem sob sua autoridade os presos da Casa de Detenção e da Penitenciária, os líderes do PCC, Russo dentre eles, determinaram que antes de uma expansão maior para dentro do sistema penitenciário deveriam ser tomados os DP’s da Capital. Determinaram então quais líderes seriam removidos para os DP’s e como efetuariam o domínio dos xadrezes, resolveram escolher um dos maiores e ao mesmo tempo com menos recursos: o 222º DP.

Foi assim que após uma breve rebelião exigiram a transferência de quatro dos membros do escalão superior e um de seus líderes, com o intuito de apaziguar os ânimos, suas exigências foram aceitas e a transferência determinada tal como o reivindicado.

Nesta época a estrutura do PCC compreendia um Comitê Central de aproximadamente cinco membros e uma sequência de vinte a trinta executores, assemelhados aos soldados do tráfico tinham também uma Lei: quem desobedece ou se torna de qualquer forma uma ameaça morre. Os planos do PCC contudo eram a longo prazo e, tributo seja feito, foram planejados com eficiência. Viu-se que a eficácia das lições aprendidas na Ilha Grande perdurava. Leléu nem sabia quem estava na sua frente, pagaria o preço mais tarde. Antes que os homens do PCC entrassem na carceragem, Leléu

⁴ A adoção da sigla “PCC” é emblemática de sua origem com veios políticos ligada aos ensinamentos de quem teve contato com a repressão, os termos indicam também hierarquia (Primeiro), organização de uma sociedade (Comando) e base de atuação (Capital).

chamou seus dois principais passarinhos, os mesmos que ficaram atormentando Vanderlan na carceragem, Dentinho e Simão:

– Olha aí moçada, estão chegando cinco caras da pesada, quero olho vivo, hein? Olho vivo! Quem veio do COC não é boa gente e nosso esquema aqui tá bom, se eu perder vocês perdem também, se saírem daqui não vão ter privilégio em lugar nenhum.

– Pode deixar chefia, não somos novos no ramo, a gente “güenta” eles numa boa, sempre alguém ajuda a gente a troco de alguma coisa.

– Vocês tão avisados, voltem lá, não quero tatu para depois sobrar para mim.

– Sem erro chefia, sem erro.

– Onde eles vão pagar chefia? – Simão referia-se à cela onde os cinco ficariam.

– “X-1”, todos os cinco.

– Mas todos? No “X-1” não cabe mais ninguém, além disso, o “1” vai ficar mais cheio que os outros e vai ter briga, não vai dar para segurar.

– Calma, faz o seguinte, tira cinco do “X-1” e distribui pelos outros “X” e depois enfia lá os caras do COC, assim fica tudo numa boa.

– Tudo bem, mas...

– É lógico, se é para todos ficarem juntos é porque fica mais fácil para vocês ficarem de olho né? Se cada um vai para um canto como você vai ficar de olho? Tu é burro mesmo.

– Tá feito!

– Cai fora e voltem para a carceragem.

Os principais passarinhos voltaram para a carceragem na qual em seguida entraram Mata-Mata, Zoião, Pinga, Russo e Sabonete.

Dentinho e Simão eram respectivamente o boieiro e o faxina da carceragem, nos Distritos Policiais, em todos os Distritos Policiais, existiam dentro da carceragem sempre dois presos que tinham as tarefas principais, o primeiro era o faxina, o que controlava a limpeza e a disciplina dos próprios presos, ele determinava quem iria fazer o quê, como seria feita a limpeza e fiscalizava o código de conduta, o boieiro por sua vez era responsável por pegar a comida junto ao carcereiro e a distribuía entre os presos, estas duas funções eram determinantes no sistema prisional e implicava em respeito, o boieiro, por exemplo, devia estar sempre limpo e com as roupas impecáveis, quando ia buscar a comida todos os presos iam para o pátio e sentavam aguardando, este é o código de conduta, mais severo e forte do que qualquer lei, a hora da refeição era

sagrada, não pode haver conversa, se muito algum “pé-de-ouvido”, não se olha para o lado, não se olha para o prato de comida do outro, era o boieiro quem distribuía a comida em marmitas conhecidas como “recortado”, isto porque os próprios presos pagavam para que a comida fosse reforçada com carne ou algo mais substancial, como era feita a mistura a comida ficava “recortada” e daí o nome. O código da prisão é simples, se alguém conversa, fica olhando o prato do outro ou quebra a ordem imposta pelo faxina ou atrapalha a distribuição de comida pelo boieiro é imediatamente espancado, todos sabem como começar a bater mas ninguém sabe a hora de parar. Existe também a visita íntima – mesmo dentro dos DP’s, esta invenção brasileira (até onde se tem notícia) serviu e muito para abaixar ou extinguir os índices de violência sexual entre os presos –; na Casa de Detenção há celas próprias, nos Distritos porém isto é impossível e a solução é improvisar, assim, as “pedras” tiveram de ser improvisadas. Pedras eram os catres, pequenas camas de alvenaria construídas nas paredes da cela uma sobre a outra, neste caso então é estendido um lençol em volta do catre de baixo preso no catre de cima ou ainda utilizando-se de um varal no próprio catre superior, o casal ia para a pedra e ali consumava o ato sexual. Se alguém encostava no lençol na hora em que outro estivesse ocupando a cama nada lhe aconteceria de imediato, muito pelo contrário, mesmo porque era dia de visita e o respeito com as visitas era fundamental, no dia seguinte, porém, com certeza, o preso seria um cadáver jogado no chão do pátio.

De tudo isto Leléio sabia, daí porque confiava em Simão e Dentinho; o que Leléio não sabia era que o 222º DP era considerado estratégico pelo Comitê Central do PCC. Russo era articulado, inteligente, bom orador e de boa compleição física, muito respeitado tanto na Casa de Detenção quanto na Penitenciária (estivera em ambos) e fora o principal mentor do motim no COC, sua transferência para o 222º DP fora obtida por um misto de negociação (a condição para o fim da rebelião era a transferência) com suborno, (o policial responsável recebeu uma boa grana para colocá-lo neste DP em específico), sua função era a de líder, sua responsabilidade e sua missão principal era dominar a carceragem do 222º DP. Sabonete era o segundo em comando, esperto, conhecia muito bem os meandros de um processo de execução e sabia quais os benefícios que um preso poderia receber e quando, era melhor que 90% dos advogados da área, também tinha habilidades especiais, sabia confeccionar muito bem bombas caseiras; Mata-Mata, Zoião e Pinga eram soldados do comando, três dos melhores matadores do PCC, hábeis, sem qualquer freio moral, completamente frio, sob a proteção do PCC deram vazão a suas habilidades e sem elas provavelmente seriam mortos por algum rival, pouco falavam, todos tinham porte físico excepcional, juntos eram um grupo que destoava dos outros detentos e mesmo para estes causavam temor. Estes eram os presos que foram encaminhados ao 222º DP de Sforza, o PCC iria exigir sua parte.

O PCC já tinha um contato na carceragem através de dois detentos, Chiclete e Goró, eram presos condenados que ainda não haviam sido removidos para a Casa de Detenção ou inseridos no COESP, a Coordenadoria dos Estabelecimentos Penitenciários, já sabiam através do aviso transmitido por suas visitas que os soldados iriam chegar e não estranharam o grupo diferenciado quando estes foram praticamente jogados no pátio da carceragem. Para se chegar ao pátio o preso tinha que passar primeiro pela porta-forte de aço, dotada de um visor de fora para dentro, depois chegava-se até a viúva, ao seu final ficava o tão famoso “seguro” e no percurso passava-se pelo gradil que separava o pátio da viúva, o gradil mantinha os presos no pátio e para ingressar neste havia uma gaiola montada. A gaiola era justamente o que o nome dizia, uma gaiola fixada no gradil do pátio, uma porta dava para a viúva, na outra extremidade havia outra porta que dava direto para o pátio, assim, quando um preso entrava ou saía, abria-se primeiro uma porta e o preso entrava na gaiola, a porta era então fechada e assim a outra porta era aberta para que o preso saísse, ou ao contrário, na trajetória reversa, era uma segurança extra e eficiente já que dificultava as fugas. Quando os cinco novos detentos foram levados para a carceragem passaram pela porta-forte, ultrapassaram a viúva e o carcereiro abriu a porta da gaiola, os cinco entraram e o carcereiro fechou a porta de entrada, abriu então a porta de saída que dava para o interior do pátio e todos entraram, onde Dentinho, o faxina, já os esperava.

– Vocês vão pagar no “X-1”, todos os cinco, é ali à esquerda, a bóia vem ao meio-dia e o boieiro é o Simão, se encherem o saco já eram.

Nenhum dos cinco falou nada, todos eram presidiários experientes, sabiam que Dentinho e Simão ficariam observando para ver como se portariam e se conheciam o código da cadeia. Foi desta maneira que Russo, Mata-Mata, Sabonete, Pinga e Zoião foram até o “X-1”, pararam antes de entrar na cela, tiraram os tênis, pediram licença e, um a um, entraram, enquanto entravam iam direto até o boi – um conjunto no final da cela onde ficavam um chuveiro frio (às vezes resumia-se em um cano de água fria) e uma privada, ou melhor uma peça de louça, ou simplesmente um buraco no chão. Diz o código da cadeia que quando um preso novo chega deve primeiro tomar banho, se não o fizer apanha, antes de entrar na cela tem de tirar os sapatos e pedir licença, se não fizer isto apanha, é assim que os presos logo percebem quando é um preso novo ou alguém do meio. Quando o preso entra existe ainda um certo exame crítico de quem está na praia – parte de entrada da cela –, o lugar mais privilegiado especialmente no calor, ali ficam os presos mais velhos e os que de qualquer forma obtêm poder de mando na cela, quando se olha uma carceragem pode-se definir logo quem são os líderes bastando observar quem está na frente da cela. Depois que os novatos tomam banho

e procuram um lugar, os donos da praia fazem uma pequena abordagem e perguntam por qual motivo o novato está preso, o modo como fala e como se porta determina qual será o lugar que ocupará na cela.

Para os membros do PCC isto não era novidade, passaram pelo primeiro exame sem pestanejar, o porte físico de Mata-Mata, bem como a atitude de Pinga e Zoião, os quais com nada se intimidavam, e além da firme atitude de Russo e Sabonete não davam margem a dúvidas aos outros presos, era gente perigosa, tanto assim que a abordagem dos donos da praia foi quase amistosa, eles não eram “pato-boys”.⁵ Estes pato-boys sempre faziam a alegria da cela uma vez que levavam sempre uma boa surra, não conheciam o código da cadeia. O mesmo ocorreu durante a bóia, embora um ou outro tentasse puxar conversa com os cinco a fim de verificar se eles falariam durante as refeições, sem sucesso, os provocadores foram completamente ignorados. Logo correu na carceragem que os novatos não eram “cinco e quatro”, ou melhor, presos com uma condenação qualquer. O termo cinco e quatro vem do fato de que num crime de roubo duplamente qualificado, de ocorrência mais comum, a pena inicial é de cinco anos e quatro meses, assim, quando um novato entra logo se pergunta se é um cinco e quatro; os membros do PCC não deram motivo para qualquer agressão.

Ao cair da noite Chiclete e Goró foram ao encontro dos enviados. Quando entraram na cela já notaram algo de diferente, Russo e Sabonete estavam deitados atrás de Pinga, que também dormia, Mata-Mata e Zoião estavam alertas, sentados e garantindo a segurança dos demais. Chiclete sem saber o que falar foi em direção a Russo o qual supunha, pela aparência e pelo modo como era tratado pelos demais, ser o chefe.

Cometeu um engano, quando estava perto de Russo e ia chamá-lo sentiu uma dor lancinante nos rins e curvou-se como se tivesse tomado um choque, nem conseguiu falar, apenas grunhiu. Goró jazia inconsciente, um pouco atrás do companheiro, com sangue saindo pela boca, quase nenhum ruído foi feito e os demais presos ou não acordaram ou simplesmente fizeram questão de nada perceber.

Mata-Mata ergueu Chiclete pelo pescoço e o encostou na parede.

– Meu irmão, ô Russo, acho que este laranja quer alguma coisa contigo.

– Estou sabendo, larga ele e lembra o outro. Você é o Chiclete?

– Sou cara, este porra quase me mata.

⁵ Jovens que eram presos e chegavam à carceragem dando a impressão de que eram grandes ladrões.

– Certo, certo, está certo, muito bem, vamos aos negócios, você está condenado a cinco anos e quatro meses por roubo, dois anos por furto de carro e mais um ano por apropriação, total de oito anos e quatro meses certo?

– Está certo cara.

– Teu amigo aí, o Goró, está puxando seis anos pelo roubo e um por furto, total de sete, né Goró?

Goró meio desperto, estava de pé e segurava um pano contra a boca suja de sangue.

– É.

– Muito bem, estamos em condição de oferecer uma vaga na Casa de Detenção para os dois, especialmente você Chiclete, que tem mais tempo para cumprir.

– É o paraíso cara, hotel de luxo, cinco estrelas, mano, penitenciária cara, faço o que quiser, meu amigo aqui, o Goró, também.

– Verdade mano, verdade, a gente pega o “bonde” e vai embora desta merda, é só falar mano, é só falar.

– Não preciso de muito, meu nome é Russo, quero o nome de todos os passarinhos do carcereiro, o tal de Leléu, quero saber também quem aqui está condenado e cumprindo pena e quem está com pena vencida.

– Cara, isto não precisa de esforço, por baixo estamos em cerca de trezentos, com vocês. Eu e o Goró já tínhamos contado conforme vocês pediram no bilhete, temos cerca de cem condenados e uns cinco com pena vencida, sabemos quem são os principais é só você falar que a gente agita, os bate-paus ficam por conta do Goró.

– E aí Goró, quem são os passarinhos?

– São dois mano, principalmente dois, o Dentinho e o Simão, estão puxando mais de nove anos cada um, eles têm de tudo, maconha, cigarro, bebida e até mulher, eles mandam nos outros, quando querem alguma coisa de algum “X” oferecem alguma regalia em troca da informação, se alguém vai fugir ou faz um tatu eles dedam para o Leléu e aí é porrada mano, porrada mesmo, tem até choque e “baldinho”, todo mundo fica com medo de algum traíra e ninguém faz nada.

– Muito bem, vocês vão fazer o seguinte, amanhã à noite vão acordar os caras condenados, chamam eles para o pátio, vai ser de madrugada, fala que vai ter bonde para todo mundo, cria agito, chamam aqueles com pena cumprida e manda ficarem por perto, depois comecem a acordar todo mundo, fala alto, faz barulho.

– Eu faço isto cara, eu e o Goró, mas depois o Leléio vai foder a gente, o Simão e o Dentinho vão ver tudo, e quando virem os outros saindo vão sair também e se virem a gente estaremos fodidos.

– O Leléio não vai foder ninguém.

– Qual é mano, quem garante?

– O PCC garante, afinal você quer a Casa de Detenção ou não?

Ambos pensaram e acabaram concordando, era melhor arriscar do que ficar naquele esgoto por mais tempo. Russo então chamou os demais e falou logo.

– O esquema é para amanhã.

– Já? – disse Sabonete. – Assim vai ficar na cara que somos nós.

– Vai nada, o carcereiro vai nos isentar, Chiclete e Goró serão indicados como planejadores da rebelião, como a presença deles aqui vai ficar perigosa. Se considerados como chefes da rebelião o delegado vai querer vê-los longe e como os outros DP's também não querem presos organizadores de rebelião, eles vão acabar na Casa de Detenção, aliás, o cara que faz as listagens da remoção está no bolsinho e vai no que a gente der.

– E como vamos fazer o tal Leléio indicar o Chiclete e o Goró? Ele não está na nossa.

– Calma Mata-Mata, isto é com o pessoal da externa, eles vão pressionar o Leléio, o tipo não é de nada, uma prensa e uma grana e tudo bem, mas acho que nem vai precisar, a situação dele depois não vai ser nada boa, vai perder os passarinhos e ficará cego e sem controle, vai logo querer encontrar um culpado e Chiclete e Goró cairão do céu, basta dar uma diquinha.

– Quem são os passarinhos?

– É isto aí Zoião, vamos ao que interessa, o Leléio usa dois passarinhos principais e estes pegam o resto no embalo, são os tais Dentinho e Simão, durante o dia o Goró vai apontar eles para gente.

– E depois? – perguntou Pinga.

– Caneta e cobertor, é rápido, hoje a gente recebe o material através da visita.

– Como a gente recebe o material sem que o Leléio perceba? – insistiu Pinga.

– Leléio não é o único carcereiro, é o chefe mas não é o único, o do próximo turno das visitas está no bolsinho e já ganhou vinte pedras e

meio quilo de maconha; o Leléio detesta o turno das visitas porque tem muito trabalho, sempre escala outro e este por sua vez está puto de só roer osso e ter de ficar quieto, vai passar um bonde legal.

De longe Dentinho e Simão observavam, viram quando Chiclete e Goró foram ao encontro de Russo e os outros, no dia seguinte Leléio seria o primeiro a saber.

Durante a manhã nada ocorreu de anormal. Leléio chegou durante a tarde e viu Brina e Gorda no corró, mesmo para Sforza não era comum ter uma mulher no corró, isto iria dar encrenca, viu o carcereiro do turno com cara feia pelo número de visitas aos presos, ele que se foda, quem manda aqui sou eu, daqui a pouco ele vai embora e eu fico com este bando de animais, pensou em animais e lembrou-se de Dentinho e Simão, chamou-os pela viúva enquanto observava Gorda resfolegando e Brina ainda meio inconsciente, sujo de vômito da cabeça aos pés.

- Podem falar o que estes filhos da puta do COC andam fazendo.
- Até agora nada chefia, só conversaram com o Chiclete e o Goró, uns dez minutos e depois dormiram, eles dormem por turnos chefia.
- Turnos?
- É, dorme uns um pouquinho, depois acorda, dorme outros, depois volta.
- Isto não me cheira bem, nada bem, nunca vi presos dormirem em turno, o que eles falaram com o Chiclete e o Goró?
- Primeiro eles deram umas porradas neles...
- Primeiro eles bateram nos dois?
- É isso aí chefia, eu e o Simão vimos darem porrada no Goró que ficou no chão.
- É isso aí sim, eu e o Dentinho vimos também o grandão dar uma porrada nas costas do Chiclete e este ficou de quatro no chão.
- Eles queriam comer os dois? Vocês tão me dizendo que é tudo veado?
- Não chefia, não é isso não, depois eles ficaram conversando uns quinze minutos.
- Estranho, muito estranho, vocês falaram com o Chiclete e o Goró?
- Eles fogem da gente, mas a gente conversou e eles não quiseram falar.
- Fiquem de olho, avisa os outros do “X” que tem maconha para quem descobrir.

– Pode deixar chefia, vamos ficar de olho, mas e se eles não fizerem nada?

– Eu chamo eles e dou uns choques, voltem lá rápido, eu vou embora porque daqui a pouco tem visita e eu não vou ser babá de ninguém, se mandem seus putos.

Depois que Dentinho e Simão voltaram para a carceragem, Leléio pouco pensou e saiu do DP, depois voltaria e pensaria no que faria.

Chegou a noite e com a madrugada a morte, a morte, geralmente via homicídio é claro, nunca é limpa em um presídio ou em uma carceragem, a morte é sempre doída, sofrida, dolorosa, às vezes, com alguma sorte, era rápida, ao contrário do que se costuma ver em filmes as brigas são difíceis, quando existem geralmente se relacionam a alguma desavença entre presos, coisa pessoal, morte mesmo é diferente, vem de surpresa, pelas costas, na latrina, durante o sono, na hora do rango, em qualquer momento em que a vítima marcada para morrer se distraia, é por este motivo que Mata-Mata e os outros soldados eram tão leais ao PCC, como eram violentos por natureza e até avançavam para outros presos, cedo ou tarde morreriam não em algum confronto, mas quando dormiam, comiam ou simplesmente, usando o jargão popular, quando cagavam. Ninguém é consciente sempre, ninguém vive sozinho em um presídio, ou se integra ou morre, o próprio sistema integra os detentos, sempre algum conhecido chama o novato para si aumentando o bando particular, a violência sexual era reservada para os estupradores ou para algum rebelde que se recusasse a entrar para algum grupo. Assim, para evitar uma morte suja, sempre era bom contar com a proteção dos amigos e isto o PCC sabia muito bem oferecer.

Durante a madrugada os cinco membros do PCC estavam plenamente acordados, durante o dia Sabonete já falara com outros cinco presos indicados por Chiclete, todos condenados e pelas contas já podendo receber benefícios, ficaram loucos quando souberam que estavam ali de graça e concordaram em ajudar, estando em dez, amontoaram cerca de dez cobertores e cobriram toda a frente da cela X-1, estendendo os cobertores de modo a tampar o gradil; os outros nem reclamaram muito e acharam melhor ficar quietos já que todo mundo vira a cara de Goró, o qual soube-se mais tarde perdera dois dentes com um soco que Mata-Mata lhe dera.

Chiclete e Goró começaram a chamar os presos, os cinco cooptados por Sabonete pegaram colchões e seguindo as instruções destes os molharam com álcool fornecido pelo próprio Sabonete, ninguém nem perguntou como o álcool tinha chegado lá, os colchões serviram principalmente para abafar o som e o carcereiro da noite, a princípio, nada notaria já que con-

fiavam plenamente em Dentinho e Simão e sabia que Leléio tinha sob controle, também não havia motivo para rebelião específica naquela noite, daí porque o carcereiro simplesmente dormia em sua sala.

Dentinho dormia sono pesado após fumar maconha bastante tempo, estava zozinho e ao mesmo tempo sentia como se estivesse mais sensível, não percebeu Mata-Mata entrando e também não percebeu quando o mesmo sacou de um espeto fino, parecendo uma grande agulha com uns trinta centímetros de comprimento, pontuda e afiada em um lado e com uma pequena empunhadura na outra, conhecida na gíria como “caneta”. Lentamente Mata-Mata segurou a cabeça de Dentinho contra o colchão, este balbuciava alguma coisa, mas drogado não tinha força para resistir à força descomunal do homem do PCC, seria mais fácil do que pensava, concluiu Mata-Mata, em seguida deu uma estocada com a agulha perfurando o ouvido de Dentinho e chegando cerca de cinco centímetros dentro da cabeça, a dor de Dentinho era indescritível e este mesmo drogado começou a debater-se freneticamente grunhindo contra o colchão. A força de Mata-Mata era contudo superior, aliás, o apelido vinha de brigas no presídio onde após deixar o inimigo desacordado os presos gritavam para ele “Mata, mata, mata...”. Daí o apelido. Em seguida retirou o espeto causando um jorro de sangue e nova contração em Dentinho e deu nova estocada, desta feita o espeto entrou até quase metade da cabeça, retirou de novo, mais sangue, nova estocada, quase saiu do outro lado, nova retirada, nova estocada e finalmente a ponta do espeto saiu do outro lado, o corpo de Dentinho ainda possuía espasmos, a morte cerebral já adviera, quase instantaneamente, o corpo ainda reagia, novamente retirou um pouco o espeto, corrigiu a trajetória e fez nova estocada, desta feita com muita força e a ponta irrompeu pelo outro ouvido, finalmente esperou o fim dos espasmos e levantou o corpo que fora de Dentinho, abraçou-o e saiu com ele para o pátio. Zoião estava ao seu lado, na porta da cela, pronto para intervir se necessário, como já vira esta cena várias vezes sabia o desfecho costumeiro, abraçou também Dentinho e o carregaram até o X-1, que já estava com a frente tampada pelos cobertores, com a confusão dos presos sendo acordados e indo ao pátio ninguém percebera que Dentinho era só um cadáver.

Simão acordara com Chiclete e Goró chamando alguns condenados, simulou estar dormindo e esperou para ver o que acontecia, notou que havia um grupo entre a saída e o “X” e soube então que alguma coisa estava errada e que corria perigo, levantou-se e viu que ao seu lado na cela estavam apenas um ou outro conhecido, saiu em direção ao pátio e quando deu o primeiro passo para o lado de fora Russo, Pinga e Sabonete o cercaram. Pinga e Russo inacreditavelmente estavam armados com um revólver cal. 38 e uma pistola cal. 7,65 mm, as armas foram encostadas em suas costas.

– Você já sabe que meu nome é Russo e vai me acompanhar.

– Por que? Você não manda, aqui todo mundo tem medo do Leléio, não perguntou? Você está fodido!

Russo e Pinga quase afundaram os bocais dos revólveres nos rins de Simão, este gemeu e concordou em acompanhá-los, tinha de ganhar tempo, quando chegasse perto da cela e portanto mais perto do gradil do pátio começaria a gritar, devia porém chegar perto já que os colchões amorteciam o som, andaram lentamente, quando chegaram perto da porta Simão abriu a boca para começar a gritar e neste momento um laço feito com uma tira de cobertor foi passado por seu pescoço, pelas costas... Mata-Mata fez o laço e aplicou um garrote em Simão praticamente carregando-o no trecho que faltava, muitos presos viram o que acontecia desta vez e o burburinho cresceu, outros foram acordados e o pátio começou a ficar lotado, pensavam que haveria uma roda, ou seja, que algum preso seria justificado, a justiça era feita pelo espancamento; fazia-se uma roda ao redor da vítima e esta começava a ser golpeada sempre por quem estivesse em suas costas, começava com um tapa, um chute, um soco e as agressões iam crescendo, vindo de todas as direções e mesmo quem de nada sabia acabava entrando na roda para atacar a vítima, não havia começo nem fim, não havia ordem ou alguém que falasse quando terminava, simplesmente iam batendo até cansarem, isto não ocorreu, pois Simão foi levado para a cela tampada com cobertores e os presos sossegaram, o carcereiro dormia.

Quando Simão entrou na cela fechada por cobertores viu o corpo de Dentinho e não conseguiu se controlar, as fezes correram pelas calças, neste instante Pinga e Zoião o abraçaram, Sabonete segurou-lhe as mãos e Mata-Mata começou a enforcá-lo, a razão era simples, como era seguro pelo corpo e pelas mãos não se debatia, não ficaria nenhum sinal de luta, nenhum arranhão, nenhum hematoma, nenhuma equimose, apenas o enforcamento, um típico suicídio. Simão durou tempo demais, Mata-Mata o viu desmaiado e pensando que estivesse morto pelo sufocamento parou o garrote, quando percebeu que Simão ainda vivia simplesmente apertou-lhe o pescoço por trás fazendo um movimento de vai-e-volta e quebrou-lhe o pescoço, Simão então tornou-se o segundo cadáver.

Simão e Dentinho foram despidos, a nudez era chocante para os presos pois denunciava a impotência e a humilhação, depois os cinco companheiros saíram da cela. Russo dirigiu-se até um pequeno elevado de madeira feito com caixotes à guisa de palco, todos os presos os olhavam estranhamente, já percebendo que alguma coisa séria ocorreria.

– Companheiros, Camaradas (dava um certo ar intelectual, resquício da Ilha Grande), a partir de hoje o Primeiro Comando da Capital está

assumindo o controle da carceragem, todos aqui somos irmãos, lutamos contra um sistema penal injusto, somos jogados na merda em situação que as próprias leis proíbem, ninguém nos dá crédito, quase um terço de nós já está condenado em definitivo e por que estamos aqui? Porque não fazemos nada, não temos dinheiro para advogados caros, quando tem algum do governo é uma porcaria, vejam aí estes cinco que separamos, todos já cumpriram pena e estão aqui ainda, nosso Companheiro Sabonete já falou com muitos de vocês e explicou quantos têm direito ao albergue, temos que ficar calados? Agüentar choque? Nada disso! O PCC ajuda a todos e todos se ajudam, melhores condições para nós, cinco latrinas mais de trezentos presos? Nada! Temos direito a um banho, temos direito a comida decente, temos direito a vida, a liberdade nos tiraram, mas não podem nos tirar a dignidade, viemos para livrá-los desta privação, para fazer valer a nossa força, para demonstrar quem somos e livrá-los da tirania e da opressão (Russo gostava destas palavras, renovavam o ar intelectual), vamos provar agora nossa força e demonstrar nosso poder, até hoje os espancamentos e os choques vinham por indicação de outros companheiros, o PCC determina agora que irmão não delata irmão, preso não dedura preso, os tiras que se virem para descobrir o que querem, este é o nosso poder!

Enquanto falava, Russo usava a oratória pela qual era conhecido e que fora a razão de sua condução até ali, os presos estavam magnetizados pela fala, em verdade falava aquilo que todos pensavam, mas não exteriorizavam e portanto garantia uma visão empática de seu discurso, restava apenas um impacto e a massa iria a seu favor, é claro que Sabonete, Zoião, Pinga e Mata-Mata estavam misturados entre os presos, caso notassem alguma resistência de alguns dos presos os matariam imediatamente e em seguida iriam para o lado de Russo, contavam também com a concordância de outros cinco presos convencidos por Sabonete e também com Chiclete e Goró, os quais estavam gostando demais dos acontecimentos. Como a reação fora extremamente receptiva, mesmo porque os maus-tratos de Leléu eram famosos, Mata-Mata e Zoião saíram da multidão e se postaram ao lado de Russo, sacaram então as armas de fogo deixando-as à mostra, o burburinho tornou-se mais forte, arma em presídio ou cadeia era demonstração de força, força de quem venceu a carceragem e os policiais, mesmo porque agora poderiam resistir contra qualquer agressão, a multidão de presos excitou-se e então Russo fez um gesto e Mata-Mata foi até o “X-1”, que havia sido tampado, e arrancou os cobertores, os presos ficaram em silêncio, chocados com os cadáveres nus de Dentinho e Simão. Dentinho fora pendurado no gradil com o espeto trespassado na cabeça, fora feita uma corda com tiras de cobertor envolvendo seu pescoço e as mãos e os pés foram atados, demonstração de que nenhuma reação seria possível, o espeto fora colocado de modo espe-

cialmente visível para todos. Simão estava numa forca feita também com tiras de cobertor, as mãos e pés não estavam atados, Mata-Mata de modo arrogante foi até os cadáveres e começou a balançá-los.

– Lembrem-se irmãos, o povo unido jamais será vencido! Paz, Justiça e Liberdade.

Russo fez um novo gesto e o burburinho virou clamor com Pinga, Zoião e Sabonete gritando palavras de ordem. Pinga então acendeu um isqueiro (ninguém se importou em perceber como ele possuía um isqueiro) e pôs fogo nos colchões embebidos em álcool que imediatamente pegaram fogo.

A multidão de presos era neste momento incontrolável, gritavam, batiam nas paredes e jogavam mais colchões contra o gradil que os separava do corró e da porta-forte.

O carcereiro da noite ouviu primeiro um burburinho e não deu muito crédito, estava muito seguro da situação, quando o vozerio se instalou foi em direção à porta-forte e viu o gradil com colchões encostados, abriu a porta-forte para verificar e quando deu dois passos para dentro os colchões viraram paredes de fogo, voltou correndo como se corresse pela vida, neste momento era precisamente isto que ocorria, e fechou a porta-forte deixando Brina e Gorda detidos no seguro, saiu correndo para a ala superior do DP dando um dos gritos mais temidos em delegacias: Rebelião! Rebelião! Tem fogo! Rebelião!

Neste instante o gradil do pátio cederia e caíra em parte abrindo uma pequena passagem, os presos foram em direção ao seguro para abrirem a grade, Brina e Gorda estavam lá, mas os rebeldes passaram por estes como se não fossem nada, passaram então a atacar a porta-forte, Russo e Sabonete sabiam que de nada adiantaria, era grossa e de aço, assim como também através da abertura ali existente seriam feitas as negociações, não queriam fugir, não agora, hoje o dia estava marcado para dominação pensaram, restava ainda fazer com que os presos assumissem as regras do PCC, isto porém seria fácil, também as mortes de Dentinho e Simão seriam explicadas, haviam os presos com penas vencidas e em troca de outras remoções vários presos falaria que Dentinho e Simão haviam brigado, insinuariam certa homossexualidade, o que não era difícil pois andavam juntos mesmo, sendo que iriam afirmar que Simão matara Dentinho e depois se suicidara, daí porque a morte de Simão não podia ter vestígio de violência, nenhum vestígio, a perícia deveria concluir por provável suicídio, juntando a perícia com os depoimentos a prova seria nenhuma, por isto ele e Sabonete vestiram os dois cuidadosamente, lambuzaram as mãos de Simão com sangue e fizeram com que segurasse a empunhadura da caneta, também era fato de conhecimento notório que ambos possuíam regalias e portanto Simão teria

condições de receber a caneta ou qualquer outra ferramenta, quanto aos dois sozinhos na cela é também porque comandavam os demais presos e tinham autoridade para fazê-los sair do “X” para transarem, estes fatores iriam a favor da tese de suicídio e sabiam também que nenhum perito iria esforçar-se demais para provar ao contrário, eram somente dois presos, as mortes também serviriam para explicar o início da rebelião. Chiclete e Goró não seriam dedurados porque os bate-paus estavam mortos, a carceragem era do PCC, durante a noite formaria uma comissão de presos para negociação e explicaria as regras de convivência, quem não aceitasse seria “convencido” por Mata-Mata, Pinga e Zoião, mas não acreditava que isto fosse acontecer, a tomada do 222º DP ocorrera melhor e com menos dificuldades que o previsto.

Enquanto pelo lado do PCC tudo corria bem, o mesmo não se podia dizer pelo lado dos policiais, sem saber que o objetivo não era fugir, o delegado de plantão avisou o Centro de Comunicações da Polícia Civil e este imediatamente repassou o aviso para as viaturas que estavam na região, imediatamente, e seguindo o método de ação em casos semelhantes, acionou-se o Grupo de Operações Especiais, o GOE, com policiais mais bem armados e acostumados com este tipo de ocorrência; o GOE também mantinha viaturas de plantão 24 horas e imediatamente todas convergiram para o 222º DP. Enquanto isto não ocorria, o carcereiro, dois investigadores, o escrivão e o delegado faziam uma barreira improvisada com móveis e sacavam das melhores armas que possuíam, postavam-se por detrás de mesas com escopetas cal. 12, e pistolas semi-automáticas, compradas particularmente é claro, também colocaram às pressas os coletes à prova de balas guardados dentro de gavetas de escrivaninhas. O escrivão daquela noite era Vitório, o mesmo que avisara o Delegado Adriano dos roubos em sequência. Vitório não perdera a calma e mesmo sendo madrugada discou para a casa do Delegado Sforza. Este acordou com o telefone e atendeu com a voz irritada.

- Alô!
- Dr. Sforza...
- Qual é Vitório, que porra está acontecendo...
- Rebelião doutor, parece que tem morto, o GOE está chegando e vem vindo outras viaturas, tem fogo e nós estamos agüentando no muque.
- Certo, ligue para Dedo e Tainha, quero os dois lá e preparados.
- Pois não doutor.
- Não faça nada, nem deixe o GOE fazer nada, espere que em dez minutos estou aí.
- Pode deixar doutor.

Sforza desligou o telefone, a oportunidade era única, como havia uma rebelião poderia fazer com que os ferimentos de Brina e Gorda fossem fruto de alguma briga entre presos durante a rebelião, se tivesse sorte a notícia da morte seria de um deles ou ainda melhor, dos dois, caso não fosse, convenceria de qualquer forma o delegado do GOE a efetuar uma invasão, durante a invasão tudo pode ocorrer e se Brina e Gorda ainda estavam vivos seria a oportunidade de matá-los, o risco de ser delatado seria zero, é claro que precisaria de auxílio pois como delegado não entraria na primeira onda, teria de esperar junto ao colega do GOE. Dedo e Tainha porém eram os mais indicados, eles conheciam o DP como a palma da mão e assim poderia exigir que entrassem junto, na confusão teriam chances de cada um achar um alvo e matá-los, faca seria o ideal, mesmo porque presumiria-se que as estocadas teriam sido dadas por outros presos, os quais usualmente utilizavam-se de armas brancas. Não poderia perder esta oportunidade! Vestiu-se rapidamente e saiu em direção ao 222º DP.

Neste instante as viaturas do GOE já se amontoavam ao redor do DP a fim de cercá-lo para evitar qualquer tentativa de fuga, haviam também viaturas do GARRA, polícia especializada na repressão a roubos e bem como uma ou outra de outro DP, quem comandava a atuação era o Delegado Marcelo Freire Urtizes, bem qualificado, de porte físico semelhante ao de Sforza, trajava um terno que escondia um par de pistolas automáticas e tinha nas mãos uma escopeta, dotado de uma expressão feroz, sua personalidade era justamente o contrário, calmo, ponderado, bom negociador, objetivo, razões estas que levaram sua indicação ao GOE e seu acionamento sempre que havia uma rebelião de grande porte. No momento entrara no DP e estava no saguão inquirindo o delegado plantonista e os outros policiais, especialmente o carcereiro, sobre o que realmente ocorria, no andar de baixo, defronte à porta-forte, estavam pelo menos oito de seus homens usando roupas inteiramente pretas com a inscrição GOE e utilizando-se de rifles e pistolas semi-automáticas, além de algumas granadas de gás lacrimogêneo e outras de efeito moral. Os policiais do GOE permaneceram visíveis à frente da porta-forte mostrando aos presos rebelados que o esquadrão especial ali estava, visto que tal presença usualmente intimidava os rebeldes, ninguém falara ainda com os presos, razão pela qual não se sabia ao certo se havia mortos, o que estes queriam e porque rebelaram-se. O delegado inquiriu os plantonistas e confirmou o que já supunha, estes não sabiam nada, viram o fogo e o gradil destruído, fecharam a porta-forte e aguardaram, dadas as circunstâncias, achou que era o máximo que podiam fazer, concluiu. Após a inquirição desceu as escadas e foi até onde estavam seus homens, Paulo Soares era seu agente de confiança, investigador jovem, porém muito perspicaz e bom de tiro, já estivera em situações semelhantes inúmeras vezes.

- Paulinho, como estão as coisas?
- Está ruim Dr. Urtizes, tentei contato com alguém que se apresentasse como líder da rebelião, mas não consegui nada, parece que eles estão discutindo entre si, somente falaram que existem três mortos e que houve briga entre dois presos, o faxina e o boieiro, o outro parece que já estava doente e morreu, não sei se antes ou depois.
- E o fogo?
- Eram só colchões colocados na grade do pátio, aliás, o gradil apenas caiu, eles provavelmente abriram a gaiola e foram até a viúva, o carcereiro viu a tempo e fechou a porta-forte o que impediu a fuga, a situação parou por aí, mas não estamos certos pois não temos condições de ver.
- Viu se alguém está armado?
- Eles gritam que sim, não dá para ver pela vigia da porta-forte, não ouvi tiros, mas acho provável.
- Por quê?
- Um dos presos falou que o plantão era limpo, ou seja, entrava o que queria e que a carceragem era de portas abertas, permaneciam sempre abertas em face da superlotação, isto é o de praxe. Deste jeito seria muito fácil a entrada de armas, este DP me cheira mal, tem coisa errada aqui.
- Também não me cheira bem, quando tem um plantão sujo, que não deixa passar nada, a coisa é mais fácil, mas pelo que ouvi a coisa era tão liberada que o carcereiro só percebeu a rebelião quando já havia fogo.
- É isto aí. O que vamos fazer?
- Eu vou fazer, vou até a porta-forte.
- Tem certeza doutor? Não é seguro ainda.
- E não será nunca.
- O Delegado Urtizes saiu da barricada e foi até a porta-forte, não havia ninguém na vigia mas ele percebeu o movimento intenso por trás, gritou alto.
- Aqui é o GOE, quero falar com quem manda.
- Eu mando.
- Urtizes viu um rosto jovem, no máximo vinte anos, um pato-boy pensou, este não lidera porra nenhuma, estão é querendo me testar.
- Não falo com cinco e quatro, quero falar é com ladrão de verdade, se manda fedelho. O rosto fez uma careta e ia começar a xingar quando alguém o empurrou de lado.

– Eu estou mandando, meu nome é Chiclete e o que eu disser que faço eu faço.

– O que vocês querem?

– É o seguinte doutor, aqui a gente é muito maltratado, não tem lugar para todos e cada vez mandam mais gente, tomamos choque, apanhamos e tem gente aqui já condenada e sem ir para a Casa de Detenção, queremos remoção, boi consertado e socorro médico.

– Tem morto aí?

– Teve briga de dois presos, um matou o outro e se matou, virou geral e então não deu mais para segurar, tem um outro cara lá no seguro que virou presunto, mas não tem nada com a gente não, quando abrimos o seguro o cara já estava muito mal.

– Não posso providenciar tudo agora, vamos voltando para as celas e arrumando o lugar que não sobra para ninguém, sem esculacho.

– Qual é doutor, que vai sobrar vai sobrar e se a gente volta não ganharemos nada, queremos o juiz corregedor.

– É de madrugada, nós nem sabemos onde está o homem.

– Não me engana não doutor, se chamar vem, vem que eu sei.

– Vou ver o que posso fazer.

Urtizes voltou para a barricada improvisada pensando que fora fácil demais, nada saía do padrão, estas últimas rebeliões pareciam caso pensado, uma ou duas mortes por briga entre os próprios presos, alguma negociação, a remoção de uns ou outros, parecia seguir um padrão.

A desconfiança de Urtizes era justificada, o método utilizado pelo PCC para espalhar-se tinha este defeito, era igual, mas apenas motivava desconfiança, ninguém invadia uma carceragem porque os próprios policiais tinham medo de serem acusados depois de abusivos, o risco político era muito grande e já tinham havido condenações por causa de invasões, se algum preso apresentava um hematoma sequer era caso de sindicância. Urtizes ainda pensava em como seria possível, caso a violência se espalhasse, conter uma onda de indivíduos perigosos sem poder sequer reagir contra eles, sem atirar, sem jogar uma granada de efeito moral, ou seja, os presos podiam destruir à vontade, até matarem-se, mas se a polícia interviesse de um jeito ou de outro, os policiais seriam responsabilizados e penalizados, por causa disto não haviam mais invasões e as negociações eram o único remédio, e como ele era um bom negociador era Urtizes sempre chamado para apagar o fogo, de tanto fazer isto, contudo, começou a perceber uma certa repetição que o inquietava.

Foi para o andar superior, que era o térreo, e usando um rádio avisou a Central de Comunicações para entrar em contato com o juiz corregedor, tudo caminhava bem, algumas remoções, uma ou outra concessão e tudo estaria bem, foi quando avistou um Mercedes-Benz adentrando o pátio da delegacia e parando bruscamente, a porta abriu e Sforza desceu do carro, logo atrás o que pareciam ser dois investigadores, um alto e magro com mãos grandes e outro mais baixo e corpulento, ambos chegando com uma viatura do Distrito.

- Oi Urtizes, já vi que você estava de plantão.
- Nem tanto Sforza, agora estão sempre me chamando.
- São os dotes de advogado, o que está acontecendo?
- Sua cadeia está rebelada, provavelmente três mortos, todos detentos, mas não fazem grandes exigências, penso que todo esse baraco aconteceu mais por causa de briga de presos.
- Três mortos? Você sabe quem são?
- Não ainda, ninguém entrou lá e eles não falam.
- Algum dos mortos era mulher?
- Mulher? Você está louco? Você misturou a carceragem?
- Calma aí, não é nada disto, fiz um flagrante de uma traficante e antes de removê-la para um DP feminino veio a rebelião.
- Nenhum dos presos falou nada sobre mulher.
- Bem, vamos invadir e botar ordem na casa.
- Não é o caso Sforza. As exigências são razoáveis, não há necessidade, bastam algumas transferências, se invadirmos e levarmos em consideração que os presos podem estar armados pode ser um massacre.
- Está com medo?
- Não estou com medo, mas não sou burro.
- Burro uma bosta, quantos homens você tem lá embaixo negociando?
- Oito no total, o Paulinho Soares na chefia.
- Vamos descer para ver.
- Certo, mas não vai adiantar.

Ambos os delegados desceram do térreo para a carceragem, a barricada improvisada continuava, os investigadores do GOE atentos e aguardando qualquer movimento, os amotinados aparentemente mais calmos após a conversa com Urtizes.

– Senhores, sou o Delegado Sforza, o titular deste Distrito Policial e nós vamos entrar, vocês têm granadas? É jogar a primeira e entrar atirando, cuidado com o seguro, é onde estão os presos de altíssima periculosidade (Sforza era muito convincente quando mentia), aguardaremos tão-somente a descida de outros investigadores do DP que estão chegando e entraremos juntos com o GARRA.

– Desconsiderem esta ordem, o Dr. Sforza é delegado titular deste DP, mas o titular do GOE sou eu e esta operação é minha, a responsabilidade é minha e vocês responderão a mim somente!

– Urtizes! Não se atreva, já existem três mortos, quantos outros você quer antes de se convencer a agir? Eu assumo a responsabilidade total!

– O que você assume é problema seu, estes policiais são do GOE e obedecem a mim! Você quer um massacre? São muitos os presos!

– Atira em quem está na praia que o resto se acalma.

– Já estão se acalmando, basta um pouco de negociação.

– Estas mortes são sua culpa Urtizes, se você tivesse entrado antes não haveriam cadáveres!

– Estes cadáveres já existiam antes que eu chegasse, você que deveria cuidar de sua carceragem, ao que parece você está decidido demais a entrar, quer esconder alguma coisa ou pegar alguma coisa?

Sforza sentiu vontade de matar Urtizes, se estivesse na frente apenas de seus homens talvez entrassem em luta, todavia, ao lado da barricada, estavam cerca de oito homens muito bem armados, todos leais a Urtizes, e num confronto eventual ele levaria a pior, pensou em uma alternativa.

– Pois bem, fique aqui negociando, tomarei minhas providências.

– Faça o que quiser.

A idéia de Sforza era simples, primeiro dispensaria os homens do GARRA e dos DP's, enfraqueceria Urtizes que ficaria com menos homens, depois chamaria toda a equipe conhecida e desceria para a carceragem, ali forçaria a entrada com ou sem o apoio dos homens de Urtizes, porém, quando a porta-forte fosse aberta, atirar seria uma questão de sobrevivência e não de opção, os homens de Urtizes se alinhariam com os seus instintivamente e a coisa ia rolar.

– Vocês aí do GARRA, podem ir embora, a negociação está feita, o resto deixa para o GOE e o DP que a gente resolve.

– OK doutor, o senhor tem certeza? O cara do GOE acabou de passar apressado e não parecia tudo zero bala.

- Você me conhece? Sabe quem sou?
- Sim Sr., Dr. Sforza, o senhor é o delegado titular.
- E de quem será a responsabilidade?
- Do senhor, doutor.
- Então tchau, mas se vocês querem ficar e precisam entrar, fiquem à vontade.

Sforza tocara num ponto nevrálgico, terminando a rebelião e se houvesse um preso com um pequenino ferimento que fosse, os policiais seriam processados administrativamente, como ninguém gostava de correr tal risco, a ordem de Sforza foi mais do que bem-vinda, as equipes do GARRA, total de vinte homens, foram embora uma a uma, a mesma ladainha deu-se com as viaturas dos DP's, mais oito homens, total final: vinte e oito homens a menos para Urtizes, agora era só aguardar a chegada de Castanheira e os investigadores de sua confiança e poderiam fazer a invasão, Urtizes querendo ou não.

Enquanto isto, Paulinho saíra da barricada e fora até o banheiro, por engano entrou na sala do andar superior com a placa "banheiro" e depa-rou-se com a sala onde estavam os fios descascados e o pau-de-arara, supôs então que este era um dos motivos da rebelião e desceu correndo para avisar Urtizes, no caminho porém viu petrificado as viaturas de apoio do GARRA e dos DP's próximos saírem do pátio da delegacia, se antes corria, agora praticamente voava pela escada à procura de Urtizes.

- Doutor, doutor, eu achei um pau-de-arara e pior, o apoio foi embora.
- O quê? O apoio foi embora? Com ordem de quem? Desculpe, já sei por ordem de quem... o que você disse? Pau-de-arara?
- É isto aí chefe, no andar superior.
- Depois resolvemos isto, agora temos uma rebelião para cuidar, quantos homens nossos temos aqui?
- Doze, contando comigo e com o senhor.
- Vamos subir.

No pátio estavam Sforza e um grupo de investigadores, estes eram do DP e de confiança dele e já totalizavam nove, praticamente o mesmo contingente que Urtizes deixara no DP.

- Pare com isto!
- Ora, ora, agora a situação inverteu-se, antes era eu contra você e sua turma, agora é o contrário, eu soube cair fora, você também deveria saber o seu lugar e quando dar o fora.

– Eu sei o meu lugar e não vou dar o fora, eu os previno de que tenho autoridade nesta situação.

– O DP é meu, quem manda aqui sou eu e minha autoridade prevalece nesta hipótese, os investigadores estão sob minhas ordens e se eu decidir entrar eles vão entrar. Vamos!

Sforza e os investigadores saíram do pátio e foram até o térreo, ele dispôs os homens em círculo e passou a explicar o que queria.

– Muito bem, vamos agir assim, o pessoal do GOE é tudo viadinho e estão com medo, nós desceremos, jogaremos uma granada de efeito moral e avançaremos contra a porta, os caras do GOE ficarão paralisados um instante pela granada e quando derem por si a invasão já terá começado, segundo o treinamento deles, automaticamente os seguirão e entrarão no DP, vamos entrar atirando primeiro para o alto, enquadraremos os caras e se alguém reagir mandem bala, lembrem-se estamos no estrito cumprimento do dever legal. Na liderança irão Dedo e Tainha.

Dedo e Tainha já haviam combinado que o primeiro mataria a Gorda e Tainha ficaria com Brina, ambos usavam facas pontiagudas, não haveria tiros, deveriam dar várias facadas para parecer briga de presos e terem cuidado para não se sujar de sangue.

O grupo desceu a escada e encontrou-se com o pessoal do GOE; entre os grupos parecia correr eletricidade estática e estavam mais perto de brigarem entre si do que invadirem uma carceragem.

– Muito bem, eu sou Dr. Sforza e comandarei pessoalmente a invasão, estão todos prontos?

– Sinto muito, você não fará isto.

– Cale a boca Urtizes, sou eu que mando nesta bosta!

– Eu acho que não.

Sforza virou-se e atrás dele estavam Urtizes e um oriental baixinho, de terno, rosto avermelhado, descartou-o como algum auxiliar de Urtizes, achando o porte físico insignificante.

– Estou me lixando para o que você acha, darei a ordem e todos irão obedecer-me.

– Não irão não. Disse o baixinho.

– Quem é você? Como se atreve a questionar-me? Vê se cresce cara!

– Vou desconsiderar sua fala face ao seu notório descontrole emocional, Dr. Sforza.

– Bem, devo apresentá-los – disse Urtizes. – Você sabe Sforza que como negociador sempre devo acionar o juiz corregedor para possibilitar a remoção dos presos.

– E daí Urtizes? Já disse que não haverá remoção, nós mesmos vamos cuidar disto, não precisa chamar ninguém e que ninguém meta o bedelho no que estou fazendo.

– Bem, devo-lhe apresentar o juiz corregedor, Sua Excelência Dr. Leandro Matsushita.

Sforza sentiu um balde de água fria, calou-se, depois sentiu uma raiva intensa e os investigadores, tanto os do DP quanto os do GOE deram leves sorrisos, até Tainha não conseguiu disfarçar. Dedo foi o único que manteve o ar cadavérico de sempre.

– Muito bem Dr. Sforza, minha autoridade aqui se sobrepõe à do senhor e à do Dr. Urtizes, este já me deu as informações necessárias e eu mesmo cuidarei das negociações.

– Veja bem Excelência, o Dr. Urtizes é um excelente profissional, quero lembrar todavia que já ocorreram três mortes aqui e a inércia não condiz com a situação, a necessidade de invasão é urgente antes que outros morram!

– Dr. Sforza, concordo em um ponto com o senhor, o Dr. Urtizes é um excelente policial, no resto o senhor está enganado, as mortes ocorreram antes do GOE chegar aqui, aliás, o seu carcereiro somente percebeu a rebelião no último instante e por pouco fechou a porta-forte, a inércia me parece ser sua, mesmo porque, ao que consta, o doutor deveria verificar regularmente o estado da carceragem e me parece ainda que o motim começou com briga de presos, me parece ainda mais, que somente após o GOE ter chegado os ânimos se acalmaram, será impressão minha ou toda vez que menciono sua conduta a coisa piora?

– Dr. Leandro, Vossa Excelência pode ser o juiz corregedor, mas nada lhe dá o direito de criticar-me.

– Tem razão, desculpe-me, se alguma ilegalidade ocorreu aqui será o Ministério Público quem irá apurar, de qualquer forma, nada de invasão, nada de armas e nada de mortes, eu vou falar com os presos.

– Vossa Excelência então que me dê licença.

Sforza saiu batendo os pés, os investigadores calaram-se e reassumiram as posições, os homens de Sforza assumiram outra posição atrás do GOE e permaneceram quietos, a derrota do chefe fora evidente, agora passariam a noite ouvindo conversa de preso.

Com os dentes rilhados de raiva Sforza subiu ao pátio e acendeu um cigarro. Percebeu então como era vulnerável e como sua situação não era tão segura como parecia, concluiu então que deveria ampliar a base de poder, mas como? Soube pouco depois que alguns presos seriam transferidos, os cadáveres seriam deixados na porta-forte para serem retirados e em seguida todos entrariam nas celas, muitas viaturas do GOE começaram a chegar com reforço para a revista dos presos, tudo indicava estar terminando bem. Sforza então pensou que seria muito bom que pelo menos Brina e Gorda estivessem entre os mortos e não estava totalmente errado.

Após o fogo, Sabonete, com um pequeno instrumento, abriu as portas da gaiola com os colchões queimando e se desfazendo pelo gradil, este parecia que caía, porém apenas criou uma pequena abertura, insuficiente para todos, foi porém a habilidade manual de Sabonete que conseguiu a mágica de abrir a gaiola, ganhando o terreno terminaram definitivamente na porta-forte, como estava previsto por Russo, voltaram então para examinar a situação de cada um que estava no seguro, para sua surpresa havia um casal, a mulher era uma gorda quase desfalecida e Russo determinou que não a tocassem, o outro era um cara atlético que parecia muito machucado, Sabonete estranhou e foi vê-lo, estava morto. Brina não sobrevivera aos choques de Vasconcelos e tivera aparentemente um ataque cardíaco. Russo logo percebeu o que ocorrera e a sevícia policial, utilizando Brina como exemplo passou a dizer em alto e bom tom que o PCC jamais admitiria este tipo de tortura e isto era um exemplo para todos, da proteção que precisavam e da violência com que eram tratados. Neste ponto a morte de Brina fora benéfica para seus fins. Com a chegada do juiz corregedor o acerto ficou evidente, como já negociara com o mesmo juiz no COC antes de vir ao 222ª DP, as negociações foram feitas pela janelinha, através de Chiclete, o que ninguém viu do lado de fora era que Chiclete simplesmente repetia o que Russo ao seu lado determinava que dissesse, nem mais, nem menos. Com a madrugada chegaram os caminhões de transporte de presos, os chamados bondes na gíria e as remoções acabaram ficando acertadas tal como o planejado. Chiclete e Goró foram para a Casa de Detenção, seriam eternamente agentes do PCC, os outros cinco que ajudaram também foram removidos inicialmente para o COC e depois iriam para qualquer Colônia Penal Agrícola, o DP receberia algumas reformas e os bois seriam consertados e postos em boas condições de funcionamento. Antes, porém, os corpos foram tirados pelo caminhão do IML e levados para autópsia, a *causa mortis*, riu-se, era mais do que evidente e os peritos médicos não teriam muito trabalho. Os presos restantes voltaram para as celas, como as portas não fechavam foram apenas amarradas até que a perícia técnica chegasse, como os corpos haviam sido jogados na viúva e o local não fora preservado os

indícios seriam nulos, um novo faxina e um novo boieiro foram escolhidos, desta vez por Russo, o domínio do PCC era completo. Durante a madrugada, enquanto Russo tratava das negociações através de Chiclete, Sabonete e os demais explicavam aos outros as regras que seriam impostas pelo PCC, a droga seria trazida pelos parentes dos presos em rodízio, vagas e remoções seriam conversadas primeiro com o representante do PCC, os presos também receberiam benefícios e até advogado dependendo do caso, haveria o máximo respeito e cada um devia chamar o outro de irmão, a venda de cigarros e drogas seria restrita e feita somente através do PCC, seria organizado um Comitê encabeçado por Russo que determinaria o que poderia e o que não poderia ser feito, com o tempo as regras seriam melhor explicadas. Depois da remoção tudo acalmou-se, os presos voltaram às celas, e seguiu-se a rotina de sempre, os presos foram mantidos de cuecas no pátio, sentados no chão com a cabeça nos joelhos e o GOE realizou uma revista minuciosa nas celas, localizou as armas, jogadas em um canto, ninguém assumiu a responsabilidade, os cadáveres de Brina, Dentinho e Simão foram removidos pelo IML, Sforza determinou a abertura de inquérito policial, por ele presidido, para a total apuração dos fatos e o DP quase voltou à rotina normal.

Sforza já conformado voltara para casa, desmarcara o encontro com Caveirinha e Jorge Dias Velho e remarcou-o para o dia seguinte, novamente deitara, de certa forma estava satisfeito, a morte de Brina fora-lhe útil, relembrou então da conversa que tivera com Tainha ao sair do DP, este o procurara e mencionou estranhamente um informante novo a quem poderiam aliar-se.

- Dr. Sforza, gostaria de falar-lhe já que estamos apenas esperando.
- Fala logo.
- Fiz contato com um cara, um informante, o nome é Carlinhos Maracanã, é um receptador de mão cheia e conhece muita gente, sabe de muito apontamento (indicação para prática de roubo ou outro crime) e está por dentro de tudo, especialmente carga.
- Carga é? Quem é o informante?
- Ele quer falar com o doutor, gostaria de apresentá-lo.
- Ele é muito safo?
- Bom para cacete.
- Vamos vê-lo, primeiro a gente vai conversar.
- Quando o doutor quer que eu o traga?
- Me dá uma semana, tenho que fechar o negócio do Caveirinha, aí a gente fala.

– Pode deixar chefe, não vai se arrepender.

A conversa não saía da cabeça de Sforza, um informante profissional poderia ser muito útil, pelo menos até tornar-se descartável, até onde o levaria? Roubo de carga dava muito dinheiro e o 222º DP era um ponto estratégico. Bem, primeiro resolveria o problema maior depois pensaria no resto, adormeceu sorrindo.

V – O ACERTO – PEDÁGIO

Finalmente chegara o dia do acerto entre Sforza e Caveirinha. Para o encontro no prédio de escritórios onde Jorge Dias Velho mantinha sua banca de advocacia, cada qual tomou suas precauções, ninguém confiava em ninguém, Sforza acionou seus principais homens de confiança, Dedo com as costumeiras pistolas semi-automáticas cal. 45, desta feita com munição especial, Tainha não levaria a escopeta e optou por uma pistola cal. 9mm de origem tcheca, dotada também de mira laser, levava também uma novidade, uma pistola semi-automática cal. 22, porém com um silenciador perfeito e munição especial, a idéia seria a utilização sem que tiros chamassem a atenção no prédio; o prédio de escritórios ficava no Centro Velho, na Av. Liberdade, ao lado do Fórum Cível, defronte a uma banca de jornais que ocupava quase toda calçada e fazia os passantes espremerem-se na passagem, local ideal para um tiro com silenciador. O prédio possuía um átrio de mármore bege e ao lado duas livrarias que vendiam artigos de papelaria e livros jurídicos principalmente, do outro lado da avenida existia um prédio público, da Procuradoria-Geral do Estado, onde às vezes realizava-se o atendimento a pessoas carentes e uma pequena agência bancária com um caixa eletrônico 24 horas voltado para a esquina. A avenida era muito movimentada durante o dia, especialmente quando havia atendimento ao público na Procuradoria e quase sempre garis da Prefeitura limpavam a calçada defronte ao prédio e nas esquinas. Além de Dedo e Tainha, seus homens de ação, Sforza levou também Vasconcelos e Castanheira, este último ganhando cada vez mais a confiança do chefe, eles ocupavam uma pick-up cinza com vidros dotados de *insul-film*, impedindo que passantes pudessem enxergar a eventual existência de ocupantes, na pick-up estava o armamento pesado, uma metralhadora Uzi, duas escopetas cal. 12 e o xodó de Tainha, sua novidade, quatro granadas holandesas antipessoal modelo V-40, duas delas haviam sido apreendidas na casa de Gorda e duas outras Tainha conseguira no mercado negro, o *black* das armas,

certificara-se de serem eficientes e as guardara para uma ocasião especial. Vasconcelos e Castanheira serviriam de apoio em uma eventual fuga precipitada, a pick-up fora escolhida especialmente por suas características, sendo um modelo grande, com tração 4x4, que facilmente passaria por cima do canteiro e deixaria Castanheira com bom ângulo de tiro, já que sendo alta permitiria uma boa visão.

Sforza chegou para o encontro igualmente com uma perua tipo Blazer, azul escura, também de vidros pretos, motor potente e um requisito que a fazia especial: era blindada. Chegaram Vasconcelos e Castanheira, o primeiro dirigindo, estacionaram do outro lado da avenida e aguardavam. Permaneceram observando um longo tempo, havia quatro garis trabalhando defronte ao prédio da Procuradoria do Estado, ao lado do local onde havia estacionado, dois outros na outra calçada arrumando o lixo, nada que chamasse a atenção quanto a isto, exceto que um dos garis era um negro enorme e corpulento, quase uns dois metros, que ficava do lado da pick-up, junto a ele um cara de fuinha e outros dois, do outro lado nada que chamasse a atenção nos dois garis, o movimento de passantes era intenso e Vasconcelos olhava com atenção redobrada, ninguém sabia como era o rosto de Caveirinha, este nunca havia sido preso, e muito menos sabiam como ele chegaria até o prédio, efetuaram nova checagem e via rádio avisaram a Sforza que o local estava livre.

Sforza aguardava o chamado com a Blazer parada a algumas quadras de distância, Jorge Dias Velho providenciara que defronte ao prédio haveriam vagas guardadas para seu carro e o de Caveirinha, cones de plástico haviam sido colocados pelo zelador e Sforza rapidamente chegou ao local, a Blazer não chamaria tanto a atenção quanto o Mercedes-Benz, ademais, era compatível com sua situação financeira “legal” e caso algo desse errado e fossem surpreendidos o veículo não lhe causaria problemas. Logo que chegou percebeu a pick-up estacionada do outro lado da avenida Liberdade, viu os garis e examinou o movimento de vaivém das pessoas procurando alguém que permanecesse no mesmo lugar ou que fosse e voltasse constantemente, nada viu, não gostou do porte físico de um dos garis, o tal negro muito alto e forte, porém este varria o chão concentrado e, ao mesmo tempo, empurrava um carrinho de lixo, às vezes via-se um ou outro gari rindo do tamanho do colega, Sforza não gostou, nada porém chamou-lhe a atenção, quando aproximou-se dos cones saiu do prédio um sujeito magro e de barba, com jaleco de zelador e símbolo do prédio e apressou-se em tirar os cones para que Sforza estacionasse o carro, mais uma cortesia de Jorge Dias Velho, sempre se admirava como o advogado cuidava dos detalhes mais sutis, estacionou o carro e desceram os três.

Embora já tivessem examinado as calçadas de dentro do carro, a saída era sempre tensa neste tipo de negociação, Tainha e Dedo exami-

naram a todos novamente enquanto Sforza e o homem de jaleco entraram no átrio do prédio, neste instante Dedo e o gari negro trocaram olhares, foi só um instante, porém ambos sentiram que cada qual era mais do que parecia.

– Qual é a lança Dedo?

– Olha o gari negrão, grande demais para ser gari.

– Nada, está varrendo na boa, você é que não está acostumado a ver gente do seu tamanho, se fosse assim eu deveria estar desconfiado de você sempre.

– Vamos lá, vamos revistar o negrão.

– Está louco, o chefe já entrou e deve estar subindo, se não ficarmos juntos ficará puto, vamos embora.

Tainha empurrou Dedo que, a muito contragosto, entrou no prédio ainda lançando um esgar de olhos para o gari, este primeiro sustentou o olhar de Dedo e depois abaixou a cabeça e metodicamente continuou a varrer a calçada.

Sforza esperou os asseclas com impaciência, acompanhado do zelador, não deixou passar despercebido a gafe dos dois.

– Estão esperando o ET, ou o que foi, hein? Eu não disse para ficarem sempre juntos? Não têm cabeça não? Esqueceram os neurônios em casa?

– É o Dedo chefe, encrespou com o negrão que está varrendo a rua do outro lado.

– Também não gostei, mas não é nada, o cara está do outro lado e nem pode fazer nada com tanta gente na calçada.

– De qualquer forma não gostei dele mesmo, quando sair vou dar uma geral nele.

– Vai nada porra, temos de sair rápido, sem dar chance para o azar.

O zelador aguardara Dedo e Tainha e perguntou se todos iriam ao escritório do Dr. Jorge, chamou o elevador e quando a porta abriu sentou-se num banquinho de ascensorista e apertou o botão do andar do escritório, Sforza virou-se e perguntou abruptamente:

– Você está aqui há muito tempo?

– Sim senhor. – disse o zelador.

– Conhece o Dr. Jorge?

– Muito bem doutor, ele é muito humano e ajuda o pessoal aqui, manda cesta de Natal, presente de Páscoa, quando vem gente importante como o doutor para o escritório dele a gente até dá uma força e leva até lá.

– E aquele gari? Está sempre por aí?

– Olha doutor, ali é a Procuradoria do Estado e hoje foi dia de atendimento, a calçada fica muito suja e sempre mandam este negrão porque ele dá conta do recado.

– Viu Dedo – disse Tainha –, se manca cara.

O elevador abriu e deu para um corredor com piso de granito cinza e iluminação fluorescente, todos desceram e foram até a porta do escritório, Sforza tocou a campainha apenas por formalidade, pois o corredor era dotado de circuito interno de televisão e a secretária de Jorge via tudo muito antes de alguém chegar até a porta, esta demorou-se apenas um minuto para justificar o toque da campainha e todos, inclusive o zelador, entraram no escritório.

O escritório possuía uma pequena ante-sala onde estava uma secretária, defronte à porta, ao lado direito, uma sala de espera com livros e revistas, do lado esquerdo outra ante-sala maior, que dava para um corredor, nesta ante-sala maior estavam três secretárias aparentemente teclando furiosamente alguma coisa, cada qual em um computador, o corredor era relativamente estreito, do lado direito de quem entrava havia uma porta de vidro com a inscrição biblioteca em dourado, a porta de vidro servia também para impressionar os clientes com a quantidade de livros que ali existiam e chamar-lhes a atenção para a erudição dos advogados que ali trabalhavam, do lado esquerdo uma sala de reuniões com uma mesa grande e várias cadeiras, seguindo-se no corredor ficava do lado da biblioteca um escritório relativamente grande e ocupado pelo advogado sênior do escritório, o Netinho, do outro lado mais quatro escritórios, todos amplos, embora não tão grandes quanto o de Netinho, ocupados pelos advogados juniores, ao final do corredor à direita e à esquerda dois banheiros, à frente uma nova ante-sala com uma secretária, muito bonita, aparentemente de ascendência chinesa, alta, com seus trinta e sete, trinta e oito anos, saía curta, ar de seriedade, era a secretária particular de Jorge Dias Velho e zelosamente velava pela tranquilidade do chefe, ao seu lado esquerdo uma pequena saleta, duas mesas e dois rapazes, aparentemente office-boys, esperavam, dois capacetes de motoqueiros em cima das mesas, chaves e duas capas, no lado direito uma janela com uma vista da avenida Liberdade, atrás uma porta trabalhada em madeira maciça e o escritório do Dr. Jorge Dias Velho.

Quando Sforza, Tainha e Dedo entraram no escritório, o zelador aguardou um pouco e novamente tocou a campainha, a porta abriu-se

imediatamente e o zelador adentrou no escritório passando a passos largos pela secretária e entrando no corredor do escritório. Neste instante a porta do escritório particular de Jorge abriu e os policiais, delegado à frente, entraram.

O escritório de Jorge Dias Velho utilizava móveis coloniais e couro, mesmo porque deviam (e faziam) lançar um aspecto de sobriedade e respeito, os móveis foram entalhados por sua encomenda e determinação, a mesa era ampla e com gavetas num nível um pouco mais alto que o resto, havia também uma mesa de reuniões com seis lugares, cadeiras grandes, um sofá e do outro lado outra mesa de trabalho, um pouco menor, com um computador com um terminal na mesa maior e um na mesa de reuniões, na mesa de trabalho grande havia também um monitor além do ligado ao computador, este monitor recebia imagens do lado de fora do escritório, do corredor, da sala de reuniões e da biblioteca alternando-se, lá estava sentado Jorge que com a entrada dos policiais desceu da poltrona e foi em direção a Sforza cumprimentando-o.

– Dr. Sforza, satisfação em vê-lo, na última oportunidade nossa conversa foi breve, sobre um conhecido comum.

– Realmente Jorge (deixou propositadamente de usar o doutor, a autoridade era Sforza, quis deixar claro, Jorge era um mero intermediário), mas acho que esclareceremos tudo hoje, e nosso amigo comum já chegou?

– Acho que sim.

A porta do escritório abriu-se por um momento e o zelador entrou.

– Dr. Jorge, como está?

– Muito bem, muito bem, deixe-me apresentá-lo ao Dr. Sforza. Dr. Sforza este é um antigo cliente meu, a pessoa que quis encontrar, conhecido pelo apelido de Caveirinha.

Sforza sentiu o golpe, nada exteriorizou porém, Dedo também não, Tainha todavia traiu-se e xingou baixinho, a situação era simples. Caveirinha os surpreendera, enganara todos os policiais e assim o fazendo demonstrou que tinha a situação sob controle, que o golpe de Sforza contra Brina e Gorda não o afetara, que possuía meios de atraí-lo, enganá-lo e, sem dúvida, que poderia surpreendê-lo novamente, quem garantiria que não haveriam soldados do tráfico numa tocaia que pudessem surpreendê-lo tal como Caveirinha o fazia agora? Quem seriam os seguranças de Caveirinha? Ele se apresentou sozinho, era coragem, estupidez ou esperteza? Qual era seu gatilho de segurança? O próprio Jorge? A atitude respeitosa recíproca denotava na verdade intimidade de

velhos amigos? Tudo passou de uma vez só na cabeça de Sforza, porém este não se traiu, sequer piscou.

– Dr. Sforza, o encontro é só entre nós dois, seus dois investigadores podem esperar lá fora. Tem medo de mim? Com todo este tamanho? Aliás, podem me revistar antes de sair, estamos em solo sagrado, escritório de advocacia é como igreja, um santuário, longe até dos ouvidos mais atentos da lei, como aliás o doutor bem o sabe já que escolheu aqui o local de nosso encontro.

– Podem ir, permaneçam juntos entenderam?

Dedo e Tainha entenderam, deviam avisar Castanheira e Vasconcelos que o esquema estava furado e que eram alvos visados, ambos murmuraram um cumprimento a Jorge e cruzando olhares com Caveirinha, o qual, divertido, apenas observava o ar sem graça dos policiais que se diziam malandros e experientes.

– Pode falar Dr. Sforza, sou todo ouvidos.

– Tenho dois dos seus.

– Uma, o outro morreu pelos choques de seu escrivão.

– Mentira, ele morreu na rebelião!

– Não me engane delegado, eu sou da rua também, não preciso de prova e nem de sentença para saber o que aconteceu.

– Calma senhores, estamos em um escritório de advocacia, temos interesses comuns, a iniciativa da reunião partiu do Dr. Sforza, delegado, o doutor deve fazer proposta. – Apaziguou Jorge.

– Muito bem Caveirinha, você percebeu o prejuízo que lhe posso causar, em pouco tempo eliminei seu maior ponto de distribuição e identifiquei outro.

– Outro? Eu sei que a Gorda pode ter falado muito, mas ela nada sabe, não venha com mentiras.

– Ponto do Pezão, esquinas da viela sete com nove, na sua favela.

Desta vez foi Caveirinha que não demonstrou a surpresa, não porque Gorda tivesse falado, mas porque sua lei era simples, ninguém devia ir atrás do outro, ninguém deveria conhecer o outro, se tivesse que entregar que entregasse o que tinha e não o que era de outro; Gorda porém quebrara a lei e mantivera contato com Pezão, este também não lhe falara que contatara Gorda, dupla traição.

– Muito bem, tem razão, pode falar.

– Não vou usar discurso de proxeneta, se viciado quer se drogar que se foda, sua alternativa é uma, quero um pedágio, semanal, uma porcentagem de toda droga, de qualquer tipo, vendida na minha área, em dinheiro, dólares de preferência.

– E por que eu faria isto?

– Porque senão vou arrebentar sua rede sempre que me der na veneta, uma hora ou outra você vai cair.

– E por que eu não te mataria?

– Primeiro porque você não sabe se pode, se me matar outros delegados irão atrás de você, é uma questão corporativa, depois porque é bom negócio, em troca do pedágio eu garanto que não será incomodado, não vai ter tira atrás de seus vendedores, se soubermos de alguém do DENARC na região você ficará sabendo, se vier uma batida geral você ficará sabendo, mais ainda, qualquer concorrente seu entrará na lista negra.

– Não tenho concorrentes na favela.

– Mas tem no asfalto, liquidando os traficantes médios da região os viciados não terão outra saída e sabendo que a favela é mais segura irão atrás de você, seu negócio aumentará.

– Uma cracolândia privatizada. Você está querendo dizer...

– A palavra é boa, privatizada entre nós.

– Pagamento em dinheiro?

– Dólares, meus investigadores farão a coleta num ponto que determinaremos.

– Mas se ninguém for preso na região e principalmente na favela seus superiores acabarão percebendo.

– Você sabe disto é? Não tem problema, para isto contamos aqui com nosso amigo Jorge.

– Qual é minha parte?

– Muito simples, todo mês Caveirinha indicará alguns de seus vendedores para boi de piranha, se ele quiser se livrar mesmo do cara que se foda, deixa ele ser condenado e você se livra de um problema, se não quiser, a prisão será no DP, o cara não vai para as celas, ficará no seguro, meus policiais de confiança farão o flagrante, quando estiver próximo do dia da audiência os mesmos policiais virão aqui e serão instruídos, o Dr. Jorge saberá como fazer com que apresentem certas contradições de

modo que não os considerem como falsos a ponto de serem responsabilizados, mas que sejam suficientes para uma eventual absolvição, se a barra pesar muito sempre haverá uma chance de fugir durante a remoção para outro DP que eu mesmo providenciarei.

– Você teve uma boa sacada, como vou saber que não me trairá?

– Você é meu lucro, se eu te trair o prejuízo maior é meu. Vou lhe dar uma demonstração de boa vontade, devolvo cerca de 500 gramas da cocaína que apreendi com a Gorda, o resto teve de constar do flagrante e uma parte foi o custo da operação.

– Está louco? – Jorge Dias Velho não se conteve, seu rosto avermelhado de raiva – Trouxe cocaína até meu escritório! O risco que estamos correndo é enorme, desapareça com isto agora, entendeu, agora!

– Calma Dr. Jorge, calma, vi seus dois office-boys do lado de fora, sei que são homens do Caveirinha, deixe que levem a droga.

Desta feita foi Caveirinha que ficou contrariado, o golpe do zelador fora bem bolado e dera muito certo, pôde perceber, não contava porém que o delegado matasse na hora que os office-boys de Jorge eram em verdade dois de seus melhores soldados, recebeu o recado de Sforza, ele também sabia o que estava fazendo e não se intimidava fácil.

–Tudo bem, vou pensar em sua proposta delegado, e a parte do Dr. Jorge?

– Um percentual pela negociação que estamos fazendo e remuneração por cada cliente indicado por você, isto é um problema entre vocês, eu não tenho nada com isto.

– Vou pensar.

– Vai pensar nada, já passou muito tempo, teve a rebelião e as audiências para o caso da Gorda já vão começar, se quiser tratar seu pessoal com este esquema que comece agora ou que se foda.

O intuito de Caveirinha era apenas ganhar algum tempo antes de começar a pagar o pedágio, este, aliás, lhe parecia ser um bom negócio e de qualquer forma não estava em condição de empreender uma disputa com policiais, não agora.

– Feito delegado, como vamos livrar a Gorda?

– Isto é com o Dr. Jorge, amanhã os três policiais que participaram da ocorrência estarão aqui, serão orientados e aguardaremos o julgamento, até lá deverá ficar presa, removida para uma carceragem feminina e não sofrerá mais nada.

Caveirinha pegou o pacote da droga e abriu a porta da sala de Jorge, que a tudo assistia impassível, chamou os office-boys e entregou a cocaína, em seguida voltou-se para os dois.

– O trato está feito, não haverá mais nenhum contato pessoal entre nós, o Dr. Jorge fará a ligação, os honorários dele serão pagos por nós dois.

– Concordo, os detalhes acertaremos depois, especialmente “quanto”. Sem dizer mais nada Caveirinha levantou-se, despediu-se secamente e saiu da sala.

Ninguém perguntou se Jorge Dias Velho aceitaria a proposta ou não, em verdade o advogado não estava em condições de negar qualquer coisa, a simples admissão e testemunho da negociação entre o traficante e o policial já o comprometia e estava claro que o interesse maior era o retorno financeiro enorme que teria, seu percentual seria negociado e se já ganhava bastante defendendo os homens de Caveirinha, muito mais agora, quando receberia uma comissão pela intermediação, estava satisfeito.

– Delegado, agora que o Caveirinha se foi, diga-me, como sabia que os office-boys eram soldados do tráfico?

– Na verdade tive apenas uma impressão, eu te conheço e sei que é vaidoso, se houvessem mesmo dois office-boys eles ficariam ao lado da secretária na entrada e não defronte à sua sala, sei que gosta de certo *status* e dois motoqueiros do lado da porta do gabinete efetivamente não combinam contigo.

– Muito bem, aplausos.

Sforza foi acompanhado por Jorge até a saída do escritório, Dedo e Tainha, tensos, esperavam perto da entrada, no final do corredor, e não gostaram da demora do chefe quando da saída de Caveirinha, os office-boys haviam saído em seguida e ambos de nada desconfiaram. Desceram pelo elevador e Sforza viu apenas um faxineiro no átrio, não existia zelador, saiu do prédio e viu que Vasconcelos e Castanheira haviam movimentado o veículo, entrou na Blazer e juntamente com Dedo e Tainha saíram apressadamente do local, a pick-up os seguiu imediatamente, os garis de Caveirinha já haviam deixado o local, tudo retornou ao cotidiano, como sempre.

Já no Distrito Sforza, Vasconcelos, Dedo, Tainha e Castanheira reuniram-se no gabinete do delegado e ouviram com atenção.

– Que isto lhes sirva de lição, Caveirinha é liso, não é como os coiós com que estão acostumados, sabe o que faz, os garis eram homens dele com certeza e muito me espanta que vocês não tenham percebido os office-boys.

– O Tainha não quis que eu detivesse o negrão, aquele gari não me enganou, meu faro estava mostrando, não tem problema chefe, a gente vai se cruzar de novo e eu vou ver o tal negrão pelas costas.

– Ô Dedo, a culpa não é minha só não, ninguém sacou a do zelador e nem dos boys.

– Calem-se, amanhã vocês estarão no escritório de Jorge para serem orientados no caso da Gorda, a coleta começará na semana que vem, inicialmente irão em três, Dedo, Tainha e Castanheira, vão armados e prontos para tudo, se passar o primeiro momento o resto é fácil, podem sair, menos Tainha, quero falar com você.

– Pois não chefe?

– Chame seu informante, o tal Carlinhos Maracanã, se ele fizer um apontamento de roubo de carga a gente faz a lança, mas só se ele tiver alguma coisa boa, se não tiver nada nem precisa aparecer.

– Pode deixar chefe, eu falo com ele, não vai se arrepender.

Quando todos foram embora Sforza sorriu largamente, os negócios estavam indo efetivamente muito bem e nem ele pensava que o progresso seria tão rápido, o capital de que precisava estava quase completo e cresceria ainda mais com o acordo feito com Caveirinha, seu objetivo final porém era outro, queria ser mais do que um policial, obter imunidade que lhe desse segurança, assim como o membro mais ilustre da família Sforza que já fora deputado estadual, para isto precisava mais do que só dinheiro (que estava conseguindo) precisava de prestígio, de poder político, mas como? Ficaria de olho, a oportunidade viria com certeza, afinal, se existia um lugar onde não havia santo era na política.

VI – ROUBO – A BATIDA DE CARRO

Depois de consertados os estragos da rebelião, Adriano Del Tessio voltou a concentrar-se no caso dos roubadores, chamou Demétrio, Romeuzinho e Priscila e passaram a discutir os resultados.

– Demétrio. Conseguiu alguma coisa?

– Olha doutor, falei com os PM's que atenderam as ocorrências, eles estão patrulhando a região toda hora, mas é só dar um cochilo que os caras assaltam de novo, quando recebem a notícia do roubo eles fazem um cerco em todas as saídas da avenida e param todos os carros, olham

o porta-malas etc., falei que a gente suspeita de outro carro com uma mulher e eles concordaram, só que aí seriam três homens e uma mulher no carro e isto chamaria a atenção, mesmo em um carro maior, nesta circunstância eles desconfiariam, mesmo sendo um carro bom, alguma coisa está errada, além disso, pedi que ao final do dia comunicassem todos os roubos ou furtos de carro para que ficássemos de olho em um que fosse utilizado para a “batidinha”, eles me olharam como se eu fosse um louco e disseram que nem eles conseguem descobrir, são dezenas por dia, impossível qualquer controle.

– Romeuzinho.

– Fiz o percurso várias vezes, as saídas que os PM’s cercam são as maiores, mas existem algumas vielas e outras ruas que desembocam na avenida, o controle não é absoluto, ademais existem muitos galpões na região e prédios também, eles podem facilmente aguardar no lugar até que o cerco termine.

– Bom, pelo menos a chegada à avenida pode estar bem explicada, eles devem ser do bairro e conhecer a região, usam estas entradas mas não sei, vejamos bem, eles sacam dinheiro de caixas eletrônicos e para isso devem passar pela avenida principal, não existem caixas eletrônicos nas ruelas, pode ser que cheguem até a avenida por elas, mas eles passam pelas barreiras, isto é certo. Priscila?

– Falei com as vítimas nas casas delas como o doutor pediu, descobri que somente um dos roubadores estuprou, os outros, quando muito, fazem alguma gracinha com a mulher, agora uma coisa nova posso acrescentar, um dos três é homossexual.

– Bicha?

– Três das vítimas estão convencidas, elas ficaram abaixadas no chão do banco traseiro do carro, o cara tinha as pernas depiladas e usava perfume feminino, francês, bem caro, cabelos com gel bem curtos, todos com roupas fechadas no pescoço, como eles só roubam à noite, e sempre intimidam a vítima dizendo para ela não olhar, não se pode ter certeza absoluta.

– Não combina, um gay chama muito a atenção numa barreira.

– Mas doutor, aí pouca gente ia desconfiar.

– Não sei não, por que não falaram isto antes?

– Ninguém perguntou chefe.

– Mesmo assim é estranho, tenho uma idéia, mas para que funcione precisamos contar com você Priscila.

- Estou à disposição.
 - Topa ser isca?
 - Isca?
 - A idéia é a seguinte: a Priscila vai rodar durante a madrugada na avenida com um carro frio, nós vamos ficar por perto em outro carro e teremos outras viaturas da PM na região, não poderão ficar na avenida porque senão os assaltantes não vão aparecer, haverá um celular ligado no carro permanentemente e ficamos monitorando esperando o aporte.
 - Doutor, a Priscila não ficaria melhor com um rádio? O doutor sabe, celular nem sempre funciona.
 - Ora Romeuzinho, se no momento da abordagem eles perceberem o rádio matam a Priscila na hora, não teremos tempo de chegar, aliás, ela não vai levar distintivo, mas estará armada e nós estaremos por perto, as viaturas estarão em pontos estratégicos com postos em observação e a rota de Priscila será determinada.
 - Eu vou.
 - Não é obrigada, pense bem.
 - Eu vou, estes caras já fizeram demais, eu ouvi as vítimas, vou pegá-los. Quando será?
 - Acertarei os detalhes com o comandante da PM, amanhã, se der será amanhã à noite, nem virei ao plantão, estejam preparados.
- E assim foi feito, Priscila recebeu uma perua Santana Quantum apreendida de um traficante, escolheram a perua porque dificilmente tal carro é utilizado como carro frio por não ser tão ágil, ademais, parecia um carro bem família (esta a razão de ter sido utilizado para o transporte de drogas) e estava bem equipado, o que denotava um certo luxo, uma típica motorista classe média alta voltando de algum compromisso durante a noite ou um curso, sozinha, provavelmente já com receio de ser assaltada e que dificilmente reagiria, a presa ideal para qualquer crime. Priscila também usaria bijuterias apreendidas de um contrabandista, pareciam jóias verdadeiras e serviriam durante a noite, estaria bem vestida, o aparelho celular ficaria ligado no painel permanentemente, a companhia telefônica concordou em fornecer uma linha e um telefone, após certa insistência. As viaturas da PM ficariam longe uma da outra e seriam cinco, duas de um lado da avenida e três do outro, também Adriano e Romeuzinho estariam em uma viatura e Demétrio e Castanheira (este último muito a contragosto) em outra, total de sete viaturas, fora o carro de Priscila é claro.

Priscila deveria ingressar na avenida e percorrê-la integralmente em velocidade regular, obedecendo rigorosamente os sinais de trânsito, faria o primeiro percurso na direção bairro/centro, esperaria quinze minutos e voltaria em sentido inverso (centro/bairro) depois a cada meia hora faria um percurso completo. As viaturas permaneceriam rodando em perímetros determinados e próximas às entradas principais da avenida, em caso de chamada não mais do que cinco minutos bastariam para alcançá-la, o início da operação seria às onze horas e se estenderia até às 4:30 horas, depois disto o amanhecer estaria próximo e a tendência dos assaltantes era não atacar, o horário mais favorável para os assaltantes era pouco antes da meia-noite, já que poderiam fazer um saque em caixa eletrônico poucos momentos antes do bloqueio da mesma.

O primeiro percurso foi feito com evidente tensão, atenção redobrada, adrenalina no organismo, cada carro que se aproximava era um martírio para Priscila que já imaginava como seria feita a abordagem, ao final da primeira noite todos estavam esgotados. Veio a segunda noite e certo relaxamento ocorreu, já não havia susto, apenas cautela, vieram contudo a terceira, a quarta, a quinta, até que quase quinze dias depois os Policiais Militares já anunciavam sua retirada da operação, não dera certo, os assaltantes deviam ter percebido que todos estavam atrás deles e desistiram da carreira, Adriano contudo insistiu e muito embora tivesse convencido ao comandante que a operação deveria continuar, este reduziu o total de viaturas para apenas duas, as quais seriam somadas às duas ocupadas por Adriano e Demétrio. Priscila foi consultada se mesmo assim pretendia continuar e decidiu que sim, começou então um novo ciclo. Segundo o acertado ficariam apenas mais dez dias nesta rotina, caso nenhum roubo com estas características fosse anotado, seria dado aceito por todos que a quadrilha desmantelara-se e fugira ao perceber o assédio policial.

A rotina é o demônio da atividade policial, no oitavo dia, a 48 horas da operação ser encerrada, nem mesmo Priscila acreditava que a quadrilha ainda estivesse em atividade, por volta das duas horas dirigia a perua com a qual já se afeiçoara, e num trecho com certa movimentação reduziu a marcha para passar em uma lombada das muitas existentes próximas aos semáforos, sentiu então um leve tranco e olhando pelo espelho retrovisor sentiu uma súbita vertigem e o suor frio descendo pelo corpo, de um carro parecido com um Gol, descia um rapaz, bem vestido, boa aparência, exatamente com a descrição feita pelas vítimas, não teve dúvidas de que seria abordada, apertou a tecla do celular e horrorizada percebeu que com a batida algum fio se desconectara e a linha caíra, tentou discar desesperadamente até que o motorista parou do seu lado.

– Boa noite moça.

– Boa noite! – Priscila deixou de teclar o telefone, eis que se o rouba-dor percebesse simplesmente poderia matá-la e fugir, não poderia acelerar e fugir porque seria um alvo fácil, sua chance seria crescer em cima do marginal, fazer escândalo, chamar a atenção, cada minuto ganho daria tempo de sua ausência no telefone ser percebida.

– Ou melhor, não tão boa, o senhor parece que bateu no meu carro, não viu o obstáculo não? O que o senhor pensa? Quem vai pagar o prejuízo? Meu marido me mata.

– Calma dona, não amassou tanto, veja, só deu uma raspadinha.

– Eu não vou descer, o senhor que veja, vou acionar o seguro e avisar meu marido. Esta era a chance de Priscila acionar o apoio, havia ainda alguns carros passando, talvez ele temesse executar uma ação com possibilidade de ser visto tão facilmente.

Quando Priscila tentou pegar o celular viu que não seria tão fácil, antes que pudesse discar sentiu o cano do revólver cal. 38 na têmpora esquerda e a voz calma do rapaz.

– Desce, desce devagar e vai para o banco de trás.

Sem alternativa Priscila desceu, neste instante dois outros margi-nais desceram do Gol, carro que foi então abandonado, um deles foi para o banco traseiro do Santana junto com a policial e forçou-a a deitar no chão, o rapaz tomou o volante e a seu lado o outro rouba-dor remexia na bolsa de Priscila.

– Veja só Fernando, a piranha está armada.

– Armada?

– É isso aí, um cal. 32, revólver de mulher mesmo.

– Piranha desgraçada, Zezão dá umas porradas nela para amaciar que depois eu vou dar um trato.

Priscila foi imediatamente chutada por Zezão. Percebeu então o que ouvira de outras vítimas, perna depilada, cheiro de perfume, tentou olhar para o peito e os cabelos curtos do assaltante mas foi punida com um soco na têmpora que a tonteou.

– É isso aí Zezão, faz o que o Fernando falou, ele vai dar um trato nela depois.

– Cala a boca Nelsinho, onde estão os cartões?

– Estão aqui, para saque só tem um.

– Qual é Nelsinho, com esta porra de carro chique e só tem um cartão? Olha bem.

– É isto aí Nando, só tem um, esta vaca não trouxe os outros, Zezão, dá mais umas porradas nela.

– Pode parar Nelsinho, não quero tanto sangue na roupa, vamos até o caixa primeiro.

– Bem que você falou Nando, depois de quinze dias eles iriam parar de vir atrás da gente.

– A informação veio da favela do Caveirinha, Nelsinho, lá que eu soube que a polícia estava em cima, agora não tem mais ninguém, mais umas quatro lanças pelo menos vai dar para fazer.

– Pois é.

– Eu vou seguir a avenida, no final tem um caixa eletrônico ao lado de um posto de gasolina, ali a gente tira o dinheiro, eu mudo para o banco de trás para dar um trato na piranha e você guia.

– Falou!

Enquanto isto, Adriano e Romeuzinho estranharam a demora na chamada de Priscila.

– Liga para ela, avisa que vamos encerrar por hoje, bateu desânimo mesmo, acho que os PM's estão certos.

– Pode deixar chefe, se eles não caíram hoje cairão depois.

– Já conseguiu ligar?

– Está dando caixa postal.

– Ligue de novo.

– Estou tentando.

– Me dê o rádio. Demétrio, qual sua posição?

– No começo da avenida, sentido centro-bairro.

– Você viu a Priscila?

– Não chefe.

– Inicie a varredura, acho que pegaram ela, solte o aviso no rádio, o veículo procurado é a isca, levantem o cerco agora entendeu? Já!

– Certo, já estou saindo.

– Romeuzinho, avisa nossas duas viaturas de apoio, eles pegaram a isca, façam a varredura sentido bairro-centro, avise pelo rádio, sem sirene, sem giroflex, nada de assustar os caras. Vamos embora.

As viaturas saíram imediatamente e passaram a fazer varredura buscando identificar a “isca”, Priscila contudo já estava próximo do final da avenida no sentido centro-bairro, o mesmo onde Demétrio agora iniciava sua procura.

O carro isca parou ao lado do posto de gasolina, Fernando desceu do carro e foi até o caixa eletrônico efetuando o saque; Priscila fora compelida a fornecer a senha mediante mais alguns pontapés de Zezão. Quando voltou para o carro, Nelsinho assumiu a direção, Zezão foi para seu lado e Fernando entrou no banco traseiro, o carro arrancou e voltou para a avenida no sentido inverso, bairro-centro, quase ao mesmo tempo em que Demétrio chegava ao posto completando a varredura no seu sentido, as viaturas da PM ainda não haviam chegado e Adriano estava ainda no meio da avenida no sentido bairro-centro.

- Ô Fernando.
- Espera Nelsinho, vou dar um trato na vaquinha.
- Não sei não cara.
- Não sei não o quê?
- Já vi uma viatura da civil passando do outro lado.
- Civil? Tem certeza?
- Claro.
- E o nosso apoio?
- Está aí atrás, e se for uma tocaia?
- Mato a puta e a gente se manda, vamos de apoio.

Adriano neste momento recebia o aviso de que um veículo Gol com sinais de colisão fora localizado abandonado numa travessa da avenida, no obstáculo havia sinal de batidas com vidro na pista, o Gol estava com placa regular, mas era de outro carro, o chassi fora pesquisado e tratava-se de veículo furtado há menos de 24 horas, se antes tinha receio de envolver uma operação “aberta”, com viaturas utilizando sirenes, era evidente que a quadrilha estava agindo e que Priscila estava em maus lençóis, agora começou a sentir pânico, a localização da isca passou a ser prioridade para todas as viaturas policiais, quer militares, quer civis.

- Fernando, vou avisar o apoio, vamos trocar.
- Pode avisar Nelsinho, vamos levar a piranha também, a gente coloca ela no porta-malas.

Priscila estranhou quando o carro parou, foi forçada a sair e viu que o raciocínio de Adriano era correto, atrás estacionara um carro importa-

do, um Toyota Corolla, dourado, dirigido por uma mulher na casa dos vinte e cinco anos, loura, vestido de noite, voltou-se para seus captores e então percebeu porque passavam pelo comando sem serem molestados, o tal Zezão não era gay, muito pelo contrário, era uma mulher, magra, branca, cabelos castanhos curtos e utilizando um terno um pouco folgado lhe disfarçando os seios, sem nenhum pudor tirou o paletó, a camisa, vestiu uma blusa decotada e uma jaqueta, um pequeno colar de pérolas e colocou sapatos de salto alto. O disfarce era muito bom, todo mundo procurava três ou quatro homens ou, quando muito, três homens e uma mulher, qualquer tipo de combinação que levantasse suspeita, dois casais de amigos, um carro importado, vestidos de noite, fugiam completamente às descrições feitas pelos policiais, Priscila então sentiu medo, Fernando e Nelsinho a obrigaram a entrar no porta-malas do Corolla e o mundo apagou-se quando a tampa fechou, para Priscila restou apenas rezar.

O grau de desespero de Adriano dobrou quando recebeu a notícia de que o carro isca havia sido localizado, era o único meio de localizar Priscila, não se sabia agora que tipo de carro ocupavam, imediatamente determinou-se o cerco da região, principalmente no sentido bairro-centro, o que facilitou um pouco, mas isto nunca dera certo e se antes havia apenas um certo exercício de imaginação, agora era a vida da investigadora que estava a prêmio.

Parados em um bloqueio no final da pista bairro-centro, Adriano, Demétrio e Romeuzinho desesperavam-se.

– Vamos lá Demétrio, três caras e uma mulher ou quatro caras, avise os bloqueios, ninguém com esta disposição deve passar, ninguém.

– Eles já saíram deste tipo de situação antes chefe.

– Eu sei, eu sei...

– Vocês ficam falando sempre em três homens no mínimo, um pode ser viadão, a Priscila não falou que o cara estava depilado e usava perfume de mulher? Vamos avisar, não precisam ser necessariamente apenas três homens no mínimo, um deles pode ser bicha e vestir-se de mulher.

– Tu é uma besta Romeuzinho, jamais daria tempo para um cara mudar de roupa na rua.

– De tanto pensar assim é que ninguém os acha viu Demétrio? Se todo mundo procura três caras e uma mulher e não acha é porque alguma coisa está errada, ou não são três caras ou não é uma mulher.

O Toyota aproximou-se do bloqueio, o policial militar olhou para dentro e viu os dois casais, duas mulheres muito bonitas e dois homens,

nada anormal, pediu os documentos do carro, conferiu-os e nada havia de irregular, a carteira de habilitação do motorista era regular, o carro era bom, mas se fosse examinar todo carro bom que aparecesse ficaria meses por ali, liberou o veículo para passagem.

Adriano olhava cada carro que passava, pensava, até que retornou para a viatura onde Demétrio havia conseguido um café, inconformado, voltou ao bloqueio e perguntou ao PM.

– Nada anormal?

– Nada doutor, muito pelo contrário, tudo certinho, quando muito casais de namorados.

– Muito casal é?

– Não muito a esta hora doutor, mas vi dois casais em um Toyota agorinha, agorinha.

Adriano voltou para a viatura onde estava Demétrio, algo o incomodava, três homens e uma mulher, dois homens, uma mulher e um veado, quatro homens, tudo chamava a atenção, o que não chamava a atenção? O que o PM dissera? Tudo certinho? Casais de namorados?

– Demétrio, e se não forem três caras, e se o veado não for veado.

– Como é que é chefe? E os crimes sexuais? As vítimas disseram que só um estupra, mas os outros também aproveitam.

– Isto não quer dizer nada, na verdade pode querer dizer ou melhor ainda, podem nos fazer querer acreditar e assim terem a certeza de passarem nos bloqueios, dois casais estariam fatalmente fora das descrições de suspeitos e, pior ainda, há muitos à noite, ficaria mais difícil fiscalizar.

– Pode ser!

Adriano precipitou-se para a viatura, Demétrio seguiu-o, imediatamente passou o rádio para todas as viaturas, o alvo agora era definido, um Toyota dourado, ocupado por dois casais, acabara de sair da avenida no sentido bairro-centro.

Fernando, Nelsinho e as duas mulheres estavam aliviados, passaram pelo bloqueio esperando pelo pior.

– Nando, este esquema já era.

– Também estou achando, a Sílvia está verde e a Sandra branca, parecem bandeira de time de futebol.

– Cala a boca Nando, eu e a Sandra estamos fora, chegou, desta vez foi quase.

– Não sei não Sílvia, a Sandra sempre sentiu um tesãozinho na hora de comer as vacas.

– Mesmo assim acho que está ficando muito na cara, depois de mais de quinze dias e ainda estão aí? E sua informação da favela?

– Nunca falhou Nelsinho.

– Ô Nando, tem viatura atrás da gente.

– Sem neura cara, acabamos de passar pelo bloqueio.

– A viatura está atrás da gente cara, tem outra mais atrás, olha lá.

– Puta que pariu, é verdade.

– Vamos parar, vamos parar.

– Calem a boca suas bestas, temos vantagem neste carro, vamos correr um pouco.

A viatura que Nelsinho vira era ocupada por Adriano, mais atrás estava uma viatura da PM, quando o Toyota começou a fugir mais um rádio foi passado, agora as sirenes estavam liberadas, outras viaturas da região iniciavam o cerco, a interceptação era questão de tempo, nestes casos as viaturas que estão pela área da chamada ocupam pontos nas vias principais e aguardam a chegada do fugitivo que então é detido em um bloqueio ou simplesmente a tiros, o que é mais comum.

– Avisa as viaturas que não é para atirar, Priscila está dentro do carro.

– Já avisei chefe, mas acho que não vai dar não.

O projétil atingiu a sirene da viatura, enquanto Fernando guiava Nelsinho atirava contra as viaturas, duvidosamente algum policial deixaria de revidar, a perseguição contudo não estendeu-se muito, as viaturas da PM conseguiram fechar um cerco antes que os fugitivos pudessem chegar a uma saída da avenida, o choque seria inevitável, quando Nando viu o bloqueio freou o carro, perdeu o controle e bateu de lado em um poste, imediatamente os policiais fizeram a abordagem, as duas mulheres no banco traseiro estavam inconscientes, sofreram cortes profundos principalmente no rosto e na cabeça; Nelsinho quebrara a coluna e morrera, Fernando apenas teve ferimentos leves, Adriano abriu o porta-malas e retirou Priscila inconsciente, um braço quebrado, ferimentos generalizados, mas nada que causasse risco de morte, desta vez ela levava a melhor. O veículo pertencia, como apurado, regularmente a Nando, foram encontradas duas armas e seis porções de cocaína compradas na favela cujo domínio pertencia a Caveirinha. Havia também vários cartões bancários o que permitiu a identificação de várias vítimas que não

havia comunicado o roubo à polícia com vergonha da violência sexual a que foram submetidas.

A captura da quadrilha causou ampla repercussão nos jornais, contudo não era somente Adriano o protagonista dos noticiários, a figura de Sforza encontrava-se também estampada como o principal articulador e gestor das diligências que culminaram na prisão da “gangue”. Embora de início os policiais, principalmente Demétrio, Romeuzinho e Priscila ficassem inconformados com a fama imerecida, Adriano não deu muita importância ao fato, dentro da cúpula policial sabia-se exatamente como os fatos tinham acontecido e não parecia que Adriano desse muito crédito ao aparecimento no noticiário, ao contrário, aliás, da maioria, que buscava sempre que podia o maior espaço possível na mídia, dias depois, contudo, a rotina já voltara ao normal e o 222º DP continuava o mesmo.

VII – ROUBO DE CARGA – TECIDOS E ROUPAS

Neste período subsequente, após o acordo feito com Caveirinha através de Jorge e o aparecimento nos noticiários, tudo foi um mar de rosas para Sforza, mesmo porque tudo que previra efetivamente desenrolou-se como imaginado. Dedo, Tainha e Castanheira haviam voltado ao escritório de Jorge e este os instruíra no depoimento a ser prestado em Juízo, como os policiais já haviam passado por esta situação inúmeras vezes, pouco foi preciso treiná-los e no dia da audiência as lacunas e contradições sobre quem estava na casa de Gorda, em poder de quem fora encontrada a droga e a presença de outras pessoas bastaram para que o juiz a declarasse inocente, o esquema idealizado por Sforza funcionava otimamente e até Jorge perguntou-se como não tinha pensado nisto antes. Um dia depois do julgamento, Gorda já estava livre e voltava ao seu ponto na favela, embora ali não existisse mais base para a venda de cocaína. Por outro lado chegara a vez de Tainha intermediar o acordo entre Sforza e Carlinhos Maracanã, Cybele o enlouquecia e a cada vez pedia mais dinheiro, não sabia Tainha que as exigências de Cybele eram muito bem instruídas pelo próprio Carlinhos que logo percebeu a fraqueza do policial, como Tainha esperava também lucrar com o acordo de Sforza com Carlinhos sua pressa aumentara, o dinheiro que semanalmente seria pago por Caveirinha aos policiais ainda não começara a “entrar” e o acordo com o informante profissional seria mais rápido, sabia Tainha que a indicação de Carlinhos sobre quem prender traria lucro mais rápido e facilmente do que as demoradas negociações entre o delegado, o advogado e o traficante, pensava em algo mais próximo do

caso de Vanderlan, só que bem ampliado. O encontro fora finalmente marcado e logo após ao esmaecimento das notícias combinara-se o local, que seria no próprio Distrito Policial, numa demonstração de força de Sforza e submissão de Carlinhos, este aceitara pois entre seus pecados não havia a vaidade.

É claro que no dia do encontro Tainha acompanhava Carlinhos, ambos chegaram ao DP no carro do policial e subiram diretamente até o gabinete do delegado titular, no andar superior, Carlinhos logo viu que o gabinete do delegado era diferenciado, bem cuidado, os móveis antigos de carvalho haviam sido tratados, tapete vermelho, computador de última geração, ar-condicionado, telefone sem fio com secretária eletrônica, estante com livros, o policial sabia cuidar do que era seu. Quando Tainha apresentou o informante ao Delegado Sforza este não teve a reação que usualmente Carlinhos transmitia, apesar da aparência inofensiva, Sforza não subestimou Carlinhos, muito pelo contrário, tomou a atitude do informante como bem pensada, pois olhos denotavam certa vivacidade e não medo, experiência e não nervosismo, o informante parecia sobretudo seguro de si, muito embora sua postura submissa demonstrasse justamente o contrário. O delegado já vira pessoas assim antes e acautelou-se, ao contrário de Tainha não possuía fraquezas tão visíveis e nem era tão fácil de ser cativado, tomaria cuidado com tudo que dissesse.

Já Carlinhos também percebeu que Sforza não era uma pessoa fácil de ser cativada, pensara encontrar um delegado arrogante e metido a superior, supôs até que fosse tratado com desprezo, o que lhe complicaria o papel, evidentemente. O jogo de Carlinhos era demonstrar que podia ser útil como informante e ganhar a confiança do delegado para que pudessem obter vantagens mútuas, notoriamente a extorsão, não poderia parecer muito submisso pois caso contrário Sforza não lhe daria crédito e duvidaria de suas informações, também não poderia querer demonstrar ser mais esperto e conseguir mais vantagem que o delegado, não a ponto de suscitar uma sensação de perigo, notou porém que Sforza mostrava-se cauteloso e não desprezara, nem de início, sua apresentação, Tainha introduzira:

– Pois é doutor, este é o amigo de quem lhe falei, sabe de tudo que acontece na rua e pode ser muito útil para fazer apontamentos.

– De onde você veio?

– Do Rio, Dr. delegado, na época comecei como soldado do Comando Vermelho, depois quis montar negócio próprio e o comando tomou meu escritório, juntei uma grana por fora e comecei de novo aqui em São Paulo.

– E o que você quer?

– Ora doutor, sei muito bem como é o esquema aqui em São Paulo, não tem Comando Vermelho, nem azul e nem branco, mas sozinho eu não posso nada, sou comerciante de ouro e jóias e o Tainha sabe como trabalho.

– Não enrola, eu também sei que você sempre compra coisa boa e paga um preço um pouco maior, já vieram reclamar de você para mim.

– Pois é, mas o doutor concorda que quem paga mais é mais procurado, né? E quem é mais procurado sabe mais.

– Isto não discuto, o problema é o que você quer.

– É simples, eu faço os apontamentos, sei de muita coisa, só que sozinho não posso fazer nada, também não tenho como pensar ninguém e aqui em São Paulo não existe nenhum grupo do tipo Comando Vermelho que domine a área, do que a gente conseguir com o apontamento eu fico com pelo menos 20%.

– Não nego que a idéia seja boa, mas o que você pode me dar que eu já não tenha?

– Até agora vocês não conseguiram nada com o mercado mais lucrativo, o de roubo de carga, e olha que este DP tem em sua área duas grandes estradas e com muito movimento e muito roubo também.

– Já vi que está muito bem informado, são lavrados vários boletins de ocorrência de roubo de carga, fora o que as vítimas comunicam diretamente ao DIVECAR, na delegacia especializada. Até agora ninguém conseguiu identificar as principais quadrilhas. Só uma coisa não bate, se você passar a dica de cada roubo que intermediar em pouco tempo todo mundo desconfiará de sua condição de informante.

– Ora doutor, eu não passo apontamento do que trazem para mim comprar, não lido com carga grande, acontece que justamente estes caras que trabalham nestes grupos também trabalham sozinhos ou em outros golpes e nestes golpes é que eles vêm a mim, sempre sobra alguma coisa e sempre alguém fala demais, embora possibilidade sempre exista, não pode é ser sempre.

– Quero uma demonstração.

– 20%?

– 20%.

– Existe um comerciante na 25 de março chamado Zorin, ele tem lojas de roupas e tecidos aqui em São Paulo, Bahia, Pernambuco e Maceió, a jogada dele é a seguinte, ele compra roupas ou tecidos e combina a entrega e o pagamento com o fabricante, paga à vista na maior parte das

vezes ou parcela pouco. A data da entrega é combinada, bem como o local, um depósito que ele mantém perto da rodovia de forma que o caminhão necessariamente deverá passar por aquele trecho. Como o pagamento é adiantado, o depósito existe mesmo e o Zorin também é comerciante conhecido, ninguém desconfia, é então que ele, em contato com a quadrilha que usa para o roubo, avisa a data, o local e o horário aproximado da entrega, o doutor sabe, todo roubo de carga tem um informante no comprador ou na fábrica para avisar os caras quando e onde atacar. Bem, o caminhão está chegando e quando diminui para uma lombada é abordado, os caras rendem o motorista e os ajudantes e levam para outro carro, pegam o caminhão, rodam um pouco e vão para outro depósito, também do Zorin, onde fazem o transbordo, levando a carga de seu caminhão original para outros dois, levam a nota fiscal também, depois prendem os motoristas dentro do baú do caminhão e os abandonam em algum lugar bem longe. No caminho conversam um pouco e sempre dão uma dica para o pessoal da transportadora de que a informação veio da fábrica, já é combinado, e ninguém pegou o Zorin até hoje, mesmo porque também as cargas estão no seguro e as empresas não ficam no prejuízo, o único que se preocupa é o seguro, o Zorin varia sempre de fornecedor e de gênero e dá um bom espaço entre um golpe e outro, às vezes são várias carretas de uma vez só, outras não. Com a mercadoria roubada, Zorin utilizando a nota fiscal encaminha para suas outras lojas no nordeste e, esperto, cobra a entrega do fornecedor, como foi roubo este tem que mandar nova carga e aí o Zorin recebe tudo novamente, pudera, já recebeu quase tudo antes e de graça...

– E aí?

– Eu te dou o endereço onde o Zorin faz o transbordo e a data do próximo negócio, a gente deixa o roubo acontecer e espera a chegada deles no depósito, depois é render os caras e pegar a carga, aí a gente recebe ainda um pouco do que eles guardaram dos outros golpes e dá uma prensa no Zorin, ele vai pagar grana alta pelo negócio.

– E como vamos vender a carga roubada?

– Beleza, não é só o Zorin que age desta forma, tem outro turco lá perto que faz igual e este eu conheço e com ele faço negócio, caso não der, o próprio Zorin vai querer recomprar para amenizar o prejuízo e ficar com a mercadoria.

– Tudo bem, vamos armar o esquema, só que tem uma coisa, você vai junto com Dedo, Tainha e Castanheira, se der pau você já era.

– Não vai dar pau, pode crer.

– E para quando é?

– Em dois dias, uma carga de jeans, calças e camisas de grife, duas carretas.

– Certo, hoje você, Dedo, Tainha e Castanheira irão até o local do depósito fazer reconhecimento, depois quero uma idéia de quantos são os caras da quadrilha e como estarão armados, aí decido o que fazer.

– Sem problemas.

– Tainha, leve este cara até o local do depósito, vai com o Dedo e o Castanheira, discreto, usa viatura fria, nada aparente, dê uma passada e veja se vale a pena efetuar o aporte com o caminhão lá dentro ou fora.

– Fora é perigoso doutor, tem muita gente na área.

– Tudo bem Tainha, mas ninguém sabe como é lá dentro e que tipo de lugar eles têm, vão de qualquer forma.

Quando ficou sozinho Sforza ficou pensando quanto tempo passaria antes que este tal Carlinhos virasse um informante descartável, estava na cara que uma hora ou outra ele trairia, ficaria ambicioso demais ou simplesmente se tornaria um risco. Primeiro seria preciso ver até onde chegavam seus contatos e depois ainda se conseguiria tomar-lhe alguns, contaria com a experiência de Vasconcelos para isto. Carlinhos não percebeu que o Comando Vermelho tinha uma vantagem, ele era parte de um grupo, agora é free lance, está sozinho e vulnerável, bem, veremos até que ponto ele irá e se realmente poderemos ter um bom lucro, o roubo de carga juntamente com o tráfico (isso ele já tinha), o furto ou roubo de carros para desmanche, o roubo a bancos, e roubos de cargas são as grandes estrelas do crime, dão muito lucro e podem render mais ainda para os policiais que agissem da maneira certa, esperaria para ver.

Enquanto Sforza, Carlinhos e Tainha tinham sua primeira reunião, não muito longe dali Gorda tomava novamente seu lugar no ponto da favela que fora invadido por Sforza, não havia mais ninguém no local pois o ponto fora “queimado” pela ação policial, todo mundo sabia que a polícia tinha estado ali e não se arriscava a voltar. Após ter entrado na casa, recuperou parte do dinheiro da traficância que houvera escondido em um cofre falso, os policiais sequer procuraram e se assim o fizeram é porque tinham uma só intenção, quando saía da casa tomou um susto, dois dos soldados de Caveirinha a aguardavam, displicentes, tinham à mostra pistolas semi-automáticas.

– Oi Gorda, o Caveirinha quer te ver.

– O que ele quer? Não tenho nada.

Gorda não tinha medo, se Caveirinha a quisesse morta não teria pago o advogado, devia até agradecer a ele, só não entendia porque os soldados, bastaria que a chamasse.

– Não sabemos o que ele quer, mas você sabe que não pode continuar aqui, talvez tenha outro ponto para você, sempre trouxe muita grana para gente.

– Tudo bem, vamos lá.

O grupo entrou cada vez mais fundo na favela, em determinado ponto os barracos escassearam, havia um pequeno morro e um pouco de mata, era uma subida íngreme e o barraco de Caveirinha estava construído no topo, era na aparência um casebre de alvenaria, tinha porém dois subsolos e dispunha de todo o conforto possível, quase ninguém chegava lá. Caveirinha se utilizava sempre de intermediários como de praxe, Nego Zulu sempre cuidava de quem chegava perto do local e desta vez não fora diferente, o enorme guarda-costas estava na entrada do terreno juntamente com dois outros soldados, estes Gorda nunca tinha visto e não pareciam nada desleixados.

– Gorda, você está melhor? O chefe quer te falar.

– Estou, o que ele quer de mim?

– Só com ele, você sabe das regras.

Ambos entraram na casa, uma sala simples antes da entrada verdadeira e dos subsolos, mas Caveirinha ali estava, sentado em uma cadeira, não parecia perigoso e muito menos o chefe de tráfico mais bem sucedido de São Paulo, Gorda sabia das coisas, sentou-se defronte a ele em uma cadeira simples, idêntica àquela onde o líder estava.

– Gorda, você sabe das regras, pode dedurar qualquer comprador, quaisquer de seus vendedores, mas nunca o esquema, aliás, eu tinha lhe dito do começo que nunca deveria procurar outro ponto, ninguém deve saber do outro né?

– Eu não traí, o Brina já tinha falado tudo.

– Então como o delegado sabia do ponto do Pezão? Se cada um de vocês der com a língua nos dentes entregando o outro estaremos fodidos.

– Eu soube por acaso, foi um comprador.

– Foi isto ou você começou a vender mais barato na área dele?

Gorda ficou pálida, não havia dito isto a ninguém, somente Brina e os menores Pedrinho e Miguelzinho sabiam que estava vendendo para os compradores de Papagaio e tomando a área dele.

– Eu não vendi fora da minha área, eu não te dedurei, não falei nada, foi o putro do Brina, eu dava a droga para ele vender e ele ia vender em outro lugar, o putro está morto graças a Deus.

- Mas você falou para o delegado do Pezão, falou porque ele sabia.
- Foi o Brina, eu também fui torturada, ninguém agüenta muito tempo.
- Por que você foi ver onde era o ponto do Pezão?
- Eu não fui, eu não fui.
- É o seguinte, não tenho mais confiança em você, te dou um desconto pois aquele delegado não é fácil, mas aqui você não vende mais nada, não sabe mais nada, vai embora amanhã sem levar nada, eu não quero mais te ver, se voltar morre, está entendendo?

Antes que Gorda respondesse Caveirinha levantou-se e entrou pela porta que levava ao subsolo, Gorda olhou para Nego Zulu que colocando a mão em seu ombro simplesmente disse para irem embora, saíram da casa e se encontraram com os outros dois soldados que esperavam Nego Zulu, juntaram-se então a eles e começaram a caminhar, ao final do terreno que circundava a casa havia o matagal e agora lá estava uma mesa de madeira, provavelmente alguém iria comer alguma coisa ali, talvez os soldados fossem comer alguma coisa depois, quando passaram ao lado da mesa Nego Zulu puxou-a pelo braço, colocou a mão em seu pescoço e bateu seu rosto contra a mesa, doeu, mas Gorda agora esperava um espancamento, não seria a primeira vez, puta velha que era, e nem tentou esboçar reação, não viu quando um dos soldados entregou para Nego Zulu o facão, sua arma favorita, o facão faiscou no ar apenas uma vez.

Dona Zefa, a mãe de Vanderlan, tinha sua mercearia no bairro, próximo ao DP, depois do que acontecera, seu filho fora para casa de parentes no interior e tudo parecia acalmar-se, pagara o Dr. Rafael religiosamente e tocava a vida como sempre, embora sentisse, como a maior parte das mães, falta do filho; Vanderlan fora mandado para a casa de parentes no interior a fim de livrar-se das más companhias. Naquele dia, ao abrir a mercearia, notou que o orelhão defronte, onde haviam quatro aparelhos, parecia estar molhado, ou algo escorria pelo poste, a Telefonica ali estivera pouco antes e pintara os orelhões com aquela cor verde-limão esquisita, talvez alguma coisa dera errado. Pessoa boníssima, e também por curiosidade, foi em direção aos orelhões e se alguma coisa estivesse errada chamaria a Telefonica para o conserto. Chegou perto e viu que a tinta que escorria não era azul ou verde, mas vermelho escuro, quase preta, chegou mais perto, parecia vir do próprio aparelho, quando aproximou-se começou a gritar “Ai Jesus, ai Jesus”, correu em direção ao bar gritando por socorro. Sobre o aparelho telefônico, dentro do orelhão, estava a cabeça inchada da Gorda, decepada de uma vez pelo golpe de Nego Zulu, os olhos arrancados, as orelhas cortadas e colocadas ao lado do gancho do telefone, a língua ao lado da cabeça.

Dedo, Tainha, Castanheira e Carlinhos passaram pelas proximidades, viram o movimento e já as viaturas da delegacia de Homicídios, apenas deram uma olhada e viram a cabeça de Gorda agora no chão, sendo embrulhada pelos atendentes do Instituto Médico Legal, havia dois carros de reportagem também, seria notícia com certeza. Dedo e Tainha reconheceram Gorda de imediato, perceberam então que Caveirinha mandara seu recado, a cabeça colocada em orelhões não é uma ocorrência tão incomum, o recado era certo: ela falara demais, não devia ter visto, não devia ter ouvido, não devia ter falado, antes da noite toda favela saberia, mais uma vez, que ninguém podia desagradar Caveirinha.

A viatura fria era dirigida por Dedo, este seguia as indicações de Carlinhos, ingressaram assim na parte industrial do bairro, passaram por algumas ruas e em determinado ponto só havia fábricas e alguns galpões, sempre havia bares onde operários ou funcionários tomavam sua cachaça, em determinado ponto a rua estreitava-se e enquanto de um lado havia um bar, uma pequena mercearia e uma quitanda, do outro apenas um muro muito alto, quatro metros aproximadamente, todo amarelado, com um portão de metal pintado de cinza, onde havia uma guarita que se encontrava fechada, haviam também vários carros estacionados e pelo menos um caminhão, telefones públicos e ao final do quarteirão um jornaleiro, após a esquina o bairro já se tornava mais ameno e algumas casas podiam ser vistas, até aquele ponto só havia grandes galpões. Parara o carro próximo ao bar, Tainha e Dedo desceram enquanto Castanheira e Carlinhos permaneceram dentro.

– Vocês ficam aí, eu e o Tainha vamos dar uma olhada no galpão, pelo que a gente vê não vai dar para entrar, o lance vai ter que ser fora.

Dedo e Tainha foram para o bar, pediram uma cerveja e passaram a observar a entrada e saída de pessoas do local.

– Ô Dedo, era a cabeça da Gorda na frente do bar da Dona Zefa, não era?

– Era, aquilo foi um recado, para a favela e para a gente também.

– Para nós?

– Não sei como o doutor tem coragem de montar esquema com este cara, é muito perigoso, cedo ou tarde ele se voltará contra nós.

– O Sforza é foda, nunca perdeu uma parada, será que ele não pensou nisto?

– Quem sabe? Que o cara é inteligente é, montou um esquema daqueles, você lembra da audiência da Gorda? O advogado explicou o que deveríamos falar e deu certo, talvez não haja problema. Será bom para todos.

- Como vamos fazer para entrar no galpão?
- Simples, a gente espera o caminhão chegar e entrar, quando estiverem fechando entramos com tudo.
- Eles vão reagir.
- Vamos ver, vamos ver, quem sabe a gente consegue alguma coisa, de qualquer forma se interceptarmos o caminhão na rua eles vão reagir de qualquer jeito.

Foi neste instante que um indivíduo de pele morena, magro e forte, com cabelo crespo e curto entrou no bar, olhou para os policiais, trocou olhares com Dedo, e saiu correndo, os policiais levantaram-se imediatamente e sacando as armas correram atrás.

- Quem é este cara Dedo?
- É o Capetão, assaltante, já o prendi várias vezes, cuidado que ele é perigoso.

Mal os policiais saíram a primeira bala zuniu ao lado da cabeça de Dedo, Capetão saiu correndo do bar mas não continuou correndo, sabia que poderia ser alvejado pelas costas, ao contrário, atravessou a rua e escondeu-se atrás de um carro, olhou por debaixo e viu quando os policiais saíam, levantou-se e disparou contra a cabeça de Dedo. A sorte é que só atira na cabeça quem se acha bom e geralmente não é, um alvo pequeno e móvel a uma distância variável e em movimento não é a melhor opção, a escolha errada de Capetão deu mais uma vida a Dedo. Em casos deste tipo, ao contrário do que se costuma ver em televisão, os policiais dividem-se em dois, cada um tentando obter o máximo de distância do outro em sentidos completamente contrários, assim o fazendo conseguem maior ângulo de tiro e forçam o oponente a ter de se mostrar a um quando quiser atirar contra o outro, Tainha permaneceu na calçada do bar e passou a atirar sem parar contra o carro atrás do qual Capetão se escondia. Dedo atravessou a rua correndo, quase abaixado postou-se atrás de outro carro, cinco ou seis carros atrás de Capetão, este se viu dentro do esquema mais comum em um tiroteio, ficou em foco de dois atiradores opostos e mal podia mexer-se sem que um ou outro pudessem atingir-lhe, olhou para o portão de ferro com a guarita fechada e correu em sua direção, mirando e atirando ao mesmo tempo visou atingir Dedo, este voltou para trás do carro onde estava e foi aí que Tainha não teve perdão, atingiu Capetão com dois tiros, um no abdome, outro no tórax, ferimentos mortais, Capetão caiu e começou a tingir-se de sangue.

Castanheira e Carlinhos mal tinham visto o que acontecera. Castanheira chegou a sacar da arma e descer do carro, mas Capetão estava morto antes que pudesse fazer qualquer movimento, nem dois minutos se passaram antes que as sirenes da polícia militar pudessem ser ouvi-

das, em verdade os policiais sequer tinham sido chamados e estavam nas proximidades quando ouviram os estampidos, chegaram de armas na mão e estavam iniciando a abordagem dos investigadores quando o Sargento da responsável reconheceu Dedo, feitas as identificações, acionou-se o IML e a delegacia de Homicídios, em pouco tempo o local estava cheio de policiais, a versão de Dedo e Tainha era simples e foi aceita sem maiores questionamentos, estavam à procura do fugitivo alcunhado Capetão e tinham informações anônimas de que o meliante se encontrava escondido nas proximidades, foram até o local e estavam no bar quando viram e foram vistos por Capetão, o dono do bar confirmou que fora Capetão quem desfechara o primeiro tiro e a ocorrência foi levada ao 222º DP, o próprio Adriano Del Tessio atendeu a ocorrência e lavrou o boletim sob o título “resistência seguida de morte”.

Naquele dia os jornais noturnos tinham notícias do 222º DP, duas mortes violentas em menos de doze horas, primeiro uma cabeça que fora decepada barbaramente e depois um fugitivo que atirara em policiais, Sforza estava furioso, nada dera certo, a associação com Carlinhos começara mal, Tainha e Dedo foram espertos, nada disseram sobre o galpão e sequer sua intenção de vistoriá-lo, junto com Carlinhos concordaram que Zorin deve ter ignorado o fato e não tinha nenhum elemento que vinculasse a morte de Capetão com os roubos da carga, deveria manter o programa para daqui a dois dias, haveria tempo para mais uma campanha.

A campanha realmente foi feita, constataram que o galpão era ocupado por apenas dois dos “assaltantes”, na verdade deveriam apenas ser seguidores de Capetão, havia cerca de seis outros, num total de oito, os quais entravam e saíam sempre com veículos grandes, pick-ups principalmente, não ostentavam armamento pesado, mas era óbvio que o possuíam. Chegaram à conclusão de que ficariam próximos da rua, aguardariam o caminhão roubado chegar e entrar, esperariam o transbordo terminar e quando abrissem os portões para a saída dos caminhões seriam surpreendidos da mesma maneira como surpreendiam os motoristas. Agiriam com força máxima, Castanheira traria seu conhecido, o investigador Siqueira, todos estariam juntos: Sforza, Vasconcelos, Dedo, Tainha e mais quatro outros policiais de confiança de Vasconcelos, total de dez policiais contra oito roubadores, utilizariam o mesmo armamento que usaram quando foram encontrar Caveirinha no escritório de Jorge, inclusive as granadas que Tainha agora usava.

No dia do roubo tudo transcorreu como o planejado, as viaturas, todas frias, encontravam-se andando pelas proximidades, o roubo seria na hora do almoço (ao contrário do que se pensa, este tipo de crime ocorre à luz do dia) e a partir das onze horas todos estariam a postos,

Carlinhos estava junto, mas ninguém contava com ele em caso de tiroteio, estava até desarmado.

A viatura de Sforza era a única estacionada, o delegado aguardava com paciência a chegada do caminhão e notou quando finalmente dois caminhões apareceram pela rua e mal estavam se aproximando quando o portão abriu, sem que ninguém fizesse um sinal, demonstrando assim que os criminosos usavam rádio-comunicadores, o primeiro caminhão entrou, o segundo começou a entrar, mas não conseguiu ângulo para a curva, o motorista sem dúvida não era profissional, Sforza viu que todos estavam relaxados, ninguém parecia esperar resistência, através do portão viu ainda um veículo Mercedes-Benz, último modelo, estacionado no pátio.

– Atenção viaturas, vamos entrar, não vamos esperar nada, vamos entrar agora.

Falando isto emborcou a viatura antes que o portão fechasse atrás do segundo caminhão e de cara soltou uma rajada de Ar-15 para o alto, as outras viaturas entraram na rua pelas duas mãos e os policiais já descendo de armas em punho e avançando contra os assaltantes. Destes espantosamente ninguém reagiu, olhavam pasmados os policiais com as armas invadindo o esconderijo onde se achavam seguros. O motivo para o ataque súbito porém fora outro, quando Sforza viu o carro Mercedes estacionado soube que naquele dia Zorin deveria estar acompanhando o transbordo e se assim fosse a presa seria grande e dificilmente haveria resistência, tinha razão, todos foram presos e Sforza determinou que o lugar fosse revistado, efetivamente Zorin ali estava, para surpresa dos policiais dentro da cabine do primeiro caminhão havia poças de sangue, aparentemente um dos motoristas fora morto ou ferido, todos foram então levados ao 222º DP, Zorin foi colocado no corró, os demais, notoriamente criminosos experientes, foram encaminhados diretamente para a carceragem, no local determinado seguro, antes do pátio com os xadrezes. Sforza deixou a carga no próprio pátio do DP dentro dos caminhões, depois chamou Zorin a seu gabinete, o esperava encostado em sua mesa, quase de pé, era Vasconcelos quem trazia o preso algemado.

– Eu quero um advogado, isto é um abuso...

Sforza esbofeteou o rosto de Zorin, a força do delegado era famosa, novamente esbofeteou o rosto do comerciante, quando este recuperou-se socou-o no estômago uma vez, com força, Zorin sentiu o gosto da bile na boca e calou-se, mal podia respirar.

– Agora que tenho sua atenção, vamos discutir a situação. A carga você perdeu e era muito valiosa, estamos procurando o cadáver do moto-

rista, se o acharmos você deve saber que a pena mínima para latrocínio é vinte anos, tem mais formação de bando ou quadrilha, resistência...

– Que resistência?

Novamente Zorin foi esbofeteado, desta feita nos ouvidos e quase desmaiou com a pancada.

– Bom, fora a carga, você tem a Mercedes e pude notar certo patrimônio, em 24 horas quero um milhão de reais ou então é o fim para você.

– Um milhão? Impossível, não tenho isto em dinheiro, teria de vender bens...

Novo esbofeteamento, Sforza ergueu Zorin do chão pelo pescoço e sentenciou.

– Deixo você fazer as ligações que quiser, você tem advogado não? Talvez devamos falar com ele.

– Eu tenho advogado, e bom, Dr. Neto, do escritório de advocacia do Dr. Jorge Dias Velho, o melhor de São Paulo.

Sforza relaxou, estava em casa, seria simples, pegou o telefone, esticou-o para Zorin e disse secamente: – Ligue!

O delegado nada deixou transparecer, duas horas depois Netinho já estava lá, quando soube do caso e das circunstâncias, especialmente da localização do cadáver do motorista, não deu muito espaço para negociação, o acordo acabou firmado mesmo em oitocentos mil reais, quinhentos mil a serem divididos pelos policiais, Vasconcelos, Tainha, Dedo e Castanheira (o qual agora reconhecia-se membro da “elite” de Sforza) receberiam setenta e cinco mil reais cada um, os outros duzentos seriam repartidos entre os demais, bem produtivo para uma hora de trabalho, Sforza receberia trezentos mil reais, o acordo estava fechado.

– Muito bem Dr. Neto, acordo feito.

– Fechado doutor delegado.

– Resta mais uma coisa.

– Pois não?

– O Mercedes.

– Isto não estava no acordo, não pode virar a mesa agora, oitocentos mil já é dinheiro demais.

– E você não trabalha por pouco, quero o Mercedes, eu disse um milhão antes que o corpo fosse achado, agora tenho mais problemas.

- Zorin não irá concordar.
- Irá sim.
- Não se atreva a torturá-lo, desta vez não haverá transigência, não tolerarei violência.
- Nem será preciso, já acenei com vinte anos de prisão e ele concordou em pagar, o que é um carro agora?
- Falarei com ele, não prometo nada.

Tal como Sforza previra Zorin concordou em entregar o carro, valia pouco mais de duzentos mil reais, no mercado da receptação um pouco menos, o Mercedes seria o pagamento de Carlinhos, mais do que 20%. Sabia porém que uma vez na posse do carro, Carlinhos seria vulnerável, o carro era localizável e sempre poderiam fazer o vínculo entre Carlinhos e Zorin, mesmo porque Carlinhos deveria vender o carro para alguém e este alguém se localizado através do carro, traria a certeza de que Carlinhos estaria envolvido no roubo de cargas.

Quando Carlinhos percebeu a divisão do dinheiro e viu que sua parte não estava contabilizada foi bater-se com Tainha, este pediu-lhe que se acalmasse, receberia sua parte, foi então ao gabinete de Sforza.

- Dr. Sforza?
- Fala Carlinhos.
- Não quero ser rude mas e minha porcentagem? Nosso acordo é de 20% e eu não recebi nada até agora.
- E nem vai receber.
- Como? Eu fiz o apontamento.
- Calma, vamos até o pátio.

Ambos desceram até o pátio, Carlinhos desconfiadíssimo, foram andando até a Mercedes prata estacionada no pátio do DP.

- Muito bem, aqui está sua parte, você fica com a Mercedes, vale bem mais que os 20% dos oitocentos mil que tiramos do Zorin.

Carlinhos aceitou o carro a contragosto, sabia que o venderia por mais do que a taxa de 20% mas percebeu a intenção do delegado, tudo bem, venderia o carro no Paraguai a fim de não deixar vestígios e assim escaparia do risco, anotou porém que de agora em diante participaria mais diretamente da partilha do que recebessem. Na verdade tinha outros dois apontamentos, mas esperaria, pensaria muito antes de decidir o que efetivamente faria.

VIII – DISTRITO POLICIAL – A FUGA

Após a rebelião e as mortes no DP a carceragem sofreu modificações e que contrariavam até os interesses de Sforza, com a repercussão a própria delegacia geral determinou a remoção e punição de Leléio, novos carcereiros foram mandados e o delegado teve dificuldades em impor seu sistema de trabalho já que nem todos se mostraram dispostos a cooperar, quem de qualquer forma não compactuava diretamente com o esquema, ao menos não se posicionava contra ele e simplesmente obedecia estritamente ao que lhe era determinado. A própria situação da carceragem já era diferente, se antes havia o reinado de Leléio e a obediência à custa de tortura agora uma nova autoridade havia se imposto, o PCC soube impor-se e consolidou amplamente sua autoridade como dominante do sistema, a vantagem que tinham sobre os próprios policiais dava-se em função do fato de que o PCC era muito maior que apenas o 222º DP e tinha condições amplas de influenciar fatos, praticando crimes dos mais diversos, por toda São Paulo e até interior, para onde também se expandia. Como efeitos colaterais da dominação do PCC havia uma ordem interna muito rígida dentro do sistema sob comando, é óbvio, da própria entidade criminoso violência sexual, homicídios sem autorização e espancamentos encontravam-se estritamente sob o domínio e ocorriam apenas por ordem do PCC, o que no 222º DP significava Russo. O comitê por este formado como representativo dos presos era apenas um referendo para as decisões que este tomava, Mata-Mata, Pinga e Zoião continuavam dando cobertura e funcionavam como anteparo para Russo. A estrutura ficou assim delineada: cada preso em rodízio exigiria de alguém da família a entrega de maconha e cocaína por ocasião da visita, caso o preso não admitisse seria punido, porém tal entrega já antes era feita só que casualmente, o modo organizado contudo traria menos riscos já que a entrega seria feita cada vez por uma pessoa diferente, Russo já havia observado todos os carcereiros que atuavam no DP e sabia quais eram suscetíveis de suborno e quais eram mais rigorosos e que podiam, em algum momento, traí-los ou prender alguma das visitas, sabia que os carcereiros eram de certa forma coniventes com a entrega da droga, mesmo porque esta tornava a vida dentro do Distrito minimamente suportável e a ausência da droga implicava sempre em motins, violência e revolta, os carcereiros então faziam vista grossa para a entrega e somente caso percebessem uma quantidade incomum interviriam, mais por medo de serem descobertos e portanto pensando na própria pele do que propriamente para evitar o tráfico. É certo que o esquema não era perfeito e eventualmente uma ou outra apreensão era feita, neste caso era lavrado o flagrante de tráfico pelo delegado plantonista e Sforza nem tomava conhecimento (mesmo porque nem queria).

Neste sistema sempre havia um fornecedor, o traficante, a quem os parentes dos presos eram recomendados como “aviões”, ou seja, como mero transporte, as drogas eram pagas pelo próprio PCC diretamente ao tráfico e exigia, é claro, dinheiro, pago através das múltiplas atividades da organização criminosa fora dos presídios, fazendo a revenda para os presos e obtendo enorme lucro. Era claro portanto que o vínculo entre traficantes e presidiários tendia a estreitar-se. Afora a droga, o PCC também intermediava a entrada de armas na penitenciária, nos presídios e nas cadeias, ao contrário da droga, neste caso não se contava com a conivência dos carcereiros, exceto em raríssimos casos e mediante suborno substancial, novamente ninguém pensava propriamente na segurança do presídio, porém muito mais na própria pele e no medo de levar um tiro em uma rebelião. Fugas também era uma área abrangida pela atuação do PCC, cobrava preço determinado e providenciava alvarás de solturas falsos e remoções dentro do sistema penitenciário para locais onde a fuga fosse mais fácil, o resgate de presos era reservado apenas para os líderes do movimento e realizava-se da seguinte forma: removiam-se o preso para um DP com menores recursos e um grupo de soldados do PCC com armamento pesado e formado por criminosos experientes invadia a delegacia e imobilizava os policiais, libertava o preso que queriam e deixavam que os demais saíssem no “cavalo doido”, ou seja correndo em bando, a polícia então ocupava-se de todos os fugitivos e tinha de espalhar o patrulhamento favorecendo que o grupo já preparado se ocultasse em algum lugar próximo ou utilizasse algum expediente fraudulento, utilizando documentos falsos previamente produzidos, trocando de roupa, utilizando carros regulares etc. Contudo o resgate era muito raro, deixava os policiais enfurecidos e as conseqüências nem sempre eram boas. O maior mercado do PCC era a compra e venda de vagas dentro do sistema prisional, a partir do controle de funcionários da penitenciária e do próprio Judiciário, estes cediam a suborno e trocavam muitas vezes o favor por alguma droga a qual consumiam ou repassavam. Com o tempo o vínculo estreitava-se e em determinado tempo já não se distinguiam de outros membros do PCC, exceto pelo fato de estarem livres e possuírem outra profissão, é claro que também para eles valia a regra de morte como pagamento de traição, basta porém lembrar-se que caso fossem presos (mesmo que delatassem o esquema responderiam pelo crime) cairiam justamente no sistema penitenciário e portanto dentro da órbita do PCC, era claro pois que tinham motivos de sobra para manter a fidelidade. Fora do sistema penitenciário as atividades do PCC não fugiam do comum para qualquer organização criminosa, eram ligados ao tráfico mas não o exerciam propriamente, intermediavam o consumo para revender dentro do presídio mas não tinham fornecedores próprios, dependiam sempre do traficante para conseguir a droga. Dedicavam-se porém com muito afinco ao roubo, especialmente roubo a ban-

cos, também o furto e roubos de carros para desmanche era atividade lucrativa a que se dedicavam com certo êxito, contrabando de armas através do Paraguai ou outros países limítrofes era comum para manter a capacidade dos soldados do PCC fora do presídio. Os planos para os roubos partiam quase sempre de dentro da própria penitenciária. Um dos braços mais fortes era a presença e ativa colaboração de advogados, estes eram contratados “de partido”, ou seja, recebiam quantias fixas mensais para atuarem em favor do PCC, encarregavam-se especialmente das comunicações valendo-se das garantias legais que lhe eram reservadas, a colaboração chegava a ponto de efetuarem pedidos, por exemplo, os quais motivariam eventuais remoções a fim de justificar as vagas reservadas para o comércio do PCC. Providenciavam também o necessário amparo legal para a movimentação financeira, abrindo contas, aplicando dinheiro e utilizando-se o mais possível das mazelas do sistema financeiro que escapavam ao entendimento do PCC e da mesma forma que os funcionários do judiciário ao final de certo tempo confundiam-se como mais uma casta dentro da organização criminosa do PCC. O controle geral competia, como o já dito, a cinco membros da cúpula, um dos quais Russo, por ora no 222º DP.

Todavia, a situação do DP estava completamente sob controle. Russo aguardava então o passo seguinte, que seria seu retorno à Casa de Detenção e ao posto que ocupava no Comitê Central. Isto pelo menos era o que pensava.

Russo nunca recebia a visita de familiares, em verdade não tinha família, como muitos dos presos que se tornam institucionalizados e fazem da própria prisão seu ambiente de vida, o conceito de família aplicava-se muito mais à convivência e a posição como líder criminoso do que vínculos de parentesco ou afetivos, fora do sistema penitenciário e longe do PCC Russo não era mais que um criminoso comum, excepcionalmente dotado, é verdade, porém apenas mais um, já no sistema era um líder, uma voz de comando, com mais poder do que muitas pessoas sequer podem sonhar, muitas vezes decidindo vida e morte. Quando foi chamado para falar com seu advogado, que viera a pedido da família não estranhou, sabia a qual família se referia e sabia que algo muito importante estaria por acontecer, quem sabe outra rebelião ou coisa parecida, não gostaria de ficar mais tempo longe da Casa de Detenção, pois temia que outro tomasse seu lugar, o que ocorreria, mais cedo ou mais tarde, conforme admitia em seu íntimo.

O advogado que se apresentou era diferente dos usuais frequentadores do DP, não era um Rafael da vida tal como aquele que atendera a Vanderlan, ele chegou envergando um terno impecável como se fosse uma armadura e dizia implicitamente “sou bom e ganho muito”,

regra número um para o advogado que chega ao DP com o intuito de ganhar respeito.

– Muito bem Senhor Francisco Gonçalves Lopes Filho, estive analisando sua situação processual e penso que deva sair em breve, sua família está preparando uma proposta de trabalho para justificar o benefício e argumentar que uma vez livre terá condições de manter-se, quanto a salário e quantias ficarão por serem especificados.

– Quando receberei o benefício?

– Deverá esperar um pouco, existem ainda propostas a serem definidas, o pedido já foi feito por fora da própria rede COESP, receberá detalhes depois.

– Precisarei avisar alguém da minha família para que venham me pegar quando eu sair, estou sem dinheiro.

– Não se preocupe, está tudo arranjado, você é que deve decidir a saída, o juiz analisará também seu mérito pessoal, mas todo esforço será feito.

– Farei o que for preciso para tudo dar certo doutor, como farei para avisá-lo?

– Virei vê-lo com novidades em uma semana, espero que passe bem.

– Obrigado doutor.

Após a saída do advogado Russo pensou no que lhe fora dito, para qualquer advogado significaria exatamente o que se disse, um advogado comunicando a um cliente que fizera um pedido em juízo para o recebimento de algum benefício, estaria faltando uma proposta de emprego, mas a família estava fazendo todos os esforços, fariam o que precisasse, mas Russo deveria ter mérito próprio para que a decisão fosse favorável.

Traduzindo o que fora dito, a saída de Russo fora determinada pelo PCC, era claro que Russo não tinha direito a nenhum benefício, suas condenações excediam trinta anos, a mensagem fora para que Russo saísse do DP e portanto deveria providenciar a fuga, receberia auxílio externo, desde carros até um resgate se preferisse, embora soubessem dos riscos, quando o advogado mencionou que o pedido fora feito fora da rede COESP, ou seja, fora do sistema prisional, significava que a tarefa que teria seria com algum grupo ou pessoa fora do PCC, estava curioso, mas sabia que os detalhes lhe seriam passados depois, o importante porém é que Russo descrevesse como a fuga seria feita e depois o PCC tomaria todas as providências para que fosse feita com sucesso.

Existiam os meios clássicos de fuga, o primeiro era o escavamento de túneis, existia ainda a simulação de doença e a interceptação do carro que o levasse ao hospital por outro com membros de uma equipe de resgate do PCC, imobilizando os policiais e fugindo em seguida, ou ainda libertando preso na marra de dentro de hospital, visto que escolta dos presos era sempre pequena pela falta de efetivo e um grupo maior poderia facilmente render os policiais, este era de longe o mais perigoso. Havia outro jeito, o meio mais eficiente e menos arriscado de todos, o sonho de qualquer fugitivo: sair pela porta da frente. Para tanto, bastava que chegasse ao DP um alvará de soltura assinado por um juiz da Vara das Execuções Penais dando conta de que todos os seus processos estariam extintos por uma razão ou outra, somente depois que o carcereiro cumprisse veria que se tratava de um documento falso, embora somente uma análise específica ou até uma perícia fosse preciso para diferenciar do original. É claro que muitas vezes estes meios se conjugavam com outro tipo de seguro, o suborno dos carcereiros para que nada vissem até o momento final, depois era cada um por si e azar de quem ficasse por perto. Russo não queria uma rebelião, também nenhuma fuga violenta, primeiro porque a situação no DP estava consolidada entre os presos, mas os carcereiros não eram totalmente confiáveis e nem se sabia a reação que teria Sforza caso a fuga se realizasse sob suas vistas, ninguém precisava dizer que o delegado era pessoa perigosíssima e extremamente violenta, o risco era muito. Os tatus no 222º DP foram tantos que já havia um certo perigo de serem percebidos, na verdade o túnel era cavado e caso descoberto os policiais jogavam cimento na boca, os presos porém fariam outro mas não em toda extensão, apenas até passarem o cimento e poderem efetuar uma conexão com o túnel anterior onde já não houvesse cimento, em muitos Distritos o chão tinha mais túneis que qualquer labirinto. Restava a churrasqueira, a grade por cima do pátio e que dava para o telhado, após a rebelião a Secretaria de Segurança exigiu que a delegacia instalasse dispositivos sensores de calor pregados no telhado e próximos à churrasqueira, estes dispositivos eram comuns como em qualquer sistema de segurança e podiam ser comprados até em supermercados, eram células de infravermelho passivas sensíveis ao calor, quando detectavam o calor do corpo disparavam uma campainha, nunca ninguém mais preocupou-se com o gradil superior, todos achavam que a proteção da churrasqueira estava além da capacidade dos presos em fugir já que os sensores ficavam sob as grades voltados um para o outro, contudo sempre havia um “jeitinho”, estes alarmes eram feitos em Taiwan e os chineses não conheciam os presos brasileiros, pensou, anteriormente soubera de uma fuga através dos sensores, tentaria agora, subiria com uma corda até a churrasqueira, cortaria a grade com uma serra, conhecida na gíria como “jacaré”, por causa dos dentes afiados, sairia pelo telhado e desceria pela lateral onde um carro já o estaria esperando

com roupas e documentos falsos. Russo chamou então seu núcleo de comando, Sabonete, Mata-Mata, Zoião e Pinga.

– Estou de saída, Sabonete ficará na liderança por enquanto e vocês o ajudarão, mais algum tempo e voltarão todos para a Casa de Detenção.

– Vai ter rebelião?

– Nada Sabonete, vou embora liso.

– Como?

– Subirei até a churrasqueira com uma corda, cortarei a grade com uma serra e o resto vocês sabem.

– Loucura, os sensores estarão ligados, ou não?

– Vou com sensor e tudo.

– Só quero ver.

– Manera turma, preciso de vocês, vou de madrugada e ninguém deve perceber, cuidem para que haja silêncio, será um teste para nossa linha de comando.

– Não haverá problemas, estamos tranquilos e “na moral”, ninguém fará nada.

– Se alguém fizer algo vai se foder, avisem a todos os demais.

– Quando será?

– Ainda não sei, numa noite quente.

– Noite quente?

– Avisarei o pessoal de fora no dia.

– Como?

– Na visita, fiquem esperando.

Como era verão a noite quente de Russo não demorou, o aviso fora dado e a turma da externa já estava de sobreaviso do lado de fora, Sabonete estava muito curioso em aprender como passaria pelos sensores de calor e estranhou ainda mais quando ele começou a enrolar cobertores ao redor do corpo, em seguida retirou uma pilha de um rádio, amarrou um fio bem fino chamado pelos presos de “tia” e jogou a pilha para o alto diversas vezes até que desse uma volta na grade que os presos conhecem pelo nome de “pirulitos”; com o peso a pilha desceu com o fio, então Russo amarrou uma ponta do fio em uma corda feita com cobertores e lençóis e a puxou até que fizesse todo o percurso do fio, estava pronta a corda para fuga, a tão famosa “teresa”. Sabonete já conhecia o sistema

até aí, não atinava porém com os cobertores, coberto Russo ficaria mais quente e mais facilmente dispararia o alarme, a serra jacaré entrara fácil no dia da visita e quanto a isto não havia problemas. Russo finalmente abriu o jogo e pediu que fosse encharcado com a água fria que escorria do boi, foi molhado muitas vezes até que os cobertores ficasse encharcados de água, água muito fria que escorria pelo encanamento da carceragem e que foi absorvida pelos cobertores, estes dobraram de peso mas formaram um casulo gelado ao redor do corpo o qual, apesar da noite quente, já estava morrendo de frio. O sensor dispararia desde que o calor fosse próximo ao de um corpo, 36,5 graus centígrados, os cobertores fizeram sua temperatura descer. Como a noite estava quente o sensor também estaria menos sensível à variação da temperatura ambiente, por consequência Russo teria alguns poucos minutos antes que seu corpo transmitisse calor através das cobertas, nestes poucos minutos teria de serrar o gradil e sair até o telhado, não teria mais que dois minutos. Todavia usava uma serra de diamante nova, as grades da churrasqueira eram velhas e nunca se fizera manutenção, não esperava muita resistência, mas a fuga não era 100%. Foi assim que começou a subir rapidamente até a churrasqueira, antes recebera um abraço de seus comparsas e o desejo de sorte, os presos comuns haviam sido avisados que nada deveriam ver e se portaram como o esperado, ninguém nem sonhava em discutir uma ordem do PCC, mesmo porque a vida melhorara com eles. Russo subiu em pouco tempo até o gradil que cobre os pátios das delegacias e sacou da serra, neste momento entrou na área do sensor, qualquer um teria hesitado ao entrar na área do sensor, talvez até ido mais devagar, Russo sabia que movimento não tinha qualquer relação com a detecção e sim o calor e quanto mais tempo demorasse pior seria e se os cobertores não estivessem frios o suficiente tanto faria que fosse rápido ou devagar, o alarme dispararia de qualquer forma. Russo não pensou, travou contato com a grade e começou a serrar furiosamente, bastaria um pedaço que o vão já seria suficiente para passar o corpo. O primeiro minuto passou e quase metade da grade já tinha sido cortada, foi então que Russo começou a sentir-se mais a vontade e seu cérebro disparou, se não estava mais sentindo frio é porque as cobertas estavam esquentando! Redobrou os esforços e procurou acalmar-se pois sabia que a adrenalina também faria o corpo aquecer-se. Com dois minutos, o tempo previsto, faltava um pequeno pedaço da grade, o pirulito estava quase serrado, em pânico viu que o sensor emitia um leve piscar vermelho, o que indicava ter sentido o calor mas não o suficiente para acionar alarme, Russo então segurou a grade quase solta com um braço e outra grade boa com outro braço e soltou o peso em cima do braço que segurava a grade serrada, esta quebrou e quando ia cair Russo segurou o braço na grade boa e por um

segundo ficou pendurado em um braço só, a grade caíra, mas Sabonete inteligentemente percebera a manobra e junto com Pinga, Zoião e Mata-Mata conseguiram evitar que fizesse barulho pegando-a antes que atingisse o chão, novo flash de luz vermelha no sensor indicou a Russo que seu tempo esgotara-se, ele com força pôs os braços para fora do gradil e com um movimento ergueu-se, só não contava com os cobertores, o corpo do fugitivo passava fácil sim, mas tinha esquecido do volume dos cobertores e estes engancharam-se na ponta da grade. Russo não teve dúvida e desamarrou os cobertores, pulou, os cobertores caíram, passaram na frente do sensor e como entre eles e Russo havia certo espaço e os cobertores sozinhos não geravam calor o alarme não disparou. Russo deitou-se sobre o gradil resfolegando e permitiu-se um breve descanso, estava quase livre, esgueirou-se por sobre gradil e olhou para baixo, este era um dos momentos que mais temia, alguém poderia querer fugir pelo mesmo caminho e avançar sobre Mata-Mata e os demais, talvez outros o seguissem e o alarme dispararia com certeza, olhou para baixo pela última vez e gesticulou para que tivessem cuidado, e ninguém se atreveu a fazer nada. Arrastou-se então para o telhado com muito cuidado, tirou outra teresa que estava enrolada ao corpo e olhou atentamente para o lado de fora do DP, era madrugada e quase não havia movimento, era um bairro perigoso e estar perto de uma delegacia não significava nada, olhou até perceber do outro lado da rua uma Blazer azul marinho com vidros escuros, parada em uma transversal, ao lado dois casais conversando, reconheceu um dos rapazes como sendo um dos soldados do PCC e esperou até o movimento diminuir, jogou a corda e desceu muito mais rapidamente que subiu. Quando descia viu que os dois casais entraram na perua rapidamente e ligando o carro vieram direto em sua direção, achou os burros por isto, era melhor terem feito uma manobra mais vagarosa pois pressa não combinava com dois casais na madrugada, no entanto quando faltavam quase quatro metros para o chão pulou e rolou pela calçada, a porta do carro abriu e Russo entrou. Saíram sem pressa pela avenida. Dentro do carro os soldados do PCC, dentre os quais duas mulheres – o PCC não nutria qualquer espécie de preconceito sexual quanto a seus quadros –, entregaram-lhe documentos falsos e roupas, calça jeans, camisa de grife, perfume e sapatos no lugar do tênis. Russo não teve pudor em trocar-se na frente das mulheres enquanto a Blazer ganhava velocidade e distanciava-se cada vez mais do DP, com sorte sua fuga somente seria percebida na chamada do café da manhã, e ele estaria muito longe, pelo menos por esta noite Russo gozaria de alguns dos prazeres mundanos, café e uma refeição diferente o esperavam, uma das mulheres já ensaiara um olhar guloso e Russo não a decepcionaria, bebida seria à vontade. Hoje era noite de festa.

IX – PREPARAÇÃO

Sforza tinha muitos motivos para estar satisfeito, sua equipe de policiais continuava atuante em todas as frentes, é certo que nem sempre conseguiam resultados tão bons que permitissem um fluxo contínuo de caixa, porém a regularidade e o volume do dinheiro que era entregue semanalmente por Caveirinha elevaram seu rendimento e patrimônio a níveis os quais ele nunca tinha pensado em atingir, é claro que fugia do imposto de renda através de remessas de dólares ao exterior ou principalmente com o jogo da bolsa de valores, devidamente assessorado por um parente *expert* nesta área de atuação. As operações eram sempre feitas e através de terceiros, praticamente impossíveis de serem detectadas. Os recursos financeiros que desejava estavam agora ao seu alcance, o único ponto que faltava fora completado pelo informante apresentado por Tainha, não gostara de Carlinhos mas no seu ramo gostar era o de menos, o certo é que Carlinhos conseguia ótimos apontamentos e a surpresa de Zorin fora total, o golpe da Mercedes fora ótimo, assim Carlinhos saberia que nunca comeria em sua mão, seria justamente o contrário. O objetivo final ainda não fora alcançado, o mais longe que um membro da família Sforza tinha chegado era o cargo legislativo estadual e este era o prêmio que pretendia, se depois se tornasse deputado federal ou senador isto seria com o destino, outros delegados já o conseguiram, por que não? Sua condição de policial o colocava em uma condição de autoridade pública, o que era uma vantagem enorme sobre quaisquer outros candidatos para a Assembleia Estadual, contava com a solução de algum crime ou alguns crimes espetaculares para projetar-se, sentira o gosto da publicidade quando Adriano, este coitado que pensava que o mundo era preto-e-branco, prendera os bandidos da batida, com alguns destes crimes resolvidos e um pouco de jabá na imprensa conseguiria uma certa projeção, dinheiro para a campanha, isto é o que significava verdadeiramente o pedágio de Caveirinha, os apontamentos de Carlinhos e o esquema que montara na delegacia. Porém era difícil dizer quando um crime de impacto aconteceria, pelo menos na área deste DP onde o geral da população da área era de classe média baixa à pobre, pensara em um esquema parecido com o empregado no Rio de Janeiro, onde traficantes e bicheiros muitas vezes apoiavam algum candidato que era vendido para a favela e ali conseguia expressivo número de votos, talvez devesse começar a manter mais contatos políticos, talvez devesse aperfeiçoar sua relação com Caveirinha e apresentar o esquema para uma candidatura, a popularidade de Caveirinha na favela era grande, mas ele definitivamente não era uma pessoa confiável, e isto jogava qualquer perspectiva fora, pudera. Outro ângulo a ser explorado era o advogado Jorge Dias Velho, tal como convinha a um grande advogado possuía nítidas con-

xões políticas, por várias vezes já fora cotado para a Secretaria de Segurança Pública e sempre preterido, seria muito conveniente dar a entender que caso eleito Sforza lhe daria todo o apoio possível, tudo porém deveria ser muito bem medido, pois sabia que se havia um lugar onde poderia encontrar adversários de perigo e onde sua atuação não seria surpresa para ninguém era na política; uma areia movediça onde somente aqueles que soubessem postar-se sobreviveriam, ficaria atento a cada detalhe, examinaria todas as notícias e pelo menos dois jornais por dia digerindo mentalmente tudo o que era veiculado e identificando quem poderia lhe ser simpático ou não.

– Dr. Sforza. – O escrivão Vitório batia à porta do delegado titular após muito pensar, tinha sido ele quem fizera a relação entre os boletins de ocorrência de roubo que eram feitos na delegacia, contudo ninguém lhe dera o menor crédito e os elogios de Adriano não o levaram a lugar nenhum, sequer um elogio formal em seu prontuário fora feito, desta vez Vitório resolvera mudar de tática, procurava o delegado titular porque se Sforza era uma cobra sabia pelo menos negociar e poderia tirar alguma vantagem, tal como seus colegas que faziam parte do esquema o qual ele sabia muito bem como funcionava, mas não tinha tido coragem para aderir ou denunciar. O fato era que Vitório guardava em um disquete quase todas as ocorrências e como *hobby* procurava alguma relação entre as ocorrências, a polícia não fazia isto e o trabalho era simplesmente feito à mão. Vitório tinha a vantagem de atender ao público diretamente e assim extraía as informações em primeira mão, este atendimento era o castigo de todo policial, porém era o manancial principal de informações e Vitório sabia valorizá-lo como ninguém. Desta feita detectara algo que lhe parecera muito estranho e lhe causava muita suspeita, se algo estava ocorrendo isto estava além da capacidade dos policiais comuns e portanto a Adriano não prestaria. Sforza era o homem certo a informar, foi assim que Vitório, tomando coragem, foi bater à porta de Sforza.

– O que é?

– Dr. Sforza talvez deva examinar algumas ocorrências que tenho anotado.

– Outra gangue? Um *serial killer* talvez?

Sforza já reservava toda sua atenção a Vitório, sabia que fora ele quem inicialmente identificara os ladrões da batida, se um novo bando estava agindo Sforza poderia mais rapidamente alcançar alguma projeção, o ideal era um *serial killer*.

– Na verdade não doutor, é outra coisa, mas penso que deve haver desdobramento.

– Desembucha.

– É o seguinte, o doutor se lembra de dois menores que trabalhavam para Brina vendendo cocaína na favela? Tinham o apelido de Pedrinho e Miguelzinho? Dois irmãos gêmeos gordinhos?

– Humm, lembro mais ou menos, eles entraram junto com Brina, mas saíram logo depois, foram para o Juizado Especial da Infância e Juventude, não?

– Foram mesmo Dr. Sforza, eu mesmo fiz a autuação e os encaminhei.

– E daí?

– Bem, todo mundo sabe que menor não fica internado, normalmente eles saem no dia seguinte ou uma ou duas semanas depois, é por isso que tanta gente usa menores para praticar crimes...

– Me poupe deste sermão...

– Bem doutor, eles foram internados e saíram logo depois, voltaram para a favela e não quiseram mais saber do tráfico porque ficaram com medo de caírem do mesmo jeito que o Brina, pouco tempo depois eles entraram de novo, desta vez pela prática de roubo, eu mesmo os autuei e mandei para o Juizado da Infância.

– Volto a perguntar, e daí?

– Bem, dois dias depois eles voltaram para as ruas.

– Dois dias? Mesmo para um roubo?

– Pois é, também estranhei e fui pesquisar, verifiquei os boletins de ocorrência dos outros escrivães, um a um, e olha doutor tem alguma coisa errada porque eles já foram presos oito vezes em seis semanas e simplesmente dois dias depois eles voltam.

– Impossível, mesmo o juiz mais liberal do mundo não permitiria.

– Mas é doutor, aí eu comecei a ler todos os boletins de ocorrência, não deu em nada, aí eu mesmo fui falar com todos os escrivães que lavraram os boletins e me parece que os menores têm algum esquema na FUNDABEM.

– Impossível, a FUNDABEM é controlada por um Diretor-Geral e fora isto tem toda uma série de organizações atrás, tem mais padre tomando conta destes menores que na Catedral de Aparecida.

– Tudo bem, mas eles saem mesmo, por mais que façam.

– Vitória sua informação é valiosa. Faça o seguinte, avise os demais escrivães que se estes menores apareceram aqui de novo devem ser deti-

dos e ficarão sob sua responsabilidade, depois me avise e virei imediatamente.

- Pois não doutor.
- Vitório, você está no esquema, vai ter sua parte.
- Obrigado doutor, sabia que o doutor valorizaria a informação.

Quando Vitório saiu Sforza saboreou o que foi um implícito desmerecimento ao trabalho de Adriano, afinal, pensou não ser um policial tão ruim. Sua cabeça girava a todo vapor, o cargo de Diretor-Geral da FUNDABEM, uma organização não governamental de natureza privada, tinha em seu estatuto uma previsão neste sentido, era ocupada por indicação do próprio Governador do Estado, o qual por sua vez a negociava a peso de ouro na Assembléia, pois envolvia um orçamento razoavelmente grande e permitia grande visibilidade, se havia algum tipo de esquema haveria duas possibilidades, a primeira que tal esquema fosse feito por funcionários subalternos, sem conhecimento da Diretoria. Para Sforza a vantagem seria a descoberta de um esquema e sua aparição como um grande caçador de, imagine, corruptos, a segunda hipótese era mais atraente, este esquema poderia envolver diretamente o alto clero e talvez até o Diretor-Geral, neste caso se descoberto o esquema haveria como forçar uma porta de acesso à Assembléia, tudo dependia do que dissessem estes menores, estaria atento, não iria atrás deles porque esperaria para ver o que acontecia.

X – ROUBO À AGÊNCIA BANCÁRIA

Neste ínterim Russo acordava meio de ressaca, mulher e bebida eram o prêmio do PCC ao primeiro dia do companheiro em liberdade, estava em uma casa alugada em nome de um dos tantos colaboradores voluntários e aguardava o contato com o principal homem da organização fora dos presídios, Macaco era o nome do contato, preso inúmeras vezes e fugitivo como Russo. Macaco já fora considerado o foragido mais procurado pela polícia paulista, na verdade era procurado também em Goiás, Paraná, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Minas Gerais, sempre envolvido em roubo de cargas e bancos; fugira por determinação do PCC para assumir a chefia de quem estava fora, decidir que ações seriam feitas, quando e por quem. Russo pertencia ao Comitê Central e portanto era superior hierárquico, as lições da Ilha Grande não podiam ser esquecidas e ordem hierárquica era o mais importante. Macaco com certeza

informaria detalhes sob sua saída e Russo sabia que o assunto deveria tocar o centro do PCC pois somente isto justificaria sua escapada, o único medo que tinha em fugir e permanecer do “lado de fora” era perder seu lugar no Comitê Central, pois regra inquebrantável do PCC era simples: o Comitê Central, entidade máxima, era constituído apenas por aqueles que estivessem presos, ou como se dizia no sistema, saídas eventuais ou necessárias para alcançar algum fim eram toleradas, caso o fugitivo decidisse permanecer do lado de fora poderia assim proceder, mas perderia seu lugar no Comitê Central e portanto ficaria sujeito a suas ordens, não era isto porém que parecia. Macaco chegou por volta das duas horas, após almoçar uma *paella* comprada em um famoso restaurante da Capital, Russo aguardava cauteloso.

– Russo, meu irmão.

– Macaco, faz muito tempo, muito tempo...

– Estou fora do sistema eu sei, mas já te aviso que não invejo o Comitê Central, não volto para a Detenção, prefiro morrer, é melhor ficar obedecendo aqui fora do que mandando lá dentro.

– Ninguém vai ficar lá para sempre, você sabe, estamos cuidando da nossa filial e cedo ou tarde teremos um lugar seguro no Paraguai.

– Mas só vai mandar quem estiver lá dentro, é lá que todo mundo roda.

– Já deu seu recado, por que estou fora? Qual é este problema de fora que você falou para o Comitê?

– Não é um problema meu irmão, na verdade nem sei o que é, você conhece o traficante chamado Caveirinha? Aquele que controla toda a favela do Buraco Negro e matou toda a concorrência? O bicho é conhecido e ninguém duvida que é foda para caramba.

– Já ouvi falar, comentavam alguma coisa sobre ele lá no DP onde eu estava, mas só boatos.

– Bom, o cara entrou em contato, diretamente comigo.

– Diretamente com você? O filho da mãe te identificou como nossa chave aqui fora?

– Não foi erro meu cara, juro, estou mais discreto que nunca, você sabe que se eu rodar estou frito, tomo todo o cuidado que mandam e ainda mais.

– Tá bom, o que ele queria contigo?

– Fez uma proposta inicial, ele sabe que nas cadeias e presídios existe um esquema para entrada das drogas onde a gente força um rodízio aos parentes dos presos para a entrega.

- Qualquer um que tenha estado preso pode ter dito isto a ele.
 - Certo, isto eu não duvido, ele sabe também que não são os parentes que compram a droga, a gente compra e usa os familiares como aviões para o transporte.
 - E aí?
 - Bom, ele ofereceu um acordo para fornecer toda a droga que a gente quiser para abastecer o PCC cobrando 10% a menos do que pagamos sempre. Olha Russo, eu acho uma boa, a gente compra às vezes de um, outras vezes de outro, sem qualquer vínculo, quem oferece melhor a gente compra, neste caso não teremos atrito entre os traficantes que nos vendem hoje e Caveirinha, ademais, todo mundo tem medo dele.
 - É muita droga, será que ele tem todo este cacife.
 - Eu perguntei isto a ele.
 - E?
 - E isto.
- Macaco colocou uma bolsa em cima da mesa, bolsa tipo escolar, emborrachada, abriu e retirou de dentro um pacote que devia pesar uns cinco quilos de um pó branco que Russo reconheceu imediatamente como cocaína.
- Puta que pariu Macaco, é pura? Quanto pesa?
 - Cinco quilos e meio cara, pura.
 - Misturada uns dez.
 - Talvez mais.
 - Mas o Comitê não tinha autorizado o gasto, você gastou dinheiro sem autorização? Está louco? Você é um cadáver ambulante!
 - Nada, nada, eu não paguei, isto ele falou que era amostra grátis, indicação de boa vontade.

Ambos calaram-se, o presente era inestimável e daria para inúmeras viagens aos DP's e Detenção. Caveirinha demonstrava ter condições de sobra de atender ao que prometia e isto trazia outras questões, a primeira era a de que Caveirinha tornava-se mais forte do que se falava e se tinha condições para tanto era evidente que não iria parar somente na entrega das drogas, provavelmente iria querer expandir-se e contava com o PCC para isto, em que termos ninguém sabia. Russo soube então qual seria sua missão e por que fora escolhido, deveria avaliar Caveirinha não como um sócio apenas mas como um futuro concorrente, deveria

descobrir se interessava ao PCC comprar dele, associar-se a ele ou matá-lo. Russo deveria encontrar o traficante, pessoalmente.

– Bom, já viu qual o principal motivo de vir aqui para fora, existem outros dois, o primeiro é para acompanhar um assalto que vamos fazer a um banco, muita grana, grana demais.

– A gente vê Macaco, eu ainda tenho uma nova lança para roubo a banco, uma novidade que discutimos no Comitê Central e vai nos dar muita grana.

– Pode falar, cara, não vejo nada de novo em roubo a banco, já fiz mais de duzentos.

– Esta vai ser diferente Macaco, me escuta.

Russo falou por longo tempo, discutiram ainda como seria a segurança para chegar até Caveirinha e Macaco só foi embora tarde da noite. Russo voltou a pensar e dormiu esta noite com outra mulher, uma loira falsa para variar, dormiria e pensaria no que Macaco lhe dissera, depois decidiria.

No dia seguinte Russo encontrou-se novamente com Macaco na casa que lhe servia de esconderijo, decidira que a reunião com Caveirinha seria dentro de dez dias, até lá queria conhecer melhor Caveirinha, verificar o mais que pudesse toda extensão de sua atividade, decidiu também que o roubo contra o banco seria feito neste intervalo e Caveirinha deveria saber que fora dirigido por Russo, isto lhe daria uma moral maior na hora de encará-lo na favela. A princípio Macaco não gostara de acompanhar Russo até o coração da favela onde o poder de Caveirinha atingia o máximo, depois aceitou os argumentos de Russo que eram simples, primeiro que se ele ou Macaco fossem mortos ou capturados de qualquer forma qualquer acordo com o PCC estaria fadado ao fracasso, pior, haveria sempre a retaliação, depois seria importante ver até que ponto iria a organização de Caveirinha em seu mocó, como se estabelecera, quantos homens veriam etc., Macaco terminou por aceitar os argumentos e portanto reconheceu o comando de Russo.

Restava agora o plano do banco, como todo roubo a banco de grande vulto este começara por uma informação, uma dica, de dentro da própria agência e ao contrário do que se costuma pensar a informação não veio de algum funcionário descontente e sim, principalmente, dos próprios vigias que fazem a segurança, ganhando miséria e vendo todo dia uma dinheirama na sua frente não seria de se espantar que acabassem cedendo à tentação, isto era muito mais comum do que se pensava, mas sempre abafado pelo banco que temia a perda de clientes se soubessem que a própria segurança se encontrava disposta à saqueá-lo e pela

empresa de segurança que temia pela indenização que devia pagar, ademais, o banco tinha seguro e dificilmente arcava com o prejuízo. Neste caso em específico o segurança descobrira que por volta das doze horas de toda quarta-feira a agência atingia o máximo de seus depósitos em dinheiro, mais de quatro milhões dizia, provavelmente cinco ou seis, a agência ficava perto de um shopping na avenida Faria Lima, várias lojas tinham conta no banco e este concentrava os recebimentos no meio da semana e na hora do almoço a fim de despistar justamente eventuais roubadores e a artimanha daria certo se não vazasse.

O vigia tinha um primo na prisão, mais especificamente na Casa de Detenção, coisa que ninguém sabia, mas também era relativamente comum em empresas de segurança, fora visitá-lo um dia e contara de sua idéia; dois dias depois fora contatado por um dos homens de Macaco e fizeram um acordo, receberia uma boa parte do roubo em troca da facilitação, daria principalmente todas as indicações da segurança que existiriam no momento do roubo etc.

Os homens do PCC passaram a fazer visitas cotidianas ao banco, sempre bem vestidos, faziam depósitos de pequenas quantias ou saques em contas de algum parente ou amigo que tinha conta no mesmo banco e o faziam através da agência, anotaram quantas câmeras existiam e compararam com as informações do vigia, batiam plenamente, o único empecilho seria neutralizar as câmeras do banco, contudo isto não seria problema.

Realmente, Russo já fizera isto várias vezes, quando o turno do vigia estivesse para começar, este a pretexto de corrigir os ângulos simplesmente deslocaria o foco um pouco para cima ou um pouco para baixo, algumas câmeras podiam ser desfocadas e bastava este detalhe para praticamente inutilizar as imagens evitando a identificação. É certo que a segurança do banco passava então a examinar todas as fitas até determinar em que momento foram alteradas, saberiam então qual vigia tinha dado o serviço mas nada poderiam provar, é certo ainda que a polícia deteria o vigia e o submeteria a interrogatório e pressão, o PCC tinha contudo bons advogados a indicar e caso fosse detido o vigia contaria imediatamente com a assistência de um advogado que impediria qualquer abuso, isto serviria apenas como suspeita, é certo que o vigia seria demitido no dia seguinte mas processado pelo roubo não seria, mas se fosse demitido e daí? Ganharia mais naquele dia do que durante dez ou quinze anos como vigia, o risco era mínimo, mas, claro, o vigia não pensava tanto nisto. Restavam ainda dois problemas, o primeiro eram as armas, a porta giratória era sensível e poderia travar. Havia duas opções. A primeira seria o vigia desregular o sensor e este ficaria praticamente insensível, não detectando as armas, a segunda seria o

vigia introduzir as armas, escondê-las momentos antes no banheiro onde os homens do PCC as pegariam antes do roubo, usariam primeiro pistolas semi-automáticas Glock que eram 70% de plástico e quase indetectáveis pelos sensores de metal, depois que tomassem a agência, permitiriam a entrada dos outros com armas mais pesadas. O segundo problema era determinar se o cofre estaria aberto ou não, esta informação o vigia não tinha e os homens do PCC não sabiam como descobri-la. Russo porém foi simples: ou o gerente abria ou morria, autorizado estavam tiros nas pernas ou mãos como advertência.

Ainda como preparação, Russo passou a ser um usuário cotidiano da agência, todos os dias, durante a semana antecedente ao roubo, compareceu à agência para fazer remessas em dinheiro para contas em outros Estados, contas é claro controladas por escritórios de contabilidade vinculados ao PCC, tornou-se pois conhecido, mostrou-se sempre gentil e educado, procurando cativar os funcionários, até bombons distribuía, tudo para que sua pessoa ficasse bem marcada e após o roubo ninguém desconfiasse de sua presença na agência. Aliás, seguindo seu papel de líder, Russo iria à agência momentos antes do roubo e estaria fazendo a remessa do dinheiro, talvez até seu próprio dinheiro fosse tomado naquele momento, estaria desarmado, não participaria diretamente dos atos executivos, eis que não anunciaria o roubo, nada tiraria da agência. Os carros seriam regulares, o que para um assaltante significava carro com chassi adulterado (roubado ou furtado) e documentos verdadeiros que em caso de uma checagem rápida não o denunciariam, seriam utilizados três carros, oito homens no total, à exceção de Russo, entrariam no banco e anunciariam o roubo, ficariam em paralelo pela agência e gritariam continuamente. A razão era simples, com várias pessoas falando ao mesmo tempo a tendência das testemunhas era de não se fixar em ninguém e assim evitar a identificação. Um deles abordaria o gerente e juntamente com outro pegaria o dinheiro; os outros quatro apenas vigiariam e obedeceriam o que fosse determinado silenciosamente por Russo, os dois remanescentes permaneceriam na direção dos carros prontos a dar fuga, em quatro ou cinco minutos a polícia chegaria, mas o roubo não deveria durar mais que dois, rapidez era essencial, os homens saíam em grupos de três e ocupariam dois carros, Macaco estaria em um terceiro carro esperando Russo, o carro de Macaco era quente e original, em nome do seu próprio pai. Com a fuga os homens do PCC fariam com que todos saíssem correndo e na confusão Russo entraria no carro e sairia do local.

– Macaco o plano está traçado, mas será o último deste tipo.

– É?

– Certo, agora o esquema será outro, primeiro identificaremos o gerente da agência bancária, este será seguido e logo saberemos aonde

mora, que horas sai, quando chega etc.; no dia do roubo nós surpreendemos ele quando sair de casa, fazemos voltar e mantemos a família como refém, ele vai para agência e permite a entrada dos homens que fazem a lança, pegam o dinheiro e saem, o alarme nem é ativado, o próprio gerente desativa e fica fácil, claro que isto em linhas gerais, depois a gente aperfeiçoa.

- E por que não podemos fazer isto agora?
- Não dá tempo, temos de executar antes do encontro com Caveirinha para ganharmos moral.
- Como resolveu o problema das armas?
- O vigia vai diminuir a eficácia do sensor.
- É muita coisa para ele fazer.
- Não em rolo, ele também vai deixar uma submetralhadora no banheiro, se qualquer coisa der errado e a porta não abrir eu mando o vigia, que é gente nossa, abrir na porrada, só para disfarçar.
- Se é para só disfarçar por que a submetralhadora? Uma pistola serve e é mais fácil.
- Primeiro porque temos armamento suficiente, depois porque você esquece que estarei sozinho, o vigia vai tremer se der errado e eu vou precisar dominar muita gente de uma vez só antes dos homens entrarem, tem outra coisa também, se o vigia tremer e der para trás eu o mato como exemplo.
- Você manda!
- Os homens estão prontos?
- Oito soldados do PCC, todos vieram da Detenção e são procurados, todos experientes, não quero confusão com você por perto, o Comitê me mata, antes que pergunte já tenho os rádios HT na frequência da polícia.
- Então é para amanhã, pode avisar.

Russo dormiu com outra puta, não tinha medo do roubo, já fizera tantos que nem pensava, queria aproveitar o que talvez fosse sua última noite em liberdade, caso a polícia por alguma casualidade interviesse a tempo – ele não desconsiderava a hipótese –, caso o disfarce de cliente não funcionasse, caso os documentos fossem descobertos, caso Macaco nada detectasse no rádio a tempo, ele de pronto se entregaria. Quando chegasse à delegacia da região ou no DEPATRI já teria um advogado de um conceituado escritório de advocacia da capital esperando para protegê-lo, a violên-

cia seria impossível, ou seja, na pior das hipóteses voltaria ao Comitê Central do PCC apenas com um arranhão em sua reputação, a culpa recairia toda sobre Macaco, pois secretamente já criticara o esquema que ele mesmo preparara ao Comitê, nada teria a perder, a prisão era seu segundo lar, sua família estava lá, seu poder, seu *status*, só ali era líder, isto para ele não seria castigo, não hoje. Em seguida adormeceu.

No dia seguinte acordou bem disposto e tomou um farto café da manhã, preparou-se meticulosamente, utilizou um paletó de cor escura e uma calça clara, encontrou-se com Macaco que dirigia um Passat alemão de grande cilindrada e foi encontrar os soldados do PCC em uma outra casa, no bairro de Vila Madalena, mais perto da agência bancária. Quando viu os oito homens escolhidos por Macaco aprovou-os de imediato, conhecia cinco dos oito e todos eram ladrões da pesada, “ladrão” na Detenção era um elogio, quase um título e designava apenas aquele que se dedicava com afinco à profissão; os carros eram bons, um Ômega, carro grande e potente, muito caro e uma perua nova modelo Marea, também grande e potente, todos eram carros excepcionalmente bons, caros e furtados há pouco tempo, documentos falsos e chassis remarcados quase com perfeição. Combinaram os sinais de Russo e foram direto para a agência.

Russo entrou e passou pela porta giratória sem problemas, ignorou absolutamente o vigia que, notou, suava frio e foi direto para a funcionária que já conhecia, de dentro do paletó retirou um maço de notas de cem reais, a funcionária de nome Glória sorriu e apenas perguntou se o destino do dinheiro seria o mesmo de sempre, Russo confirmou e Glória pediu que sentasse enquanto providenciava a remessa, serviu um café. Percebeu então a chegada dos primeiros três soldados, inteligentes, eles não chegaram e nem ficaram juntos na porta giratória, entre eles sempre havia o intervalo de uma ou duas pessoas e um dos soldados, notou com prazer, passou a conversar com uma gordinha da fila, provavelmente passando uma cantada e entraram juntos pela porta giratória, era um dos três que não conhecia e lembrou-se de perguntar a Macaco o nome do espertinho. Russo deliberadamente não olhou mais para a porta e nem para o vigia, o primeiro soldado passou, o segundo passou e então Russo percebeu horrorizado que a porta prendera o terceiro soldado do primeiro grupo, o vigia contudo chamou o colega que estava na porta e avisou que deveria deixar o cliente entrar, o colega de nada desconfiou e permitiu. Idiota pensou Russo, idiota mil vezes, assim o colega lembraria dele e serviria como testemunha, isto sim poderia levar a uma prisão e até uma confissão. Os soldados eram bons como planejadores, dispersaram-se como o combinado, mas não deram atenção ao fato do terceiro ter sido liberado. Pouco depois os outros três soldados chegaram e entraram sem problemas, Russo avisou a Glória que iria ao banheiro, levantou-se e entrou no WC.

– Assalto, assalto, todo mundo no chão. Falaram e ao mesmo tempo renderam o vigia da porta, o vigia comparsa e o terceiro que estava atrás de uma proteção, todos foram abordados praticamente juntos, sem tempo de reação, as armas foram subtraídas e passaram a ser somadas ao arsenal do PCC. Seis vozes passaram a gritar freneticamente, os líderes do grupo escolhidos no dia por Russo foram direto ao gerente e mandaram que este abrisse o cofre, um início de recusa, um tiro de advertência, neste instante Russo saía do banheiro, trazendo por debaixo do paletó a submetralhadora, foi surpreendido pelos soldados que estavam com o gerente e forçado a sentar-se no chão como os outros clientes, simulando a condição de vítima. O gerente continuava resistindo e o tempo passava, os líderes olharam para Russo e este passou a mão no joelho, o soldado simplesmente atirou no joelho do gerente que quase desmaiou, mesmo assim os soldados o levantaram e ele acionou o mecanismo do cofre, foi largado no chão no mesmo instante e os líderes entraram no cofre e passaram a retirar o dinheiro, esqueceram do gerente baleado, um erro crasso, este aproximou-se da mesa e tentou acionar o alarme, antes porém foi impedido por um dos soldados, o mesmo que entrara com a gordinha, gostava do rapaz, ele era mais esperto que o usual. Os soldados continuavam falando alto e andando de um lado para o outro com as armas na mão, quase dois minutos e os líderes saíram do cofre com três sacolas enormes cheias de dinheiro, foram andando para os carros sem olhar para trás, os soldados de vez em quando olhavam para Russo à espera de alguma instrução. Um deles carregava um rádio HT no bolso e este zumbiu, era o sinal de Macaco para a fuga, a polícia estava próximo. A liderança de Russo era tão incontestável que apesar do sinal os soldados apenas trocavam olhares e Russo apenas fez um gesto: ainda não, um dos líderes voltou e entrou novamente no cofre e retirou mais uma sacola enorme, Russo pressentira que o montante de dinheiro era alto e somente três sacolas não bastariam, depois checaria para descobrir porque um dos líderes carregava mais e outro menos, agora sim, quando o líder saía Russo fez o sinal e dois dos soldados passaram a gritar freneticamente enquanto os demais saíam pela porta giratória, neste ponto o esquema falhou, Russo gesticulou para um dos soldados e este, muito nervoso, não o percebeu, voltou a gesticular e nada, lamentavelmente notou que Glória olhava para ele e havia percebido que estava armado e gesticulava para os assaltantes. Russo fez novo gesto. A agência não tinha saída, mas havia um andar superior, os soldados passaram a gritar imediatamente para todos subirem e deram um tiro para o ar, o pânico instalou-se e imediatamente a multidão ficou descontrolada, era o que Russo queria, aproximou-se de Glória e encostando a arma em sua barriga apertou o gatinho por dois segundos e as balas vararam o corpo da jovem que morreu na hora, ninguém viu o que acontecera e mais confusão ocorreu, os soldados, porém, garantiram a saída e Russo precipitou-

se, passou pelo vigia e fez um pequeno gesto, o soldado virou-se e matou com um tiro no peito o vigia que dera o serviço e errara ao abrir a porta. Em seguida saíram todos do banco.

Os carros arrancaram imediatamente, as sirenes da polícia já eram audíveis e em segundos estariam no local, os carros enveredaram por ruas transversais e foram direto para Vila Madalena, após duas quadras não mais corriam e sim andavam normalmente, dez minutos depois, desceram e os soldados simplesmente saíram andando para pontos de ônibus, nenhum assaltante de banco fugiria de ônibus, pensavam os policiais, razão pela qual tal opção era geralmente a mais segura, especialmente quando qualquer um visse a fuga em carros, Russo e Macaco estavam no Passat e para surpresa do primeiro seu comparsa ali estava com duas mulheres, formavam dois casais bem arrumados indo para algum almoço, no porta-malas o dinheiro do roubo.

– O que houve? Deu errado?

– Tudo certo, o vigia errou, ele provavelmente regulou o sensor errado e bloqueou a entrada de um dos nossos, nosso homem iria embora e um a menos não seria tão ruim, o imbecil porém foi destravar a porta e avisou o outro vigia para deixar passar, neste momento este vigia tornou-se uma testemunha, ele faria um vínculo direto entre o assaltante que ficara preso ao entrar na porta giratória e o outro vigia que insistira em deixá-lo entrar, aí seria preso, daria com a língua nos dentes e seria pior, o homem já suava em bicas e de qualquer forma ganhamos duas vantagens.

– É?

– Ora, economizamos a parte dele e agora mesmo que a segurança do banco veja que as câmeras haviam sido ajustadas por ele, nada poderá fazer, ele está morto.

– Mas você matou a moça.

– Aquela funcionária do banco sempre me atendia, viu que eu estava com a submetralhadora e avisei outro dos nossos, ela lembrava do nome nos meus documentos falsos e poderia fazer uma identificação, teria uma identidade queimada.

– Mas agora todo mundo sabe que você a matou, você perdeu a vantagem.

– Não sei não, as câmeras estavam fora de foco e o soldado mandou todo mundo subir para o andar superior, foi uma correria e duvido que alguém tenha percebido.

– Veremos depois.

– Quero saber quem foi o primeiro a entrar, este cara é bom pra caramba.

– O Gambá? Veio do Rio de Janeiro, diz que era do Comando Vermelho e fugiu por uma confusão qualquer com algum dos chefes lá, já fez muito serviço para mim e nunca negou fogo.

– Legal! Temos de contar o dinheiro e depois desaparecer por uns tempos, dois mortos e os tiras estarão muito sensíveis.

Ficaram em silêncio até o esconderijo na Vila Madalena, lá fizeram a contagem do dinheiro e chegaram à espantosa cifra de cinco milhões, não era dinheiro de loja, o vigia estava enganado, eram notas de cem reais, uma em cima da outra, o dinheiro iria para o caixa do PCC e cada um dos soldados receberia um extra polpudo pela atuação. Russo esperava que não tivesse sido visto com a arma, a submetralhadora era muito pequena e ele estava bem perto de Glória, disparara com a arma praticamente coberta pelo paletó, fora isto mesmo que tivessem sido tiradas fotografias ele estaria sempre desarmado e constrangido no chão como outro qualquer, teria as antigas remessas em dinheiro e portanto era praticamente impossível que fosse identificado, Russo não deixava transparecer que tinha outro motivo para matar o vigia e Glória, embora não direto, fazia questão que Caveirinha soubesse que ele também sabia matar e que não hesitaria em fazê-lo sempre que necessário. O dinheiro foi imediatamente dividido e movimentado no mesmo dia, depositado em várias contas indicadas pelos contadores do PCC; a submetralhadora desapareceu e seria mantida no acervo para locação, sim pois o PCC também alugava as armas para assaltos de terceiros que pagavam pelo uso, com seguro inclusive. Russo ainda ficou com Macaco detalhando como fariam os roubos através dos gerentes e como seria fácil, faltava apenas a indicação para o dia propício, primeiro viria o encontro com Caveirinha, depois poriam em prática o roubo com o esquema novo e depois Russo deveria voltar à Casa de Detenção a fim de reassumir seu lugar no Comitê Central e quem sabe redividir o poder, tudo a seu tempo.

Dois dias depois do roubo, que ocupara as primeiras páginas dos jornais da noite e dos jornais dos dias seguintes, Russo já se sentia à vontade para o encontro com Caveirinha; o local fora indicado pelo traficante e aceito por Russo, muito embora fosse justamente o castelo no centro da favela e onde se resguardava o líder do comércio da droga e seu tropel. Russo não sabia, mas fora o mesmo local onde Gorda tinha sido decapitada por Nego Zulu. O encontro entre ambos convinha; para Caveirinha significava a oportunidade de mostrar a Russo a extensão de seu poder e o controle absoluto que tinha sobre a favela, seria ainda um dos poucos atos de vaidade que já tivera na vida, para o representante do PCC esta seria também uma boa oportunidade para verificar até que pon-

to Caveirinha estava organizado, qual a extensão do seu poder e até onde poderia projetá-lo, o mocó revelaria também um pouco da personalidade do obscuro pretendente o qual nunca fora preso e poucos conheciam pessoalmente, mas cuja fama era incontestável, mais que tudo, era o local onde ambos poderiam confrontar-se e pouco a pouco cada um tomaria a medida do outro. Um dia antes do encontro Russo procurou Macaco e avisou que somente iria com mais um soldado além deles dois.

– Nós dois e mais um? Só? Você insiste nisso?

– Para que chamar a atenção com mais gente? Eu já tinha te falado antes.

– Ainda acho que é uma arapuca, este cara não é confiável.

– E quem é? Você já viveu lá no sistema e te pergunto em quem você confiava totalmente?

– Quem você quer?

– O cara que para entrar no banco cantou a gordinha, o tal que veio do Rio de Janeiro, o Gambá.

– Ele é bom mas não é um matador, sabe roubar mas você precisará de alguém mais fodido, tenho outros caras.

– Matador? Não seja burro, eu já te expliquei, se o Caveirinha quiser me matar no meio da favela não terá matador que me proteja, eu quero um cara esperto, manhoso, bom de rua.

– E vamos entrar como?

– Nós dois vamos de carro até a boca da favela, de lá os próprios soldados do Caveirinha nos levarão até o castelo.

– E o Gambá?

– Aí é que está o negócio, o Gambá vai entrar na favela na hora do almoço como se estivesse voltando para casa, vai até um bar, toma uma cachaça, vai mais para dentro, até onde der, eu quero que ele esteja dentro da favela e ache um jeito de arrumar um barraco lá, vai se apresentar como trabalhador, ele puxa fumo ou pipa crack?

– Que eu saiba só puxa um fuminho de vez em quando, não se pipa não.

– Bom, não gosto de soldado meu pipando, principalmente se tem serviço. De qualquer forma eu quero que o Gambá acabe ficando na favela por uns tempos, mas no dia do encontro ele deve entrar sem fazer auê até onde puder.

- Armado?
- Use a metranquinha que usei para matar a piranha no banco, também uma automática, leve uma pastinha com alguma coisa mais ou dê um jeito.
- Feito.
- Será amanhã, lá pelas cinco ou seis horas, o Gambá deve chegar pelo meio-dia, até às cinco terá chegado ao castelo se der, se não der das duas uma, ou está lá por perto ou comeu azeitona e está no chão.

Russo novamente dormiu com a puta que mais gostara, dormiu profundamente e com um sorriso, não sentia a mais leve tensão para o encontro que teria.

Cinco horas e Russo estava no carro juntamente com Macaco e um motorista, ambos desceram no ponto marcado para o contato inicial e o motorista foi embora, andaram em direção ao centro da favela e quando perderam de vista o asfalto entraram no primeiro barzinho que acharam e aguardaram sem nada falar. Minutos depois um negrão enorme surgiu na porta, chamou-os e quando saíram do bar viram-se cercados por outros quatro soldados de Caveirinha, todos portavam fuzis de assalto modelos AR-5 e algumas pistolas na cintura, o negrão só usava uma pistola automática, usada no exército americano. Começaram a andar em direção ao centro, volta e meia passavam por algum grupo conversando de frente a um barraco, um pequeno bar, uma casa de alvenaria um pouco mais reforçada, um jornaleiro, um vendedor de pipoca e Russo notou que cada aceno de Nego Zulu correspondia a um sinal por parte das pessoas, concluiu com certeza que todos seriam olheiros de Caveirinha e responsáveis por algum pedaço da favela; os intervalos eram regulares e quando o terreno demonstrou-se um pouco mais íngreme o intervalo entre os acenos também diminuiu. Mais acima da favela Russo percebeu duas pessoas discutindo a respeito de um aluguel de barraco e notou o olhar desconfiado de Nego Zulu que passou reto pelos brigões. É claro que os líderes do PCC ficariam satisfeitos em saber que Gambá chegara tão perto, estavam quase no mato que cercava o castelo de Caveirinha.

Passando pelo mato chegaram até uma construção de alvenaria, não parecia nem grande e nem pequena, janelas comuns com cortinas fechadas que não deixavam ver o que havia dentro, entraram Macaco e Russo e sentaram em duas cadeiras simples em frente a uma mesa de fórmica, a porta abriu-se e Caveirinha entrou.

A empatia fora imediata, ambos eram líderes, cada qual na sua área, ambos eram organizados, experientes e tinham as respectivas estruturas

criminosas. Macaco contudo demonstrava não estar à vontade e volta e meia encarava os soldados ou Nego Zulu, sua vontade era sair do local.

– Muito bom o roubo na agência, tirou muito?

– Alguma coisa, a gente faz o que pode.

– Duas mortes, não economizaram bala né? Me diga por curiosidade, o vigia era o passarinho do banco? Ele deu a dica?

– Ele se traiu, não era macho para fazer o roubo e na hora bobeou, quem bobeia morre.

– Também acho.

– O que você quer? Está querendo livrar alguém do sistema?

– Não, tenho uma proposta melhor, ouça, vocês são donos de vários DP's, muita gente compra droga e entrega nas carceragens, sempre muda, um de cada vez, mas quem compra são sempre vocês e isto é um problema, o que eu ofereço é o seguinte, eu vendo toda a farinha (cocaína), crack e maconha que quiserem e vendo por preço abaixo do que vocês compram, dou o suficiente para todos os DP's e mais a Casa de Detenção, Penitenciária e o que mais for, eu mesmo providencio que o pacote seja entregue na casa de quem indicarem, irá sempre um menor, e a pessoa indicada só leva para dentro, mais ainda, tenho armamento suficiente e contatos, quando tiver algum fugitivo do sistema poderei dar proteção 100%, polícia não entra na favela sem que eu saiba.

– Armas nós já temos, mas a idéia da entrega de droga é boa, esconderijo também temos, mas quanto mais melhor, isto é tudo?

– Mandar droga para quase todos os DP's e presídios não é pouco, se for eu estou mal.

– Vamos cara, não é só isso, para esta proposta eu não precisava vir aqui!

– Venham.

Caveirinha voltou pela porta que entrou, foram junto Macaco, Russo e Nego Zulu, os soldados permaneceram na sala, ambos desceram uma escada bem iluminada e entraram em uma sala subterrânea, bem mobiliada, computador, receptor de sinais via satélite para TV a cabo, telefones, fax, videocassetes e até um aparelho de DVD, foram mais à frente e havia uma outra sala mais ampla, esta fora feita no desnível do terreno e mobiliada como um ambiente social, bar, telão, puderam antever uma porta que dava para um quarto de um lado e outro escritório do outro, neste adentraram os quatro e ocuparam uma mesa maior, de metal inox e cercada de cadeiras modelo diretor.

– Como vocês podem ver nem tudo é como parece, daqui tenho duas saídas diferentes que desembocam em dois pontos diferentes da favela, nem de helicóptero dá pra ver e olha que eu já vi o helicóptero da PM por aí várias vezes. O negócio é simples, quero crescer, não tenho como vender mais dentro da favela, mas preciso crescer porque senão outro virá mais forte e tomará meu lugar.

– O que nós temos com isso?

– Muito simples, eu sei que vocês estão em todas, têm de tudo, falsificam, roubam, seqüestram, vão de 171, tudo, não possuem porém um fornecedor fixo de droga, eu sou ao contrário, tenho a droga mas sou apenas um, não posso sozinho expandir, além da favela eu me enfraqueço, o asfalto não é minha praia.

– Cada um na sua!

– E todos mais fracos! Quero um acordo, juntar meu controle com o de vocês, tenho mais homens em liberdade, quero crescer além da favela e todo mundo sabe que quem domina os presídios domina fora, eu não tenho nada lá dentro, quero ter.

– Não tem como, você sabe que quem decide é o Comitê Central e só pode ficar no Comitê quem está no sistema.

– Eu sei, por isto tenho uma proposta especial.

– Qual?

– Em alguns meses estabilizarei todo o seu fornecimento de drogas, o lucro de vocês aumentará imensamente, também ajudarei em todo serviço externo que precisarem.

– Não adianta nada, quem manda é quem está no Comitê e quem está no Comitê tem que estar inserido no sistema, lá na Detenção.

– Eu vou para lá, quero um lugar no Comitê.

Russo chocou-se – e deixou transparecer –, é a primeira vez que ouvia alguém dizer que pretendia ser condenado a um presídio, é claro que como ele alguns consideravam o lugar como uma família e ali possuíam mais do que fora. Caveirinha era diferente, nunca estivera lá, não sabia o que falava, parecia loucura.

– Você quer ser preso?

– Talvez, por um período determinado e para que façamos um vínculo definitivo entre nós, sim.

– Como sabe se ficará lá muito tempo ou não? Como pode saber se o juiz vai te condenar e por quanto tempo.

– Tenho um bom advogado, na verdade o melhor, fico lá o tempo que quiser e saio na boa.

– Impossível, não irá sair assim.

– O risco é meu não é? Você arriscou aceitando vir aqui.

– Por que você acha que não será traído? Chegando lá pode não ser aceito.

– E vocês perderiam o negócio de receber droga por preço mais baixo? De perderem o risco da compra? De sofrerem deduração? Vocês vivem na sombra, já pensou se todo mundo começa a falar do PCC? Todo mundo sabendo como e porque as tais rebeliões parecem organizadas? – Nesse momento pediu para que Macaco e Nego Zulu saíssem.

Macaco e Nego Zulu não gostaram da ordem. Macaco olhou para Russo que confirmou com leve aceno de cabeça, Nego Zulu deu de ombros e ambos saíram.

– Nós dois temos cacife, eu sei quem você é, tenho todo seu dossiê, todas as condenações, tudo, é muito mais inteligente que o pessoal que está lá, sabe que eu somaria e juntos formaremos uma boa dupla, eu sei que você deseja redividir o poder do Comitê, eu vi todas as rebeliões e vi como as liderou, também tenho gente nos DP's, a participação em todas as grandes rebeliões somente se justifica se você quisesse um lugar melhor no Comitê ou então tu é muito burro de se expor deste jeito, e burro sei que você não é.

Caveirinha acertara quase tudo, efetivamente a tática de Russo era esta, como era o mentor de cada rebelião pouco a pouco sua popularidade era a que mais aumentava, sempre se expunha porque era o melhor orador de todos, sua fuga agora ficaria famosa, teria ares de celebridade e passo a passo sua influência aumentaria até tornar-se o membro influente, se Caveirinha tinha visto isto, outros também poderiam ter visto, de repente sentiu que sua família no PCC poderia não ser tão confiável, por outro lado Caveirinha parecia o parceiro ideal, sem experiência no sistema prisional, dominava fora e poderiam valer-se da vantagem mútua, cada um apoiando o outro e ambos dominariam o Comitê Central.

– Vou pensar.

– Não pode pensar, o trato é entre você e eu e depois eu e o PCC, um depende do outro.

Os dois saíram da sala, Macaco e Nego Zulu aguardavam e Caveirinha voltou para dentro sem falar nada, o caminho de volta foi feito mais vagarosamente. Russo pensava em Caveirinha e sabia que este pretendia dominar o PCC assim que estivesse instalado lá dentro, com

certeza cercaria um de cada vez, pouco a pouco, mas não poderia fazer isto sozinho, precisava de alguém, por isto o procurara, vira a sua ambição crescendo dentro do Comitê e como estava ganhando os DP's tornou-se o parceiro ideal, concluiu que a sociedade entre ambos tinha tudo para dar certo e quando chegou no asfalto, fora da favela, seu pensamento já devaneava em como se livraria de Caveirinha depois.

Caveirinha também pensava, pretendia efetivamente dominar o PCC e o faria inicialmente através de Russo, este o ajudaria na fase mais arriscada dentro do presídio, para sair em um ou dois anos contava com Jorge Dias Velho e suas conexões, o advogado recebia uma fortuna imensa por seus serviços, depois veria se Russo teria vida longa ou se seria melhor trocá-lo, ele era inteligente demais, mas parecia que a sociedade estava se concretizando.

XI – OS OPOSTOS

As mortes no banco chamaram a atenção dos órgãos policiais, a morte do vigia, inexplicável num primeiro momento, esclareceu-se quando sobre ele caíram as suspeitas de ter facilitado a entrada dos assaltantes, uma breve entrevista com a viúva e bastou para que soubessem que efetivamente o vigia havia dado o serviço para um primo na Casa de Detenção, portanto o roubo fora mandado lá de dentro e executado. Era óbvio portanto que algum grupo atuava fora e dentro da Casa de Detenção e então escolheu-se um delegado ligado a negociações com presos e com bastante experiência no mundo penitenciário para liderar as investigações, foi assim que o Delegado Urtizes foi chamado e mostrou desde o primeiro momento que era o homem certo para aquela investigação.

Urtizes dava-se ao luxo de ter em seu gabinete um videocassete, pago com dinheiro próprio, é claro, mas que nestes casos ajudava bastante, soube a razão de sua designação para presidir o inquérito pois a análise preliminar levava à conclusão de que o roubo fora encomendado de dentro do sistema prisional, não era para surpresa de ninguém que se fazia tal menção, desde a época dos Serpentes Negras.⁶ O que incomodava Urtizes era o fato de que o roubo teve características muito específicas, uma das vítimas, uma funcionária, morreria com tiros de submetralhadora e as fitas podiam deixar os rostos esmaecidos e fora de foco, mas o fato

⁶ Sociedade de presos destruída pelo PCC.

era que a metralhadora não aparecia nas mãos de nenhum dos assaltantes, logo havia um outro, provavelmente um líder, disfarçado de cliente e provavelmente dando ordens. A conclusão de ser um líder era também óbvia, a submetralhadora não seria entregue a um zé ninguém ou mesmo a um soldado, era um armamento caro e relativamente difícil de se obter. Restava ainda claro que fora o vigia quem fizera a submetralhadora entrar. A arma teria sido deixada escondida, para uma emergência, somente em situação excepcional o camuflado revelaria sua identidade e se armaria. Urtizes desconfiava que esta situação excepcional guardava relação com a morte da funcionária. Urtizes viu a fita pela trigésima vez, notou pelas roupas que um dos assaltantes entrara junto com uma gordinha, possivelmente uma cliente qualquer, percebeu quando o vigia intercedeu para a entrada de um dos roubadores, isto estava dentro do contexto e não o surpreendia, viu como os roubadores movimentavam-se, e concluiu que eram todos experientes, também nada de novo, finalmente viu quando um vulto (a câmera desfocada impedia qualquer identificação) encostou-se na funcionária e esta caiu no chão, deste indivíduo apenas um paletó era visível, calça social etc., um cliente comum, contudo não se viam as feições. Em seguida chamou seu investigador de confiança e expôs as primeiras diretrizes.

– Paulinho, você assistiu a fita?

– Dei uma olhada doutor.

– Quantas vezes Paulinho?

– Uma doutor, e rápida.

– Garanto que deixou de ver muita coisa, vai pagar uma penitência, volte à agência e verifique se a cliente gordinha é habitual, identifique-a e traga-a para depor, ela viu de perto o rosto de um dos roubadores e poderá fornecer uma descrição legal, como ela viu antes e conversou um pouco com ele garanto que sabe descrevê-lo, depois fale com o gerente para quem a funcionária morta respondia, veja se havia algum cliente novo ultimamente que tivesse chamado a atenção por qualquer detalhe, naquele dia o cara estava de terno e portanto queria impressionar, provavelmente estava fazendo remessas de dinheiro *cash*.

– Está feito doutor!

– Tem mais, eu quero saber de fugas em DP's nos últimos 30 dias, quem fugiu e quem tem antecedentes por crimes de roubo a bancos... não, pode deixar, eu falo com o escrivão Ismael e ele verifica.

– Estou saindo então doutor.

Alguma coisa de familiar tinha o matador da funcionária, Urtizes sabia que o tinha visto antes, mais de uma vez, embora não conseguisse

identificá-lo em qual rebelião, a maior que atuara recentemente fora no COC e depois soube que houveram certas remoções para vários Distritos, talvez, por mera casualidade, pudesse fazer a ligação.

– Ismael, chegue aqui um minuto.

– Pronto.

– Faça o seguinte, verifique fugas em Distritos nos últimos 30 dias, veja ainda junto a DVC as remoções que foram feitas do COC após a rebelião e veja se bate, algum dos presos que foi do COC para o DP e depois fugiu.

– Doutor, eu só não entendo uma coisa, se o roubo foi mandado da Detenção para quê alguém fugiria só para isto? Não era mais fácil fazer com o pessoal que já está fora?

– Eu sei, mas é só um palpite, o roubo foi grande demais, muito dinheiro, usaram dois carros que foram abandonados perto da Vila Madalena e talvez até um terceiro, um Ômega e tudo mais, armamento pesado, gente experiente, não é tão fácil juntar tanto bandido e o único lugar onde você encontra mão-de-obra criminoso para um golpe grande é na prisão, aposto no Carandiru, eles devem ter alguma conexão e vou te contar uma coisa, este cara que matou a menina não me é estranho...

– Quando morreram os presos e a mulher que estava no seguro?

– É isto aí, o Sforza somente escapou porque a ocorrência estava sendo lavrada na hora da rebelião e não tinha dado tempo de remover a presa.

– E isto é verdade doutor?

– Tanto quanto você quiser acreditar, eu estava lá no dia e vi que o Sforza estava doido para entrar, rigorismo não faz o tipo dele.

– O doutor acha que tem alguma ligação?

– Você se lembra do caso do presídio da Praia Grande? Os presos saíam para roubar e voltavam e o pessoal do presídio faturava um por fora legal, quando havia alguma identificação positiva, bingo, eles estavam presos no dia, deveria ser engano.

– Mas eles caíram.

– Só caíram porque a Polícia Militar os pegou no meio da fita, aí caiu todo mundo.

– E o doutor acha que o Sforza está nesta? Então devemos avisar a corregedoria.

- Agora não dá, é somente uma vaga suspeita.
- Olha doutor tenho uma novidade, sabe que foi designado um Promotor de Justiça para acompanhar o inquérito do banco?
- Cacete, mais um para encher o saco da gente.
- Eu acho que o doutor vai gostar.
- Quem é?
- É o Dr. Danilo Cymon.
- Graças.
- Ele vem aqui amanhã conversar com o doutor.
- Está bem, verifique os dados que lhe pedi.

Assim que ficou sozinho Urtizes sorriu largamente, ele e Danilo haviam sido colegas de faculdade na PUC de São Paulo, ambos fizeram especialização em Direito Penal. Costumavam sair juntos com suas namoradas. Danilo prestou então concurso de ingresso no Ministério Público, órgão de carreira dos Promotores de Justiça, e fora aprovado no primeiro, entrou em segundo lugar e desde então tivera carreira exemplar, era um Promotor Criminal conhecido no meio, mas nunca trabalhara em casos de repercussão, Urtizes ainda mantinha contato esporádico com ele e sabia que Danilo fora designado para algum grupo especial, qual grupo nunca teve curiosidade de perguntar, bem, agora que o contato entre ambos seria reativado teria tempo para pôr as recordações em dia. Voltou para o videocassete e pela ducentésima vez voltou a fita para o início.

XII – ROUBO DE CARGA – PRODUTOS ELETRÔNICOS

Carlinhos Maracanã, sentado à mesa de seu escritório de comércio de jóias usadas, próximo a Praça da Sé, pensava no lucro que estava tendo na associação com Sforza, ele mantivera um fluxo constante de informações que resultou em várias prisões, muitas delas envolviam grandes roubos e em várias oportunidades o preço pago serviria apenas para o ladrão ser indiciado por um crime menor, especialmente receptação, funcionava assim: Carlinhos fazia o apontamento e dizia aonde o produto do roubo estava e com quem, Sforza ia no local, fazia as prisões e se o fato tivesse alguma repercussão apreendia oficialmente cerca de 10% das mercadorias e indiciava os criminosos por receptação, se o apontamento fosse mais fechado e seguro ficava com 100% e libertava os crimi-

nosos. Carlinhos sabia reconhecer que Sforza era mais do que eficiente, tinha os policiais na sua mão e estes o seguiam inquestionavelmente, especialmente Dedo, Tainha, Vasconcelos e Castanheira; nas últimas vezes Carlinhos ficava sempre junto com um destes policiais e juntos faziam diligências para verificar se as informações eram boas ou não. Tainha mantinha seu fraco por Cybele e ela exigira como último mimo um carro zero, é claro que Cybele sempre sabia quanto Tainha conseguia porque Carlinhos lhe falava e parte do que conseguia arrancar deste também ia em seu benefício. De qualquer forma, algo não ia bem, não conseguia impor a Sforza nenhuma forma de controle e percebia que este o manobrava quando queria, sempre o surpreendia com alguma atitude fora do costume, tal como daquela vez que recebera o Mercedes de Zorin, agora até servia-se de Carlinhos como um dos cobradores do pedágio que impusera a Caveirinha, o recebimento de dinheiro era sempre um risco e se o cobrador não fosse policial melhor ainda. Mas tudo implicava em um risco, Carlinhos começou a perceber que seu destino seria inglório, mais cedo ou mais tarde Sforza iria querer vê-lo morto, seria o clássico caso da queima de arquivo e Carlinhos também sabia quando isto iria ocorrer, quando Sforza estivesse com muito dinheiro ou quando pretendesse tornar-se político. Sforza apenas deixara vazar comentários sobre sua intenção, Tainha por sua vez contou a Cybele e esta para Carlinhos, vivo seria um incômodo, morto apenas mais um cadáver e quem sabe a pecha de grande receptador lhe seria atirada, será que Sforza guardava contra ele alguma evidência colhida de cada golpe? Tudo eram dúvidas, mas Carlinhos sabia que se quisesse viver seus tempos em São Paulo estavam acabando.

A campanha tocou e Carlinhos ativou o porteiro-eletrônico, a voz era desconhecida e pedia para falar-lhe sobre um negócio, que negócio? Perguntou, só pessoalmente, disse a voz, foi até a ante-sala e espiou pelo olho mágico, este era de um tipo especial e permitia ver também as laterais, o recém-chegado estava só, mas tinha bom porte físico e usava uma jaqueta jeans surrada que poderia, ou não, esconder uma arma, por fim resolveu admiti-lo, uma arma estava à mão por detrás da escrivaninha e o tiro seria muito mais fácil para Carlinhos.

- Você é o Carlinhos Maracanã?
- Quem quer saber?
- Fui recomendado pelo Elias da São Bento, pode conferir.
- Depois eu falo, qual é o negócio?
- Nós sabemos que você aceita tudo, não só jóias, que paga um preço bom e é seguro.
- Não aceito tudo não, não transo drogas, não é minha praia.

– DVD.

– O que é isso?

– É CD para televisão, estão chegando agora, são pequenos, caros, fáceis de carregar e valem a pena. Nós temos um cara na importadora, esta semana estará chegando um grande carregamento deste tipo, quatro carretas, metade para umas locadoras de vídeo que irão alugar as máquinas, uma escolta pequena com um carro e dois seguranças, fácil, temos o local para o transbordo e três caminhões grandes, maiores ainda do que os que trarão a carga. Precisamos de mais dois caminhões pequenos e mais, temos que distribuir a carga rapidamente, o Elias não quis porque é muita coisa e ele não tem tanta gente, diz que você poderia fazer a distribuição.

– Talvez, vocês já pensaram em levar ao Paraguai, esquentar a mercadoria e trazer depois para o Brasil como se fosse importado por um preço menor?

– Não e nem sei como fazer isto.

– Quem vai junto com você, quem está na lança?

– Isto é problema meu.

– Mas eu vou ter que arrumar dois caminhões e terei de estar no local do transbordo também.

– É pegar ou largar.

– Como você sabia do carregamento?

– Ora, não se faça de burro, temos nosso homem lá dentro, todo mundo sabe que não existe roubo de carga sem que alguém tenha dado o serviço.

– E esse alguém é quente?

– Um dos próprios diretores da importadora, repito, é pegar ou largar.

Carlinhos pegou, conferiu os antecedentes do pessoal com o Elias e soube que eram quentes, uma grande quadrilha que roubava cargas de todo tipo, o problema era o tipo de mercadoria, DVD era aparelho novo e chamaria muita atenção nas lojas. Elias concordou que o esquema no Paraguai seria ótimo, mas não tinha nenhum contato lá, na verdade Carlinhos também não e não se preocupava com isto, a idéia do Paraguai fora apenas uma distração, sua intenção era outra, imediatamente ligou para Tainha no DP, ele não estava. Ligou depois para Cybele onde de fato o encontrou e por sorte ainda sóbrio, contou-lhe da lança e pediu uma reunião com Sforza e o grupo, seria fácil. A reunião ocorreu no dia seguinte, após resumir o fato para os policiais Carlinhos apenas concluiu:

– E é isso aí, ficamos com uma carga que vale pra caramba, eles nunca vão sacar que fui eu quem dei o serviço porque vou junto na lança e na hora da prisão, depois será negócio.

– Mas se você não tem esquema no Paraguai como vamos nos desfazer da mercadoria? – Era Vasconcelos quem primeiro levantava a lebre.

– Primeiro a gente guarda a mercadoria em um galpão por uns dias até esfriar...

– Muito perigoso, a gente tem que se livrar na hora.

– Ora Dr. Sforza, um dia a mais não fará diferença, o que eu estou sabendo é que as lojas do Afonso estão prestes a pedir concordata, eles estão com a corda no pescoço e devendo para muita gente, eu tenho um contato lá e será fácil, a gente leva direto para o depósito da loja e eu me responsabilizo com eles pelas notas fiscais frias, tenho talão e tudo, eles recebem a mercadoria e pagam pelo menos metade do valor real, depois podem vender bem, e como a mercadoria é novidade e o preço será atraente terão muito lucro.

– A loja do Afonso é grande, na verdade é uma rede com cinco lojas bem grandes, mas não terá como vender tanto DVD.

– Aí é que está o lance Dr. Sforza, a gente vende uns três ou quatro lotes, o que eles puderem, o resto a gente devolve.

– Devolve? – A interrogação foi feita por todos os presentes.

– Devolve e recebemos recompensa pelo seguro, eu já verifiquei, eles não colocam muita segurança porque tudo está segurado pelo preço de mercado, é lucro a gente devolver negociando com a seguradora e ainda por cima avisamos que o resto foi para o Paraguai, se alguém começar a perguntar confirmará a informação porque o Elias pensa do mesmo jeito e é boca grande, ninguém vai desconfiar de que o resto foi para a loja do Afonso.

– O problema será sempre as notas fiscais.

– Eu já disse doutor, sem neura, os Afonso estão fazendo tudo para escapar da falência, estou falando isto porque estou sabendo que eles receberam uma partida de televisores e uma de aparelhos de som neste esquema, só que em quantidade menor, se estourar uma falência uma compra irregular a mais ou a menos não fará mal a ninguém, e aposto ainda que boa parte do dinheiro está sendo desviada para o bolso dos sócios, especialmente o Fernando Afonso.

O plano em regras gerais fora aceito por todos, Carlinhos iria fingir que aceitara o serviço e conseguira o receptor no Paraguai, após o

serviço os levaria até o local do transbordo e neste ponto os policiais fariam sua aparição. Carlinhos passaria por um dos detidos a fim de evitar suspeita. Sforza encarregou Vasconcelos de verificar os dados de Carlinhos e não se surpreendeu quando tudo conferia, só ele percebeu que havia um furo na idéia de Carlinhos, para devolver boa parte dos DVD's teriam de achá-los oficialmente e se os achasse deveriam estar com alguém, quem iria segurar o rojão? Teriam de encontrar um laranja e esta seria a parte de Sforza, decidiu que escolheriam algum infeliz, um morador de rua qualquer que sob a promessa de uma grana não se importaria em passar menos de um ano preso. Carlinhos não era tão bom, no dia seguinte porém acertaria os detalhes com ele.

O plano seguiu como determinado, a quadrilha surpreendeu as carretas com carros bloqueando a estrada na frente e atrás, era de noite e agiram muito rápido, renderam os seguranças, motoristas e ajudantes e todos foram colocados em duas kombis que passaram a rodar a noite inteira, os motoristas da quadrilha assumiram o volante e levaram o comboio direto para o local do transbordo aonde os demais caminhões estavam. Carlinhos também ali estava e quando os policiais invadiram o depósito a surpresa fora tanta que nem houve resistência, todos, inclusive Carlinhos, foram algemados e apanharam, é certo porém que foram separados e ouviram Carlinhos gritando a ponto de ninguém duvidar de que também estava sendo espancado pelos policiais, Vasconcelos constatou que todos eram foragidos de presídios. Efetuaram uma negociação e no final a troca da carga pela liberdade pareceu contentar a todos, Carlinhos parecia o único recalcitrante, mas uma pequena pressão do chefe dos roubadores foi suficiente para convencê-lo, pelo menos assim pareceu aos ladrões, ninguém desconfiou da traição de Carlinhos. Estes foram levados ao DP e permaneceram no seguro até que Carlinhos providenciasse o transbordo, por incrível que pareça feito em caminhões da própria "Loja do Afonso" que foram diretamente para o depósito da loja, é claro que com as notas falsas providenciadas por Carlinhos.

– Agora Carlinhos vamos ao laranja.

– Isto é com o senhor, Dr. Sforza, foi o combinado.

– É claro, é claro.

Informante e delegado entraram no DP e Carlinhos conheceu o laranja, um tal de Teodorico Prado, morador de rua, concordou em passar menos de um ano na cadeia e recebeu um dinheiro que para ele parecia muito.

Sforza então avisou a imprensa de que parte da carga fora recuperada, o 222º DP mostrava sua eficiência em trabalho de investigação a qual, em vinte e quatro horas, recuperara parte da carga roubada e prende-

ra o receptador; horas se passaram até que algum contato da empresa de seguros ligasse pedindo detalhes. Quando o fez passou a conversar com o delegado: Não, disse Sforza, não tinha contado a carga recuperada ainda, poderia fazê-lo logo com a chegada do representante da empresa, esta se dispunha a recompensar os policiais? Não, não era preciso, o DP precisava de alguma contribuição? Bem, talvez, o patrimônio público estava muito desgastado. Uma contribuição da sociedade para com a segurança pública? Sim, provavelmente aceitaria. Quando o representante chegou já trazia uma pasta com dinheiro, sabia que quanto mais pagasse mais seria recuperado, quando o representante contou as caixas combinou um preço com Sforza e poucas horas depois, o ajuste feito, policiais e Carlinhos apenas contabilizavam o dinheiro recebido.

Neste ínterim, após o fim das negociações, quando Sforza estava prestes a sair do DP, deparou-se com uma viatura da Polícia Militar chegando, conduzindo dois menores que ele estava querendo conhecer, Pedrinho e Miguelzinho, os gêmeos, retornavam ao 222º DP.

Sforza retornou, chamou Vasconcelos, como este havia saído apenas Castanheira estava por perto, esperou e avisou aos PM's que a própria delegacia levaria os menores até o posto da FUNDABEM, os policiais militares agradecidos bateram em retirada imediatamente com medo de que o delegado mudasse de idéia. Pedrinho e Miguelzinho aguardavam tranqüilos no corré e estranharam quando Castanheira os levou até uma sala escura com uma placa de banheiro, no andar superior da delegacia; havia fios desencapados saindo de uma tomada da parede e um cano dependurado no teto, ambos lembraram-se do que ocorrera com Brina e começaram a suar frio. Sforza lamentou a ausência de Vasconcelos porque não sabia controlar choques direito e não queria risco com os menores. Castanheira também não era chegado em interrogatório mas teria de ser assim mesmo, os menores foram amarrados com tiras de couro nas duas cadeiras e começaram a chorar, fiel à sua técnica Sforza deu-lhes uma surra com uma tira de couro sem nada perguntar, costumava quebrar psicologicamente até os mais resistentes, os menores choravam e Sforza começou o interrogatório.

– Qual é o esquema moleque?

– Tem esquema não.

Novas pancadas, Sforza dirige-se até os fios e passa a encaixar uma extensão.

– Como vocês saem toda hora? Quem libera vocês tão rápido? Para quem estão roubando?

Não demorou uma hora e os irmãos falaram e o que falaram agradou demais ao delegado.

XIII – PRIMEIRA REAÇÃO

O Promotor Danilo e o Delegado Urtizes encontraram-se no gabinete do primeiro.

– Urtizes, meu filho – brincou Danilo –, resolveu me visitar antes que eu fosse ao DP?

– Deixa disto Danilo. Fiquei contente quando soube da sua designação para a assessoria, este negócio aí, o DEPAE.

– Obrigado, eu também fiquei contente quando soube de sua designação para o caso do latrocínio, mas você não estava se especializando em negociações com reféns e rebeliões?

– Estava sim, mas me chamaram porque parece que este caso está indo mais longe do que supúnhamos e o próprio delegado-geral está impressionado.

– Vamos tomar um café, eu estou vendo que você trouxe o inquérito.

– Vou te contar o que conseguimos, identificamos um dos latrocidistas do banco, mais precisamente aquele que matou a funcionária, chama-se Francisco, vulgo Russo, o indiciamento indireto está no inquérito e temos todos os dados dele, é assaltante de banco, tem pena a cumprir pelo resto da vida e fugiu recentemente do 222º DP.

– Como chegou até ele?

– Olha, um pouco de sorte, um pouco de experiência, quando via as fitas da câmara do banco o cara me pareceu familiar, vi a fita umas trinta vezes no mínimo e se me era familiar devia estar envolvido em alguma rebelião de Distrito, a dica maior veio da viúva do vigia, ela falou que ele dera o serviço a um primo na Casa de Detenção e portanto algum preso ou ex-presos deveria estar envolvido.

– E são muitos presos e muitas rebeliões!

– Verdade, mas uma coisa é certa, o cara tinha fugido e as últimas rebeliões ocorreram em um prazo significativamente curto.

– Eu sei, estamos monitorando também.

– Vocês também é? De qualquer forma juntei as peças, eu vi o cara em alguma rebelião, devo ter negociado com ele e agora ele estava livre, logo...

– Óbvio, verificou fugas em DP's nos últimos tempos, deixa eu ver, dois meses acertei? E depois verificou as remoções decorrentes das rebeliões e viu se havia algum nome nas duas listas, certo?

– Quase! Um mês na verdade, quanto ao resto, perfeito, o único nome que combina fuga recente com negociação em rebelião é este cara.

– Ele devia então ser dos mais ativos, um líder.

– Na verdade não, sempre ficava do lado, perto do negociador e muitas vezes usava máscara?

– Máscara? E como você descobriu que era ele?

– Simples, eu pedi as fitas das reportagens e das transferências dos presos, como ele é sempre um dos primeiros a ser removido a câmera sempre pega e neste caso veja a foto do jornal, a mesma roupa! Eles não têm muita muda para trocar, mas veja as outras fotos de jornal, em muitas ele aparece sem capuz, penso que ele não quer manter nenhum padrão, ora aparece com capuz, ora sem, sempre ao redor dos líderes das rebeliões.

– A própria eminência parda, mas como conferiram se era ele mesmo ou não? Não podem fazer a checagem com a fita do banco porque estava desfocada.

– Você também viu? Bem, aí é que está a beleza da coisa. Russo foi indiciado várias vezes e sua fotografia consta do álbum da polícia, levamos a fotografia dele no banco e falamos com todos os funcionários, aparentemente Russo queria se fazer passar por um cliente eventual e naquela semana fez algumas remessas de dinheiro vivo para o Ceará e o Maranhão, quem o atendia a maior parte das vezes era a funcionária morta, a tal de Glória, mas a amiga da mesa ao lado e um dos gerentes o reconheceram, lembraram do cara porque Glória aparentemente gostou dele e porque mandar dinheiro vivo todo dia não é comum.

– E os documentos que ele apresentou no banco? Ele devia apresentar pelo menos uma cédula de identidade para fazer a remessa do dinheiro.

– Tenho o número do RG e conferi, está em nome de um laranja que nem sabe o que está acontecendo, Russo está usando outro nome.

– Temos que pegá-lo!

– Não é fácil, lembre que ele é procurado, sabe que estamos atrás dele não só por causa do banco, mas também porque ele é fugitivo, sabe que tem que se esconder.

– Eu sei que você sabe mais, se veio aqui é porque precisa de algo.

– Bom, esta é a parte oficial, vamos ao que não está no inquérito, recebi informação anônima...

– Informante.

– Informação anônima, Danilo, dizendo que o esconderijo fica perto da Vila Madalena, a informação de certa forma bate porque os carros, pelo menos dois deles, foram encontrados ali nas proximidades.

– A fonte é boa?

– Vou abrir uma exceção, é uma prostituta que freqüentou a casa, parece que o cara troca de mulher todo dia, prometeu ficar com uma primeiro, depois deu o fora nela e o resto você sabe...

– Vingança.

– De qualquer forma verifiquei que a casa tem um telefone, estou querendo a interceptação e também estou vigiando, quero saber se Russo está lá, preciso também que seja decretada a prisão temporária dele, apenas por cautela, já que é fugitivo e precisamos apenas encontrá-lo para prendê-lo.

– Considere feito.

– Tem outra coisa que queria conversar com você.

– Fale.

– É sobre o padrão das rebeliões e o comando que veio da Detenção para que o roubo fosse feito.

– Bem, esta é minha parte, Urtizes, vou te adiantar alguma coisa, desde que as Serpentes Negras surgiram e desapareceram que os boatos sobre outra organização ganharam força, nenhum vínculo forte tinha sido percebido até este roubo, certo que existem vários roubos onde atuam ex-presidiários, isto é até comum, mas um roubo onde se determinou que toda a origem veio da Detenção e toda a organização feita fora, com recursos de grande monta, esta é a primeira vez. Claro que existe a organização, qual não sabemos e até onde vai também não.

– Alguém de dentro tem que falar.

– Mas não falará, temos de ficar atentos, estamos controlando a Casa de Detenção com o que temos, mas é pouco.

– Eu também não tenho nada.

– Estamos de olho na Vara das Execuções, a idéia é simples, há muitos presos jurados de morte, algum deles pode saber desta organização, eles são mantidos isolados e fazem qualquer coisa, estamos pensando em oferecer uma remoção para um lugar melhor em troca de informações mesmo que não oficiais, mesmo que ele só fale em off, será um começo para nós.

– Tem mais uma coisa.

- Desta vez você está me surpreendendo!
 - Tenho uma desconfiança de um colega meu, do 222º DP.
 - O tal Sforza?
 - É, conhece?
 - Não, mas o Juiz Leandro Matsushita me contou que vocês tiveram uma discussão durante uma rebelião.
 - Pois é, Russo fugiu de lá, não sei se Sforza está envolvido, alguma coisa ele está fazendo.
 - Ele tem aparecido nos jornais descobrindo um crime ou outro, você viu o caso dos DVD's? Saiu em tudo quanto é jornal.
 - Tudo muito mal contado, mal contado demais.
 - Já avisou sua Corregedoria?
 - Olha, eu e o pessoal da Corregedoria já batemos cabeça muitas vezes por causa das rebeliões, você sabe que eu estou lotado lá, agora volta e meia eles querem que o delegado responda e eu sempre defendo, as condições de trabalho são desumanas e ninguém consegue controlar uma carceragem direito.
 - Eu sei.
 - E eu sei que você trabalha nesta área também, Departamento de Análise e Estatística droga nenhuma.
 - Você percebeu direito, conversarei com os demais promotores.
- Após despedirem-se, Danilo preparou os pedidos de prisão temporária e interceptação telefônica com base no inquérito que Urtizes lhe entregara, reuniu todas as informações que podia e chamou os outros cinco promotores que trabalhavam no DEPAE. Danilo aguardou que todos chegassem, quatro promotores, incluindo Danilo, e duas Promotoras.
- Vocês viram o Delegado Urtizes saindo daqui? Ele trouxe novidades sobre o caso do latrocínio no banco, já temos um identificado e me parece o líder.
 - Será? – Quem perguntava era André Lupara, o mais velho e experiente de todos, alto, corpulento, com uma barba e cabelos grisalhos, não largando em momento algum o cachimbo com fumo *Borkun Riff Cherry* que perfumava todo ambiente. – Sabemos que agora os líderes não usam armas e geralmente até usam os serviços da agência bancária para disfarçar, neste caso aí o cara estava com uma submetralhadora.
 - Certo, mas a sub só apareceu depois.

– E por que ele matou a moça?

– Urtizes não me disse, mas eu já sei, a moça atendia o cara e o deve ter reconhecido; primeiro desarmado e depois com a arma, ele a matou só por garantia, para não correr o risco de ser identificado.

– E por que ele teria pego a arma?

– Não se sabe, só especulação, ao que parece ficou com medo quando um deles foi parado na porta giratória, mas como eu disse, só especulação. Mas isto é secundário, me parece que temos pela primeira vez a identificação de um membro de um grupo criminoso organizado dentro da Casa de Detenção e provavelmente nas carceragens dos DP's.

Danilo fez um breve resumo do que sabia, repetindo a investigação de Urtizes, a quem teve o cuidado de dar todos os créditos, o que Urtizes não sabia era que o DEPAE já tinha dados semelhantes, mas não tão específicos, aliás, a função do DEPAE era genérica e efetuava pesquisas não necessariamente ligadas a um crime determinado. A diferença entre a Polícia e o DEPAE era que a primeira somente funcionava face a notícia de um fato criminoso e o DEPAE buscava a antecipação, havia a suspeita de um grupo organizado dentro do sistema prisional, porém apenas um latrocínio com um dos autores identificado, quando o inquérito terminasse o roubador seria provavelmente preso, mas o trabalho do DEPAE continuaria até a constatação da existência ou não do grupo criminoso.

– Bem, é isto aí, temos finalmente uma identificação positiva de um participante de uma organização, cuja extensão não sabemos, a captura é provável, breve, e acho que podemos montar alguma estratégia.

– Estratégia? Com esta legislação? Se pudéssemos fazer um acordo, se tivéssemos autonomia para trocar alguma coisa pela informação tudo bem, mas neste país está tudo difícil, é lei da Bélgica com realidade do Congo, não podemos transigir em nada, fazer nenhum acordo, nada, seria fácil desmontar qualquer organização criminosa se pegássemos um dos membros e pudéssemos oferecer um acordo ou até a liberdade em troca do testemunho, mas aqui ninguém cogita disto, todo mundo morre de medo.

– Estamos todos no mesmo barco, Lupara, mãos atadas, devíamos poder fazer este tipo de acordo e o juiz apenas homologar a vontade das partes envolvidas, como nos países civilizados, mas aqui, na selva, é difícil, neste caso talvez haja uma exceção, parece que Urtizes vai prender mais alguém, todos que estiverem no esconderijo e verificaremos um por um, veremos se alguém mesmo preso tem algum benefício para ganhar e depois vamos em cima.

Uma das Promotoras, Melissa Del Angelo, pegou uma folha do Diário Oficial e matou uma pequena barata que passeava pelo lado da mesa de Danilo.

– Está tudo certo, você disse que ele fugiu de um DP e que o tal grupo estaria se espalhando da Detenção para fora, penso que devemos fazer uma visita ao DP, qual é mesmo? Ah o 222º, já estive lá, é terrível, superlotado, muito serviço e um delegado problemático, o tal do Sforza.

– Combinados então, eu, Melissa e Lupara vamos até o DP, depois veremos o que fazer. Deixa a baratinha aí que eu limpo depois Melissa.

XIV – UMA CAPTURA

Russo havia retornado da reunião com Caveirinha e não parava de pensar, percebera que o traficante queria infiltrar-se no Comitê Central e dominá-lo, só queria saber o quanto poderia lucrar com isto, tinha uma certa vantagem sobre Caveirinha, conhecia o sistema prisional e ele não, contava que uma vez lá dentro pudesse controlá-lo mais facilmente do que fora do sistema, a questão era como os membros do Comitê Central reagiriam, aceitariam o traficante ou não, ou alguns seriam favoráveis e outros não? Quem seria favorável e quem seria contra? Como lidar com o veto? Todos os membros do Comitê eram experientes e perigosos, tinham seguranças escolhidos cada um pessoalmente por suas qualidades como matadores, a única alternativa para um veto seria a morte do resistente, como fazê-lo? Como Caveirinha poderia ajudá-lo nisto se dentro do sistema prisional ele não tinha qualquer poder? Ou tinha? Quem ele teria infiltrado na Casa de Detenção e como? Infelizmente era hora de voltar à Detenção e reassumir o papel perante o Comitê Central, pegou o telefone e discou o número de Macaco.

– Macaco, é Russo, precisamos conversar, preciso voltar ao quartel na boa.

– Sem problemas, posso deixar vazar a notícia de onde você está.

– Nada, vou me entregar e assim saio mais cedo do isolamento, além do que eles não sabem nada do roubo no banco e ninguém desconfia que matei a menina, saio logo do isolamento.

– Ninguém viu nada mesmo, o jornal nem publica mais a notícia e todo mundo fala que eram dois os carros, ninguém viu a gente no Passat, viu como é bom ter carrão? Ninguém percebeu que a gente estava na lança, eu te falo, não volto para a Detenção nunca mais.

– Na boa, venha aqui amanhã e vamos ver o que fazer, esta noite quero uma piranha caprichada.

– Pode deixar.

Desligaram o telefone, no gabinete de Urtizes o gravador parou e o delegado e Paulinho, seu investigador de confiança, sorriram longamente, a prova era a melhor possível, nada mais impedia a detenção de Russo e agora ainda por cima o tal Macaco, a escuta era dotada de um aparelho tipo Bina, um identificador de chamadas que mostrava também o número discado e o número do telefone de Macaco apareceu na tela.

– Paulinho verifique no terminal o apelido Macaco e veja se existe algum fugitivo da Casa de Detenção com este apelido, amanhã pegamos o Russo, quando o tal Passat chegar o resto vai cair também, verifique na Telefonica o endereço da linha chamada e me ligue com o Dr. Danilo, vamos pedir uma segunda escuta neste último telefone, quero também uma lista dos últimos números discados de dois meses para cá.

No dia seguinte Urtizes e os policiais ficaram à espreita do sobrado da Vila Madalena, apontado como o local onde estava instalada a linha telefônica, de campana como se falava, esperando que o tal Passat chegasse e pudessem deter tanto Macaco quanto Russo, verificaram do computador da DVC – Delegacia de Vigilância e Capturas, onde todos os mandados de prisão eram registrados, e descobriram que fugitivo e com este apelido só havia um, havia fugido há muito tempo e possuía condenações por dois roubos e um furto, cumprira boa parte, mas fugira assim que recebera o benefício da prisão semi-aberta.

Os policiais esperavam, Urtizes se fazia acompanhar de Paulinho e mais três investigadores, todos armados com pistolas semi-automáticas cal. 380 compradas com recursos próprios e mais um revólver cal. 38 padrão da polícia, ninguém era louco a ponto de empreender uma prisão deste tipo somente com revólveres comuns, mesmo porque os fugitivos já tinham demonstrado que sabiam se armar muito bem. A campana começou pela manhã e os policiais esperaram até quase o meio da tarde, se chegasse o anoitecer teriam de estourar o aparelho antes; o delegado sabia que existe uma previsão constitucional sobre a inviolabilidade do domicílio e após as 18 horas não se concretizando a prisão, a casa poderia ser cercada, mas invadida não. Urtizes já estava inquieto esperando o Passat chegar e já tinha tomado a decisão de não esperar até o último momento, o telefone para o qual Russo ligara como sendo o de Macaco ficava em um apartamento que desde o dia anterior estava vazio. Também ali havia o cerco, mas ninguém sabia de um carro com as características mencionadas no telefone, portanto só restava aguardar. Ao final da tarde Urtizes já estava pronto para determinar a invasão quando o Passat apontou pela esquina, o carro passou pela casa, deu uma volta no quarteirão e finalmente parou. Era dirigido por um indivíduo de pele morena, muito forte, que tinha a seu lado uma mulher bonita, casa dos 25 anos,

com roupas justíssimas e Urtizes não teve dúvida em identificá-la como uma prostituta de luxo.

– Atenção esperem eles descerem do carro e chegarem perto da porta, se estiver com a chave na mão esperem ele colocar a chave na fechadura e avancem direto.

Macaco não percebera a presença dos policiais, mas sentia algo estranho, tudo muito quieto, pouca gente na rua, mas nada aparente, a prostituta com quem estava nem prestava atenção ao seu redor. Macaco queria acabar logo com isto e resolver junto com Russo como este voltaria à Casa, coisa que prometeu a si mesmo nunca fazer, colocou a chave na fechadura e abriu a porta. Imediatamente dois policiais saíram de uma lojinha de presentes, do outro lado da rua, depois soube que um deles era o Delegado Urtizes e o outro um policial conhecido por Paulinho, mais dois vieram de um carro e um terceiro atravessou a rua correndo, todos de arma em punho, Macaco sentiu na hora a prisão, para ele um pesadelo, seu instinto falou mais forte e sacou de uma pistola semi-automática 9mm, mirou para o que estava mais próximo e atirou, tudo em um movimento só, o tiro atingiu o investigador Paulinho, na parte superior do tórax, do lado esquerdo e não o matou, embora o ferisse gravemente, com o impacto Paulinho caiu para trás como se tivesse levado um empurrão e quando caiu no chão já sangrava em abundância. Macaco não interrompeu o movimento e virou a arma para o segundo policial, acionando o gatilho, chegou a efetuar o disparo, mas foi atingido antes por um tiro dado por Urtizes em revide ao desfechado contra Paulinho, desta vez quem caiu para trás foi Macaco e por ironia do destino atingido na mesma região de Paulinho. Macaco porém era muito forte e o tiro não o deteve, conseguiu se recuperar, mas já era tarde, deixara cair a arma por força do impacto do tiro dado por Urtizes, mesmo assim tentou pegá-la, mas os demais policiais já estavam ao seu lado e teve um cano de pistola encostado na nuca antes que terminasse o movimento. Urtizes e outros dois policiais invadiram a casa de armas em punho, prontos para atirar e gritando o refrão de praxe: a casa caiu. No quarto do andar superior do sobrado Russo ouvira os gritos e aproximara-se levemente da janela, vira Macaco chegando e percebeu os policiais em uma viatura próxima, alguém devia ter dado o serviço, mas quem? O próprio Macaco desconfiado do aviso que ele, Russo, dera ao Comitê dizendo que Macaco era incompetente? Suas dúvidas desfizeram-se quando viu a reação burra de Macaco e o desfecho inevitável, bem, voltaria à Detenção como planejado, embora apenas um ou dois dias antes.

Como o andar inferior do sobrado estava vazio, Urtizes e dois investigadores subiram a escada correndo de arma na mão. A esta altura o socorro já havia sido pedido por um dos policiais que ficara junto a Paulinho e as sirenes da polícia militar já podiam ser ouvidas –, a escada

dava em um pequeno ambiente de distribuição e duas portas, ambas estavam abertas e num dos quartos, com as mãos para cima e encostado na parede, estava Russo, Urtizes o reconheceu pela fotografia do inquérito, os policiais dispersaram-se em dois grupos, Urtizes e um investigador entraram devagar no quarto onde Russo estava, os outros revistaram o quarto contíguo. Russo foi algemado com certa brutalidade e os policiais desceram mais calmos com o término da operação, porém preocupados com Paulinho. Somente ficaram mais aliviados quando souberam que a bala transfixara o ombro do investigador, mas não destruía nenhum osso, contudo ele perdera muito sangue e o tecido muscular sofrera sérios danos, viveria, sem dúvida, mas o ferimento iria cobrar um bom preço.

A cidade de São Paulo divide-se em Distritos Policiais, cada qual encarregado de uma determinada região geográfica as quais, embora nem sempre, usualmente são identificadas com determinado bairro, todos os Distritos encontram-se subordinados a cinco Delegacias Seccionais, Centro, Norte, Sul, Leste e Oeste, fora esta divisão existem ainda as delegacias especializadas, Delegacia de Crimes contra o Patrimônio – DEPATRI; Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa – DHPP; Delegacia de Crimes contra o Consumidor – DECON; Delegacia de Repressão ao Narcotráfico – DENARC etc., cada uma destas por sua vez tinha várias subdivisões, dentro do DEPATRI existem delegacias especializadas em roubos de cargas, furtos de fios elétricos e muitas ramificações. A indicação de cargos é feita pelo próprio delegado-geral, o qual, por sua vez, é indicado pelo próprio governador através, na maior parte das vezes, da *longa manus* do Secretário de Segurança Pública. No caso de Urtizes contudo a situação era excepcional, após sair do GOE, ele fora escolhido pelo próprio delegado-geral como um de seus homens de confiança e nominalmente estava lotado na Corregedoria da Polícia Civil, departamento cujo objeto era a apuração de crimes ou irregularidades administrativas praticadas pelos próprios policiais.

Russo esperava apenas ser colocado em algum DP ou levado à Casa de Detenção, quando percebeu que passara direto para uma delegacia seccional estranhou, quando então a escrivã o chamou para ser indiciado começou a praguejar a ponto de chamar a atenção de Urtizes que estava por perto.

– Qual é valente? Não esperneou para ser preso e agora não quer tocar pianinho?

– Por que estou sendo indiciado? Fui preso porque sou fugitivo, não cometi nenhum crime!

– Você não foi interrogado ainda?

– Não, não sei do que está falando.

– Você está sendo preso pelo latrocínio cometido em uma agência bancária, você matou uma vítima chamada Glória para quem se apresentou como um cliente, lembra não? Caiu a ficha agora?

– Não fui eu, isto é uma arbitrariedade, estão me querendo jogar no fogo apenas para segurar a bucha!

– Escrivã Marina, vamos logo com este interrogatório, faça constar: o indiciado nega as acusações...

Foi então que Russo percebeu, alguém tinha dado o serviço, a pena seria longuíssima, bem, para ele não fazia tanta diferença, talvez da próxima vez que saísse fosse definitivamente para o Paraguai ou alguma cidade do norte, percebeu porém que embora o PCC fosse forte não era tão inexpugnável quanto pensavam, desta vez o delegado se dera bem demais, teria sido apenas uma coincidência?

– Doutor?

– Fala Marina.

– Parece-me que já chamaram um advogado e ele está aqui para acompanhar a prisão.

– Já? Traz ele aí, se quiser acompanhar pode, mas quietinho.

– Acho que ele não vai ficar quieto não doutor.

– Por que?

– É aquele advogado famoso, o Dr. Jorge Dias Velho e está acompanhado de um outro, o Dr. Neto.

– Vai ser um pé, tome minha agenda, ligue para o Dr. Danilo, o número do celular dele está aí e conte o que aconteceu, chame outro escrivão para ajudar, quero todos os detalhes registrados.

– Posso fazer o advogado entrar?

– Pode.

Urtizes esperou a chegada de Jorge e Neto, não esperava grande coisa eis que se tratava de um foragido e não havia qualquer espécie de formalidade para a captura, no entanto quando os advogados entraram observou que o ambiente ficara subitamente pesado.

– Eu já sei que meu cliente é foragido, Dr. Urtizes, mas quero protestar pelo modo como se deu a prisão, aliás, também ele não pode ficar preso em delegacias e deve ser removido imediatamente para a Casa de Detenção; seria um abuso mantê-lo em um Distrito quando é certo que a partir de hoje ele já está cumprindo pena. Quero protestar também contra

a invasão brutal que o doutor comandou, feriu gravemente outro preso e invadiu a casa no horário do repouso noturno, não preciso dizer o quanto isto pesa a favor de meu cliente.

– Bem doutor, primeiramente devo informá-lo que o horário da prisão foi anterior ao anoitecer...

– Isto é discutível, pode ter extrapolado...

– Doutor, seu cliente está e vai ficar preso nesta seccional, até mesmo porque existe ordem de prisão temporária contra ele e está sendo indiciado como autor de um latrocínio, fora isto o outro preso quase matou um dos policiais com um tiro e não há juiz neste mundo que vai soltar um dos dois, o doutor me entende?

Jorge Dias Velho percebeu que perdera a jogada, a notícia que tinha era apenas de uma recaptura de preso e não de um latrocínio, alguém dera a informação errada.

– Eu exijo falar com meu cliente a sós, é meu direito como advogado.

– E não serei eu que impedirei o exercício de tal direito doutor, mas o doutor terá de esperar o final do indiciamento e eu lhe garanto, vai demorar.

– Isto é um abuso!

– Entenda como quiser.

Foi assim que diligentemente Urtizes demorou quase três horas para fazer o indiciamento, neste período o ar de indignação do advogado, que antes era mero recurso teatral, assumiu ares de verdade e por fim efetivamente o atingiu em cheio, quando pôde ficar face a face com Russo o tom foi mais ameno.

– Doutor eu não lhe conheço, não lembro do senhor nos casos de nossos amigos.

– Venho da parte de um amigo comum.

Quando Russo ficou a sós pensou em como Caveirinha já queria mostrar serviço e prestígio, mobilizar o melhor ou um dos melhores advogados de São Paulo em tão pouco tempo devia custar dinheiro, da mesma forma percebeu que efetivamente Caveirinha tinha pelo menos um homem dentro do PCC.

Urtizes estava em seu gabinete e pensava em Paulinho, soube que ele se safara e ficou contente, o outro preso, o tal Macaco também era fugitivo e seria indiciado pelo latrocínio do banco, estava também ferido e voltaria do hospital ainda esta noite para o indiciamento, fora uma

noite produtiva, confirmou-se também o fato da organização criminoso, a simples presença do advogado assim o dizia, embora a rigor nada provasse, avisara Danilo e este se oferecera para ir até a seccional, como todavia Jorge amansara quando soube do latrocínio achou que não era preciso, agora um pensamento residual lhe passava pela cabeça, o que havia de errado com Sforza? Teria ele alguma coisa a ver com isto? Não fora do 222º DP a fuga? Alguma coisa estava errada e ele pretendia descobrir o quê.

XV – DESCONFIANÇA

Urtizes teve seu momento de fama com a resolução do latrocínio do banco, recebeu destaque e concedeu as entrevistas de praxe, o Promotor Danilo também foi alvo dos repórteres, os quais pretendiam as notícias iniciais do julgamento de Russo, apresentando-o a todo instante como um dos foragidos mais procurados do Estado. Nenhum dos dois se surpreendeu com a repercussão do caso, não seria o primeiro e nem o último crime de repercussão na Capital, surpreenderam-se porém com o discurso inflamado de um Deputado Estadual, Ulisses Passos Zambioni, conhecido justamente por utilizar como base de seu programa eleitoral o combate ao crime, tal deputado pouco tempo dedicou à descoberta do criminoso, passou imediatamente à crítica, taxando a polícia de ineficiente por ter identificado apenas dois dos roubadores, enquanto sobre os vários outros nada se dizia, o espanto contudo foi geral e deixou ambos boquiabertos quando o deputado passou a mencionar como exemplo de policial atuante o delegado de Polícia titular do 222º DP, Dr. Sforza, tomando como exemplo a descoberta de uma quadrilha de receptadores ligados a um grande roubo de produtos eletrônicos. O espanto crescia mais quando o Deputado Ulisses Passos Zambioni mencionava estatísticas que apontavam o 222º DP como o mais eficiente da Capital, na sua área de abrangência. As críticas e os elogios ganhavam especial importância por uma simples constatação, o deputado era um dos mais fortes e comentados candidatos à sucessão do Governador do Estado, os repórteres imediatamente tomaram o discurso como indicativo de que Sforza seria um homem forte na eventual administração de Ulisses, provavelmente delegado-geral ou Secretário de Segurança Pública, em quaisquer das hipóteses um cargo político de primeira grandeza, e por conseguinte Sforza passou a gozar de prestígio junto às equipes de reportagem; na sequência Urtizes e Danilo mais se espantavam com o destaque do delegado, parecia que por inércia da mencionada e possível composição de

um provável governo estadual o nome ganhava relevância. Tanto o promotor quanto o delegado não conseguiram atinar o porque do súbito apogeu político de Sforza, porém o instinto os levava à desconfiança, do que, porém, não sabiam.

XVI – ROUBO DE CARGA – MEDICAMENTOS

Carlinhos Maracanã também assistiu à ascensão de Sforza ao estrelato, motivado pelo discurso seguido do deputado, sabia porém que Sforza tinha ambições políticas conforme Cybele lhe confiara após uma noite com Tainha, eles provavelmente tinham feito um acerto. Sforza estava ganhando muito dinheiro e grande parte vinha dos apontamentos que Carlinhos lhe fazia e outra parte expressiva do pedágio que fizera com Caveirinha. Carlinhos agora participava junto com Tainha do recolhimento do pedágio, feito sempre em um local determinado da favela, um bar próximo ao asfalto. Carlinhos porém tinha a mesma preocupação, não sabia até que ponto seria útil ou não a Sforza, se este realmente fosse seguir uma carreira política até que ponto toleraria um informante profissional que soubesse grande parte de seu lado nada popular? Cada vez mais Carlinhos percebia que se tornava um estorvo ao futuro de Sforza e a única coisa que o garantia era sem dúvida a grande margem de lucro que proporcionava. Qual seria o momento de pular fora? Antes da eleição? Sem dúvida, depois que ocupasse um cargo público Sforza estaria mais exposto e deveria tomar muito mais cuidado, não teria a margem de manobra que tem hoje. Sua utilidade então tinha data marcada: antes da eleição, Carlinhos deveria sumir, não para o Rio de Janeiro, é claro, o Comando Vermelho não esquecia traição, nem para o Paraguai, aquele lugar não era seguro para ninguém. Pensou no sul, para onde ninguém pensava em fugir, já que por ali a polícia era mais organizada, ou para o nordeste, pela razão inversa. As meditações de Carlinhos foram interrompidas pela campanha do porteiro eletrônico, é claro que com os últimos acontecimentos Carlinhos se aperfeiçoara, se antes ia até a porta olhar pelo olho mágico agora se fazia valer de uma câmera de TV, circuito fechado e uma porta reforçada à prova de arrombamento, além de uma rota de fuga pelo conjunto de escritórios do lado, alugado por Carlinhos com este único intuito. O circuito fechado de TV mostrava dois indivíduos corpulentos, morenos, cabelos curtos, musculosos, os quais Carlinhos não teve sombra de dúvida em identificar como assaltantes de cargas, já os vira casualmente na sua habitual ronda pelos bares do baixo meretrício.

– O que vocês querem?

– É o Carlinhos?

Carlinhos não respondeu, queria ver até onde chegavam os estranhos, estariam indo atrás dele? Ou atrás de alguma informação ou um negócio?

– O que querem?

– É particular, temos um negócio.

– Que negócio?

– Um negócio com um delegado, quer que falemos aqui no corredor?

Ora, se eles falavam em delegado é porque sabiam de Sforza e se sabiam de Sforza seu objetivo era um contato.

– Entrem, tirem as jaquetas na sala de espera e venham desarmados.

– Está bem!

Os indivíduos entraram na sala de espera e tiraram as jaquetas, também tiraram cada um uma arma, pistolas semi-automáticas Glock, cal. 380, aparentemente armas de uso permitido e pareciam ser legais.

– Seu Carlinhos temos um negócio a propor. Nós sabemos que o senhor intermedia cargas, sabemos de sua reputação como gente de bem; mas sabemos também que é amigo do Tainha, investigador, sabemos mais ainda, que você tem um bom relacionamento com o delegado do 222º DP, o tal Sforza.

– E daí?

– Seguinte, temos uma informação de uma carga de três carretas que estão trazendo remédios, muitos de uso contínuo, para São Paulo, quem dá o lance é um dos ajudantes dos caminhões, ele sabe a data e a hora de chegada, mas não sabe certo o percurso, sabe que vai passar perto do 222º DP e sabemos também que as carretas estão vindo com uma escolta com um carro só e três seguranças. Temos o local do transbordo em uma engarrafadora de água, no dia estará fechada e o gerente garantiu também quatro caminhões da própria empresa para dispersar a carga.

– Então vocês não precisam de nada certo?

– Em parte Seu Carlinhos, a gente sabe quem compra os medicamentos, a maior parte é de venda direto ao público ou uso contínuo, não temos porém o contato.

– Com quem vocês querem vender?

– Sabemos que o dono das farmácias Drogaboa compra e tem até esquema com notas fiscais, ninguém se mete com ele porque tem programa de rádio e como as farmácias atendem na periferia e vendem mais barato é um sujeito popular, ele tem muita influência.

– É verdade, falemos claro, eu conheço o João Terto, ficou famoso com o programa de rádio e depois abriu as farmácias.

– Pois é, sabemos que ele compra, mas precisamos negociar, mas não foi só por isto que quisemos falar contigo.

– E por que mais? Além de vender a carga eu não posso fazer mais nada.

– Pode sim, queremos um acerto com o Delegado Sforza, queremos um acerto com ele antes do roubo e não depois, ele tem que ficar na nossa, vamos negociar certo antes que ele fique sabendo e venha para cima da gente, vamos ter um entendimento e você será o nosso contato.

As possibilidades abertas são grandes, pensou Carlinhos, talvez aqui ele consiga um bom trunfo para surpreender Sforza, estes dois são gente perigosa, pensaram antes e sabem o que estão fazendo, quem sabe?

– Como vou saber se vocês são gente boa?

– Basta perguntar por aí, Mathias e Orlando Gonzalo, pergunte para a Cybele, ela sabe quem deve ser indicado para quem.

Despediram-se secamente, Orlando Gonzalo parecia o líder e disse que fariam contato dentro de uma semana mais ou menos. Quando ficou sozinho Carlinhos praguejou, puta é puta, se Cybele tinha falado dele tinha falado também de Tainha, foi assim que estes dois fizeram o vínculo, não poderia contar tanto com Cybele, ela fala que não gosta de Tainha, mas parece que não gostava dele também e portanto fazia um jogo duplo, até triplo e se bobear, pensou, quádruplo, estava exposto, teria de tomar mais cuidado. Imediatamente pensou em ligar para Tainha dizendo que tinha um novo apontamento e seria dos grandes, pensou também em dizer a ele o quanto era grande a boca de Cybele, mas se conteve. Tainha era dominado pela mulher e a amizade de ambos poderia esfriar justamente por causa disto, pensando bem não telefonaria para o DP, iria direto fazer uma visita lá e faria uma surpresa para todos. Carlinhos saiu do escritório pela lateral, desceu até o estacionamento e entrou em seu carro de guerra, com os lucros dos sucessivos apontamentos que fizera à Sforza, a fama de receptor boa-praça e o comércio semi-ilícito de jóias conseguira um patrimônio confortável, possuía um Honda Civic vermelho novinho, mas também tinha um Ômega antigo, que utilizava

nos negócios mais quentes, o Ômega não estava em seu nome mas era regular e mesmo se a chapa fosse anotada não levaria necessariamente a sua pessoa.

Carlinhos já se aproximava do 222º DP, chovia um pouco, mas o dia estava quente e úmido. Entrou no DP pela lateral evitando a presença da imprensa, tinha ojeriza em aparecer, era muito ruim para os negócios, e viu Sforza dando uma entrevista para uma repórter bonitinha que fazia o gênero intelectual-esperta, atrás da repórter um câmera filmava a entrevista. Nem Tainha, nem Dedo ou Castanheira estavam nas proximidades, resolveu subir ao primeiro andar onde ficava a sala de Vasconcelos, este com certeza estava lá já que cuidava de todo o dia-a-dia da delegacia. Já esperava não encontrar o Delegado Adriano, não sabia como ambos, Sforza e Adriano, podiam trabalhar juntos, Adriano não aceitava acordos, não tolerava violência e cuidava pessoalmente da parte burocrática, era o perfeito chato e mais de uma vez, durante seu constante transitar pela delegacia, não escondeu que gostaria de ver Carlinhos bem longe dali, um era o diabo em pessoa, o outro o mais certinho delegado que já vira aqui ou no Rio de Janeiro. Subiu as escadas sem pressa, parecia completamente integrado ao meio e quem lhe visse concluiria com certeza que se tratava de algum funcionário da delegacia, quando chegou no 2º pavimento passou direto pela sala onde sabia que os recalitrantes eram convencidos a colaborar. Foi até a sala de Vasconcelos e viu que efetivamente este não estava lá. Resolveu esperar e andou a esmo pelo corredor chegando até a sala de Sforza, com certeza a porta estaria fechada e trancada, pensou, mas como todo malandro sempre acredita em alguma oportunidade resolveu encostar-se e girar a maçaneta, para sua surpresa a porta abriu-se. Carlinhos olhou para dentro do gabinete com um certo sentimento de superioridade, ele poderia entrar na sala de Sforza sem que o delegado soubesse, o reverso contudo não era verdade, vantagem que levava como sendo o dono de seu escritório e não precisar ficar em um prédio público. Entrou no gabinete e viu os móveis antigos e bonitos da delegacia. Havia também alguns armários e livros recentes haviam sido adquiridos, o repórter que ali entrasse com certeza teria a impressão de um homem culto e estudioso, ficou pensando na razão que Sforza teria para dar entrevista na entrada da delegacia e não em seu agora bem cuidado gabinete, chegou à conclusão que Sforza tinha medo que a repórter subisse e mesmo com a porta da salinha fechada ouvisse os grunhidos que Vasconcelos arrancava à base de choques elétricos a poucos metros. Sobre a mesa de Sforza havia uma pasta grande, plástica, com uma etiqueta impressa “Programa de Governo”, achou divertido folheá-la sem a presença do ladino policial e quem sabe poderia descobrir o que de interessante havia entre o deputado Ulisses Passos Zambioni e um simples delegado, viu que a pasta estava recheada de papéis com o

timbre da polícia civil e preparava-se para abrir a pasta quando foi interrompido por Tainha que entrara no gabinete.

– Está louco homem? Se ele souber que esteve aqui e mexeu nos papéis dele te mata, mais um pouco e mata a mim também, vamos embora, rápido que ele está subindo.

– Já vou, já vou, o que é este “Programa de Governo”? Nunca pensei que o delegado se interessasse por estas coisas.

– Eu nem sei.

– Vamos que o cara está subindo, desinfeta.

Quando ganharam o corredor andavam calmamente como se nunca tivessem entrado no gabinete de Sforza.

– Me conta aí Tainha, somos amigos, como o Sforza conseguiu ficar amigo deste deputado? Logo um dos mais votados e candidato a governador?

– Olha, nem eu sei, só sei que ele e o Dedo andaram fazendo umas diligências para o tal deputado durante a noite, mais nada, ele não conta picas para gente.

– Para o deputado?

– É, eu acho que sim, eu só sei porque ouvi os dois conversando uma noite destas, eu saía depois de ter trazido um cara, um puxador de carros que ia dar a maior grana e ele mandou a gente esperar, falei que não dava não porque depois o Adriano ia começar o turno dele e você sabe, ele não tolera nada, é um chato que vive de salário, um vagabundo.

– Sei, sei, me conta o resto.

– E aí ouvi ele dizendo para o Dedo que o puxador teria de esperar porque eles iam cuidar do caso do deputado.

– Que coisa, bem que eu queria saber, e a Cybele?

– A gatíssima de sempre, vou te contar o segredo mais segredo, tudo que ganhei com vocês nestes meses e consegui guardar já tem destino.

– É? Qual?

– Vou comprar o passe de Cybele, vou tirar ela da vida, ela vai morar na minha casa, quero casar com ela.

Tainha disse isto com ar triunfante, Carlinhos Maracanã não podia sequer acreditar no que ouvia, um policial experiente, violento, que sabia tudo de rua, caído por uma puta? Será que ele acreditava no que ela falava? Será que acreditava que ela realmente gostava dele ou pior ain-

da, será que acreditava que Cybele poderia simplesmente ficar com ele o resto da vida? Uma mulher daquelas? Cybele jamais iria casar ou ficar ou o que quer que seja com Tainha, mais fácil seria se ela o matasse ou ele a matasse o que com certeza aconteceria mais cedo ou mais tarde. Optou porém pela diplomacia e mostrou-se feliz com a notícia como se esta tivesse vindo de um amigo muito querido e envolvesse um casal dos mais exemplares.

– Meus parabéns, que bom, assim você se aquieta na vida finalmente.

– Pois é, é meu grande sonho, olha o doutor está chegando.

Sforza subiu as escadas rapidamente, seus olhos brilhavam e ele se sentia cheio de poder, dar entrevistas, ser requisitado, sua imagem nos noticiários, seu *status*, tudo isto tornava-se para ele o maior prazer da vida, sempre fora atraído pela idéia do poder, agora porém começava a ver um outro mundo que lhe agradava demais, entrevistas com repórteres de televisão eram as melhores coisas da vida, pensou, sentia-se poderoso, capaz de concentrar a energia de milhares de pessoas que o viam ou simplesmente escutavam, quem já participou de programas de televisão com repercussão sabe como é a sensação e finalmente descobriu a palavra adequada, estar na mídia era inebriante, notou então Tainha e o receptor dublê de informante que tantos lucros lhe dava havia meses, hoje estava animado e de bom humor.

– Ora, ora, Tainha e Carlinhos, o gordo e o magro, amigos de toda hora, espero que tenham boas notícias para todos, hoje o dia será bom, muito bom, eu sinto.

– Podemos ir até seu gabinete doutor?

– Mas é claro Tainha, vamos lá.

Os três desceram pelo corredor até o gabinete, Sforza colocou a mão na maçaneta e quando viu que a porta estava aberta embranqueceu, numa reação que nem Carlinhos e nem Tainha nunca haviam visto, Sforza abriu a porta com violência e precipitou-se para sua mesa, olhou a pasta aparentemente intocada e mandou que Tainha e Carlinhos esperassem um pouco do lado de fora, fechou a porta sem cerimônia na cara de ambos e examinou o conteúdo da pasta, observou satisfeito que tudo estava em ordem, foi até a estante, afastou os livros e abriu uma caixa de aço, um pequeno cofre de metal com fechadura de combinação, no gabinete havia também sensores de movimento e quando saía de dia ou de noite tratava de acionar o alarme, numa delegacia seria impossível que alguém ali adentrasse e tivesse tempo de abrir o pequeno cofre sem que metade dos policiais ficasse sabendo, não que alguém tivesse interesse em tanto, fechou a caixa, colocou os livros no lugar e abriu a porta para a entrada de Tainha e Carlinhos.

– Tainha você estava no corredor o tempo todo?

- Estava sim doutor.
 - Alguém entrou?
 - Não doutor, estava tudo vazio, o Vascão está lá na salinha e quando é assim eu evito que qualquer um suba.
 - Bom, vamos aos negócios, o que temos este mês Carlinhos, faz tempo que não entra nenhuma grana alta.
 - Ora doutor, não passa mês sem que pinte algo grande.
 - Você já foi melhor.
 - Bom, o negócio é o seguinte.
- Carlinhos explicou então o encontro com Mathias e Orlando Gonzalo, tentava não demonstrar o nervosismo que sentira quando Tainha mentira e dissera que ninguém havia entrado na sala, provavelmente Sforza daria uma dura em Tainha também e este preferira preservar-se.
- Eles querem um acordo antes Carlinhos?
 - Pois é, eu achei esperto, eles têm mais poder de barganha.
 - Não posso dizer que a idéia não me agrada, o risco é infinitamente menor, mas o que me garante que isto não é só um arranjo, eles combinam, a gente não interfere e quando vai receber eles somem? Como vamos garantir nossa parte?
 - Doutor, só tem um jeito.
 - Eu sei, vamos ter que ir junto, temos de ficar grudados nestes caras, o que não é difícil.
 - E o risco de sermos interceptados por alguma viatura? Se estivermos juntos ou até próximos vai ficar difícil explicar.
 - Vamos de viatura oficial e coisa e tal, damos um acompanhamento para o comboio e se alguém perceber alguma coisa estamos é realizando uma grande prisão. É claro que aparecemos apenas quando eles já tiverem saído das estradas, quando estiverem em alguma estradinha vicinal, aí não terá perigo, onde será o transbordo Carlinhos?
 - O transbordo será em uma engarrafadora de água e refrigerante, o acesso não é muito bom e o lugar não é movimentado, perfeito.
 - E a nossa parte?
 - Aí é que está o problema doutor, quem vai comprar é uma pessoa só, o ex-Deputado João Terto e ele paga depois de receber e se pagar para o Orlando Gonzalo como teremos certeza de receber? O Gonzalo pode simplesmente dar no pinote.

- Diga Carlinhos que nossa parte será um caminhão.
- Um caminhão!!?? Eles não vão aceitar, é um terço do bruto.
- É pegar ou largar, eu mesmo arrumarei outro caminhão para o transbordo, tenho um lugar para armazenar a carga por uns dias, um sítio sem compromisso, depois do transbordo o caminhão irá para lá e ficará dois dias no máximo, neste período você entra em contato com o João Terto e avisa que existem duas partes, a primeira do Gonzalo e do Mathias ele que trate com os dois, o resto é por nossa conta.
- E este caminhão doutor? Como vamos saber que não será interceptado por algum policial?
- Interceptado? Um caminhão acompanhado por uma viatura policial caracterizada e com policiais trabalhando contra crimes de roubo de carga? Que disparate.

Sforza especificou mais alguns detalhes sobre o transbordo e a abordagem, queria também acompanhar mais de perto a venda para João Terto, não falou para nenhum de seus dois comparsas, mas queria ficar bem perto de João Terto e talvez negociar além da compra do medicamento o apoio político do ex-deputado, o homem era popular na periferia porque vendia remédios mais barato; sua palavra valeria alguns votos na eleição, com certeza, e mais um sócio em sua caminhada política seria muito bom, ademais, o negócio para João Terto também seria bom, acenaria com a possibilidade de mais lucros, quanto cobraria por um caminhão de medicamentos de uso contínuo? Era venda certa, dinheiro em caixa.

Ao mesmo tempo que Sforza mantinha seus pensamentos também Carlinhos raciocinava, faria o contato com João Terto. Estranhava contudo o interesse de Sforza em participar das negociações, ele se exporia muito, ou haveria uma segunda intenção? Será que ele estava querendo traí-lo? Tudo parecia um pouco estranho, de qualquer forma teria de esperar o contato com Gonzalo e Mathias. Tainha também tinha seus pensamentos, Sforza o mandara avisar Vasconcelos, Dedo e Castanheira da transação, queria pouca gente, o que era bom, talvez com este roubo conseguisse dinheiro suficiente para comprar o passe de Cybele.

XVII – UMA VISITA

Os Promotores Danilo, André e Melissa estavam resolvidos a fazer uma visita ao 222º DP, o motivo era simples, Russo, o assaltante havia

fugido de lá direto para as mãos da quadrilha e para o roubo, desconfiavam então que pudesse haver uma ligação entre o delegado tido como problemático e eventuais crimes cometidos por fugitivos do Distrito Policial, não seria a primeira vez e nem a última que alguém utilizava este tipo de estratégia. Os promotores contudo foram surpreendidos pelos discursos de Ulisses Passos Zambioni e pela súbita visibilidade de Sforza na imprensa. Resolveram esperar, caso realmente Sforza estivesse envolvido em proteção a criminosos dificilmente se arriscaria a ter tal presença na mídia e, se decidisse correr o risco, não o faria simultaneamente, esperariam pois que o tempo esfriasse e Sforza pudesse cometer outro erro. Resolvidos porém a fazer a visita, esperaram até que a imprensa deixasse um pouco a novidade de fora e esquecesse a nova figura política do delegado e finalmente resolveram fazer a visita. Como de praxe ligaram poucos momentos antes de sair e utilizando uma viatura previamente requisitada foram os três para o Distrito. Lá chegando entraram direto pelo corredor e encontraram Vasconcelos que fazia o jogo de espera próximo ao plantão, os promotores se apresentaram e Vasconcelos respeitosamente os conduziu até o gabinete de Sforza, o qual desconfortável, aguardava a visita sabendo que nada poderia fazer e que teria tudo a temer, não queria arranhões em sua nova imagem. O interlocutor dos promotores era André Lupara, o mais velho e experiente de todos.

– Como vai Dr. Sforza, somos promotores do DEPAE e viemos realizar a visita ao seu Distrito, estes são os Drs. Danilo e Melissa, gostaríamos de ver os livros de ocorrência e a carceragem, soubemos que após a rebelião houve uma fuga, justamente daquele detento que depois matou pelo menos uma pessoa no banco do Itaim.

– Eu soube doutores, uma fatalidade, mas desde a rebelião houve a mudança de carcereiros e a situação acalmou-se, estamos tão superlotados quanto estávamos na época e agora nem se fala em fuga, inclusive os detentos que também vieram do COC junto com o tal Russo ainda estão por aqui e não foram removidos. A fuga dele foi um ato isolado, até agora só ele teve esta idéia de molhar os cobertores, mas agora não cola mais pois mudamos os alarmes.

– Três presos foram mortos na rebelião não foi? A sindicância foi arquivada...

– Dra. Melissa, não é? Realmente, a sindicância foi arquivada porque justamente foi a morte destes presos que causou a rebelião, parece-me que houve briga e um deles acabou esfaqueado na cabeça, o outro foi um suicídio e o terceiro espancado pelos outros, provavelmente por ter assassinado o primeiro, como houve muita confusão ninguém soube ao certo o que aconteceu.

– Havia sinais de queimadura no corpo de um dos mortos...

– Pois é doutora, os presos atearam fogo nos colchões e é inevitável que um ou outro se queimasse.

– E a mulher que estava presa? A situação parecia irregular.

– Ela estava sendo autuada em flagrante por tráfico de entorpecentes e a rebelião arrebentou no momento da lavratura, não tinha havido tempo para a transferência.

– O doutor tem respostas muito eficientes, Dr. Sforza.

– Obrigado Dr. Danilo, quando se tem a consciência limpa e se age de acordo com a lei nada se há de temer.

– Poderemos ver a carceragem?

– É claro, vou mostrar-lhes o Distrito, é pequeno pela área que abrange e existe falta de pessoal, como os doutores podem ver quase tudo que fazemos é improvisado.

Enquanto Sforza falava, caminhou pelo corredor e mostrou aos promotores as salas dos chefes de investigadores e dos escrivães, o gabinete do delegado auxiliar, vazio já que Adriano estava fora, em diligência e quando chegaram à sala utilizada por Vasconcelos para convencer eventuais colaboradores reticentes esta estava vazia, os fios devidamente embutidos e várias pastas de arquivos velhos devidamente empilhados por todos os cantos, a sala foi apresentada como arquivo morto e nada havia que denunciasse outra utilização. Na carceragem tudo encontrava-se aparentemente regular, além é claro da superlotação, existente em todos os Distritos da Capital, nenhuma outra irregularidade foi vista, até mesmo porque o PCC mantinha tudo sob rígido controle, fato que era ignorado por todos. Após uma breve conversa, os promotores terminaram por lavrar uma ata afirmando que nada haviam encontrado de irregular, assinaram, despediram-se e saíram.

– Não sei não André, está tudo muito certo, ele já tinha previsto todas as perguntas e antecipado as respostas.

– Isto não prova nada, mas a impressão que tenho é que Sforza não está envolvido com o roubo do banco e nem me parece que dê guarida para detentos que saíam e voltem depois de algum crime, não me parece o estilo dele.

– Também acho, mas devemos ficar de olho, pressinto alguma coisa errada.

– Qual coisa e o que ele está fazendo de errado? Aqui nada vimos, se ele está aprontando alguma não é neste esquema.

Os promotores voltaram aos respectivos gabinetes; no DP Sforza ficara aliviado, a visita não dera em nada e eles nem tinham idéia do que

estava ocorrendo verdadeiramente, a segurança de Sforza sempre estava no fato de que só realmente agia quando efetivamente tinha elementos disponíveis para prender o marginal, era cadeia ou a grana e a opção era sempre grana, por esta ele passaria, mas em breve estaria em outra posição, teria destaque num eventual governo de Ulisses Passos Zambioni, tinha certeza.

Tendo saído ileso da visita Sforza relaxou e se concedeu alguns dias de puro tédio. Danilo continuava com a impressão de que algo acontecia assim como Urtizes, todos desconfiavam de Sforza, mas nada apuravam e tudo continuou da mesma forma nos dias seguintes, até que Urtizes telefonou para Danilo pedindo um encontro com urgência na própria delegacia seccional, o assunto, falou, seria a suspeita comum de ambos, o que se traduzia em um nome: Sforza.

– Oi Danilo, perdão, aqui no DP é Dr. Danilo.

– Entre nós não tem doutor, Dr. Urtizes.

– Vamos deixar de amenidades Danilo, tenho uma informação que vale a pena você ouvir, Paulinho, meu investigador, recebeu uma informação quente sobre Sforza, ele está envolvido em roubo de cargas e mais, diz o informante que ele em pessoa participará de um roubo de uma carga de remédios, carga grande, que está vindo do interior para a Capital, segundo a fonte ele irá diretamente até o local, este não soube identificar, e fará o transbordo da mercadoria.

– O próprio Sforza? Impossível, ele não se arriscaria tanto.

– Me parece que vai se arriscar sim, é um acerto entre ele e uma quadrilha e ele deve estar querendo assegurar a parte dele.

– Será isto que Sforza anda fazendo? Cobrando proteção? Não me parece o estilo dele e é muito arriscado, ademais aquela região é pobre e no máximo vai entrar alguma empresa média, duvido que consiga extrair tanto dinheiro assim até para conseguir apoio político.

– Você esquece da confluência de estradas? Passa mais carga lá que em outro lugar qualquer, a localização é estratégica e você viu, ele alardeia que diminuiu os índices de roubo na região do DP, quem me garante que na verdade ele está só desviando o que quer para si?

– Não sei, o que você está falando é muito pesado, precisamos verificar a fonte, neste caso não é uma deduração qualquer, é coisa da grossa e a fonte tem que ser alguém que esteja por dentro da jogada de Sforza, preciso saber quem é a fonte.

– A fonte nunca vai dizer nada oficialmente, se você trouxer o cara aqui para depor ele jurará de pés juntos que não sabe de nada e mentirá deslavadamente.

– E qual o motivo? Por que entregaria Sforza? O que ele teria a ganhar? Quem lhe disse que ele realmente sabe do que está falando? Sem um subsídio maior não posso fazer nada, ainda mais agora que Sforza está na televisão e no rádio quase todo dia e olha que as eleições ainda nem chegaram, imagine depois.

– A fonte é boa e tem um motivo razoável: vingança!

– Desta vez eu preciso saber Urtizes, não dá para segurar este rojão só com boatos, preciso confirmar se a fonte é confiável ou não.

– Temos um impasse então, eu sei que não podemos oferecer garantia nenhuma à testemunha, você também sabe.

– E extra-oficialmente?

– E até que ponto você pode ir extra-oficialmente? Eu sei muito bem que o extra-oficial dura até que seja conveniente.

– Eu preciso saber Urtizes! O porque da deduração é vital ! Podemos entrar numa fria por causa disto e eu não vou arriscar.

– Vamos fazer o seguinte, eu lhe conto como Paulinho descobriu, mas deixo a identidade de fora.

– Sem exceções, eu não irei atrás da testemunha.

– Veja bem, o risco será seu se revelar a testemunha.

– Assumo.

– O Paulinho está comigo faz tempo, levou um tiro quando prendemos o Russo na casa da Vila Madalena e se afastou, agora voltou e começou algumas diligências em casos novos que entraram, num dia destes estive na região da 25 de março, havia notícia de alguns receptadores e lá permaneceu quinze dias simplesmente perambulando pela região, fazendo-se passar por desempregado etc., o fato porém é que alguém o percebeu e pouco tempo depois vieram fazer contato com ele.

– Quem?

– Espera que eu te conto, o cara percebeu de longe que Paulinho era tira e conseguiu algo que devemos anotar: soube que ele estava na Corregedoria e trabalhava comigo, sabia também que eu e Sforza tivemos uma discussão na época da rebelião e que aparentemente não nos dávamos, daí mandou um recado para mim através de um comparsa que contactou o Paulinho, dizendo que queria me ver lá no escritório dele e coisa e tal.

– Você foi?

– Não sou idiota, avisei o cara para vir aqui e disse que se não viesse iria fazer o maior auê nos depósitos dele, o cara tremeu.

– Ele apareceu?

– Sim, mas se recusou a depor formalmente, o que não me estranha e nem a você é claro.

– Sim.

– Bom, ele me disse o seguinte, fazia um ano mais ou menos ele recebera uma carga que pensava ser lícita, comércio comum e estava no depósito efetuando o recebimento quando foi surpreendido por Sforza e alguns investigadores, eles tomaram a carga e o obrigaram a pagar um resgate, levaram até o Mercedes-Benz novo que ele tinha acabado de comprar e esta doeu muito, me parece que todo mundo tirou um sarro da cara dele lá na 25 de março, ele ficou mordido.

– A típica extorsão policial.

– Pois é. Sforza cresceu, ele me disse, e hoje é o dono de toda região em um esquema de extorsão.

– Por que só agora ele resolveu falar?

– Bem, me parece que o comerciante tinha medo e não sabia em quem confiar, ele sabia das inimizades de Sforza, e esperou até verificar como contatar alguém para o qual pudesse contar o fato sem se expor.

– Ademais Urtizes, ele esperou com certeza bastante tempo para que fosse esquecido por Sforza e quando falasse não chegassem a desconfiar dele e sim dos casos mais recentes, não é? Este tal comerciante não é bobo.

– Não mesmo, ele tem lojas aqui e no Nordeste, mas escuta, o cara seguiu o Mercedes na tentativa de recuperá-lo e descobriu que fora dedurado por um receptador, um tal Carlinhos Maracanã, o qual de quebra ficou com o carro. Ele seguiu o carro mas este foi levado até o Paraguai e vendido, ele teve a manha de comprá-lo de volta, mas antes fotografou o tal Carlinhos dirigindo o carro e, pasme, saindo com ele do DP.

– Isto não quer dizer nada, um informante dirigindo um carro e saindo do DP, tenho certeza que o Mercedes não tinha sequer registro de ocorrência como furtado ou roubado.

– Tudo bem, mas isto só serve para dar credibilidade a seu depoimento. De qualquer forma, ele quer vingança.

– Pode me dizer como chama este informante, estou convencido, só quero verificar os antecedentes dele para saber se é alguém com outro interesse querendo derrubar o delegado e checar se esta motivação é séria.

- E como você vai saber se é séria mesmo?
- Simples, ele receitava cargas de roupas e têxteis não é? Carga de roupas mais especificamente não? Vou verificar se na época ou mais exatamente nos dias próximos ao que ele diz ter sido extorquido alguma fábrica teve caminhão ou carga roubada, ele com certeza não registra nada, mas a fábrica sabe a quem entregou e quando, se as datas se confirmarem teremos uma boa aproximação.
- Me convenceu Danilo, o nome do cara é Zorin.
- Já ouvi falar, ele é atacadista e também tem grandes lojas de varejo, então ele anda metido com receptação, bom, isto veremos depois.
- De qualquer forma se receptou carga esta já era, não temos notícia de outro crime, Zorin está limpo para nós.
- Por enquanto.
- E se checar as informações e der tudo certo?
- Vamos fazer a diligência como você falou e se for verdade é o fim de Sforza.
- Eu sabia que havia alguma coisa errada.

Ambos terminaram a conversa com amenidades e despediram-se, cada qual foi tomar as providências e iniciar os preparativos, o roubo estava marcado para os próximos dias e Urtizes precisava de efetivo, tudo era possível quando do outro lado estariam policiais e assaltantes, juntos, Urtizes sentiu certo asco de Sforza e quase desejou um tiroteio que resolvesse as coisas mais facilmente. O problema número um seria conhecer a rota dos caminhões, mas isto a própria empresa informaria, depois fazer interceptação entre o desvio e o local do transbordo, isto era difícil pois estariam sempre um passo atrás dos roubadores.

Danilo voltava para a Promotoria pensando em como agir, iria, é claro, acompanhar a diligência de Urtizes e com certeza alguém gostaria de ir junto, André Lupara com certeza já que o nome lhe fazia mérito, adorava armas as quais conhecia como ninguém e estava sempre pronto a qualquer diligência mais, digamos, de campo.

XVIII – A AÇÃO

Mathias e Orlando Gonzalo tinham feito contato com Carlinhos Maracanã, a entrega da carga dos remédios seria atrasada em alguns

dias, queriam saber e se a proposta do acordo fora aceita pelo delegado, exigiam vê-lo para combinar a porcentagem. Carlinhos ficou de acertar o detalhe com Sforza, não tinha certeza se o delegado iria concordar de se encontrar com dois quadrilheiros, propôs porém o próprio escritório como ponto de encontro, um terreno neutro para ambos, Orlando Gonzalo concordou, restava Sforza. O informante ligou para Tainha e este chamou Vasconcelos, que por sua vez achou melhor tratar diretamente com Sforza o qual, surpreendentemente, não demonstrou grande resistência, o encontro seria no dia seguinte. O delegado e sua comitiva de praxe, Vasconcelos, Dedo, Tainha e Castanheira, chegaram bem antes do combinado, espalharam-se dois no escritório lateral de Carlinhos, um no andar inferior e outro no andar superior, ele notou que todos estavam armados até os dentes. Mathias e Orlando Gonzalo chegaram também adiantados, foram vistos por Dedo, no andar inferior, enquanto subiam pelas escadas, Dedo avisou Sforza pelo rádio e quando os dois chegaram ao escritório de Carlinhos a porta, para surpresa deles, abriu-se antes sequer que chegassem perto dela. Na sala de Carlinhos todos sentaram-se e a conversa foi breve, o porcentual foi aceito, dos três caminhões um iria para Sforza, determinou-se o caminho que os caminhões seguiriam, onde deveriam ser interceptados e para onde seriam levados, motoristas e ajudantes seriam colocados em uma Kombi fechada e lá ficariam, no momento que saíssem da estrada principal e entrassem na vicinal, Sforza iria liderar o comboio, o local do transbordo foi especificado e somente o pessoal de Mathias descarregaria a medicação e colocaria em outros caminhões. Sforza contudo fez uma oferta mais ousada, seria uma viatura da própria polícia civil quem deteria o comboio, os seguranças de nada desconfiariam e a abordagem seria rápida, tanto Orlando Gonzalo como Mathias ficaram surpresos com a oferta, trato feito, eles saíram rapidamente, Vasconcelos e Tainha, que estavam no escritório lateral, também entraram e estavam pasmos com a oferta de Sforza, Carlinhos também mas não deixava transparecer e não se atreveria perguntar a razão da súbita e arriscada generosidade.

– Vocês são tolos é? Acham que eles não são capazes de desviar a carga antes que cheguem até nós? Pelo menos parte dela? E se dos caminhões apenas dois aparecerem? Eles são capazes de pegar uma outra rota e nós os perderíamos, não esqueçam que eles têm alguém nos caminhões ou na segurança, eles falaram um ajudante? E se for um segurança? Nada disto, não vamos arriscar.

– Mas Dr. Sforza, se nós chegarmos depois não haverá problema porque ninguém dos caminhões nos reconhecerá, mas se fizermos a abordagem estaremos fritos, poderemos ser identificados, nem dá para usar máscaras porque se eles virem alguém mascarado não vão parar, vão sacar que é “assalto”.

– Calma Vasconcelos, primeiro porque na viatura vai estar Mathias e Orlando Gonzalo, o motorista, homem nosso, não ficará visível, depois você sabe muito bem que é comum para este tipo de criminoso usar coletes de polícia e até uma viatura que parece policial, rendidos do jeito que serão e sem desconfiar de nada nunca saberão se é um carro disfarçado de viatura ou uma viatura de verdade sendo utilizada, não saberão diferenciar, no máximo verão um carro branco e preto com números.

– É arriscado.

– Ora Tainha, mais arriscado é não ficar com nada, você está fora por acaso?

– Não mesmo, estou precisando da grana.

– E você Carlinhos, já fez o contato com o João Terto? Depois da carga eu e ele vamos nos encontrar certo? Temos um interesse comum a resolver.

– Tudo certo, isto para mim não é novidade.

– Antes de tudo porém vamos dar uma olhada na engarrafadora e ver como é o local.

Os policiais saíram do escritório, Vasconcelos não se sentia à vontade usando viaturas da polícia deste jeito, estas viaturas poderiam ser identificadas, mas o dinheiro seria alto, remédios eram facilmente comercializados e com a ajuda de João Terto as vendas seriam a preços próximos ao valor de mercado. Seguindo as ordens de Sforza os policiais aguardaram apenas um dia e foram checar o local do transbordo, a dita engarrafadora era uma pequena empresa em um galpão onde ficavam as máquinas de engarrafamento, estava em um local mais retirado com mata em todos os lados exceto na entrada. A rua de acesso era de terra, uma variante de uma estrada vicinal, a entrada era por um portão tipo grade, muito desgastado pelo tempo, a cerca que circundava toda a fábrica estava praticamente destruída e arriada em sua maior parte, posteriormente apuraram que a fábrica ali se instalara pelo preço do terreno e por estar relativamente perto da estrada, o negócio porém dera errado e o dono, precisando de dinheiro, emprestava o local para alguém que precisasse de algum armazenamento eventual, em volta do galpão havia uma certa área que um dia fora gramada e hoje resultava apenas em um mato alto.

O dia do roubo chegou e na hora assinalada para a chegada dos caminhões Dedo já estava a postos guiando uma Blazer da polícia civil, um carro novinho em folha que o DP recebera e causaria ainda menos desconfiança, dentro do carro ainda estavam Mathias e Orlando Gonzalo, calmissimos, percebeu que o grupo deles tinha no total umas dez pessoas, o carro da segurança ia na frente e os caminhões atrás, um pouco mais

atrás um carro dos comparsas de Mathias seguia o comboio a poucos minutos e fariam a abordagem por trás. Sforza e Vasconcelos ocupavam um outro carro, um Santana, parado na estrada vizinha, que ficava a menos de um quilômetro à frente; Castanheira e Tainha na perua Ipanema um pouco mais atrás, tinham ido fiscalizar a engarrafadora e avisavam pelo rádio que estava tudo certo, os caminhões se aproximavam. Quando a viatura da segurança se tornou visível Dedo ligou a sirene da viatura com sinais curtos, Mathias e Orlando desceram do carro, vagarosamente, como se estivessem até incomodados em efetuar alguma revista, a viatura da segurança parou e os caminhões idem, o motorista olhou para a viatura e desconfiou, ficou dentro do carro, seu parceiro no banco da frente um pouco mais afoito, os motoristas apenas olhavam, o da frente ainda via a viatura, os seguintes de nada sabiam e como não havia nenhum movimento maior nada temiam. Neste momento os demais, que estavam ao lado da estrada, a pé, avançaram para cima da viatura da segurança, o motorista ainda esboçou uma reação, mas viu o amigo fora do carro, rendido e parou. Pararia de qualquer forma aliás, já estava na mira de Orlando que brutalmente o arrancou do carro. O motorista do último caminhão olhou pra trás e se surpreendeu com um carro parado de viés atrás do caminhão, foi rendido antes que pudesse engatar qualquer marcha no caminhão. A kombi dirigida pelos homens de Orlando Gonzalo e Mathias chegou de imediato, os ajudantes e os motoristas foram colocados dentro da perua, com cortinas, e forçados a deitarem-se uns sobre os outros, no chão, as cortinas foram fechadas e a kombi, com três homens armados imobilizando as vítimas, saiu do local e passou a rodar calmamente pelas avenidas próximas, saindo da estrada. Os homens de Orlando e Mathias assumiram o volante dos caminhões e rapidamente os puseram em marcha, o próprio Mathias dirigia a viatura da segurança, que seria abandonada logo depois, a presença da viatura da segurança e a Blazer policial davam ao comboio a aparência do mais bem guardado possível. Quando entraram na estrada vicinal que levava à engarrafadora Sforza assumiu a ponta do comboio e Dedo ficou por último, sua função seria simplesmente vigiar as proximidades esperando por alguma surpresa, na engarrafadora já estavam Castanheira e Tainha.

– Vamos, vamos, rápido.

– Deu tudo certo doutor?

– Perfeito Castanheira, um relóginho, ninguém ficou ferido, a kombi está rodando e os caminhões ficaram sem uma marquinha que seja, e o local?

– Está limpo – respondeu Tainha –, eu e o Castanheira olhamos tudo, os caras já estão descarregando, os caminhões do transbordo já estão prontos.

– Agora é uma questão de rapidez, a segurança pode levar mais de meia hora antes de chegar a patrulha por rádio, tirem as viaturas do campo de visão, coloquem-nas perto do galpão das máquinas.

– Está esperando alguma coisa chefe?

– Não, mas sempre é bom, esta lança não é só nossa, dependemos um pouco deles também e quando se depende do outro nunca se sabe.

– Eles parecem bons.

– Alcaçuetagem só acontece com quem é bom, quem não é se fode sozinho. Com que armas estão?

– Olha doutor, eu estou com a 12, o Dedo não larga o 45, acho que os outros estão com 9mm, não sei não, Tainha agora anda sempre com granadas...

– Faça o seguinte Castanheira, peça para todo mundo ficar apenas com as semi-automáticas cal. 380, armas regulares, quero todo mundo com calibre regular, no Santana tem mais quatro cal. 12, pegue e distribua, tem três pistolas 380, divida aí e rápido.

– O doutor está achando alguma coisa errada?

– Só pressentimento.

Não muito longe dali quatro viaturas também da polícia civil, uma da corregedoria, ocupada pelo Delegado Urtizes, pelo Promotor Danilo e investigador Paulinho e duas do Grupo de Operações Especiais – GOE, cedidos a muito custo para Urtizes, já tinham percebido o desaparecimento do comboio.

– É isto aí Dr. Danilo – na presença de outro policial Urtizes chamava Danilo formalmente –, fico contente que tenha concordado em participar da diligência.

– Eu chequei as informações e os dados vão ao encontro ao que o tal Zorin fala, tudo leva a crer que Sforza realmente está por trás de uma grande rede de extorsão.

– Olha Dr. Danilo, eu falei com a empresa de segurança do comboio e pedi para passar um rádio para a viatura de escolta, nós queríamos um contato de quinze em quinze minutos a partir do momento que estivessem a menos de 100 quilômetros da Capital.

– E?

– Não respondem à chamada e já se passaram vinte e cinco minutos desde a hora que deveriam ter feito o contato.

– Vamos parar Urtizes, é melhor examinarmos o mapa e verificarmos em que região deve ter ocorrido a interceptação, eles andam devagar, não deve ser muito longe.

– Já estou fazendo isto Dr. Danilo, não se esqueça que eu também tenho experiência.

– Desculpe meu amigo, é a excitação.

– Tudo bem, vamos lá!

Os dois policiais e o promotor debruçaram-se sobre o mapa, desde o último aviso até agora tinha passado mais de meia hora, mas o último aviso poderia ter sido dado imediatamente antes do roubo ou quando o roubo ocorreu já estaria no momento da chamada, havia um erro de quinze minutos em qualquer cálculo, vendo o mapa, não muito detalhado, nenhuma estrada fazia conexão naquele intervalo, os policiais e o promotor, perplexos, ficaram sem ação por um minuto, foi Paulinho, todavia, quem teve a idéia de verificar se alguma estrada desconhecida cortava aquele trecho, estas estradas freqüentemente não estavam no mapa e serviam pequenas empresas ou algum comércio ou ainda alguma fábrica, a única chance seria simplesmente correr todo o trecho em alta velocidade ou consultar via rádio a polícia militar rodoviária, concordaram em fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Neste meio tempo o primeiro caminhão, que seria os honorários de Sforza e sua trupe, já estava quase carregado, Carlinhos Maracanã estava na condução de um dos caminhões, em verdade o motorista era homem indicado pelo próprio ex-Deputado João Terto, mas Carlinhos o acompanhava como ajudante, apesar da sua compleição física franzina. Dedo, por sua vez, continuava com o rádio nas redondezas, Castanheira, Vasconcelos e Tainha haviam disposto os carros por trás do galpão, tal como determinara Sforza, e pareciam contaminados pelo nervosismo inusual do chefe, o primeiro caminhão do transbordo estava prestes a sair.

Enquanto as viaturas da Corregedoria e do GOE com sirenes ligadas corriam pela estrada em velocidade, na busca de uma estrada vicinal, Paulinho, em contato com a Polícia Rodoviária do posto local recebia a boa notícia de que existia uma estrada cerca de um quilômetro e meio à frente do percurso, as três viaturas precipitaram-se para o local indicado o mais rápido que podiam, Urtizes, experiente que era, mandou que todas desligassem a sirene e o giroflex.

O primeiro caminhão do transbordo saiu da engarrafadora levando os remédios e ainda a nota fiscal quente, Carlinhos Maracanã estava nele e se parados em uma fiscalização, até que a notícia do roubo se espalhasse, seriam tidos como regulares, Sforza e os demais continuaram no local,

Mathias e Orlando apenas olhavam seus homens, efetuaram o transporte da carga, agora para outro caminhão, a Kombi com os reféns continuava rodando como um veículo qualquer.

– Dr. Urtizes, o PM da Rodoviária está me dizendo que local para guardar caminhão não tem por aquela região, ainda mais três daquele tamanho, não tem galpão para isso, é uma região muito pobre, o único lugar que poderia ter espaço é uma engarrafadora de água e refrigerante local.

– Pede para explicar onde é, vamos para lá.

– OK!

As viaturas entraram na rodovia e passaram no local onde momentos antes era a viatura de Sforza que esperava. A pressa fazia com que as viaturas fossem em velocidade e levantassem uma boa quantidade de poeira, podiam ser vistas de longe, como de fato foram por Dedo, que parado com a Blazer percebeu a aproximação de carros, ligou o rádio HT e emitiu um aviso para Sforza. Este estava ao lado de Vasconcelos, cada qual com uma escopeta cal. 12 na mão, Castanheira e Tainha estavam nos carros, o sinal chegou em forma de código, um bip longo, depois três curtos.

– Vascão, se prepara, a casa dos marginais caiu, avisa discretamente Castanheira e Tainha, cano na mão, vai chover formiga aqui. Diga para ligarem as sirenes e os carros ao meu sinal, devem avançar pelas laterais e não pelo meio.

– Certo doutor.

– O pessoal do Mathias e do Orlando estão todos armados?

– Nem todos doutor.

– Quantos são?

– Eram dez, três foram na kombi, tirando o Orlando e o Mathias são cinco, destes, três são carregadores, gente que só obedece.

– Avisa que não deve sobrar ninguém, o caminhão que foi é o nosso e o Carlinhos é homem da gente, o pessoal da kombi vai ficar com medo e deve fugir, daqui não deve sobrar.

– Certo!

Outro bip, a chegada das viaturas era iminente, Sforza chamou Orlando Gonzalo, este era sem dúvida o mais perigoso dos criminosos, chamou-o dizendo que tinha notícia do caminhão, Orlando neste momento de nada desconfiou e foi em direção ao delegado, estava armado, mas com a arma na cintura, Sforza com a cal. 12 na mão. Dedo viu as

viaturas e as identificou, não poderia esperar mais, teria de invadir a engarrafadora fazendo o maior barulho possível senão desconfiariam dele, ligou o motor e acionou a sirene, dirigiu-se em velocidade para o portão, as duas cal. 45 à mão, não iria ficar com outra arma por mais que Sforza mandasse.

– O que é delegado? – Perguntou Orlando desconfiado com a própria postura de Sforza, evidentemente tenso, neste momento a viatura de Dedo entrou pela porta e Orlando pressentiu a arapuca, não olhou para o portão, não olhou para a viatura, continuou a olhar para Sforza, ambos fitaram-se e Gonzalo com um movimento rápido sacou da pistola e iniciou o movimento de saque/disparo como todo profissional sonha em fazer, mas a arma de Sforza já estava à mão, o movimento que ele precisava era muito menor do que o de Orlando, não precisava sacar era só mirar, e pouco, porque se tratava de uma cal. 12, e atirar; ademais, era também muito bom nisto, mesmo que pior do que Orlando, a diferença não servia como compensação naquela situação. O tiro desfechado por Sforza atingiu Orlando no peito, à curta distância era fatal e a potência o arremessou para trás. Mathias também vira a viatura de Dedo entrando e também não se intimidou, abrigou-se ao lado de um caminhão e chamou seus homens, avisando para se dispersarem pelas laterais do galpão da engarrafadora e depois ganharem o mato para fugirem, viu a morte de Orlando e decidiu a morte de Sforza. Os homens se separaram em dois grupos, ao contrário do que pensava Vasconcelos todos estavam armados, embora com revólveres cal. 38. Passaram a correr atirando. Era exatamente este o movimento que Sforza havia previsto e as viaturas com Vasconcelos, Castanheira e Tainha saíram pelas laterais, todos atirando, os homens de Mathias retornaram para perto do caminhão, ficando entre o galpão e a entrada, estavam quase cercados, foi então que Mathias fez jus à sua reputação, sacou uma fuzil de assalto AR-15, arma de grosso calibre e utilizada pelo exército norte-americano e desferiu rajadas primeiro contra Sforza e depois contra a viatura onde apenas estava Vasconcelos. Sforza feriu-se levemente na perna por estilhaços, Vasconcelos levou um tiro no ombro de raspão, foi o suficiente para perder o controle da viatura e atingir um dos caminhões de carga, com o choque da batida desmaiou. Com Sforza sangrando e Vasconcelos desacordado parecia que era a vez de Mathias. Dedo parara a viatura mais para o lado de Sforza e descera correndo em direção ao chefe, não era fidelidade, a viatura seria mais visada pelo AR-15 e a lataria não seria de grande proteção, Sforza escondera-se atrás de uma máquina do pátio.

Os tiros foram ouvidos por Urtizes, Danilo e os demais. Houve uma grande confusão, mas prevaleceu o instinto e os policiais giraram os carros ficando de lado para os homens de Mathias. Urtizes gritava a todos “a casa caiu” e pedia a rendição. Mathias foi surpreendido com a

presença de novas viaturas e virou-se, foi seu único descuido, e foi Dedo, o melhor atirador de todos, justamente com a pistola cal. 45 que tanto gostava, quem desfechou o tiro fatal, Mathias caiu com um tiro no peito, os outros três ficaram paralisados, nenhum deles sequer sabia como funcionava o AR-15. Sforza mesmo ferido e sangrando não teve dúvidas, sacou novamente da cal. 12 e começou novamente a atirar, Tainha e Castanheira também, como os policiais do GOE estavam justamente no sentido contrário ao de Sforza e Dedo tomaram os tiros como sendo dos homens de Mathias e responderam. Urtizes gritava e mandava todos cessarem os tiros, era tarde, os três estavam mortos com tiros de cal. 12, à curta distância. Sforza percebeu o fim do tiroteio primeiro, aproximou-se dos cadáveres e dispensou a carabina cal. 12 que carregava. Urtizes aproximou-se furioso.

– Você os executou! Estavam cercados e se rendiam! Você os queimou porque eram arquivos!

– Mentiroso, estou ferido e sangrando, meu escrivão bastante ferido, queria que fizesse o quê? Ficasse esperando alguém me acertar de vez?

– Vocês estavam juntos!

– Está louco? Foi uma operação do 222º DP! Está com ciúmes pela minha atuação que está sendo reconhecida por todos.

– Eu sei de tudo!

– De tudo o quê?

– Calem-se ambos, Urtizes acione a perícia do Instituto de Criminalística, vamos ver quem atirou e como, procure preservar o local. Sforza vá se medicar e leve quem esteja ferido, nos veremos ainda hoje na delegacia seccional.

– Com que autoridade você diz o que devo fazer? A autoridade aqui sou eu e não um promotor.

– Posso não ter sua autoridade, mas quem vai avaliar se houve abuso aqui ou não sou eu, se você quer arriscar, delegado, problema seu.

Sforza calou-se, era ainda muito cedo para impor sua vontade a um promotor, um processo não ficaria bem em seu currículo público, por ora atenderia o pedido. A perícia demorou, mas chegou, todo o local foi fotografado, as armas apreendidas, exceto as pistolas cal. 45 de Dedo, as quais haviam desaparecido convenientemente, cápsulas deflagradas também foram recolhidas, Danilo acompanhou toda a diligência junto com Urtizes.

– Está difícil Urtizes, os sinais são de tiroteio, mas não dizem quem atirou primeiro ou não.

– Tenho esperança nas necrópsias, os tiros de cal. 12 nos caras que estavam perto do caminhão foram praticamente à queima-roupa e não se justificavam.

– Para nós que estávamos aqui pode parecer, mas veja que Sforza tem bons argumentos, isto sem falar que fará de seu ferimento um drama.

– Um corte daquele tamanho? Um drama? Meu filho quando cai na rua sofre mais.

– Mesmo assim, vamos ver se concordamos com o que aconteceu, eu tenho certeza que eles resolveram acabar com a brincadeira quando viram nossas viaturas chegando, deveria ter alguém de campana nas proximidades com um rádio para avisá-los se alguma coisa desse errado.

– É claro Danilo, isto explica porque os assaltantes foram pegos em fogo cruzado, os homens de Sforza já estavam aqui e quando receberam o sinal os cercaram pelas laterais atirando.

– Foi aí que chegamos.

– Justo, a propósito, os motoristas, ajudantes e a escolta foram soltos logo depois.

– Podemos apertar a todos, talvez alguém dê com a língua nos dentes e diga quem deu o serviço para os assaltantes, vamos aproveitar agora que devem ainda estar desorientados.

– Eu acho que podemos deter Sforza, Danilo, temos a chance, é agora ou nunca.

– É pouco Urtizes, a melhor opção é uma sindicância no Departamento de Inquérito e Processos onde poderei cercar tudo, aí você me ajudará.

– De qualquer forma devemos dar uma forçada lá na seccional ou até na corregedoria.

– Cautela, tudo é cautela.

– Os laudos sairão em no mínimo um mês, não quero esperar até lá.

– De qualquer forma teremos de esperar, vamos para a Corregedoria, é melhor e pelo menos deverá causar certo receio a Sforza, uma pressãozinha é sempre bom. A esta altura acho que eles já deverão estar lá, dê uma conferida pelo rádio.

Urtizes efetivamente comunicou-se com a Corregedoria e confirmou que Sforza fora orientado a ir até lá e já estava chegando, estava inteiro assim como o escrivão ferido, o qual todavia teve de ficar sob observação com traumatismo craniano por ter batido a cabeça no pára-brisa. O cami-

nho foi longo e tanto Urtizes quanto Danilo permaneceram imersos em pensamentos, a Corregedoria da Polícia Civil ficava numa travessa próxima à Praça da Sé e era um prédio acanhado, como aliás todas as repartições públicas, logo defronte à entrada estavam duas viaturas do 222^a DP e nem o delegado e nem o promotor se espantaram com a presença de alguns repórteres, com certeza algum informante da própria Corregedoria tinha avisado de que algo acontecia e era importante. Danilo e Urtizes entraram rapidamente e foram direto para o gabinete onde sabiam que Sforza os aguardava. A conversa foi tensa e se Danilo pensava que o ambiente intimidaria Sforza equivocou-se redondamente.

- Vamos do começo, Dr. Sforza.
- Pode perguntar, Dr. Urtizes.
- Como o senhor chegou até o local onde se efetuava a ocultação do produto do roubo?
- A informação pode ser conferida pelo meu escrivão, por ora no hospital, face à violência destes marginais, faço consignar, estávamos na delegacia quando recebemos denúncia anônima informando que naquele local estava sendo efetuado o transbordo de mercadorias roubadas, transbordo é...
- Sabemos o que é transbordo, continue.
- Pois é, reunimos as viaturas que pudemos e fomos até o local, lá chegando percebemos a atividade e resolvemos deter a todos para averiguação, dividimos as viaturas com o fim de cercá-los e então poderíamos fazer uma prisão sem grandes riscos.
- Antes de continuar, diga-me uma coisa, como as viaturas conseguiram posicionar-se por detrás do galpão sem que fossem vistas pelos criminosos?
- Na verdade elas foram vistas, a posição em que os carros estavam é a final, entraram e foram seguindo até uma posição melhor.
- Não entendo, como pretendia cercá-los se entraram na marra.
- O doutor está sendo tendencioso, isto não significa nada, fizemos o máximo possível e eu mesmo fui ferido, o que queria que fizéssemos, hein? Chamássemos algum promotor para acompanhar? Vamos ficar nos escondendo atrás de saia de promotor?

Danilo que a tudo assistia calado corou, quem presidia uma investigação é delegado de polícia, mas mesmo sendo a autoridade presidente o delegado não pode negar-se a atender a uma requisição do promotor, de qualquer forma o comentário de Sforza atingiu a ambos e implicitamente desvalorizou Urtizes e Danilo.

– Não seja sarcástico, vamos continuar, eu não entendi o problema das viaturas.

– Repito o que já disse, não devo mais explicações.

– Os motoristas dos caminhões dizem que foram detidos por uma ou duas viaturas policiais, no entanto não havia mais nenhuma no local, como o senhor justifica isto?

– Não tenho de justificar nada, quando cheguei parte da mercadoria já tinha sido levada, quem garante que quem levou não usava uma viatura parecida com a da polícia? Os motoristas disseram que podiam ser uma ou duas viaturas, quem é que sabe, isto não é nada.

– Voltemos à sua chegada, você deu crédito a uma notícia anônima e mobilizou pelo menos três viaturas e pelo menos quatro policiais somente com esta suspeita? Não acha um pouco demais?

– Diga-me você, também estava lá e os próprios policiais do GOE disseram que o motivo era uma informação anônima, foi por telefone também? Quem deu o serviço para vocês? Aliás, ao que consta sua função não é reprimir roubo de cargas, não é? Se vale informação anônima para vocês para mim também vale, não é?

Danilo percebeu que Sforza tinha a situação sob controle, eventualmente uma investigação poderia esclarecer o episódio, mesmo assim dificilmente, detê-lo agora era loucura e Urtizes estava levando o caso para o pessoal, resolveu intervir.

– Acho que podemos encerrar por hoje...

– Não doutor, o Delegado Sforza deve responder ainda a algumas perguntas, estamos começando...

– Dr. Urtizes, peço ponderação...

– Isto mesmo doutor promotor, o Delegado Urtizes está levando o caso para o terreno pessoal e isto é inadmissível, logo ele, designado especialmente pelo delegado-geral...

– Ora Sforza, não me venha com esta...

A discussão estava prestes a se tornar perigosamente violenta quando a escrivã da Corregedoria bateu à porta e pediu licença, estava presente o Deputado Ulisses Passos Zambioni e exigia falar com o Delegado Urtizes e o Promotor Danilo, nem bem terminou de falar a figura do deputado apareceu por detrás da policial e sem cerimônia entrou na sala de supetão falando em tom nitidamente agressivo.

– Quem é o Delegado Urtizes? E o Promotor Danilo? São os senhores? Estou aqui na condição de deputado eleito deste Estado e represento

o Poder Legislativo, quero protestar contra esta detenção imotivada do policial Sforza, trata-se de um absurdo, não quero crer que este homem esteja sendo perseguido simplesmente porque é indicado como um dos membros de um provável futuro governo.

– Sou o Promotor Danilo, Dr. Ulisses, primeiro gostaria de lembrá-lo que o policial Sforza não está sendo detido, estamos simplesmente tomando seu depoimento.

– Depoimento? De um policial ferido por marginais? Eu tenho plena ciência de que ele esteve hospitalizado hoje em função dos tiros que levou de conhecidos assaltantes.

– Tiros? Ora Dr. Ulisses, eu também sou delegado e se Sforza levou um tiro que seja eu ...

– O Sr. Dr. Urtizes possui uma rixa antiga com o Delegado Sforza e deveria ser afastado das investigações. Aliás, eu mesmo telefonarei ao delegado-geral pedindo que seja afastado do cargo.

– Senhores, os ânimos estão por demais exaltados, o Delegado Sforza terminou seu depoimento e está liberado, não é Dr. Urtizes?

– Pois não Dr. Danilo.

– Eu como deputado o acompanharei até o momento da saída.

– Pode fazê-lo deputado, nada temos contra sua vontade.

Urtizes estava manifestamente contrariado, corava de raiva, Danilo tomou pé da situação e se colocou entre o delegado e o deputado. Sforza assinou seu depoimento e junto com o deputado saiu da sala. Danilo percebeu também que a quantidade de repórteres tinha aumentado enormemente e agora também emissoras de televisão estavam no local. Danilo voltou-se para Urtizes e pediu que ficasse no gabinete mais um pouco, que esperasse a saída de Sforza e do deputado que a imprensa naturalmente iria embora. Urtizes abatido após o clímax da discussão com o deputado concordou, sentou-se em sua mesa para começar a escrever o relatório, Danilo despediu-se e saiu, gostaria de ouvir o que a imprensa conversava com o deputado. Quando saiu do prédio tanto Sforza como Ulisses estavam no auge das entrevistas e Danilo cometeu o erro de passar ao lado deles.

– Os senhores como membros da imprensa podem testemunhar o que é perseguição política, pouco tempo depois que eu indiquei o exemplar policial Sforza como representativo de sua categoria e exemplo a ser seguido, ele passa a ser perseguido, não tenho dúvidas que se trata da obra do atual governador querendo tumultuar sua sucessão política, talvez tenha medo de que os verdadeiros problemas da segurança pública sejam examinados por policiais competentes.

Os repórteres não deixaram por menos.

– O senhor atribui ao atual governador a responsabilidade de uma perseguição política?

– Não só ao governador, vejam ali o Promotor Danilo, trata-se de um evidente representante desta sanha persecutória, um promotor açodado que extrapola seus limites e pretende ter a razão do mundo, errou ao prender o delegado e errou mais ainda ao dar guarida aos interesses políticos...

– Engana-se deputado! Nunca extrapolei meus poderes, defendendo o rigor da lei em sua integralidade, muito me espanta...

– Não me venha com esta fala macia de promotor! O Ministério Público encontra-se extrapolando em muito suas funções e merece um freio.

– O senhor está me acusando de leviano?

– Não, mas sua competência é questionável.

– Estou designado pelo próprio Procurador-Geral da Justiça!

– O que não o faz melhor que ninguém, haja vista os erros crassos e absurdos que está cometendo, esta prisão arbitrária e violenta de um policial tido como exemplo para a comunidade.

– Ele não foi preso, apenas prestou depoimento!

– O senhor forçou um policial ferido a comparecer à delegacia apenas para tomar depoimento? Absurdo.

– Nada mais tenho a declarar.

– Quem não deve não teme, porque está fugindo?

A discussão ocorreu aos gritos, os ânimos exaltados, quando Danilo ouviu do deputado que estava fugindo, o cansaço, a adrenalina contida todo o tempo e a pressão o fizeram voltar-se em direção a Ulisses e aproximar-se dele ameaçadoramente, sua intenção era claramente o entrevero físico, todos perceberam o que podia ocorrer, os repórteres estavam extasiados com a discussão e uma boa troca de sopapos entre um deputado e um promotor seria notícia por muitas semanas, o silêncio se fez e todos viram Danilo aproximar-se de Ulisses e quando estava prestes a pular sobre o deputado o braço do Delegado Urtizes se fez presente.

– Quem está nervoso agora Danilo?

A frase quebrou a seqüência e desarmou Danilo que caiu em si, o deputado sorria.

– Vamos embora Danilo, entre na viatura comigo.

Ambos entraram na viatura de Urtizes e saíram da Corregedoria em direção à zona sul. No dia seguinte as manchetes de jornais dividiam-se em espaço, metade dando conta do roubo da carga de remédios e metade até com a transcrição da discussão entre o promotor e o deputado, discussão que foi exibida na televisão durante toda noite e objeto de todos os comentários possíveis, a maior parte, diga-se de passagem, contrários ao promotor.

No dia seguinte o mundo caiu sobre o DEPAE, o Procurador-Geral da Justiça, chefe do Ministério Público, ligou primeiro, perguntou se havia algum indício viável para a detenção de Sforza, Danilo disse que não, o procurador-geral o advertiu de que deveria ter mais cuidado, o deputado fizera uma representação contra Danilo e queria que fosse afastado do caso. Danilo colocou o procurador à vontade e este respondeu-lhe que por enquanto poderia ficar onde estava; André Lupara todavia deveria chefiar as investigações. Afora o Procurador, jornalistas iam até o DEPAE como moscas no mel, queriam uma declaração de Danilo quanto à representação de Ulisses, chegavam a provocá-lo em busca de uma reação mais emocional. Danilo calou-se e não recebeu ninguém, sabia que sua situação neste momento não era nada confortável. Urtizes estava pior, o delegado-geral fora mais rigoroso e o afastou formalmente das investigações, continuaria na seccional mas por pouco tempo, estava muito abatido e ao final do dia ambos encontraram-se e tiraram uma conclusão comum: havia algo entre Sforza e Ulisses Passos. Urtizes fora mais longe, interrogara alguns jornalistas que lhe deviam favores e acabou descobrindo que antes de ir para a Corregedoria, Sforza ligara para o gabinete do deputado e fora o próprio político quem vazara tudo para a imprensa, na verdade apenas para seus jornalistas mais amigos. Garantiu portanto que os fatos fossem relatados de forma favorável a ele, ainda mais quando estava a um passo de ser indicado como candidato à sucessão do atual governador. Portanto a informação não vazara por funcionários da Corregedoria. O que faria o deputado agir desta forma? Por mais que se esforçassem, ambos não pensavam em Ulisses como agente de extorsões contra criminosos no DP de Sforza, não sabiam contudo dizer o porquê.

XIX – UM JOGO

Na Casa de Detenção, ao contrário do que ocorria fora, restava a calma. Após sua prisão, Russo havia sido mantido em isolamento, por pouco tempo porém, contava com o reforço de Jorge Dias Velho e este

conseguiu que enquanto o processo do roubo do banco não fosse julgado definitivamente Russo sequer poderia ser advertido, havia tão-somente a fuga, mas um coro de presos corroboraram sua afirmação de que fugiria por ter sido ameaçado de morte. Jorge garantira-lhe que poderia levar o processo até o Supremo Tribunal Federal e muito tempo se passaria antes de um julgamento definitivo, talvez até desse para Russo receber algum benefício e cumprir pena neste intervalo. Foi também uma amostra de poder. Mata-Mata havia sido removido do 222º DP e retornara também para a Casa de Detenção, no DP ficaram Sabonete, Zoião e Pinga, era o suficiente para exercerem o comando. Todos os líderes do PCC tinham seguranças, embora há muito tempo não houvesse qualquer questionamento de suas ordens e os poucos bandos com um ar de independente não tinham força para nada. Macaco tivera complicações com o ferimento que recebera na invasão da casa e permanecia no hospital havia muito tempo, estava praticamente inutilizado. Mata-Mata encontrou-se com Russo e junto com eles um terceiro, de apelido Cabelo, o qual junto com o primeiro fazia a segurança de Russo. Cabelo tratou de contar ao chefe todas as novidades da Casa de Detenção, quem entrou, quem saiu, quem fez o quê e como. Quando alguém vai para a Casa de Detenção é bom que não tenha contas a ajustar com ninguém, por mais que tente e por maior que seja o número de presos sempre se sabe quem está em trânsito pelo sistema, não há exceções. Russo era um líder popular entre os demais detentos, sua fuga do 222º DP ficara famosa entre os presos que agora sabiam como iludir os detectores de calor, teve de contar a fuga várias vezes e não eram poucos os que paravam para ouvi-lo. Quando conseguiu um certo sossego todavia chamou seus dois seguranças e falou-lhes em particular. Disse que Caveirinha estava prestes a entrar no Comitê Central, que tinha cacife suficiente e que poderia haver resistência, ambos deveriam ficar de olhos abertos, os tenentes também, queria saber quem estaria mais favorável a apoiá-lo ou não na opinião de cada um. É certo que se mantivesse uma conversa com quaisquer dos tenentes nestes termos não haveria garantia nenhuma de que a notícia não vazasse, era até provável que isto acontecesse e Russo sabia que não teria forças para enfrentar os outros quatro membros do Comitê Central, Comitê este que ainda estava em sua segunda geração. O membro mais novo era Formigão, tinha sido condenado por homicídios, mas seu forte era o tráfico, todo mundo sabia que ele matara apenas porque o presunto deixara de pagar alguma dívida com ele, em outra oportunidade fora apenas uma briga por um ponto, isto antes do tráfico ter se organizado como hoje, tinha oitenta anos de condenação a cumprir, dos quais, por força da Constituição, e isto todo preso sabe, somente iria cumprir trinta e destes trinta esperava obter algum benefício, era temível, esperto e se fazia acompanhar sempre de seguranças escolhidos por ele mesmo, um a um. Era o maior apoio de Russo. Canhoto era o terceiro membro do

Comitê, de todos o mais reservado, tinha este apelido em função de sua aparência ser semelhante a um antigo jogador de futebol, tinha condenações por roubos e latrocínios sempre em agências bancárias, tinha a pena maior a cumprir, cento e dez anos. Russo esperava maior resistência dele. Miltinho Japonês era outro membro do Comitê Central, era o que tinha pena menor a cumprir, trinta anos, e possuía uma perspectiva de sair com algum benefício, sempre fora traficante e caíra por uma bobeadade de seu tenente, o qual acabou por entregá-lo aos policiais, no caso não tinha conseguido nenhum acerto e acabara sendo preso, é claro que o tenente morrera na Casa de Detenção, o sinal do PCC tinha sido a caneta, tal como no DP uma vareta de ferro trespassara-lhe a cabeça de lado a lado. Russo não sabia o que esperar dele. Finalmente havia o último membro do Comitê, Marco Jacaré, o Crocão, alto e de cavanhaque, bem apessoado embora nitidamente acima do peso, era conhecido por ser um matador ágil e decidido, possuía mais condenações que os outros, mas suas penas estavam pouco acima das de Miltinho, quarenta anos a cumprir, isto porque envolvera-se em estelionatos e falsificações, todavia deuse mal em um seqüestro e esta fora a pena maior, rivalizava com o próprio Russo em esperteza. Russo também não sabia o que esperar dele. Russo, Formigão, Canhotoiro, Milton Japonês e Marco Jacaré, o Crocão, formavam o alto comando de uma das mais fortes organizações criminosas do Brasil, do mesmo gênero apenas o Comando Vermelho e ninguém podia dizer quais das organizações era melhor (ou pior) ou mais poderosa, ambas tinham estruturas e formação completamente diferentes, em números absolutos, mas, sem sombra de dúvida venceria o PCC que tinha uma vantagem enorme, ninguém tinha certeza de sua existência, era discreto e, portanto, muito mais difícil de ser combatido.

A reunião do Comitê Central com a presença de todos os cinco membros não se realizava há muito tempo face à ausência de Russo, agora o Comitê retomava sua plenitude e todos esperavam as notícias que Russo traria. Neste tipo de reunião não havia saudações formais, ninguém ficava sentado ao redor de uma mesa ou coisa parecida, simplesmente se encontravam, trocavam quando muito apenas um aperto de mão ou um toque no ombro e geralmente apenas se cumprimentavam com um aceno de cabeça, o local é sempre uma cela cujos ocupantes nem pensavam em chegar perto enquanto durasse o encontro, a cela geralmente era boa e possuía certo conforto, neste caso havia até uma cafeteira elétrica ligada. Como dito, ninguém ficava sentado ao redor de uma mesa, um sentava no beiral de uma cama, outro em um banquinho, outro em uma cadeira, dois na mesa. A postura não era definitivamente formal, mas qualquer diretor de empresa ou orientador de grupo de trabalho morreria de inveja do padrão destes encontros, eram objetivos, disciplinados e precisos, a melhor definição seria uma rigidez militar, como de resto ligada à origem do PCC, com pre-

sos os quais por sua vez tinham sido treinados e organizados por guerrilheiros na época da repressão. Com o tempo o treinamento ao invés de perder-se ficou aparentemente mais rígido. Aliás, a postura dos cinco se justificava até, se alguém casualmente os visse ou se algum agente penitenciário que não tivesse sido cooptado por ali passasse nada perceberia, o que não ocorreria se todos tomassem uma posição formal.

– Primeiro tenho uma boa notícia para o Canhoto, a idéia do roubo com participação dos gerentes do banco vingou, Macaco teve tempo de passar a idéia, mas agora está no hospital penitenciário. – O grupo ficou espantado e sugeriu algumas alterações, primeiro temem que eventualmente o gerente seja interceptado no caminho e a polícia invada a casa dele, deram a sugestão de que a família seja colocada em um carro que ficará rodando, o gerente irá acompanhado e todos estarão usando celulares. – Temos uma variante, o gerente poderá ser forçado a nos deixar entrar ou pegar ele mesmo o dinheiro. Uma boa né Canhoto?

– Como a idéia foi minha, Russo, sou eu que falo primeiro. Tudo bem, a essência é a mesma, o importante é o momento em que a gente pega o cara, depois é só ir com calma que tudo vai bem, lembre que este tipo de ação não precisa de tanta gente e não dá tanto erro. Mas diz aí, Russo, como você se deu mal?

– Bom, eu tinha que voltar, não me preocupei com a segurança, de qualquer forma alguém me dedurou e foi gente do Macaco, quando eu souber levarei um pote de mel.

– Vai indicar para um pé-de-pato?

– Eu já te falei, levo um pote de mel, vejo quem é e mostro para um homem nosso, ele faz o serviço enquanto eu estou numa boa e visível em algum lugar. De qualquer forma foi mancada do Macaco, é claro, eu já tinha falado, ele não serve como líder lá fora, se caga de medo de ficar aqui mais tempo e vai ter de ficar, não é de confiança. Temos de indicar outro de qualquer forma, tem alguma sugestão Formigão?

– Nada.

– Eu tenho uma sugestão – quem falava era Milton Japonês – o Cabeça Branca tem experiência e sabe o que faz, já fez seqüestro e se deu bem, como vamos entrar nesta, será uma boa tê-lo na chefia.

– Alguém é contra? Ninguém?

A aceitação foi tácita, todos os quatro permaneceram olhando para Russo.

– A situação é a seguinte, o Caveirinha é um traficante de mão cheia, tem um pessoal muito bem armado e organizado, tem apoio com

advogados famosos, basta vocês verem que sai do isolamento rapidinho e isto não é comum, ele propõe uma sociedade da seguinte forma: ele sabe que pelo nosso código a entrega das drogas é feita em rodízio, nós compramos e a pessoa vai até nosso homem que entrega a droga, a família coloca no jumbo que depois chega para gente. O que ele propõe é o seguinte, ele vende a droga para a gente mais barato que o preço da rua, fica nosso fornecedor oficial e ele mesmo passa a droga para quem a gente indicar, a família do preso recebe e traz, em troca quer que toda compra seja feita com ele, para a Casa de Detenção, Distritos e onde quer que a gente mande.

– Só isto Russo?

– Não Canhotoiro, ele quer também expandir as atividades e participar dos roubos, seqüestros e todo o resto.

– Impossível, quem quer participar quer ter poder de decisão e só quem está aqui dentro decide.

– Isto é verdade. – Quem falava era Milton Japonês – Se aceitarmos alguém mandando lá fora nunca mais tomaremos o controle de nada e seremos engolidos, não podemos concordar. O que você acha Crocão?

– Não há discussão, Caveirinha pode foder todo mundo se mandar de fora, mesmo que um pouco.

– Olha Russo, o Canhotoiro, o Milton e o Jacaré têm razão, está fora do jogo.

– Vocês não me entenderam Formigão, ele não quer mandar de fora, ele quer vir aqui para dentro do sistema.

A afirmação de Russo foi surpresa para todos, mesmo sendo gente experiente ninguém jamais sonhara que qualquer um quisesse entrar na Casa de Detenção para cumprir pena por vontade própria, quanto mais uma barão do tráfico de drogas, todos ficaram paralisados por um instante e foi Jacaré quem falou primeiro.

– Como ele virá para dentro do sistema? Como funcionário? Também é inaceitável pois sai e entra a hora que quer e na prática está fora, logo é como preso e não acredito por mais que ele queira ganhar dinheiro, por mais que dê lucro, que ele venha até aqui, é impossível acreditar.

– Nem tanto gente, se ele realmente tem o apoio deste advogado de mão grande pode ficar aqui um tempo, neste período a gente saca a dele.

– Não Formigão, ele é que vai sacar a nossa, vocês não percebem? Ele quer vir e dominar, vai ficar tudo na mão dele.

– Sou mais eu, ninguém chega forte aqui dentro.

– Será Japonês? Até onde o Caveirinha sabe do PCC? O que você contou Russo?

– Nada Canhotoiro, eu não contei nada, ele já sabia de tudo.

– Se ele vier para ficar entre nós estamos fodidos.

– Não tem fé no seu taco Canhotoiro? Você sabe por que tenho o apelido de Formigão? Faço todo mundo comer formiga, eu me garanto, se o homem vier e o negócio for bom estou nessa.

– Já disse, estou fora, este cara pode cair aqui mil vezes e por mim nunca chegará nem a tenente, imagine chegar até o Comitê Central na primeira, é um desrespeito, faltam falar o Milton e o Crocô, o que vocês acham?

– Vou pensar, não é um assunto para resolver de um dia para outro, eu e o Milton vamos pensar bem antes de dar uma chance para o tal do Caveirinha.

– Estão iludidos, eu estou avisando, não vou aceitar mais ninguém no Comitê!

– Qual é Canhotoiro, a maioria decide.

– Não aceito, não vai ter acerto.

Era nítido o clima de confronto entre Russo e Canhotoiro. Formigão percebeu e sabia que uma guerra dentro do PCC seria fatal, a única e definitiva vantagem do grupo era a aparência de solidez, uma vontade única da organização sobre os demais, se comesse a rachar e surgissem rachaduras e disputas seriam logo reduzidos a um grupo qualquer. Russo não parecia querer voltar atrás e a posição de Canhotoiro não admitia réplica, era um ou outro.

– Calma aí, vamos dar um tempo né Russo?

– Vocês têm razão. Canhotoiro, respeito sua opinião e vamos dar um tempo, mas nada impede que eu faça a proposta de novo.

– Russo você pode apresentar este traficante um milhão de vezes, se ele vier alguém aqui vai morrer e não serei eu, serei sempre contra.

– Tudo bem, mas vamos conversar depois, tudo bem?

– Está bom, vamos nos reunir outra vez na semana, tenho que passar à frente que o Cabeça Branca agora será nosso homem lá fora.

A reunião encerrou-se como começou, os membros do Comitê simplesmente se levantaram e com aceno de cabeça saíram da cela, os respectivos seguranças encontravam-se espalhados pelo lado de fora, cada

um olhando o outro, nitidamente nervosos com a discussão, embora não tivessem ouvido a conversa sabiam que alguma coisa muito grave tinha acontecido, nunca antes o Comitê havia tido uma discussão.

Canhotoiro saiu da cela e se encontrou com seus três seguranças, Preto Liso, Pittbull e Serrote o acompanharam sem nada dizer. Canhotoiro pensava que Russo havia cedido fácil demais, estava na cara que Formigão estava na mesma jogada, quiseram um adiamento, um adiamento para quê? Canhotoiro intuiu que com tempo ou sem tempo haveria guerra, as posições dos dois eram inconciliáveis. Agora descobriria a razão do adiamento, Russo tentaria matá-lo, era o único jeito, mas como faria sem um racha no comitê? Ou não haveria racha? Será que Japonês e Crocão estavam também na jogada? E quem diria que eles se negariam a colaborar depois que estivesse morto, o provável seria o contrário. A única saída era matar Russo. Como faria? Ele também sabia se defender, era esperto e tinha dois dos melhores matadores da Casa de Detenção, Mata-Mata era mais do que famoso entre os presos e Cabelo era temido por todos. Teriam de morrer os três. Isto criaria uma grande tensão no Presídio e chamaria a atenção de fora, alguém iria levantar alguma lebre. Tudo bem, é isto ou nada mesmo, trataria primeiro de defender-se, depois pensaria em como matar Russo.

Os pensamentos de Russo iam no mesmo sentido. Tinha percebido a resistência de Canhotoiro, até a havia previsto, não pensava contudo que fosse tão rígida e contava em persuadi-lo com o tempo, ficou claro que não poderia. A saída era uma só, Canhotoiro tinha que morrer, ou, na visão provável de Canhotoiro, seria Russo quem deveria morrer, tudo em prol da unidade do PCC. Sabia que Canhotoiro não era ingênuo, ninguém é ingênuo na Casa de Detenção, sendo um líder do PCC muito menos, eram líderes dos indivíduos mais perigosos do país e não podiam deixar por menos. Logo era certo que Canhotoiro sabia que não poderia continuar, seria vida ou morte, ou um ou outro, a questão era quem mataria quem.

De início tanto Canhotoiro quanto Russo seguiram o mesmo roteiro, cada qual restringiu sua movimentação dentro da Casa de Detenção, ficando dentro dos limites dos pavilhões onde eram mais fortes, cercados de seguranças por todos os lados, cooptavam agentes penitenciários que os escoltavam quando precisavam ir a algum lugar onde não poderiam levar os seguranças, ao hospital ou ao parlatório onde falavam com os respectivos advogados. Cada agente penitenciário levava muito dinheiro para guardarem tanto um quanto outro, se o respectivo protegido morresse ficaria claro que o agente não conseguira cumprir seu papel e dificilmente seria chamado de novo para algum serviço extra, perderiam pois a grande fonte de renda que tinham. A postura de Formigão foi de apoio a Russo, isto não era novidade para ninguém eis que ambos nutriam boa amizade, Marco Jacaré e Milton Japonês permaneciam neutros, aguardavam os

acontecimentos para saber a quem apoiar, isto dava certa vantagem tática a Russo em número de homens e espaço ocupado, contudo a vantagem não era definitiva. A notícia do conflito dentro do PCC correu de boca em boca, na verdade ninguém sabia o que ocorria, exceto os cinco membros do Comitê. Os demais detentos não faziam relação com uma disputa interna do PCC, o boato mais aceito era de uma disputa pessoal entre Russo, que voltara à rua, e Canhoto, nada relacionado com o poder do PCC, o qual, via de consequência, permaneceu intocado. Russo avisou então a Caveirinha, a resistência vinha de Canhoto e se este morresse Caveirinha assumiria o lugar dele e ficariam em cinco novamente, com o apoio de Formigão, Milton Japonês e Crocô com certeza se bandeariam definitivamente para seu lado. O recado foi passado e chegou a Caveirinha no mesmo dia. Russo ainda remoía em seus pensamentos mais profundos o modo como controlaria Caveirinha quando ele viesse e como apaziguaria Marco Jacaré e Milton Japonês, estes com certeza pensariam que poderiam ter o mesmo fim de Canhoto, teria de dar-lhes alguma garantia, e esta garantia seria sem dúvida Caveirinha. Russo pensou mais, sentiu que Caveirinha já tinha uma mão na Casa de Detenção, o recado passava a responsabilidade para ele e no fundo apenas serviria para mostrar até onde ele já tinha se infiltrado na organização, isto, tinha certeza que Caveirinha não perceberia, era uma armadilha muito sutil para ele.

Quando Caveirinha recebeu a notícia ficou de certa forma aliviado, a resistência fora apenas de um dos membros do Comitê, Canhoto, cuja ficha já estudara muito bem, aliás, estudara as fichas de todos longamente, sabia bem quem eram Formigão, Milton Japonês, Marco Jacaré, Russo e Canhoto e tinha se prevenido contra eles. Tinha realmente colocado um matador dentro da Casa de Detenção, alguém que lhe chamara a atenção havia muito tempo, um dos Delegados do 222º DP, Adriano Del Tessio, o havia preso. Na verdade fora Caveirinha quem jogara Nando, o assaltante, direto para Adriano, Caveirinha era o fornecedor de cocaína de Nando, este roubava mais para garantir o vício que outra coisa. Nando era o melhor matador que Caveirinha já vira, embora talvez nem ele se desse conta disto, era perceptivo, tinha uma personalidade carismática, não pensava duas vezes em agir e buscava sempre encobrir seus passos com algum ardis. Lembrava-se que Nando costumava praticar alguns roubos na base da batida de carro e parar até que a vigilância cessasse e depois voltava a atacar, fora Nego Zulu quem falara para Nando continuar na lança que não haveriam policiais naquele dia, ele sabia que a investigadora estúpida estava rodando com o carro todo dia por ali, só um idiota não perceberia, pediu porém a Nando que fosse pegar a droga no horário em que a investigadora que servia de isca estivesse por perto. É claro que Nando não percebeu, pensou que a dica do traficante era certa e caiu como um pato. Foi preso e agora estava na Casa de Detenção. Caveirinha o ajudara com advogado e emprestava-

lhe dinheiro mesmo dentro da Casa de Detenção, droga também não lhe faltava, Nando estava comendo em sua mão. Caveirinha tinha certo medo dele, era esperto demais, violento demais, nunca poderia saber porque fora preso, fora preso apenas para servir de matador para Caveirinha quando chegasse a hora, e o momento estava chegando. Tinha também um novo homem que seria o seu principal, Gambá, o mesmo que agradara a Russo no roubo, o mesmo que fora escolhido por Macaco como um dos melhores. Gambá tinha vindo do Rio de Janeiro e fora uma contratação de Caveirinha, uma das poucas vezes em que Caveirinha saía da favela. Escolhera no Rio de Janeiro aquele que achou o melhor de todos os tenentes do Comando Vermelho, o melhor, fizera-lhe uma oferta irrecusável, como Gambá era um dos tenentes do Comando Vermelho sabia como esta organização operava em profundidade, o PCC era um irmão mais novo. A função de Gambá era simples, devia penetrar no PCC dizer quem era quem, quem o apoiaria e quem não e como dominar o Comitê Central, desde a primeira vez Gambá dissera-lhe que teriam de matar alguém do Comitê, nunca um comando tinha se alterado mudando o equilíbrio de forças sem que alguém tivesse de ceder, e ceder neste caso era morrer, a questão era saber quantos, se houvesse um seria mais fácil, dois quase inviável, três contra impossível. Foi assim que Gambá conseguiu descobrir quem eram os cinco chefes do PCC, estudou as fichas de cada um e convenceu-se de que Russo e Marco Jacaré seriam os mais inteligentes, Russo o mais acessível, Formigão e Russo eram amigos e portanto um apoiaria o outro, mas como convenceriam Marco Jacaré? E Milton Japonês? E Canhotoiro? A idéia de Caveirinha aparentemente deu frutos, fazer uma oferta muito boa, que causasse um lucro substancial, quem fosse desconfiado ficaria pelo menos neutro e deixaria o embate entre os restantes, por isto foi importante a reunião com Russo, só pessoalmente poderia avaliá-lo. A esta altura Gambá já fazia parte do pessoal externo do PCC, resolveram arriscar e aparentemente dera certo, Russo ficara ambicioso e provavelmente o trairia no futuro, agora porém o apoiaria, Formigão iria com Russo, a resistência, apostava, não viria de Crocô, restavam Milton Japonês e Canhotoiro, quando recebeu a mensagem de Russo aliviou-se, o único obstáculo era Canhotoiro, de todas as perspectivas esta era a que mais lhe agradava. Chamou Gambá, tinha que lhe passar instruções.

XX – CONFLITO DE INTERESSES

Carlinhos Maracanã já havia saído da engarrafadora com o primeiro caminhão quando Dedo entrara violentamente com a viatura no pátio

e dera início à comédia dos agentes da lei, ouviu os disparos de arma de fogo ao longe, sequer voltou-se para ver quem tinha levado a pior. Mathias e Orlando Gonzalo eram ladrões da pesada e sem dúvida eram páreo até mesmo para Sforza, contudo estavam em desvantagem já que na interceptação os policiais iriam fechar sobre os dois e o resto do bando, mas tomariam o pessoal de Sforza como aliados instintivamente, isto sem falar no fator surpresa que os afetaria muito mais. Este delegado tem sorte pensou, sorte e cuidado, era parte do trato que o primeiro caminhão a sair era o dele, saiu e deu sorte, o resto ficou para trás. Como não sabia se Sforza estava vivo ou não, levou a carga não para o armazém combinado, mas para outro de sua confiança, até que tudo fosse esclarecido a carga ficaria muito bem escondida até que pudesse ser transportada para as farmácias do ex-Deputado João Terto. Como saberia da situação da Sforza? Ora, com a badalação que ele estava recebendo (mesmo que não estivesse) as notícias sairiam em tudo o que é jornal, bastava esperar. Carlinhos esperou e sem precisar de muito esforço em pouco tempo já sabia de tudo, da intervenção, da discussão entre os policiais, da confusão na frente do prédio da Corregedoria da Polícia com o Deputado Ulisses mandando ver, aguardou em seu canto e deu um tempo, esperando que a situação se acalmasse até que pudesse ir ao 222º DP encontrar com Sforza. Após mais ou menos dez dias assim o fez. Chegou ao 222º com seu carro de DP, desta feita um antigo Opala de seis cilindros, última série fabricada, carro de muita velocidade e bom tamanho, parou no estacionamento da delegacia e observou se eventualmente ali estaria algum repórter ou qualquer movimento fora do usual, como nada viu presumiu que muito embora Sforza estivesse na boca de ser investigado, ninguém fora deslocado para vigiá-lo, o que era muito bom. Saiu do carro e foi para a entrada principal, o pessoal do plantão o conhecia e trocou alguns acenos com os plantonistas, notou que o Delegado Auxiliar Adriano Del Tessio estava na delegacia e acompanhava atentamente o movimento. Subiu até o segundo andar e finalmente encontrou-se com Vasconcelos em sua sala.

– E aí Vascão? O pessoal da Corregedoria já deu um descanso?

– Por onde você andou seu animal? O chefe está puto, pensou que você tinha dado o fora levando a carga, está furioso, foi o Tainha que güentou sua barra e avisou que estava tudo bem.

– E ele queria o quê? Que eu saísse com a carga após todo este escarcéu? Todo mundo de olho? Não tem caminhão de remédio que a PM não pare em todo lugar.

– E por que você mudou o depósito?

– Ué, ninguém sabe quem deu o serviço para a Corregedoria, eles poderiam estar sabendo do outro depósito também.

- Explica isto para o chefe.
 - Ele está aí?
 - Está no gabinete, bata antes de entrar, agora ficou cheio de frescura e fica muito puto quando alguém entra de supetão.
 - Estou indo.
 - Some!
- Carlinhos ficou imaginando se Sforza estava com a pasta Programa de Governo – que imbecil pedante –, ou não? Andou o corredor, foi até a última porta à esquerda e bateu levemente, ficou curioso e entrou quase de imediato, viu de cara Sforza fechando a mesma pasta que vira antes, guardando-a rapidamente em uma gaveta da escrivaninha.
- Como vai doutor? Baixou a poeira?
 - Seu estúpido, só está vivo porque Tainha me confirmou que a mercadoria está contigo e não tentou passá-la para frente.
 - Calma doutor, está todo mundo com a orelha em pé, a PM pára tudo o quanto é caminhão e se saísse levando a carga era fria na certa.
 - Pelo menos devia ter avisado.
 - Mas está tudo nos conformes, eu já falei com o João Terto, a carga já foi distribuída e as caixas remarcadas já estão nas farmácias da periferia.
 - Eu já sei, falei diretamente com João Terto e entramos em acordo, pelo menos dele não tive furo.
 - E eu alguma vez furei?
 - Desta vez furou, vazou do seu lado.
 - Meu!?
 - Faz as contas, Mathias e Gonzalo operavam há muito tempo e nunca caíram, dos meus nada vazou, logo se alguém alcagüetou foi do seu lado, aliás, você só não morreu porque a carga chegou inteirinha, caixa por caixa.
- Carlinhos ficou contrariado, contava que fosse o elo entre Sforza e João Terto o que seria uma garantia a mais, as tratativas diretas entre os dois não lhe convinha, restava a questão do pagamento.
- Tudo bem doutor, eu então só quero minha parte.
 - Tua parte? Você estragou tudo, colocou a Corregedoria no meu pé e chamou uma atenção danada, agora não posso operar por pelo menos um mês sem chamar a atenção, este prejuízo a tua parte vai cobrir.

– Como? Não dá não chefe, tive meus custos, eu também me arrisquei, eu dei é sorte de sair antes porque se eu estivesse lá tinha sido queimado também.

Sforza sabia que Carlinhos dizia a verdade, se a Corregedoria o tivesse surpreendido daquele modo não se daria ao luxo de deixá-lo viver, se era uma verdade, porém, o fato é que não alterava em nada a decisão que tomara.

– Foda-se, sua parte vai cobrir meu prejuízo e acabou, tem mais até, não me enche o saco e vê se fica na sua senão vou acabar te indiciando por receptação e você dança na carceragem e na Casa de Detenção.

– Não pode fazer isto comigo!

– Por que não? Tanto posso que fiz, já recebi a grana e quer saber, você que se foda.

– Quero minha grana.

– Você não quer nada, é um merda, não pode nem cantar em outro terreiro que qualquer delegado aí que se preste sabe que você come na minha mão, se manda, cara feia para mim é fome.

– Ou você me dá minha parte ou eu...

– Ou você o que seu merda?

Carlinhos controlou-se, sabia que falara demais, sabia que ultrapassara uma barreira muito perigosa, qualquer policial na posição de Sforza só tinha um receio: a deduração, se percebesse que seria traído não teria alternativa, seria a queima de arquivo mais óbvia que alguém já tinha visto. Carlinhos intuitivamente percebeu também que sua condição mudara, até agora fora útil, agora se tornara um risco.

– Desculpe doutor, fiquei nervoso, sabe como é, era muita grana, tudo bem, outras lanças virão e já que a gente sempre deu tão certo por que não daria no futuro, não é?

– Se manda, volta quando tiver alguma coisa de útil.

Sforza viu Carlinhos sair mansinho de seu gabinete, não se enganava, ele era esperto e sabia que o informante percebera que falara demais. Carlinhos era agora um risco cuja continuidade iria ser determinada pela sua utilidade, ele sabia demais, poderia fodê-lo na Corregedoria mesmo sem se expor diretamente, bastaria dar a dica de alguma lança na delegacia que tudo iria por água abaixo, neste caso mesmo que o Deputado Ulisses Zamboni fosse acionado nem ele conseguiria salvar sua pele. Como solução não havia alternativa, era a queima de arquivo ideal, Carlinhos já esgotara sua utilidade; acontece que agora não era hora,

ficaria muito evidente, alguém poderia fazer a ligação, quem sabia que Mathias e Orlando Gonzalo haviam procurado Carlinhos? E se alguém soubesse que Carlinhos fizera o contato com o 222º DP? Não podia excluir esta possibilidade, razão pela qual a morte de Carlinhos deveria esperar um pouco. Dedo e Tainha eram as pessoas certas para o serviço, Tainha poderia atraí-lo para algum lugar já que eram tão amigos e a execução feita de surpresa por Dedo. Neste meio ninguém é amigo de ninguém. Voltou-se para a escrivaninha, abriu a gaveta e retirou a pasta Programa de Governo, foi até a estante, afastou os livros e abriu a caixa de aço com combinação, guardou a pasta, fechou a caixa, colocou os livros no lugar e saiu pensativo da sala, seu maior problema não era nem como proceder à morte de Carlinhos, mas em que momento e de tal forma que não houvesse a menor possibilidade de que alguém fizesse qualquer ligação com ele. O imbecil do Adriano estava na delegacia trabalhando como um merda, mas pelo menos era útil e, mais que isto, inofensivo, tanto assim que Sforza poderia sair da delegacia quando lhe aprouvesse e quando voltasse saberia que estava tudo em ordem.

Os pensamentos de Carlinhos iam em outro sentido. Percebera que cruzara uma linha decisiva e se tornara perigoso, a solução que Sforza daria ele já sabia, era o maior candidato a cadáver da cidade, tinha que desaparecer, Sforza não faria nada por enquanto, estava “holofotizado”, todo mundo de olho nele, seria muito arriscado. A questão era portanto quanto tempo teria, seu processo de fuga seria mais lento do que fora quando saíra do Rio de Janeiro, hoje possuía bens e dinheiro e deveria passar tudo para frente muito discretamente, seria até fácil, sairia do país por algum tempo, tinha dinheiro de sobra para isto e depois poderia instalar-se em outra cidade tranquilamente. Havia contudo um senão, deveria dar o troco em Sforza antes de ir embora e levar de preferência uma boa bolada dando o maior prejuízo para o delegado. Talvez houvesse um jeito de perceber o momento certo de dar o fora. Carlinhos mudou seu caminho e foi direto para os Jardins, numa bela mansão onde sabia que iria encontrar uma de suas principais fontes de informação: Cybele. Chegou rápido e lamentou que desta vez tivesse vindo com seu carro de DP, Opala velho não recomendava ninguém. Como era bem conhecido, entrou na casa sem que lhe fossem feitas quaisquer perguntas, era um freguês, ou melhor, um cliente considerado, com contas altas e devidamente pagas, perguntou por Cybele e logo avisou que era negócio, esperou um pouco e lhe ofereceram bebida, negou e tomou um café, quinze minutos depois Cybele o chamara do bar para sua alcova no segundo andar da casa. A construção era realmente impressionante e os quartos coisa de cinema. Cybele estava vestida com uma calça jeans de uma grife italiana que Carlinhos nem sabia pronunciar, sabia porém que o preço seria dos mais caros, além da calça justa que lhe realçava as formas,

usava uma simples camiseta branca, também de grife, e os cabelos soltos molhados. Mesmo usando uma roupa simples ninguém podia negar que Cybele era realmente atraente. Cumprimentaram-se e Carlinhos a pôs a par dos últimos acontecimentos, como Sforza o sacaneara e como ficaria sem o dinheiro e, via diversa, também Cybele levaria o prejuízo pois sua cota mensal seria prejudicada.

– Aquele puto, quem disse que irá ter prejuízo? Logo vai estar comendo o rabo de tudo quanto é ladrão de São Paulo e ele sabe disto, ele quis é te foder Cacá.

– Eu sei Cybele, mas agora estou fodido, ele vai me queimar assim que puder.

– Também acho, você tem que sumir de São Paulo.

– Vou sumir sim, mas antes vou dar o troco e Sforza vai amargar o maior prejuízo de sua vida e, é claro, uma parte vai para ti.

– O que você quer?

– Ora, o de sempre, o tonto do Tainha sempre canta na tua mão...

– Se canta.

– Pois é, ele não vai deixar de falar quando Sforza avisar que vai me fechar, eles vão marcar algum esquema para me pegar e eu aposto o que você quiser que Tainha vai fazer a ligação, é claro que ele vai comentar com você e aí...

– Eu te falo, é claro, mas e o prejuízo que você quer dar ao Sforza?

– É o seguinte, se der tempo de eu me desfazer de tudo e arranjar minha viagem tenho alguma coisa em mente, mas desta vez você vai ter que esperar.

– Ah! Desconfiando de mim?

– Não, eu preciso ter certeza primeiro.

– E quanto vai valer a informação? Eu não vou me arriscar demais a troco de nada, você se manda e eu fico na fria.

– Não se preocupe, não se preocupe mesmo, desta vez quem vai comprar teu passe sou eu.

– É?

– Podes crer, estou indo, depois a gente se fala e não esquece o trato.

– Feito.

Carlinhos saiu do prédio, era fácil enganar Cybele com a promessa de comprar seu passe, não que de alguma forma ela tivesse que pagar

para sair da casa, estava lá porque queria, quando falavam em comprar o passe significava pagar-lhe o suficiente para que não precisasse mais cumprir a rotina da casa, um dinheiro que lhe permitisse abrir algum negócio ou ter alguma atividade, toda vez que se acenasse com esta possibilidade Cybele cairia, todas as mocinhas da casa tinham esta mesma idéia, isto Carlinhos percebera desde o primeiro momento em que colocara os pés naquele local. Agora dirigia seu Opala para o Centro, pensava no golpe que aplicaria em Sforza e que já se desenhava em sua mente. Por várias vezes Carlinhos acompanhara Dedo e Tainha e muitas delas apenas Tainha, para fazer o recolhe do pedágio que Caveirinha pagava, antes o recolhe era feito semanalmente e agora era feito a cada quinze dias para chamar menos a atenção, a quantia era mais do que substancial e em dinheiro, nada para trocar ou se desfazer, dinheiro vivo, às vezes em dólar. Sforza falara uma verdade, todo submundo sabia que eles mantinham um vínculo, razão pela qual qualquer coisa que tratasse com outro policial chegaria aos ouvidos do delegado e causaria um enorme mal-estar, nestes casos era praxe que uma parte dos lucros fosse paga ao mandatário do informante e ninguém queria isto. Porém esta moeda tinha outra face, caso se apresentasse como se estivesse a mando de Sforza ninguém desconfiaria, nem nos DP's conhecidos e muito menos para os homens de Caveirinha. Assim, o plano era claro em sua mente, sozinho ou juntamente com algum segurança iria na data do recolhe receber o dinheiro, era fácil saber o dia do recolhe porque Tainha sempre dizia a Cybele que o esperasse com alguma coisa especial, já chegara a fechar o clube, falava isto dias antes e portanto teria tempo de sobra, bastava chegar antes de Tainha e Dedo, apresentar-se, pegar o dinheiro e sair do local diretamente para o aeroporto e daí para o mundo, já escolhera primeiramente Portugal por causa do idioma e também porque ali Sforza não teria qualquer influência e não poderia mandar ninguém atrás dele; se fosse para o Paraguai seria questão de tempo até virar cadáver; Argentina e Uruguai eram acessíveis para matadores em razão da fronteira, um buraco onde passava quem queria; Colômbia e Peru só se fosse louco, ali Sforza era anjo perto da máfia local e o resto do continente era justamente isto: o resto. Estados Unidos era difícil de entrar e ficar algum tempo, Portugal não tinha nenhum destes vícios, era longe o suficiente, a decisão estava tomada, restava aguardar e providenciar a venda de seu patrimônio. Esquecera também que deveria avisar os doleiros com pelo menos vinte e quatro horas de antecedência de que teria uma quantia anormal em reais para trocar por dólares, depois, férias. A única coisa que ainda incomodava Carlinhos era que em relação à pasta que Sforza escondia tão fechada nada sabia e nem sequer imaginava o que fosse, talvez ali estivesse o súbito vínculo entre o delegado e o deputado, talvez valesse a pena tentar descobrir o que era, se era escondido tratava-se de um ponto fraco de Sforza, só de pensar em prejudicá-lo muito mais que

financeiramente já causava enorme prazer a Carlinhos, contudo não conseguia atinar para um jeito de conseguir acesso à caixa, não pensou mais no assunto, se sobrasse tempo resolveria o que fazer, mas tempo, pensou, é o que nunca sobra para um informante.

XXI – UM LANCE

Da mesma forma que Carlinhos e Sforza, o Promotor Danilo e o Delegado Urtizes também tinham problemas, embora estes tivessem uma resolução mais fácil. Urtizes fora afastado das investigações sobre o roubo do banco e o provável envolvimento de policiais na receptação de cargas, isto tinha endereço certo: ficar longe de Sforza; já Danilo pouco ou nada sofrera com a necessidade da intervenção de André Lupara nas investigações, era certo que o Procurador-Geral determinara a participação obrigatória de André em toda investigação, mas isto nem de longe teve o efeito que inicialmente se previa. Lupara era extremamente competente e até mais radical que o próprio Danilo, os demais membros do DEPAE apresentaram também sua solidariedade e se mostraram sempre prontos a intervir em benefício de Danilo. Urtizes perdera o *status* de delegado especialista em negociações com presos e fora “rebaixado”, passara a ser um delegado da própria Corregedoria da Polícia Civil, mas sem nenhuma regalia, não mais possuía o gabinete na seccional e agora respondia pelas investigações mais comuns da área. A remoção não aparentava nenhum desprestígio, os delegados da Corregedoria eram geralmente de um nível superior ao comum e todos muito experientes, a questão é que se antes Urtizes dedicava-se apenas a uma investigação, agora tinha dezenas para verificar simultaneamente e tal fato implicava na inviabilidade de uma apuração verdadeira. Como em outros setores da administração pública o que importava eram as estatísticas favoráveis e não um quadro qualitativo. A caçada às bruxas na administração pública em busca de funcionários fantasmas e a pecha que a mídia impusera, de indolência e ineficiência, tivera um resultado funesto, qualquer delegado, promotor ou juiz deveria apresentar produção e rapidez, em uma área onde tais pressupostos não eram essenciais em 90% das investigações. Quando se realizava um flagrante ou um marginal estava preso a rapidez para cumprimento dos prazos era fundamental, mas quando o crime demandava certa complexidade e a apuração devesse ser mais completa e cautelosa a pressa e a produção impediam maior seriedade. Tal fato não escapava a ninguém e quando Urtizes foi despido de seu *status* de homem de confiança acabou sendo jogado na vala comum, onde

muitas vezes acabar o serviço no prazo era uma grande vitória. De qualquer forma, este era o anseio da sociedade ou pelo menos o que a mídia noticiava. Como o DEPAE e a Corregedoria da Polícia Civil eram setores de organizações distintas, mas com interesses comuns, o encontro de delegados e promotores era quase cotidiano e tanto Danilo quanto Urtizes jamais esqueceram a intervenção do Deputado Ulisses Passos Zambioni. Mantinham reuniões freqüentes e destas também participava André Lupara. A grande questão era sempre a atuação de Sforza. Urtizes reafirmava sempre sua posição no sentido de que Sforza estava nitidamente envolvido em uma seqüente prática de crimes, mancomunado com seus policiais.

– É evidente Danilo, veja o modo como se envolveram na receptação da carga de remédios, montaram uma grande estrutura com caminhões para efetuar o transbordo, o que implicava necessariamente em outros depósitos e especialmente em algum comprador de porte, várias viaturas foram deslocadas, eles já estavam dentro da engarrafadora quando chegamos e aí vai...

– Disto não tenho dúvida, Urtizes, a questão é outra, como vamos chegar até Sforza, a rede que ele montou parece muito sólida, ninguém quer depor, o tal do Zorin está tremendo de medo de ser descoberto e se nega a prestar qualquer informação adicional e oficialmente então passa a quilômetros da Promotoria.

– Ele é esperto, pelo que percebo ele escolhe muito bem quem quer extorquir, segue o manual, pega aqueles que sabe serão condenados se presos e o medo da gaiola faz o passarinho cantar, que depois não quer nem saber e muito menos a vítima, que não é tão vítima, esta sabe que se falar vai para a prisão por mais tempo que o delegado.

– Dr. André o senhor tem razão, mas como vamos quebrar este sistema? Isto sem falar que Sforza conta sempre com a intervenção de algum advogado no meio, não foram poucas as vezes que para oficializar uma extorsão os policiais fazem o preso assinar um contrato de honorários advocatícios e quando fazem alguma reclamação o advogado aparece confirmando a versão dos policiais. Só que em se tratando de Sforza o advogado deve ser de primeira linha e temos ainda a ilustre presença do Deputado Ulisses.

– Esta eu não entendo, porque o deputado de repente passou a eleger o delegado como seu predileto? Se fosse um deputado qualquer eu entenderia até uma rede de influência, mas este Ulisses é considerado quase como o sucessor do governador, só falta a eleição.

– Brincadeira Urtizes!? De qualquer forma neste mato tem coelho e dos grandes, mas não temos como verificar o que existe entre eles, nossa

linha de ação só pode ser uma: temos de encontrar alguém de dentro que fale, se alguém falar todo mundo começa e o primeiro vai ser o tal de Zorin, querendo ou não querendo se conseguirmos alguém do esquema eu encosto ele na parede.

– Sforza não tem amigos lá na Corregedoria da Polícia Civil, desde que estou lá todo mundo só faz cara feia quando se fala dele, não é um sujeito popular, qualquer um dos delegados gostaria de apurar algum podre dele, vocês sabem, eu estou fora quando se fala em Sforza.

– Urtizes, pelo que me lembro na delegacia de Sforza existe um delegado auxiliar muito bom, um tal de Del Tessio e pelo que sei ele é muito considerado, os relatórios e os inquéritos que ele preside são realmente diferenciados.

– Pois é, eu me lembro dele também Urtizes, não foi este o tal que prendeu a gangue da batida e usou uma investigadora como isca?

– Ele mesmo doutores, o Adriano realmente é muito bom e extremamente dedicado, se tem mutreta no 222º duvido que ele esteja envolvido.

– Pode não estar, mas que ele poderia ficar de olho pra gente poderia.

– Isto é com os senhores, eu como delegado nada posso fazer, se quiserem eu falo com ele e peço para que venha aqui.

– Faça este favor Urtizes, vamos ver o que vai dar.

Adriano foi efetivamente contatado por Urtizes no dia seguinte, quando atendeu o telefone da Corregedoria demonstrou certo nervosismo, mas logo percebeu que o problema seria Sforza, não deixou de ficar aliviado e até contente, era o único que estava no 222º DP por opção e ninguém gostava de sua dedicação, sentia que Sforza o ignorava e provavelmente o considerava um brinquedo em suas mãos; com o tempo veria que não era assim. Foi por tal razão que Adriano marcou o encontro com os Promotores Danilo e André, mas mesmo assim, quando chegou na Promotoria, seu desconforto era evidente.

– Sente-se Dr. Adriano. Vou pedir café para todos. Sou o Dr. Danilo e este é o Dr. André, estamos efetuando uma investigação sobre aquele problema do roubo da carga de medicamentos onde o Delegado Sforza apareceu de supetão na fábrica.

– Sei doutores, eu estava de plantão e soube de tudo primeiro pela imprensa, nada foi levado para lá, todos foram direto para a seccional.

– Sabemos, o que o Delegado Sforza disse que iria fazer quando saiu do DP?

– Veja bem doutor, eu sou um delegado auxiliar, quem deve explicações quando sai sou eu e não ele, o Dr. Sforza nunca me dá satisfação dos seus atos.

– Entendo. No seu conceito trata-se de um bom policial?

– Dr. Sforza? O que se pode dizer? Nada tenho contra ele, está sempre no DP e criou uma equipe pessoal dele, os investigadores conhecidos pelas alcunhas de Dedo, Tainha e Castanheira, além do escrivão Vasconcelos, eles se reportam diretamente ao delegado titular e segundo este estão sempre efetuando uma investigação a seu mando.

– Irregular não é?

– Em um Distrito onde falta tudo, quatro policiais a menos é muita coisa.

– Sejam os francos, estes policiais agindo como agentes particulares e Sforza não lhe sugerem nada?

– O que eles deveriam me sugerir?

– O senhor presenciou alguma ilegalidade?

– Dr. André, se eu tivesse presenciado alguma irregularidade a Corregedoria estaria sabendo, não sou homem de proteger ninguém e se somos policiais devemos dar o exemplo dentro de nossa própria instituição. Eu não acoberto ninguém!!

– Calma Dr. Adriano, o Dr. André não está insinuando nada.

– E falo aos doutores promotores que bem ou mal a criminalidade na região diminuiu com as atitudes de Sforza e dos demais policiais.

– Seu trabalho é considerado de qualidade, Dr. Adriano, e este é o motivo pelo qual está aqui, acreditamos que sua honestidade e ética poderiam nos ajudar.

– A única coisa censurável em Sforza é que as investigações que ele faz são fechadas dentro do grupo dele e quando tem alguém de fora, de outra equipe, ele se fecha numa “igrejinha” e ninguém fica sabendo o resultado que deu, isto pode ser afirmado, mas daí a ser prova de irregularidade vai uma grande distância.

– Compreendemos, de qualquer forma lhe colocarei uma situação hipotética: determinado delegado monta uma rede de extorsão envolvendo criminosos de todos os níveis, descobre quem são, prende irregularmente, tortura ou convence de algum jeito que é melhor pagar que ir em cana. Como o doutor o identificaria e como desmontaria o esquema?

– Algum dos extorquidos deveria falar, alguém tem que dar o serviço, ou os criminosos ou alguém de dentro do esquema do delegado.

– Eles seriam percebidos por outros policiais dentro da delegacia, não delegado?

– Depende do Distrito, Dr. André, de quem está lá, de como é o trabalho, é impossível controlar tudo ao mesmo tempo em um grande DP. Depende da hierarquia do delegado e que posição ocupa, para um plantonista seria difícil até saber o que acontece.

– E para um delegado auxiliar Dr. Adriano?

– Agora sou eu que digo, sejamos francos doutores, eu nunca presenciei nenhuma irregularidade e ninguém nunca foi torturado e extorquido no Distrito, que chegasse ao meu conhecimento, agora se me perguntam se isto é possível eu digo que sim, é, é possível que uma pessoa seja torturada, extorquida ou coisa que o valha por algum grupo de policiais dentro de um DP sem que outro policial saiba. Se querem saber uma opinião sincera, é possível que aconteça no 222º DP, eu não estou lá vinte e quatro horas por dia e quando estou não vou de sala em sala ver o que está acontecendo, geralmente o mundo desaba na minha mesa e os doutores sabem bem o que é isto.

– Tudo bem doutor, gostaríamos apenas de sua colaboração, se puder nos ajudar em algo agradeceríamos e temos certeza de que seu empenho será devidamente apreciado até por seus superiores, principalmente até para que o doutor não seja envolvido em algum fato desagradável mesmo não possuindo qualquer vínculo com a ocorrência.

– Entendi seu recado, Dr. Danilo. Se chegar ao meu conhecimento alguma irregularidade, seja por parte do delegado titular, seja por quaisquer um dos policiais não terei dúvidas de comunicar o fato, se os doutores quiserem ser cientificados, caso assim ocorra, não vejo problema nenhum.

O delegado despediu-se e saiu, André voltou-se para Danilo e parecia desconcertado.

– Ele estava um pouco nervoso demais, de qualquer forma não comprometeu ninguém, ele é certinho sem dúvida, mas é fiel à instituição.

– Não acho que seja a hipótese de ser fiel à instituição, ele não quer é ser confundido com um informante, pense bem, que situação seria a dele se fosse visto como um policial dedo-duro? Mesmo que contra um policial detestado por todos?

– Insustentável Danilo, eu sei, a questão é saber até onde poderemos confiar nele.

– Só saberemos quando e se acontecer alguma coisa, de qualquer forma podemos ter a certeza de que dentro do 222º DP existe pelo menos um bom policial.

– Tenho uma sugestão Danilo... vamos separar as fichas funcionais de cada um dos policiais citados por Adriano como pertencentes à “Igrejinha” de Sforza, depois vamos ver se possuem outros antecedentes e se já estiveram juntos em outros DP’s, vamos ter pelo menos uma base.

– Certo, excelente idéia!

Enquanto os promotores discutiam Adriano voltava ao DP, ninguém sabia que tinha vindo à Promotoria, especialmente Sforza que ficaria no mínimo desconfiado e até poderia pedir que fosse removido, de qualquer forma entendeu a posição dos promotores e principalmente percebeu que apesar da insinuação final do tal Danilo, de que poderia se ver envolvido com Sforza, eles o consideravam isento dentro do DP, mesmo porque caso assim não fosse não o chamariam. O Delegado Adriano Del Tessio tinha motivos para ficar contente.

XXII – VITÓRIA – UM HOMICÍDIO

Caveirinha havia chamado Gambá e lhe dera ordens específicas, estava na hora de acordar Nando para o fato de que se tornaria seu matador na Casa de Detenção, desde que fora preso, Nando recebera todo apoio financeiro e seu processo era defendido por um dos juniores de Jorge Dias Velho, nunca lhe faltava pó, bebida ou mulher, soube depois que Nando firmara-se sozinho como líder de um grupo dentro da Casa de Detenção. Sempre soube que ele era inteligente, esperto e iria se dar bem no submundo. A questão era apenas manobrá-lo; Caveirinha iria precisar de alguém dentro da Casa de Detenção que pudesse agir quando fosse detectada de onde viria a resistência à sua entrada no PCC, como não existia nenhum vínculo entre eles, ao menos que o próprio Nando soubesse, nunca ninguém desconfiaria dele. Um matador surpresa, um braço de Caveirinha dentro da Detenção, uma demonstração de poder. Quando contratou Gambá no Rio de Janeiro sabia que deveria infiltrar algum matador que não despertasse desconfiança de ninguém, foi duro até achar alguém hábil que viesse a executar suas ordens, Nando caíra do céu e nem desconfiava que sua prisão tinha o dedo de Caveirinha.

Gambá recebeu as instruções de Caveirinha e uma semana depois visitava Nando na Detenção. Chegou como qualquer visita e nada leva-

va além de um tradicional jumbo, comida extra, bolachas de chocolate, parecia um irmão ou primo, nenhum traço em si o distinguia de um visitante usual. Submeteu-se pacientemente à revista, é fato conhecido que é impossível revistar todos os visitantes na Casa de Detenção, o grande número de pessoas que visitam o também grande número de presos inviabiliza qualquer tentativa neste sentido. Como opção os agentes penitenciários procuram grupos de risco, homens na faixa etária até 30 anos são sempre visados, a compleição física denuncia um viciado e muitas vezes a revista mais minuciosa indica que realmente se transportava a droga. Tatuagens chamam a atenção, indicam vivência penitenciária. Existe também o *feeling*, a intuição, revistando sempre alguém que pareça nervoso demais ou fora do padrão de visitantes costumeiros. Gambá já tinha entrado e saído de penitenciárias como preso no Rio, Bangu I e tudo mais, e como visita para Nando. Os agentes pareciam perceber algo nele e sempre o detinham para revista, inutilmente é claro. Não era alguém da hierarquia de Gambá que se prestaria ao papel de mula, já fazia muito, pensava, levando o jumbo só para despistar. A função de Gambá era mais específica, cativar e recrutar Nando como o principal executor de Caveirinha dentro do sistema penitenciário. Com o tempo e as visitas de apoio parecia evidente a Gambá que Nando já fora cooptado, mesmo que sem se aperceber do fato, restava convencê-lo a tornar-se um matador a serviço de Caveirinha, o que parecia mais fácil. Cumprimentaram-se como sempre e trocaram o diálogo inicial como tantas vezes já haviam feito.

– Nando, me parece que você vai ter que cumprir muito tempo aqui.

– Não é novidade para ninguém.

– O Caveirinha tem uma proposta para ti, coisa boa, você nem imagina...

– Daqui não posso fazer nada, Gambá, eu sei que tenho dívida com a chefia, mas preso aqui dentro não tenho como pagar, só o que você já me trouxe está além do que disponho.

– Ele não quer pagamento nenhum, na verdade quer que você ganhe mais ainda.

– Boiei.

– Você conhece o PCC?

– Você está louco falando assim? Chega aqui mais para o canto. Eles tomam conta de tudo aqui, é foda, não se mete com eles que eles não se metem com você.

– Você sabe como eles agem?

– Eles têm cinco chefes, quem domina o meu pavilhão é o Marco Jacaré que é um deles, sei que o outro é o Milton Japonês, tem um tal de Russo que voltou há pouco tempo e outros dois que não conheço e nem quero.

– Eles ganham muito?

– Muito? Eles ganham para caralho! Um tenente deles chega a ganhar uns dez mil reais por semana com o dinheiro do crack, pelo menos é o que ouço.

– Eles ganham menos do que o Caveirinha já te deu?

– Espera lá, eu não sou ingrato, mas não sou louco, tenho meus manos aqui e já formamos um grupinho, mas bater nestes caras só com um grupo do mesmo tamanho, na última briga pela tomada de poder o choque entrou e todo mundo sabe, morreram cento e onze e ninguém sabe quantos o choque matou mesmo e quantos o PCC apagou, pelo menos uns dez. Não posso ir contra eles, o Caveirinha não é tão estúpido.

– Você está pensando errado cara, ninguém quer acabar com o PCC, a gente quer é entrar na deles. Você não gostaria de ser um tenente? Segundo em comando? Só perdendo para os cinco do Comitê Central?

– Não dá, eu tenho muita pena para cumprir, mas não estou na deles, sou freela, tenho meu pessoalzinho e eles não gostam disto.

– Vou te contar o que ninguém sabe, o Caveirinha vem aqui para dentro e não é para fazer visita, vai entrar como preso e ficar aqui um tempo, só que ele quer vir como chefe e não como índio, ele merece e você sabe disto.

– Vir para o sistema como preso? Ele está louco!?

– Não está não, no negócio já tem palavra, o problema é que tem muito cacique para pouco índio, alguém vai sobrar, ele já tem o apoio de Russo e Formigão, este você não conhece, Marco Jacaré, do seu pavilhão, está neutro, assim como Milton Japonês, o Canhotoiro está contra e brigou com o Russo, cada um está no seu pavilhão com os seguranças. Pelo que sei o Milton Japonês está pensando em apoiar o Canhotoiro e portanto a situação está ruim.

– E como eu entro nesta?

– Você tem que fazer o serviço no Canhotoiro.

– Impossível.

– Nem tanto, ninguém sabe que você e o Caveirinha se conhecem, você está fora da guerra, ninguém te vigia e nem está atrás de você, é só

mais um ladrão com alguns comparsas, como ninguém desconfia será mais fácil chegar perto dele.

– Mas ele não sai do pavilhão e sempre tem segurança junto.

– Não tem pressa, pense em um jeito, ninguém fica lá sempre, hora ou outra ele vai ter que sair, por qualquer coisa, mas vai ter que sair. O prêmio é simples, Caveirinha assume o lugar de Canhoto, você muda para o pavilhão dele e será o tenente principal, se o Nego Zulu entrar também ficarão ambos juntos.

– Vou pensar.

– Não vai não, tenho que dar a resposta, hoje, agora!

Nando ficou por ora indeciso, tinha muitos anos para cumprir e a possibilidade de fuga para um bagrinho como ele era pequena, não havia como comprar a saída com alvarás falsos, não tinha cacife para bancar uma fuga, não tinha nada, sua perspectiva era envelhecer na Casa de Detenção. Se aceitasse correria risco, se falhasse morreria e nem queria imaginar como, se tivesse sucesso poderia ficar rico, teria todos os privilégios possíveis e não estaria descartada a possibilidade de um dia fugir da Detenção. Conformar-se ou arriscar-se? Só peru que morre na véspera, esta vida de preso não o levaria a nada.

– Está na mão, me dá um tempo, tenho que pensar como fazer o serviço.

– Justo. A partir de hoje toda semana virá um advogado do melhor escritório de advocacia de São Paulo, não preciso dizer que é do Jorge Dias Velho, detalhes trate com ele, se precisar de alguma coisa avise; lembre-se: o advogado está sempre protegido e mesmo que alguém escute ou grave sua conversa nada poderá fazer com isto, é sigilo profissional, mas caute-la, se alguém ficar sabendo de alguma coisa tudo pode dar para trás.

– Especialmente eu.

– Especialmente você.

A despedida desta vez foi mais seca, Gambá não era mais ninguém ajudando, agora eram negócios e numa relação de negócios deste tipo não existe amigos, existem interesses e interesses mudam como o vento. Naquela mesma noite Nando ficou pensativo e até seus comparsas de cela estranharam. Primeiro pensou em como viera à Detenção, o golpe da batida era conhecido, mas Nando sabia que quando acontecia alguma coisa deste tipo a polícia militar se ouriçava e tudo ficava mais difícil, faziam bloqueios, aumentavam o número de viaturas etc., normalmente a polícia irradiava uma ocorrência fornecendo a descrição que a vítima dava, por exemplo, num assalto onde eram quatro os ladrões geralmente

a comunicação era “quatro indivíduos assim ou assado ocupando um carro” ou ainda “três homens e uma mulher...”, daí tivera a idéia, sempre atacavam de noite, sempre a vítima estava subjugada e sempre tiravam uma casquinha se a mulher fosse bonita, bastava uma das amantes de peito pequeno usar uma roupa masculina, sapato (as mulheres olham muito o sapato) e óculos escuros, até alguma maquiagem. A comunicação da PM era sempre a mesma “quatro indivíduos” ou “três indivíduos”, quando Nando passava com o carro de apoio pela barreira eram sempre dois casais. Geralmente o burro do PM dava uma olhada e não desconfiava de nada e mandava seguir, era fácil achar carro durante a noite com três ou quatro caras, eles tinham muito trabalho e ficavam parando carros inutilmente. O único risco era que pensassem que as mulheres estavam sendo seqüestradas, mas a atitude de suas namoradas não dava margem a tal raciocínio, era muito amasso. Foi assim que passou por viaturas da PM por inúmeras vezes. Ninguém sabia, mas além disto Caveirinha sempre lhe dera uma mão, Nando gostava muito da maconha e também, às vezes, do crack, talvez por possuir um organismo mais resistente não se viciara, mas usava a droga esporadicamente e passou a revendê-la ocasionalmente. Caveirinha não tolerava concorrência, mas por algum motivo não falara nada e até o incentivava vendendo-lhe o barato por preço abaixo do mercado. Nando sempre contatava Nego Zulu, o que não era usual, o Negão também se mostrava simpático e mais ainda, dava-lhe dicas sobre onde estariam as viaturas da PM, quando o patrulhamento havia sido mais intensificado ou não, Nando nunca perguntou como sabiam e nem lhe interessava, a dica só falhara uma vez e justamente nesta fora preso por um delegado metidinho a gostoso, o tal de Adriano, cujo nome jamais iria esquecer. Quando Nando entrou no sistema passou a receber todo apoio, dinheiro, droga, teve um advogado no processo, tudo às custas de Caveirinha, sabia que um dia iria pedir um favor e este dia fora hoje. Não era bem um favor, era uma tarefa e com a tarefa um pagamento, aceitara e agora não podia voltar atrás. Como mataria Canhoto? O cara era experiente, estava sempre com seguranças, dominava seu pavilhão e não saía de lá, na sua folha de pagamento tinha agentes penitenciários e Nando não poderia arriscar-se com eles, não tinha cacife para fazer uma proposta, faltava-lhe credibilidade, o fato de ser um grupo pequeno e não ter vínculo com ninguém atuava às vezes a favor e outras contra. Quando era possível Canhoto sair do pavilhão? Atendimento médico era a primeira hipótese, Canhoto ao que se sabia era forte à beça e não possuía qualquer doença, jogar alguma droga na comida era praticamente impossível, os faxinas, outro grupo dentro da Casa de Detenção, dependiam da credibilidade e da confiança que imprimiam nos outros presos e um envenenamento em virtude da comida seria uma bomba, eles caçariam o culpado até o fim e Nando não sabia até que ponto era interesse de Caveirinha mantê-lo vivo, se

fosse para garantir a posição do PCC. Caveirinha não teria dúvidas em sacrificá-lo. Visitas eram controladas rigidamente, benefício para sair da Casa de Detenção Canhotoiro não tinha, armar uma tocaia numa eventual saída estava fora de questão. Existia uma outra hipótese, quando um advogado vinha à Casa de Detenção encontrar um cliente preso este era requisitado no pavilhão e levado até o parlatório aonde encontraria seu defensor, neste caso saía de seu pavilhão e tinha de atravessar quase meia penitenciária. Para Nando seria ótimo, para ver seu advogado Canhotoiro desviaria do pavilhão aonde estava Russo e passaria com certeza pelo pavilhão de Marco Jacaré aonde teria menos a temer, seria a melhor ocasião, onde estaria mais vulnerável. Mas vulnerável até que ponto? Estaria acompanhado por pelo menos dois agentes penitenciários que estariam em sua folha de pagamento com certeza, não poderia levar nenhum segurança ao parlatório, seria um obstáculo a ser vencido. O outro problema era mais complexo, quando adivinhar o momento em que o advogado de Canhotoiro viesse vê-lo? As visitas eram raríssimas pois as notícias eram transmitidas por celular, esta bênção que permitia o contato a todo tempo com o exterior à custa de um simples suborno. Deveria pois vencer dois obstáculos, como atingi-lo no meio dos agentes penitenciários e como adivinhar em que momento o advogado chamaria Canhotoiro. Advogados, advogados, Gambá prometera-lhe que receberia a visita semanal de um bom advogado, para um preso significava muito, para qualquer preso. Sozinha a questão se resolvera.

Realmente Nando recebeu a visita semanal do advogado e quando pediu-lhe que passasse uma mensagem para um amigo comum o advogado simplesmente estendera-lhe um papel e pediu que escrevesse o que quisesse, não leria e nem iria querer saber o que estava escrito, mas o sigilo profissional impedia que até mesmo este bilhete fosse apreendido, isto mais que tudo garantia o sigilo da comunicação. Caveirinha recebeu a mensagem e surpreendeu-se, gastaria um pouco de dinheiro é certo, mas sem dúvida a idéia de Nando valeria a pena.

E foi assim que na semana subsequente o escritório de Misael Del Rey, uma das mais afamadas bancas da Capital, considerado o maior especialista em execução penal, recebeu a visita de uma chorosa esposa que pretendia fosse o marido visitado pelo ilustre advogado e seu processo de execução analisado. Foi tratada como uma cliente comum pois não parecia nada além disto, tinha boa aparência é certo, mas não exteriorizava nada de especial, quase como se não quisesse ser notada, a típica pessoa que ficaria anônima em qualquer grupo. Marcou hora, foi atendida por um dos advogados juniores que quando viu o prontuário do preso quase desistiu, eram grandes condenações, indivíduo reincidente, o processo seria complicadíssimo, talvez não valesse a pena. A esposa porém era insistente, o júnior deu então um valor de honorários

alto esperando que a mulher desistisse, para seu espanto ela perguntou quanto precisaria pagar para ser atendida pelo próprio Misael Del Rey. O júnior achou piada e pensou num valor alto, dez mil dólares pela consulta, arrependeu-se na hora quando para seu espanto a mulher simplesmente sacou da bolsa maços de notas de cem dólares e os empilhou um a um, total: dez mil dólares americanos. O júnior engasgou, saiu da sala e foi falar com a secretária sênior de Misael, conferiram a autenticidade das notas e meia hora depois a esposa chorosa sentava-se defronte ao advogado. Com o antecedente examinado, dólares eram raros neste tipo de processo, Dr. Misael admitiu assumir o processo e fixou o preço total em cinquenta mil dólares, a mulher sequer pestanejou e aceitou o preço com a condição de que a primeira visita fosse feita a seu marido imediatamente e pelo próprio Dr. Misael, neste caso o preço subiria mais, disse o advogado, sem problemas disse a esposa, ela queria ser avisada do dia e hora da visita, ambos concordaram que fosse na semana vindoura, tudo acertado, dinheiro pago, dia e hora da visita marcados, a mulher aparentando certa dignidade saiu rapidamente do escritório e foi motivo de comentários durante pelo menos uma semana.

No dia combinado o Dr. Misael Del Rey compareceu na penitenciária e pediu a chamada de seu cliente, o nome famoso abriu caminho rapidamente e os agentes penitenciários foram avisados para buscar o detento que teria o privilégio de ser defendido por pessoa tão ilustre e influente, cara de sorte.

- Ô Canhoto, você tem visita.
- Qual é chefia, hoje não é dia, é meio de semana e não tem visita nem pra agente penitenciário.
- Deixa de graça, você tirou a sorte grande, o cara é um figurão, um advogado chamado Dr. Misael Del Rey, já está até no parlatório te esperando.
- Este cara? Eu nunca o chamei.
- Mas alguma coisa ele quer contigo e sendo quem é a coisa deve ser boa.
- Como é que vamos ao parlatório?
- Vamos eu e outro agente penitenciário, passamos pelo pavilhão do Marco Jacaré e de antemão já te aviso que o Russo e todos os seus seguranças estão no pavilhão deles, não tem erro.

A surpresa da visita de um advogado famoso aguçou a curiosidade de Canhoto, o que ele iria querer? Os agentes penitenciários lhe garantiam que Russo estava quieto, a estratégia de Canhoto para vencer

Russo era isolá-lo e convencer a Marco Jacaré e Milton Japonês para atacá-lo, tinha certeza que quando Formigão percebesse que estava isolado junto com Russo iria traí-lo e então haveria possibilidade de uma emboscada, já um advogado de fora não apresentava perigo e a proteção estava garantida, ainda mais quando se tratasse de um advogado de primeiro time, cuja reputação seria abalada por servir de laranjão na Casa de Detenção.

– Vamos lá.

Saíram do pavilhão e caminharam pela galeria, passaram pelo pavilhão de Marco Jacaré e pela última galeria onde estavam alguns presos entretidos em algum jogo de bola, o último espaço antes do acesso ao parlatório, os agentes penitenciários andavam ao lado de Canhotoiro que estava bem alerta, examinou os presos que estavam pelo local e reconheceu Nando, sabia que ele não estava comprometido com ninguém e não tinha qualquer vínculo com Russo ou Formigão, de forma que o descartou como provável ameaça, seguiriam em frente passando pelo grupo de detentos. Os agentes penitenciários caminhavam despreocupados à frente, garantidos pela sua condição de intocáveis. Quando passaram pelo grupo de prisioneiros estes afastaram-se e saíram da frente permitindo a passagem dos três, mas permaneceram próximos, mesmo porque o espaço era pequeno, até que quando estavam prestes a cruzar a galeria, Canhotoiro urrou de dor e curvou-se, caindo de joelhos, os agentes penitenciários ficaram espantadíssimos e só entenderam a agonia de Canhotoiro quando viram enfiada nas costas do prisioneiro que escoltavam uma comprida lâmina de faca, esta fora fincada de baixo para cima e atingira os rins quase até o pulmão. Os agentes voltaram-se para trás e espalhados estavam alguns presos, Nando, alguns asseclas e outros presos simplesmente paralisados, como eram apenas dois e pressentindo que talvez Canhotoiro não fosse o único alvo, limitaram-se a carregá-lo apressadamente para fora a fim de socorrê-lo, anotando mentalmente quem eram os presos que estavam próximo para futuro interrogatório. Canhotoiro foi levado para um hospital público, era óbvio que o Hospital Penitenciário não seria recomendável, os ferimentos eram gravíssimos e a demora somada ao atendimento precário de resto dispensado a toda população lhe foi fatal. Algumas horas mais tarde a notícia da morte de Canhotoiro corria por todo sistema prisional, Marco Jacaré e Milton Japonês não tardaram em concordar abertamente com Russo e Formigão, a vaga aberta de Canhotoiro seria coberta por Caveirinha, cuja institucionalização estava por vir, caso inédito para todos. É claro que seguiu-se uma sindicância para a apuração da morte, sindicância que servia mais para salvar as aparências dos agentes penitenciários que outra coisa. Como o golpe viera por trás e haviam vários presos em condições de desferi-lo, foi impossível determinar quem era o assassino; em defesa dos prováveis assassinos estava o próprio Jorge Dias Velho, este desmontou qualquer acusação quando simplesmente

perguntou aos agentes penitenciários se estes tinham anotado todos os nomes dos presos que estavam perto, quando estes responderam negativamente a pergunta seguinte foi mais maliciosa: Então outro preso cuja identidade vocês não anotaram mas que com certeza estava no local poderia ter desfechado o golpe? Sim, responderam e a sindicância para alívio literalmente de todos fora arquivada, o mesmo fim teve o inquérito instaurado com este objetivo. As autoridades penitenciárias também não mostravam boa vontade em expor as condições do crime dentro da Casa de Detenção e assim embora após um pouco de estardalhaço a morte de Canhoto foi assimilada no sistema prisional. A maior surpresa de todos fora constatada pela presença do Dr. Misael Del Rey, isto porque Canhoto não tinha esposa e nem amante, ninguém sabia quem tinha comparecido ao escritório do advogado e logo tornou-se aparente que se prestara ao papel de isca, tal fato contudo não foi explorado pelos jornais, os quais em virtude do bom relacionamento do advogado calaram-se ante tão vexatória ocorrência. A polícia tentou localizar a mulher sem sucesso e Misael não podia mencionar os dólares obtidos ilegalmente, uma armadilha que o impedia de falar porque aceitara o encargo do processo tão de repente.

Caveirinha sorria largamente, Nando correspondera às previsões, quando recebeu o bilhete percebeu a esperteza do seu novo parceiro, a cobiça do advogado seria atizada pelo dinheiro e a presença dele um chamariz perfeito para que Canhoto saísse de seu pavilhão e pudesse ser cercado sem a presença de seus seguranças, perdera dez mil dólares, é verdade, mas valera a pena. Antes consultara Jorge Dias Velho e pedira que este lhe avaliasse quanto Misael cobraria por um atendimento naquelas condições, Jorge era mais careiro pensou, falou em quinze mil dólares para que Misael fosse iludido, dez bastaram, a menina que fizera o contato neste momento estava gastando o cachê na Itália, onde pretendia continuar sua profissão de garota de programa, se voltasse seria apenas mais um cadáver. Nada mais havia entre Caveirinha e o comando do PCC, agora só restava estabelecer em quais condições seria inserido no sistema prisional, para tanto novamente seria necessário a ajuda de Jorge Dias Velho, regamente paga é claro. Isto porém viria depois.

Nando estava feliz da vida, tudo dera certo e ganhara prestígio imenso, passou a ser temido e ao mesmo tempo invejado, era óbvio para todos que as conexões de Nando eram fortes pois fora através dele que o advogado Misael chegara à Casa de Detenção, Russo, Formigão, Marco Jacaré e Milton Japonês o marcaram como homem de Caveirinha, este segredo pelo menos caíra, todos porém redobram as cautelas e incorporaram novas rotinas de segurança, ninguém era trouxa e todos se colocaram na posição de Canhoto a fim de não serem como ele surpreendidos.

Uma nova fase do PCC e de Caveirinha estava prestes a começar.

XXIII – PRELIMINARES

Jorge Dias Velho recebera a ligação de Caveirinha em sua linha particular, todo grande advogado que se preze possui, além das linhas normais com ramal, uma linha particular, muitas vezes em nome de terceiro e desconhecida até da secretária mais fiel, principalmente e porque a história recente do Brasil indica que não existe secretária fiel. Ademais, estando em nome de terceiros a interceptação fica mais difícil pois não dá para localizar só pela lista de assinantes. Quando se fala em interceptação se pensa não somente na interceptação legal, com autorização judicial e tudo, mas também na criminosa, por concorrentes ou, pior, clientes dos concorrentes. Geralmente esta linha é reservada para negócios apenas, já que a família tinha acesso direto através da mesa da secretária. No caso de Jorge Dias Velho pouquíssimas pessoas tinham acesso a tal número, dois eram seus principais contatos políticos no Legislativo, os outros três membros da alta cúpula do Judiciário cujos parentes ocupavam por hora o cargo de advogados juniores ou trainees no escritório. O tipo da coisa que ninguém, nem mesmo os mais fiéis, tinham a necessidade de ouvir. Havia um único cliente mesmo que tinha acesso a tal número, era sua maior fonte de renda e responsável por boa parte dos dólares que dormiam nas Ilhas Cayman, agora tão na moda. Por alguns momentos Jorge arrependeu-se dos conselhos que dera a alguns amigos políticos sobre aplicação do dinheiro no exterior. Ilhas Cayman estavam muito visadas e movimentar o dinheiro agora apenas aumentaria a visibilidade. Bem, de qualquer forma seu cliente mais rentável ligara, Caveirinha queria um encontro pessoal, a última vez que estivera aqui fora com Sforza e realmente deu medo. O que seria agora? O traficante insistira que o encontro fosse marcado fora do expediente, o que era incomum, mas tudo bem, pressentia nova entrada de capital. Com o anoitecer o prédio esvaziou-se, Jorge ficou sozinho no escritório exceto por sua secretária pessoal em cuja presença insistiria mesmo que Caveirinha voltasse atrás. O cliente chegou, sozinho, bateu à porta, foi admitido e chegou à sala pessoal de Jorge, ambos foram sentar-se nos sofás da sala íntima do gabinete, a secretária serviu café e saiu, sabia quando tinha que desaparecer, toda boa secretária sabe.

- Dr. Jorge, novamente permita-me utilizar de sua capacidade.
- É sempre um prazer.
- Como faço para ficar preso na Casa de Detenção por uns dois ou três anos no máximo?

Um advogado experiente costuma dizer já ter visto de tudo e Jorge Dias Velho pensou que não houvesse nada na profissão que o espantasse, errou, foi pego completamente desprevenido e por um instante deixou transparecer tal fato.

– Como é? Não entendi, você quer saber como tirar alguém em três anos não é?

– Não doutor, quero saber como ficar três anos preso e sair, como controlar a hora da minha saída, o momento em que sairei sem o perigo de por um motivo legal este prazo ficar maior.

– Em que condições? Seja mais específico.

– Quero ficar preso um tempo, provavelmente dois anos, talvez três, mas quero sair legalmente depois deste prazo sem o risco de ser forçado a permanecer mais tempo. É claro, não me escapa que para isto devo ser condenado em alguma coisa, mas creio que ser condenado é o mais fácil, quando se quer é óbvio.

– Verdade. Bom, eu nunca fiz o que você pretende, meu serviço é sempre o inverso e meu acesso à parte da execução é bom, mas não tanto quanto o Misael, o que aliás você sabe.

– Ele ficou puto não? Desculpe o palavrão doutor mas não me ocorre outra palavra.

– Se ficou... de qualquer forma em último caso ele me ajuda, por um preço lógico.

– Lógico?

– Bem, um roubo qualificado dá cinco anos e quatro meses, receptação, estelionato, furto, tudo isto dá menos e você nem acaba indo para a Casa de Detenção, vai receber tanto benefício que ingressar no sistema penitenciário você não conseguirá.

– Mas o que quero...

– Olha, vai parecer idiotice, mas não é fácil ir para a cadeia sendo primário, só se o crime for bem grave e aí a pena vai ser maior, se bem que você acaba saindo antes, mesmo assim é mais difícil controlar a execução, não pelo acesso, mas pela própria incapacidade do sistema, a pena pode acabar e mesmo assim a soltura não é imediata Caveirinha, ficar preso pouco tempo nem querendo.

– Impossível, mesmo eu confessando e tudo?

– Pior, se você confessa um crime pequeno aí que pega um benefício mesmo.

– Não consigo acreditar nisto.

– É verdade, o sistema é feito para não funcionar mesmo, os políticos morrem de medo de cadeia cheia. Mas acho que tenho uma coisa, a pena pelo tráfico é três anos, é pequena, acho que é a menor no mundo,

mas tem de ser cumprida pelo menos metade, ou quase a metade, e em regime fechado embora minha bandeira seja justamente o contrário.

– Bom, traficante já sou.

– Se o pegarem vendendo drogas para algum policial em algum ponto o máximo que pode acontecer é te darem uns três anos, com um pouco de dinheiro e boa vontade eu consigo transferi-lo rapidinho para a Casa de Detenção.

– É? E se eu quiser sair antes?

– Difícil, mas possível, recursos para rever uma decisão de condenação é o que não falta, mesmo a lei dizendo que você tem que cumprir a pena inteira em regime fechado os juízes nem dão bola e dizem que a lei é inconstitucional, embora o próprio Supremo já tenha dito que não.

– Isto significa que...

– Uma pena de três anos é possível e o levará à Detenção, mas a saída, pelo menos a legal, não pode ser controlada totalmente.

– Pelo menos a legal...

– É uma pergunta?

– Não.

– Não vou perguntar porque você quer ir para lá.

– Não, não vai, vamos acertar os detalhes.

Tarde da noite Caveirinha saiu do escritório de Jorge, entrara sozinho é verdade, mas os corredores estavam bloqueados por seus soldados nos andares superiores e no inferior, o corredor guarnecido, o átrio do prédio também. Nego Zulu do lado de fora com um rádio HT comandava tudo e caso uma viatura ou algum movimento estranho surgisse, Caveirinha seria avisado, a rota de fuga já estava previamente traçada e tudo fora examinado detidamente. Não esperava traição por parte de Jorge, mas cautela nunca é demais. No retorno para a favela pensou em como Russo agora controlava melhor o sistema penitenciário, embora Nando o informasse que Milton Japonês e Marco Jacaré tinham se aproximado e jurado lealdade mútua, precisaria ganhar a confiança de ambos.

Naquela mesma noite Russo fazia coro aos pensamentos de Caveirinha, a morte de Canhoto levou à sua ascensão como mais influente dos membros do PCC, a reação fora imediata e Marco Jacaré e Milton Japonês aliaram-se a ele e embora o Comitê continuasse a se reunir era evidente um certo grau de desconfiança. O próprio Russo começou a temer que da aliança entre ambos saísse uma tentativa de vingança.

ça, Russo e Formigão contra Milton Japonês e Marco Jacaré, era jogo parelho. Precisava de algum negociador, alguém que serenasse os ânimos, que viesse de fora e não estivesse envolvido diretamente na briga. Lembrou-se então de Sabonete, que ainda governava a carceragem do 222º DP, achava que Pinga e Zoião ainda estavam lá, embora Mata-Mata estivesse novamente na Casa de Detenção como seu principal tenente. Sabonete fora escolhido pelo Comitê por unanimidade para acompanhá-lo na tomada da carceragem do 222º DP e não possuía vínculo direto com ninguém, Zoião e Pinga eram matadores e também foram aprovados pelo Comitê diretamente. A questão era contudo mais complexa, o PCC tinha poder, é claro, para remover quem quisesse e como dentro do sistema penitenciário, nos Distritos era muito mais fácil o problema maior era que se Milton Japonês e Crocão percebessem, poderiam furar a remoção temendo que os matadores estivessem a seu mando, já que haviam ficado com ele durante a tomada da carceragem do 222º DP, não podia e não queria desagradá-los e nem praticar um ato que parecesse o início de um ataque contra os dois. Não mesmo. Para que os três voltassem para a Casa de Detenção seria necessário que houvesse um bom motivo para não deixá-los nos DP's. O que um DP mais temia? Resgate, se os três fossem resgatados a volta seria para a Casa de Detenção pois haveria medo de deixá-los em outro DP, parecia loucura mas sair para entrar era o melhor caminho. É claro que após saírem ficariam um tempo fora, mereciam férias, tal como Russo o fizera quando do seu encontro com Caveirinha, depois voltariam. Não eram como Macaco que após sair do hospital voltara para a Casa de Detenção e tornara-se um imprestável, isto quando da prisão de Russo após o roubo do banco. Mas precisaria de ajuda de fora, e muita, e não poderia ser do próprio PCC senão de nada adiantaria, era o mesmo caso da remoção. Mas agora tinha um aliado forte e fora do sistema, Caveirinha deveria providenciar o resgate de Sabonete, Pinga e Zoião, faria o arranjo necessário e indicaria até alguém experiente em resgate de presos, veria também até que ponto iria o poder de fogo de Caveirinha.

A mensagem de Russo chegou rapidamente a Caveirinha, o celular estava fazendo escola dentro da Casa de Detenção, especialmente os modelos menores. É claro que Caveirinha não gostou do pedido, primeiro porque não era sua área de atuação, nunca fizera isto e nem seus homens, Nego Zulu era violento demais, provavelmente não se controlaria, mas não podia dar para trás, era evidente que Russo também testava sua força fora da Casa de Detenção, se falhasse em uma tarefa que o PCC já fizera tantas vezes antes é porque seu controle não era tão bom. Caveirinha pensou um bom tempo antes de chamar Gambá, o homem que importara do Comando Vermelho a peso de ouro.

– Gambá, preciso de um serviço especial, desta vez a coisa é feia, temos de resgatar três presos do 222º DP, homens do Russo, ele está precisando para manter o controle sobre Milton Japonês e Crocão.

- Então o Japinha e o Jacaré estão de cu na mão?
- Os dois são mais fortes juntos que Canhoto, cujos soldados os acompanharam, era previsível como já havíamos dito.
- Mas Caveirinha, isto não deveria surpreendê-lo, o medo une, de qualquer forma acho que Russo quer também testá-lo; o PCC já fez resgate antes, não precisa de gente de fora.
- Precisa sim, Russo sabe que se tentar dar a ordem sozinho, sem o aceite do Comitê, será guerra pois perceberão como uma ameaça.
- E não será ameaça mesmo se o serviço for feito por alguém de fora?
- Muita gente deve sair do 222º DP, ninguém deve saber para quem foi o resgate exatamente, isto pode ser feito e duvido que alguém vai acreditar num resgate em que a intenção é voltar para a Casa de Detenção.
- Nisto o Russo está certo chefe, se forem resgatados, na volta irão levá-los para a Casa de Detenção ou Penitenciária?
- Casa de Detenção... neste ponto Russo não precisa de muito esforço e pode fazer o contato sozinho, mas o problema é outro Gambá, preciso de alguém que faça o serviço e bem, não posso confiar somente em Nego Zulu.
- Eu nunca fiz resgate.
- Não pensei em você.
- Em quem então?
- Quero que volte ao Rio de Janeiro, quero que vá até lá e contrate alguns homens do Comando Vermelho, especialistas, pessoal que já tenha feito isto.
- É possível, o Comando Vermelho faz resgates sempre que precisa, mas no Rio, aqui nunca, o Comando não deu certo aqui porque não teve o apoio que precisava.
- Desta vez será diferente, não virão como concorrentes, o apoio eu dou, armas, dinheiro, farinha, o que quiserem.
- Para quando?
- O mais rápido, pega um avião para o Rio e resolve isto, aguardo sua ligação o mais depressa possível.
- Estou saindo, será um prazer voltar ao Rio e voltar bem é sempre diferente.

No dia seguinte Gambá voava para o Rio de Janeiro, iria rever os antigos companheiros do Comando Vermelho e contratar o preço.

Caveirinha não sacara, mas era óbvio que Gambá sabia quem eram os homens do Comando Vermelho que executavam este tipo de operação, seria fácil contatá-los, o difícil seria negociar o preço. Gambá combinaria o preço e incluiria junto uma justa comissão, previamente combinada com seus amigos cariocas, é claro. Caveirinha nem saberia que estaria também pagando a sua comissão, todo mundo tinha sua falha.

XXIV – QUEIMA DE ARQUIVO

Muito tempo já se passara desde que Sforza e Carlinhos Maracanã haviam discutido, durante este tempo o receptador não mais fora ao DP e o delegado notara a ausência, não só do receptador/informante mas dos negócios que efetivamente este fazia. Para Sforza esta ausência era um sinal claro de que a utilidade de Carlinhos se esgotara. Duvidava que Carlinhos não tivesse mais negócios, com certeza ele não queria mais repassar o lance e dividir a grana porque perdera a confiança; o delegado nunca gostara dele porque nunca conseguira controlá-lo totalmente e não gostava que ninguém o surpreendesse, como Carlinhos já houvera feito antes. De qualquer forma agora poderia prescindir um pouco dos lucros que Carlinhos propiciava, agora seu principal interesse era a pasta Programa de Governo que guardava tão cuidadosamente, aquela pasta seria sua passagem para um nível de poder muito diferente do que hoje exercia e o poder era a coisa mais fascinante e excitante da vida, poder que viera às suas mãos por intermédio de dois bandidinhos de merda como Pedrinho e Miguelzinho, Deus os tenha. Dedo os matara como porquinhos, quebrando o pescoço dos dois e providenciando um enterro num local previamente marcado, uma chácara onde seriam encontrados apenas e quando Sforza o quisesse. Carlinhos agora era um risco, o caso da engarrafadora morrera da melhor forma possível. O Urtizes estava neutralizado e o Promotorzinho Danilo fora reduzido a nada e ficava dando volta sobre volta sem saber para onde ir, o efeito Programa de Governo efetivamente funcionava. De qualquer forma a imprensa fizera seu papel de sempre, publicaram matérias históricas sobre a violência, deram bom destaque ao político do momento e na semana seguinte a notícia já era outra e ninguém mais falava do assunto. Já podia movimentar-se mais facilmente.

– Vasco, manda o Tainha e o Dedo darem uma chegada aqui no gabinete, você também.

– Pois não doutor.

Dez minutos depois os três sentavam-se diante de Sforza.

– Muito bem, o lance é o seguinte: vocês devem fazer o serviço no Carlinhos Maracanã.

– Fazer o serviço? Por que chefe? Ele não está mais no nosso lance?

– Calma Tainha, eu sei que vocês dois têm certa amizade, mas o negócio é que ele vai nos trair, já não aparece, este mês não deu lucro nenhum e garanto que não procurou ninguém, ou ele te procurou e você não me disse?

– Nada Chefia, nada, ele bem que anda estranho.

– Eu nunca gostei dele. – Disse Dedo.

– De qualquer forma ele precisa sumir, sabe demais, o lance do Zorin e tudo mais, de qualquer forma vou avisando vocês que em breve nossa área de atuação aumentará consideravelmente.

Todos aparentaram maior interesse. O aumento da esfera de influência política de Sforza era evidente e a possibilidade de que os três subissem junto com o chefe os seduzia, saíam da vidinha de Distrito para algo melhor, será que mais lucrativo também?

– Para você Tainha já aviso que nossos lucros serão ampliados em boa margem, aliás para os três, vou precisar de gente de confiança já que não poderei confiar em ninguém que me for apresentado de lá.

– De lá onde chefe?

– Alguém duvida que Ulisses Passos Zambioni vai ser o próximo Governador do Estado? As pesquisas de preferência estão dando a ele uma vantagem larguíssima.

Os três demonstraram mais interesse ainda.

– Bem, para minha completa segurança, e de vocês, quero deixar claro, Carlinhos não pode falar e ele está perigando.

– Pode falar chefe.

– É isso aí Dedo, vai ser o seguinte: o Tainha que é amigo dele vai fazer um contato, na base da amizade, vai dar um serviço que nós vamos conseguir, uma carga grande de contrabando e que vamos ter que dispersar muito rápido, precisaremos do Carlinhos para soltar as mercadorias o mais rápido possível e também para verificar o novo depósito. Tainha vai sozinho com ele até o depósito que temos lá perto de São Bernardo, quando ele chegar lá Dedo vai estar de tocaia e faz o serviço. O problema para vocês é que o corpo deve desaparecer. Para isso vocês vão colocá-lo dentro de um tambor com pneus e querosene, depois, quando estiver só osso vocês quebram a cabeça.

– Quebrar a cabeça?

– É lógico Dedo, mas até você vai mancar nesta? Precisa destruir os dentes, a arcada dentária, seus burros, a perícia pode fazer a identificação a partir dos ossos, da arcada dentária. Bom, dizem que o querosene e os pneus se queimarem bem nem osso sobra, de qualquer forma não quero que o cadáver seja identificado. Eu quero um desaparecimento, não um homicídio, muita gente sabe que ele freqüentava este DP, mas muita gente sabe que ele era receptador e informante, e receptador e informante sempre têm inimigos, daí porque se ele some a questão fica no ar.

– Pode deixar doutor, a gente cuida do serviço.

– Tem mais uma coisa, Tainha, você sabia que o Carlinhos está vendendo os bens dele?

– O quê?

– É, teu amigo está vendendo o conjunto de escritórios, eu soube através de amigos policiais.

– Ele está querendo me passar para trás, o filho da puta! Agora eu mato ele mesmo, nem precisava mandar.

– Muito bem, façam o serviço, mas façam direito pô, não quero cadáver que possa ser identificado, depois já que estão em São Bernardo dêem um jeito de enterrar o que sobrar na represa ou coisa que o valha, horário e jeito é com vocês, estudem o local, freqüência e descubram o melhor jeito. Carlinhos já era.

Na mesma noite Tainha voltara para os braços de Cybele, o preço era sempre pago em dinheiro e na entrada. Ele estava realmente puto com Carlinhos e Cybele não teve que fazer nenhum esforço para que ele lhe contasse a cafajestagem que Carlinhos estava fazendo com ele, justamente com ele que o apresentara para Sforza e o fizera tornar-se um cara com dinheiro, iria matá-lo sim, daqui uma semana mais ou menos. Cybele fingiu nem dar importância, cumpriu seu ritual sexual, ficou com Tainha até que este cansasse e fosse embora, mal o policial saíra da casa de cafetinagem, Cybele já estava ao telefone e Carlinhos do outro lado da linha já era informado que sua sentença de morte estava escrita e assinada e seria cumprida em mais ou menos uma semana. Carlinhos desligou secamente, era a vez dele enganar Sforza, ele se vingaria de todas as vezes que fora passado para trás. O plano de Carlinhos Maracanã era simples: roubar a quantia do pedágio que Caveirinha pagava a Sforza, muitas vezes fizera o recolhe com Tainha, era conhecido como um dos homens de Sforza, o problema é que teria de saber quando Sforza decidiria matá-lo, a tempo de poder chegar no dia certo da semana. Cybele resolvera este problema, o recolhe seria em cinco dias e neste espaço

provavelmente Tainha e Vasconcelos estariam procurando o local ideal para a desova de seu corpo; se o convidassem para alguma coisa negaria e procuraria marcar para depois da data do recolhe. Cybele tornara tudo mais fácil, teria tempo de sobra. Tudo estava se ajustando, em uma semana estaria fora do país.

XXV – RESGATE DE PRESOS – PLANEJAMENTO

Gambá voltou a sua cidade natal com alegria, como os cariocas em geral adorava sua cidade e não conseguia entender como alguém podia deixar de considerá-la o melhor lugar do mundo, mesmo porque insegurança para ele não era problema, era profissão. Mal chegou e entrou em contato com antigos amigos do Comando Vermelho, não foi recebido com muita alegria, é verdade, mas também não foi rejeitado. Para o Comando Vermelho ele estava simplesmente “de fora” e portanto não tinha ali qualquer influência. Passou o dia na praia e voltou a ligar, marcaram o local do encontro, dentro de uma favela como o usual. A diferença entre a situação policial do Rio de Janeiro e de São Paulo era grande; em São Paulo a polícia bem ou mal tinha acesso até ao interior de uma favela e no Rio existem zonas de influência onde nem a polícia entra, era um dado histórico e ninguém se incomodava muito com isto, mesmo porque o tráfico mantinha as favelas em rédea curta e a criminalidade nestes locais, pelo menos a executada por free-lancer, era praticamente inexistente. Foi por isto que o encontro foi decidido em área de controle do Comando Vermelho. Gambá foi em direção à favela e não pode deixar de relembrar seus tempos de tenente do Comando Vermelho, sempre estivera próximo ao poder central e sempre tivera muito respeito de seus comparsas, mas Gambá começou a perceber que o Comando Vermelho enfraquecia-se pouco a pouco, suas áreas de atuação diminuíram, o surgimento de grupos rivais criou atritos e se antes o Comando Vermelho controlava praticamente todas as áreas de atuação nas favelas hoje, após enfrentar a Falange Vermelha, e outros grupos, teve de conformar-se com a demarcação de zonas de atuação muito rígidas. Este aliás, era um dos problemas que o Primeiro Comando da Capital teria de enfrentar, cedo ou tarde surgiriam rivais, dentro ou fora do sistema prisional e esta foi uma das opções estudadas por Gambá e Caveirinha, quando este decidira-se dominar o sistema prisional como ponto de partida para a expansão de seus negócios. O encontro foi melhor do que esperava, explicou a seus antigos comparsas o que precisava, mostrou como Caveirinha era generoso, como fizera bem em mudar de ares e como os dólares que recebia

estavam bem acompanhados, é claro que todos desconfiaram de alguma armadilha da Falange Vermelha ou outro concorrente, mas a presença de Gambá e seu prestígio anterior garantiram que todos fossem convencidos, estabeleceu-se o preço, as armas utilizadas ficariam com os próprios soldados que fariam o resgate, o que significava, em último caso, que o preço deveria incluir o armamento. Gambá seria o responsável pelo mapa, seria também o responsável por identificar todo o pessoal dos plantões, determinar qual o dia mais propício, ou seja, quando haveriam menos policiais, bem como fornecer um desenho do Distrito e da Carceragem para que não houvesse dúvidas na movimentação. Foram escolhidos oito homens com experiência neste tipo de operação, no dia do resgate pelo menos mais seis engrossariam o grupo, pelo menos quatro motoristas em carros grandes e potentes. Nada que Gambá não tivesse previsto. Na volta à São Paulo Gambá revisou mentalmente todas as exigências, calculou a data, menos de uma semana, e bem como quantos homens e veículos completariam o time do Comando Vermelho. Ficou satisfeito quando Caveirinha aceitou todas as condições impostas e assumiu o pagamento sem pestanejar, restava apenas esperar. A espera não foi longa, após Gambá dar o “Okay” autorizado por Caveirinha e os soldados do Comando Vermelho receberem o “Okay” de seus chefes, não restaria empecilho algum, é certo ainda que a quantia paga em dólares por Caveirinha incluía também a comissão da “chefia” do Comando Vermelho. Gambá retornou então ao 222º DP, mais uma vez entrou como uma visita comum, desarmado, levando mantimentos, não expressava a periculosidade latente que possuía. Calculou o tamanho do saguão contando os passos, perdeu-se “sem querer” pela delegacia e em meia hora já anotara mentalmente todos os detalhes relevantes, finalmente encontrou Sabonete, que continuava ocupando o posto de comando do PCC no Distrito.

- Êta Sabonete, você não está cansado daqui?
- Escuta ô goiaba, eu fui avisado que alguém do Russo vinha falar comigo, mas você eu não conheço, qual é a sua?
- Meu irmão, vamos falar mais no canto.
- Fica perto do X-1, é o meu barraco, Zoião e Pinga ficam de olho.
- O Russo quer que vocês saiam para depois voltar para a Casa, primeiro vai ter um serviço para fazer do lado de fora, coisa fina, eu acho, depois você volta porque muita coisa vai mudar lá dentro.
- Estou sabendo, mas como vai ser? Na correria não dá, eles estão muito espertos desde a fuga do Russo, os sensores foram trocados e agora tem também na churrasqueira, não dá para fazer o mesmo caminho que o Russo, tatu está muito manjado e teresa aqui não funciona, rebelião não dá pra deixar sair.

- Calma considerado, vai ser no cano!
- No cano? É foda hein ! Preciso saber a data e o horário com precisão.
- Considerado o negócio é o seguinte, a gente quer é saber qual o melhor plantão para fazer o saque, quando tem menos polícia ou pelo menos quando a polícia que tem é tudo mané.
- Tudo mané não dá, mas domingo à noite é sempre bom, tem carce-reiro a menos, investigador a menos, tudo fica devagar e a tendência é relaxar, principalmente após as nove horas, dez horas da noite, por aí.
- Virá confirmação, considerado, mas esteja pronto, você, o Zoião e o Pinga.
- Sem problemas, hoje já tenho cinco caras da nossa turma aqui para garantir, está na minha hora.

Um dia depois Gambá confirmou o dia com Sabonete via mensa-gem que fora levada por um advogado, seria no domingo, por volta das nove horas; para ajudar mais ainda naquele mesmo dia haveria uma rebelião em um distrito da mesma região, em consequência eventuais reforços seriam desviados das proximidades e a polícia militar estaria ocupada com outros assuntos, os gambés somente saberiam quando fos-se tarde demais. Os carros estavam prontos e a fuga seria direta para a favela de Caveirinha. Restava agora apenas a ação.

A ação não tardou, domingo era um dia morto, muita visita, os policiais ficavam cansados, a rebelião no Distrito da região causou certo alvoroço e fez com que um investigador da já desfalcada equipe do plan-tão fosse até o local dar uma olhada. O delegado plantonista era o mais inexperiente, como todos os que tinham cacife pulavam fora do trabalho no domingo restava sempre para o mais novo, o qual, resignado, não tinha como evitar. A carceragem ficava normalmente silenciosa, não que para os presos fizesse alguma diferença qual o dia da semana, mas as visitas e geralmente o “jumbo” ou algum presente extra deixava os pres-os mais calmos. Naquele dia então a calma reinava no 222º DP.

Do lado de fora do Distrito estavam cinco carros, todos grandes e potentes, o tradicional Ômega, a Blazer de sempre, como novidade uma “S-10”, um modelo de pick-up com caçamba, duas peruas grandes, uma volkswagen Quantum e uma perua Marea, a pick-up fora exigência dos homens do Comando Vermelho, em uma fuga onde houvesse algum des-controla muito provavelmente não haveria tempo para entrarem quatro ou cinco em um carro, a idéia da pick-up era simples, o pessoal corria para fora e pulava na caçamba, o carro arrancava e o tempo gasto para a saída do alcance do DP era sensivelmente reduzido, por isto também eram mui-tos carros, todo mundo deveria saber para onde correr. A pick-up seria

abandonada em um local próximo onde haveria outro carro para fuga ou seguiria direto até a favela, caso fosse difícil chegar até a favela largariam o carro e usariam o velho truque do ônibus. Fuga de Distrito de ônibus? Idéia de maluco e como ninguém suspeitava ficava fácil. Quanto ao armamento, a turma de entrada era dividida em dois grupos de quatro, os primeiros a entrar iriam com duas escopetas cal. 12 e um fuzil metralhadora AR-15, garantiriam a imobilidade dos policiais, o quarto usaria somente uma pistola semi-automática cal. 9mm, mas teria uma granada de efeito moral, seria o chefe que precisava ter mais liberdade de movimento, iriam andando normalmente até o átrio com as escopetas e a metralhadora rentes ao corpo e uma vez lá dentro seria correria até o plantão, todos usavam pistolas semi-automáticas na cintura também, mas modelos convencionais, apenas como precaução caso tivessem que abandonar o armamento mais pesado na fuga para misturarem-se em algum ônibus ou multidão. O segundo grupo usava também escopetas cal. 12, nenhuma metralhadora, mas três escopetas no lugar de duas, a razão era simples, caso tivessem de quebrar cadeados a cal. 12 resolveria mais rápido que qualquer pé-de-cabra e em uma emergência na carceragem o ideal era potência e não cadência de tiro. O papel deste segundo grupo era descer para a carceragem, imobilizar o carcereiro, tirar Sabonete, Pinga e Zoião e colocá-los na pick-up. Entrariam depois e sairiam primeiro, a primeira leva sairia quando a fuga já tivesse se realizado, a determinação era deixar as grades abertas e quem tivesse que sair sairia, haveria muita confusão nas ruas e ninguém poderia determinar para quem efetivamente a fuga fora planejada. Os homens de Caveirinha dariam uma segurança extra, como iriam armados era problema deles, entrariam junto em um grupo de três e iriam para as escadas a fim de assegurarem-se de que não havia ninguém no andar superior da delegacia, era trabalho menor visto que todos sabiam que domingo à noite a delegacia estaria vazia e o andar de cima era usado somente pelas chefias, os homens do Comando Vermelho exigiram ainda que o principal tenente de Caveirinha fosse parte deste grupo, Caveirinha muito a contragosto e temendo pela falta de controle admitiu que Nego Zulu participasse do resgate, com a condição de que ficasse tomando conta só das escadas. Nego Zulu estava entusiasmado e só perdeu um pouco a animação quando todos avisaram que deveria deixar o facão na favela pois chamaria muito a atenção. Os homens de Caveirinha usariam um carro próprio e os mercenários do Comando Vermelho nem quiseram ficar a par de como seria, a presença de Nego Zulu era apenas um “seguro” de que não seriam abandonados no meio da ação. No domingo à noite os carros já estavam posicionados, no total dezesseis homens, oito do Comando Vermelho, cinco motoristas e três homens de Caveirinha. Policiais de plantão? A rigor somente um delegado plantonista, dois investigadores, um operador de telecomunicações e um carcereiro, cinco apenas.

XXVI – RESGATE DE PRESOS – AÇÃO E COINCIDÊNCIA

Após o aviso de Cybele, Carlinhos Maracanã acelerou ainda mais a disposição de seu patrimônio, quase tudo já estava transformado em dólares e em um lugar seguro na Capital, também através das confidências de Tainha na cama, acabou sabendo que o recolhe da semana seria feito no domingo e não como esperava na segunda-feira, ao que parece Sforza iria necessitar do dinheiro já de manhã, para quê ninguém foi louco de perguntar. Tainha fez o contato como se esperava e pediu a Carlinhos que intermediasse uma carga que seria desviada, Carlinhos fingiu-se primeiro de desinteressado e frisou bem que iria querer saber antes quanto seria sua parte e também avisou que se entrasse areia a sua parte estaria garantida, Tainha nem discutiu e concordou, agindo assim entregou-se pois Carlinhos sabia que Tainha jamais concordaria com qualquer aspecto de partilha ou pagamento sem que antes fosse devidamente mandado por Sforza, não tinha esta autonomia. Queria que Carlinhos o encontrasse na sexta-feira à noite, Carlinhos recusou, disse que tinha compromisso e marcou para segunda-feira, Tainha um pouco contrariado concordou, de nada desconfiou; a sutileza não era o forte deste policial. No domingo Carlinhos aprontou-se para parecer um homem de Sforza, para dar um toque deixou a barba sem cortar, colocou uma arma à cintura, o que não era de seu hábito, vestiu-se com a infalível jaqueta de couro preta, jeans, tênis importado, mas velho, mas sobretudo Carlinhos assumiu uma postura de policial, parecia levemente arrogante, olhar alto, passo confiante e rápido, realmente podia convencer. Usou seu carro do DP e aprontou-se para ir até a favela. Dedo e Tainha iriam sem dúvida pegar o pedágio, mas Tainha jamais deixaria o aconchego de Cybele antes do cair da noite, mesmo estando lá desde sábado, ligou para a elegante casa dos Jardins e teve a confirmação através do garçom do clube que Tainha ainda estava com Cybele, partiu então para sua vingança.

Enquanto Carlinhos cruzava a cidade em direção à favela de Caveirinha, Cybele amargava os braços de Tainha, além de tudo o policial insistia em reclamar do fato que teria de sair mais cedo para efetuar um serviço para o delegado, que somente ele poderia fazer. Cybele quase bocejou na cara de seu amante, mas controlou-se e mostrou até interesse, negócios, pensou. O garçom fez-lhe um sinal e Cybele entendeu que Carlinhos ligara confirmando que Tainha ainda ali estava.

– E depois tem este lance do Carlinhos, Cy, não vou ter descanso nem hoje e nem amanhã.

– Por que amor?

– Vou fazer o serviço no desgraçado do Carlinhos, já te falei, o delegado só confia em mim e acha que só eu posso dar conta do serviço, não

parece, mas o tal é perigoso como uma cobra, veio do Rio fugindo do Comando Vermelho.

– Eu sei.

– Sabe nada, você não sabe que o filho da mãe já se desfez de todo o seu patrimônio, vendeu tudo em dinheiro e transformou em dólar, o chefe já descobriu tudo !

– Mas como ele iria saber?

– Ora, quando o desgraçado quis transformar em dólar teve de procurar um doleiro graúdo porque a grana era alta, o tal doleiro também trabalhava para o chefe e quando reconheceu Carlinhos deu um toque, o bicho não tem mais nada, está pra fugir.

– E por que vocês não vão atrás dele hoje? Ele pode fugir e amanhã vocês ficarão chupando o dedo.

– Que nada, nós temos um lance para amanhã e ele vai querer mais dinheiro antes de dar no pé, mas não vai conseguir, ele vai para o saco.

Cybele percebeu que Carlinhos a traía, prometera dinheiro suficiente para se ver livre de Tainha e agora estava dando para trás, ele a enganara, ela, com tanto tempo de estrada fora enganada por um receptadorzinho de meia tigela! O pior é que não podia falar nada, ou podia?

– Muito estranho Tatá, ele esteve ontem com as meninas e disse que iria fazer um saque na favela do Caveirinha hoje, pensei até que você ia com ele.

– Repete! – Tainha estava lívido, as veias pulsavam no pescoço.

– Já te disse, ele avisou que ia fazer um saque na favela do Caveirinha, ele...

Foi a única vez que Cybele viu Tainha sair correndo sem sequer virar as costas, vestira-se rápido e praticamente a deixou falando sozinha, já no carro Tainha usou o celular e ligou para Dedo, o comparsa atendeu:

– Me encontra no lugar do recolhe Dedo, agora!

– Agora? Você não estava com a Cybele?

– O putro do Carlinhos está dando o 171 na gente, ele foi fazer o recolhe!

– Como é?

Tainha explicou para Dedo que não precisou de muitas palavras para entender, antes de desligar já estava a caminho da favela, onde

ficava o local marcado para fazer o recolhe. O recolhe era feito na periferia da favela, os policiais não entravam mais do que dois quarteirões, entravam em um bar, faziam um sinal para o dono e aguardavam a entrega, como sempre era um menor que chegava com um pacote de papel médio, cheio de dinheiro, parte em dólares, parte em reais, sempre no bar haviam algumas pessoas, geralmente dois ou três homens, cuja origem era evidentemente a traficância, sem dúvida davam seguro ao menor para que o dinheiro não fosse tomado por algum espertinho que tivesse a coragem de tentar. O dinheiro nunca era conferido no local, após o recebimento os policiais afastavam-se o mais depressa possível e levavam o dinheiro diretamente para Sforza, se faltasse algo a conversa seria entre este e Caveirinha.

Carlinhos Maracanã estacionou seu carro ostensivamente na frente da favela, assim o fazendo implicitamente afirmava que não temia nada que viesse de lá, entrou na favela andando confiante e rápido, sentou à mesa do bar e fez o sinal para o dono, como vira Tainha fazer quando o acompanhava, o dono saiu do balcão e voltou, aproximou-se então de Carlinhos.

– Eu te conheço.

– Se conhece ou não, não é problema meu, você sabe que vim aqui a serviço, nada mais que isto.

– Eu acho que você estava sempre com o gordo.

– O que você acha não me interessa. Carlinhos displicentemente abriu a jaqueta de couro e deixou a arma à mostra. O dono do bar mostrou certa contrariedade e fez um sinal para os ocupantes de uma mesa próxima que estavam bebendo e jogando cartas, eram evidentemente homens de Caveirinha.

– Pode deixar bolão, eu já vi este cara, ele é homem do delega, não é tira, mas é ganso dele.

– Ganso? Eu quero é distância.

Com a autorização implícita dos homens de Caveirinha, Bolão, o dono do bar, avisou o avião, sempre um menor, que fosse até o ponto buscar o dinheiro. Sem pressa falou, se era ganso merecia ficar esperando bastante tempo, também iria pagar em dobro pela cachaça que bebesse. Eram quase 18 horas, quando o menor chegou trazendo o pacote contendo o dinheiro do pedágio, passou pelo lugar onde estava Carlinhos e colocou o pacote sobre a mesa sem nada dizer, deu meia volta e entrou pela favela. Carlinhos ganhou moral, pegou o pacote do dinheiro como se fosse um saco de bolachas sem importância, não conseguiu porém controlar seus passos com tanta frieza e desta vez seu andar foi quase

uma corrida, quando passou pelo primeiro quarteirão o suor frio parou de correr-lhe pelas costas e teve a vontade de sair gritando de alegria, estava vingado de todos os prejuízos que Sforza lhe impusera, iria para seu apartamento, vendido por uma boa quantia em dólares, e iria direto para o aeroporto, já tinha passaporte e estava a caminho de Lisboa. Sentia-se eufórico, venceu a última viela e estava prestes a atravessar a rua para pegar seu carro de DP quando curvou-se violentamente e o gosto da bile subiu à boca, nova golfada e quase desmaiou com a falta de ar. Os dois socos que o atingiram foram desfechados por Tainha que não teve dó, bateu com força de um boxeador e tinha também a raiva de acréscimo. Uma viatura do 222º DP parou no meio fio cantando os pneus, enquanto Tainha punha as algemas em Carlinhos, Dedo abria o chiqueirinho da perua Ipanema, a mesma que em outra oportunidade havia levado Vanderlan para o mesmo 222º DP, desta vez houve um acréscimo: Dedo colocou um capuz no rosto de Carlinhos, antes de jogá-lo dentro do carro. A viatura arrancou em seguida e Tainha entrou em seu carro e saiu em disparada para o 222º DP. Quando chegaram no pátio da delegacia, Dedo parou o carro ao lado da entrada dos policiais e abriu o chiqueirinho. Tainha encostou em seguida e desceu rapidamente, ambos tiraram Carlinhos da viatura e quando este pôs os pés no chão recebeu mais dois socos, desta feita de Dedo que quis caprichar mais que o amigo. Carlinhos quase perdeu os sentidos, sentia vertigens e dores insuportáveis, inclusive na cabeça, os socos tinham também a finalidade de fazer com que o informante perdesse o fôlego e não pudesse gritar, finalidade esta que foi claramente atingida. Em seguida retiraram o capuz e arrastaram o prisioneiro até a entrada lateral do DP e passaram pela sala de meios e pela delegada plantonista. Esta, de imediato, inquiriu os investigadores sobre o que acontecia e como resposta foi informada por Dedo e Tainha que seria uma prisão a ser formalizada pelo delegado titular que estava a caminho, a delegada, desconfiada, chamou o escrivão e pediu que confirmasse a informação. Vitório, o escrivão, já tinha antes se beneficiado com as atividades de Sforza e não teve qualquer dúvida sobre uma nova lança, confirmou então à delegada que em casos excepcionais o delegado titular agia pessoalmente e que efetivamente os investigadores o haviam chamado. A delegada era plantonista, mas não ingênua, avisou Vitório que se em uma hora Sforza não chegasse para tomar pé da situação ela tomaria as providências necessárias. Não sabia que não seria preciso. Dedo e Tainha levaram Carlinhos até o corró, passaram antes pela sala do carcereiro e tiraram o cadarço do tênis de Carlinhos, carteira, dinheiro e documentos e todos os objetos que portava ficaram guardados em uma gaveta na sala do carcereiro, em seguida foi arrastado e jogado em meio a outros que tinham sido presos em flagrante naquele dia, eram poucos em se tratando de um domingo naquele horário. Os policiais o deixaram ali e saíram resmungando.

– Você já avisou a chefia Tainha? Aquela delegada vagabunda é capaz de criar problema se o chefe não chegar.

– Fica frio mané, avisei o chefe pelo celular, acontece que ele está em Pitangueiras e vai demorar um tempo até chegar.

– Você disse a ele que Carlinhos estava com o dinheiro do pedágio?

– Se falei, ficou tão puto que nem deu resposta, só falou que estava voltando e perguntou quem era o plantonista, por sorte não é o Adriano, com ele aí ia ficar difícil.

– Nada Tainha, a gente já fez serviço com ele dentro do DP.

– Tudo bem Dedo, mas sempre o trouxa já estava preso e era só amaciar, aqui ele ia ver o cara passar e não ter flagrante, ia dar problema, olha o que eu te falo, o cara é muito certinho.

– Bom, de qualquer forma ele não está aqui, será que o Vasconcelos vem? Ele é bom de choque.

– Para quê? Com o Carlinhos não tem negócio.

– Nunca se sabe, eu vou avisá-lo também.

– Vai, avisa o cara, de qualquer forma eu vou pegar uns presos aí para fazer um baldinho e levar para a salinha lá em cima, a maquininha nova está lá?

– Está sim, escondida no fundo do armário

– É, vamos deixar tudo pronto para quando o chefe chegar, se o Vasconcelos vier melhor, eu detesto este cheiro de merda e mijo naquele balde, quando o trouxa se caga então é uma nojeira.

– Só, vamos dar um tempo na sala da chefia dos investigadores, enquanto o chefe não chega.

Enquanto os policiais relaxavam no andar superior, Carlinhos começava a recuperar-se fisicamente, embora dolorido calculava não ter sofrido sérios ferimentos, teve medo de alguma hemorragia interna, mas o choque não chegara a tanto. Conseguiu pensar com clareza, alguém dera o serviço, quem sabia que iria pegar o recolhe? A puta da Cybele com certeza, mas por que ela o delatara? Por que contara a Tainha se antes já havia feito o inverso, avisando que Tainha iria matá-lo? Teria Tainha desconfiado da puta? Não, com certeza não, ele era cego demais pela mulher. Ela resolvera traí-lo depois, por quê? Ela não sabia que Carlinhos tinha vendido tudo e estava fugindo e não iria pagar o passe dela, a única explicação porém ia neste sentido, Cybele soube que Carlinhos estava fugindo com todo o dinheiro e como vingança o delata-

ra para Tainha, mas como Cybele poderia saber? Isto não importava agora, tinha que sobreviver e ainda dar o troco na piranha, se fosse torturado iria enlouquecer Tainha falando como Cybele o humilhava pelas costas e quantas vezes fora traído por ela, o ciúme iria corroer Tainha e ele daria um jeito em Cybele. Mas precisava de outro trunfo para sobreviver, isto só não bastava, o que Sforza mais queria? Dinheiro. Iria tentar negociar os dólares por sua vida, um trato, um negócio, mas como fazer para que Sforza não o matasse após pegar os dólares? O delegado devia ter alguma fraqueza.

Enquanto Dedo e Tainha descansavam na sala da chefia dos investigadores e Carlinhos ruminava seus pensamentos, seis carros convergiam para o DP, cinco deles vagarosamente eram guiados pelos motoristas providenciados por Caveirinha e levavam os soldados do Comando Vermelho para o resgate de Sabonete, Zoião e Pinga, o sexto vinha em alta velocidade, era a Mercedes-Benz preta nova de Sforza. Não era hábito do delegado mostrar tal ostentação no Distrito, a pressa porém justificava e ninguém pensaria nada num domingo à noite modorrento, não havia tempo disponível para passar em casa e pegar seu carro de DP. Sforza chegou primeiro, já eram quase oito horas da noite e quando entrou no saguão deparou-se com uma delegada plantonista que mal conhecia discutindo com Dedo e Tainha.

– Mas o que está acontecendo?

– Oi chefe, a doutora aqui estava duvidando que o senhor chegasse e fosse cuidar do nosso caso.

– Mas cheguei, Dra. Luciene, por favor, eu vou assumir pessoalmente esta ocorrência e tomar as providências necessárias, a doutora pode continuar tocando o plantão sem problemas.

Dra. Luciene não gostou nada da postura de Sforza, ele era o delegado titular mas ela não se entregaria fácil, principalmente na frente dos dois investigadores, de qualquer forma não estava nem um pouco querendo assumir um novo atendimento, seu plantão iria terminar às onze horas e faltava pouco para isto, se assumisse a ocorrência teria de ficar até o fim, talvez fosse melhor que Sforza assumisse e se quisesse depois passasse o caso para seu sucessor no plantão, mesmo assim insistiria apenas por dever de ofício.

– Mas Dr. Sforza, esta ocorrência deveria ser regularizada no plantão e...

– Doutora, eu sou a autoridade hierarquicamente superior, se eu decidir pedir a prisão temporária do homem eu mesmo peço no plantão judiciário, eu vou conduzir, a doutora, por favor, volte ao plantão.

Dra. Luciene não colocou mais resistência, salvaguardara sua responsabilidade e o fato fora presenciado pelos investigadores de Sforza, mas também pelos outros que estavam em sua equipe no plantão, assim como o escrivão e o operador de telecomunicações, o resto seria problema do próprio Sforza.

O delegado chamou Tainha e Dedo ao seu gabinete e pediu detalhes da prisão de Carlinhos.

– Como ele sabia que vocês iam fazer o recolhe hoje? Normalmente é na segunda-feira e só desta vez nós mudamos o dia, para quem vocês contaram?

Dedo e Tainha entreolharam-se. Somente os dois sabiam que Sforza tinha mudado a data de recolhe esta semana e não tinham comentado com ninguém. Tainha não conseguia sequer pensar que Cybele o tivesse traído, não cogitava desta hipótese e as palavras de Sforza desabaram como um raio em sua cabeça.

– Olha Tainha, eu lamento muito e sei que você vai ficar puto, mas pelo que eu sei você é o único que tem um relacionamento com uma pessoa em quem confia (Sforza escolhia as palavras com cuidado pois sabia que a reação de Tainha quando se tratava de Cybele era imprevisível) e sobretudo que também poderia conhecer Carlinhos. Eu sei que você está de boa-fé porque senão não ia ter pego o puto com a mão na massa, mas você deve dar uma pensada...

– Nunca chefe, ela nunca me trairia, este cara deve ter colocado um microfone aqui no DP, ele não entra e sai toda hora? Talvez tivesse até colocado uma escuta no telefone.

– Eu acho que ele não precisaria disto Tainha, mas isto é problema seu e você que se acerte.

– Eu vou fazer aquele puto falar como soube, é isso aí, ele vai cantar na minha mão.

– Vai mesmo, de qualquer forma vocês têm que fazer o serviço, tirem ele daqui na troca de plantão e levem para aquele lugar em São Bernardo, queimem ele e não deixem arcada dentária, por favor.

– Vamos amolecer ele chefe?

– Faça o seguinte, desce, pega ele no corró e põe na sala de corretivo, amarra na cadeira, não precisa deixar pelado não, amordaça e quando estiver pronto me chame, arruma o baldinho e o choque...

– Já está pronto chefe, estamos esperando o Vascão.

– Bom, deixe que o Vascão faz a coisa, você está puto e pode foder com ele aqui dentro, coisa que eu não quero, ele trocou muito dólar ul-

timamente e o dinheiro deve estar por perto, se ele queria fugir é porque o dinheiro estava à mão, também quero ter certeza como ele descobriu o dia e hora do recolhe, se ele descobriu outro também pode descobrir.

– Certo.

Sforza já tinha certeza de quem tinha dado o serviço, o mundo era assim, enquanto se pensava em escutas, interceptações, esquemas de informação delicados para descobrir vazamentos, bastava tão-somente verificar quem era o informante, separar quem sabia da informação e verificar, o resto é pura tralha, era só pensar. De qualquer forma agora Sforza tinha um problema sério, sabia que Cybele era um vazamento e que não podia separar Tainha dela, se matasse Cybele e Tainha ficasse sabendo ele o mataria como vingança, não tinha dúvida, mas vazamento era vazamento e tinha que ser estancado, especialmente na situação política em que se encontrava, o Programa de Governo era sua prioridade e estava tão próximo. Era triste, mas talvez o tempo de Tainha estivesse contado, num futuro de médio prazo um de seus dois melhores investigadores teria de morrer. Quem faria o serviço? Dedo? Seria confiável? Não seria melhor acertar este serviço com alguém de fora? Caveirinha? Não ele ficaria sabendo demais. Sforza sentou-se na cadeira de seu gabinete, não sem antes abrir a caixa-forte e retirar de novo a pasta Programa de Governo, toda vez, literalmente, toda vez que entrava no DP verificava página por página de seu principal tesouro.

Dedo e Tainha desceram para o corró calados, abriram a grade e tiraram Carlinhos, este não esboçou reação e não tentou nem gritar, sabia que seria imobilizado e o socariam fazendo com que perdesse o fôlego. Estranhou o silêncio pesado entre os policiais. Foi levado até o andar superior e colocado na sala cuja utilidade sabia bem, mesmo assim não esboçou reação, seria um jogo de palavras e com Sforza, não com os investigadores. Foi amarrado à cadeira com tiras de couro nos pés e nas mãos, após os policiais saíram da sala. Carlinhos Maracanã nunca fora religioso, desta vez porém começou a rezar com todo fervor que tinha pelo milagre que hoje precisaria. Quinze minutos depois Carlinhos e Sforza ficaram cara a cara.

– Você é muito burro mesmo se pensava que ia me passar para trás, ninguém nunca me passou para trás, quem tentou não está mais neste mundo.

– Já que estou amarrado aqui e sou inofensivo me conta pelo menos uma coisa, quem disse que eu ia dar no pinote?

– O doleiro seu jumento, você acha que alguém troca tanto dólar e não dá o serviço para ninguém? Tu é burro mesmo, se dizia o informante mais esperto e não viu que caiu no mesmo erro que pega na bandidagem mais escrota.

– E quem avisou que eu ia fazer o recolhe?

– Cala a boca pentelho, quem pergunta aqui sou eu, eu sei que você guardou os dólares para a fuga, quero o prejuízo que você quase me causou.

– Em troca do quê?

– Deixo você fora.

Carlinhos não acreditou que Sforza o subestimasse tanto, será que pensava que ele acreditaria que Sforza o soltaria após entregar-lhes os dólares?

– Não enche delegado, eu te dou os dólares e depois viro presunto.

– Você vai falar cara, duvida? Olha o balde ali e a maquininha, todo mundo fala e fala sempre, a diferença aqui é que você pode morrer suplicando por uma morte mais rápida ou não, só isto!

A mente de Carlinhos trabalhava em ritmo acelerado, a idéia dos dólares fora pro saco, estava fodido, sem nada para negociar, o que podia utilizar contra Sforza? Não sabia de nada, se ao menos soubesse o que tinha na pasta Programa de Governo talvez pudesse utilizar em seu favor. Era nítido que o vínculo de Sforza com qualquer Governo passaria por Ulisses Passos Zambioni, o deputado estadual que passou a proteger o delegado e apresentá-lo como um futuro Secretário de Segurança, logo a pasta teria de envolver a ambos, Sforza e Zambioni, restava para Carlinhos apenas o blefe.

– Nem só de dinheiro vive o homem delegado, e o senhor sabe disto.

– Qual é, vai cantando onde estão os dólares, poupa o trabalho do Vasconcelos, embora devo reconhecer que ele gosta do que faz.

– Eu tenho uma cópia de sua pasta Programa de Governo.

Carlinhos Maracanã não pensou que o efeito de sua afirmação sobre Sforza fosse tão evidente, pela primeira vez desde que conhecera o policial, viu-o embranquecer e claramente ser tomado pela surpresa, depois enrubesceu e a raiva estampou-lhe o rosto.

– Você não sabe nada, nada! Era a primeira vez que quem gritava naquela sala era o policial e não a vítima amarrada, indefesa, mas, ao que parecia, dominando a situação.

– Sei sim, sei que a pasta faz a ligação entre você e o Deputado Ulisses, eu conheço toda armação!!!

– Você vai morrer!

– E a cópia vai para imprensa!

Sforza estava transtornado, furioso a ponto de socar as paredes. Dedo e Tainha entraram correndo temendo que Carlinhos houvesse se soltado e estivesse lutando com Sforza. Surpreenderam-se com o estado do chefe, nunca o tinham visto transtornado daquele jeito.

– Saíam, saíam já daqui, já.

Nem responderam e calados fecharam a porta. Carlinhos estava satisfeito, atingira o alvo em cheio, não sabia por quanto tempo, mas pelo menos por algumas horas estaria a salvo, tudo dependeria de sua habilidade mental em manter Sforza na defensiva e dominado, o que não era fácil, mas aparentava ser possível ante o descontrole emocional do delegado, quem pensa vence, comemorou Carlinhos.

– Se você soubesse de alguma coisa teria falado antes.

– Por quê? Sempre poderia conseguir alguma coisa melhor mais para frente. Sua caixa-forte está na última estante e atrás dos livros, a pasta é amarela e na caixa só tem ela, você nem vai perceber o que está faltando.

Sforza ficara tão chocado e descontrolado com a revelação de Carlinhos, que havia perdido todo o trabalho que tivera, fazia desmoroar todas as suas pretensões e ainda o punha em perigo, que não desconfiou que o informante não soubesse de nada, concluiu (erradamente) que se Carlinhos tivesse conhecimento da pasta, acesso a ela, saberia de seu conteúdo. Mas cópia é diferente, não acreditava que Carlinhos pudesse tê-la tirado de dentro do gabinete e saído para tirar cópias, não teria oportunidade, ou teria? Talvez tivesse tirado alguma página, resolveu verificar a pasta antes de concluir o interrogatório, saiu abruptamente da sala e chamou Dedo e Tainha que estavam próximos à escada.

– Fiquem de olho no puto, já volto.

Foi ao gabinete, trancou a porta, afastou os livros e novamente abriu a caixa-forte, retirou do interior a pasta e passou a folheá-la vagarosamente em busca de algum sinal de adulteração ou violação, recontou todas as páginas e conferiu-as, colocando-as abertas em cima da mesa. Faltavam menos de cinco minutos para as nove horas.

Do lado de fora do DP os cinco carros dirigidos por motoristas da confiança de Caveirinha já estavam posicionados, viram o delegado titular chegando e estacionando a Mercedes no pátio da delegacia e houve um certo rebuliço, consultaram os homens do Comando Vermelho e estes desdenharam da cautela dos paulistas, um a mais ou a menos não iria fazer diferença, fosse quem fosse, esperavam apenas a hora combinada, nove horas, para que Zoião, Pinga e Sabonete ficassem posicionados perto da gaiola no pátio da carceragem. Os homens de Caveirinha, três,

sendo Nego Zulu e dois de seus homens de maior confiança, ocupavam um dos carros e até mesmo para mostrarem *status* na frente dos cariocas utilizavam além das clássicas pistolas 9 mm, três fuzis de assalto AR-15, arma das mais temidas, com vasto poder de fogo e boa precisão. Nego Zulu sinalizou para o líder dos cariocas, que tinha o apelido de Bandeirinha e gesticulou afirmando que deveriam entrar imediatamente, podia ser que após o delegado titular fossem chamados outros policiais e portanto não havia tempo a perder. Bandeirinha concordou, dois dos carros entraram mansamente no pátio da delegacia enquanto a pick-up com caçamba parou na porta atrás do terceiro carro, o carro de Nego Zulu parou um pouco antes da pick-up. Os homens do Comando Vermelho desceram calmamente do carro, estavam muito bem vestidos, barbeados, relógios caros nos pulsos, tudo a chamar a atenção como público a ser atendido, pareciam, sem dúvida, vítimas de algum crime. A simulação durou até cruzarem a soleira da porta lateral usada cotidianamente apenas pelos policiais, as armas vieram às mãos, carabinas empunhadas passaram a correr pelo corredor central gritando:

– Na manha, é resgate, sem esculacho, na manha, na manha.

Antes que a Delegada Luciene pudesse esboçar maior reação estava sob a mira da carabina de Bandeirinha, os outros três do primeiro grupo posicionaram-se, um deles na sala de meios, rendendo o operador de telecomunicações, o escrivão e um dos investigadores ao lado da delegada, todos surpreendidos e sem chance de resistência, restavam apenas o carcereiro e um dos investigadores, além do delegado titular que havia chegado. Os homens do Comando Vermelho não sabiam que Dedo e Tainha também estavam no DP. O segundo grupo de assalto não se preocupou em verificar a situação do primeiro, a ausência de reação os certificava que tudo corria bem, avançaram pela entrada e desceram imediatamente pelas escadas gritando as mesmas palavras de ordem, o carcereiro só tomou consciência do que ocorria quando colocado contra parede, o segundo investigador, que ajudava a tomar conta da carceragem, percebeu e ao notar o número dos invasores e o modo como estavam armados não tentou reagir. O homem do Comando enterrou o cano da pistola nos rins do carcereiro e pediu a chave da gaiola, o policial nem cogitou em negar e entregou as chaves, quando um dos homens do segundo grupo de assalto chegou à carceragem Zoião, Pinga e Sabonete, nesta ordem, já estavam esperando ao lado da porta interna, começou então a abrir os ferrolhos, os quais, desgraçadamente ou pelo nervosismo do carioca, não abriam. Os homens de Caveirinha, Nego Zulu à frente, também entraram correndo. Começaram a subir as escadas para verificar se havia policiais no andar superior.

Dedo e Tainha estavam no pé da escada no andar superior, ouviram os gritos no plantão mas não atinaram com um resgate, mesmo porque

neste Distrito nunca houvera ocorrência desse tipo. Ficaram mais curiosos que surpresos e começaram por mero instinto a descer as escadas, o barulho parecia mais alguma discussão na sala do plantão que outra coisa, quando estavam no meio da escadaria os dois policiais deram de encontro com Nego Zulu e seus dois comparsas, os fuzis de assalto em punho. Dedo quase sacou a arma a tempo, mas Nego Zulu já estava com o fuzil destravado e apontado para seu peito. Dedo parou o movimento e permaneceu olhando o criminoso, parecia já tê-lo visto antes. Tainha soltou uma praga mas os fuzis de assalto não deixavam dúvidas sobre quem mandava naquele momento. Nego Zulu era o senhor da situação.

– Encosta estes dois aí e depois de revistá-los tira os canos e levem eles para o corró. Eu vou subir e dar uma olhada no andar superior para ver se tem mais alguém, depois vocês sobem atrás.

Nego Zulu continuou a subir e passou pela sala onde estava Carlinhos, a porta estava entreaberta e o homem do tráfico resolveu dar uma espiada.

Carlinhos rezava, rezava como nunca, amarrado a uma cadeira com tiras de couro, prestes a ser torturado ou morto, sua garantia era somente uma chantagem com alguma coisa que nem sabia o que era, pediu a Deus, prometeu que se tornaria um católico praticante, que iria à missa e levaria uma vida sem pecados, começou a sentir pânico, pediu um sinal de que sua súplica seria atendida, rezou pensando que se tornaria um homem de fé...

Nego Zulu olhou o corredor e viu que estava vazio, resolveu então abrir a porta que ficara entreaberta e quando entrou no quarto deparou-se com Carlinhos atado à cadeira, como Nego Zulu houvera conhecido Brina como um dos vendedores do ponto de Gorda – que Deus a tenha –, soubera também como este morreria e quando viu Carlinhos, a quem não conhecia, logo presumiu o que estava acontecendo, seria mais um dos clientes do delegado e mais por despeito a este do que por ajuda ao torturado desamarrou-lhe e mandou que desaparecesse.

Quando Nego Zulu entrou na sala Carlinhos havia acabado de pedir a Deus um sinal de que sua vida continuaria, a visão do gigante negro lhe causou tamanho susto que quase desmaiou, ficou imóvel e sua cabeça estava vazia de pensamentos quando foi libertado. Não atinou para o que estava acontecendo, mas também não iria perguntar, como todavia ficara amarrado muito tempo cambaleou e teve dificuldade para ficar de pé. Nego Zulu nem se incomodou com a situação de Carlinhos, nem queria saber, deu as costas ao prisioneiro e saiu da sala.

Enquanto Dedo e Tainha eram desarmados e sem qualquer chance de resistência levados ao corró, o homem do Comando Vermelho encar-

regado da abertura da gaiola perdera a paciência, Zoião também começou a ficar nervoso.

- Estoura esta merda logo, caralho, usa o cano da 12 e detona porra.
- Porra é você, nego de merda, vai para trás que vou abrir detonando.

O carioca tomou uma pequena distância, apontou a carabina para o cadeado e deu um tiro, o cadeado voou longe e a porta externa da gaiola abriu-se, foi para a segunda porta, Zoião, Pinga e Sabonete tomaram uma distância maior com medo de algum ricochete, neste momento a carceragem em peso estava no pátio e todo mundo sabia que haveria fuga, seria a “vaca louca”, todos saindo correndo ao mesmo tempo. O carioca deu o segundo disparo e o segundo cadeado voou longe, a porta interna da gaiola abriu-se e os três membros do PCC saíram correndo atrás do homem do Comando Vermelho que também passou a correr para a saída. Neste ínterim, o carcereiro e o investigador que o ajudava estavam juntos com Dedo e Tainha no corró. A Delegada Luciene, o operador de telecomunicações e um investigador estavam todos na sala do plantão rendidos por Bandeirinha e três homens, o barulho dos disparos da cal. 12 ecoaram por toda delegacia, na sala do plantão a tensão atingiu o ponto máximo, pensavam que ou o carcereiro ou o investigador tivessem resistido e alguém estava ferido ou morto. Bandeirinha insistiu nos gritos de “na manha” e manteve a imobilidade dos policiais, logo apareceram pela escada o pessoal do segundo grupo de assalto, os três homens resgatados do PCC e atrás destes em grande correria um mundo de presos que estavam na carceragem.

- O que foi, qual é a dos tiros?
- Cadeado não abria, teve de ser no cano.

Os policiais não esconderam o alívio.

– Vamos fechar estes aqui na sala do lado, quebra os telefones e tira os celulares.

Os homens dos grupos de assalto moveram-se imediatamente, executando o comando e colocaram a delegada e os dois policiais na sala de comunicações, arrancaram os fios de telefones, tiraram os celulares, somente o operador tinha um e aguardaram a próxima ordem.

- Cadê o negão do Caveirinha?
- Está lá em cima.
- O tempo acabou, vamos embora.

No momento em que os tiros abriram a gaiola, Sforza estava com a pasta aberta em sua mesa, fechou-a e foi indo em direção à porta do

gabinete, o tiro fora desfechado dois andares (térreo e carceragem) abaixo e chegara abafado até seu gabinete, seu primeiro pensamento foi de que Tainha houvera se descontrolado por causa de Cybele e matado Carlinhos ali mesmo, abriu então a porta que dava acesso ao corredor e voltou-se para a sala onde Carlinhos estava, sem esperar qualquer surpresa, deparou-se então com Nego Zulu, fuzil AR-15 em punho, sem que na sua visão estivessem Dedo ou Tainha. Por um breve instante, por um único momento, ambos mediram-se, vagamente Sforza lembrou-se de Orlando Gonzalo, quando o matara na engarrafadora Orlando estava indo em sua direção com a pistola na cintura, sacou-a e ia atirar, Sforza estava com uma carabina e graças a vantagem de tempo por não precisar sacar e sim só apontar e atirar, conseguiu matá-lo. Agora a situação era exatamente a mesma, só que invertida, quem usava uma pistola à cintura era Sforza e quem estava com o AR-15 na mão era Nego Zulu. Somente por este motivo e por intuir que Nego Zulu era um profissional o delegado controlou-se.

– Ajoelha tira, de joelhos, alemão, e de costas.

Sforza não teve outro remédio senão atendê-lo, Nego Zulu tirou a pistola da cintura do policial e verificou o calcanhar para ver se havia alguma outra arma reserva. Sforza não tinha arma de seguro.

– De pé miguelão.

Foi neste instante que os outros dois homens de Nego Zulu irromperam pelo andar de cima e correndo avisaram o chefe que a fuga seria agora e os homens do Comando Vermelho estavam indo embora, Sforza anotou o nome Comando Vermelho na memória. Nego Zulu estava agora em um dilema, não podia simplesmente virar as costas e sair com um policial no seu encalço, o resgate tinha sido bem sucedido e matar um policial, notadamente este delegado, colocaria toda polícia civil atrás, não havia tempo para descê-lo e colocá-lo no corró, pelo mesmo motivo não dava tempo de levá-lo até a sala onde estavam a delegada e os outros policiais do plantão. Tomou então uma decisão. Levantou o AR-15 e desferiu uma violenta coronhada na cabeça de Sforza que imediatamente desabou, com a força que tinha Nego Zulu poderia ter matado o policial facilmente mas controlou-se. Sorte de Sforza.

Sforza estava de costas quando pela primeira vez na vida foi nocauteado, sempre tivera um físico privilegiado e a vantagem em brigas sempre fora dele, este momento ele não esqueceria e seu último pensamento antes de desabar desmaiado foi para a pasta que estava em cima de sua mesa.

Carlinhos saía da sala já parcialmente recuperando sua capacidade física quando viu Nego Zulu atingindo Sforza, o delegado desabara

como um saco de batatas e Carlinhos pensou que dado o tamanho de Nego Zulu e o golpe que dera, com um pouco de sorte Sforza seria só um cadáver, foi então que Nego Zulu e seus dois comparsas deram as costas e começaram a sair pelo corredor em direção à escada, quando passaram por Carlinhos os dois acompanhantes de Nego Zulu olharam para o chefe interrogativamente e este simplesmente deu de ombros e continuou andando como se Carlinhos fosse um quadro na parede, um deles ainda jogou uma olhada feia para o informante, mas continuou reto, se o chefe também fazia assim não era ele que iria correr atrás. Carlinhos olhou para o corpo de Sforza no chão, poderia matá-lo que a culpa recairia sobre os homens que fizeram o resgate, foi até o corpo e buscou a arma de Sforza, nada, os caras a tinham levado. Sforza começou a mexer-se. Não, Carlinhos não ia arriscar. Em seguida teve a idéia de sua vida e correu para o gabinete do delegado, entrou e em cima da mesa viu aquilo que queria, por sorte não teria nem que procurar ou abrir a caixa-forte, em cima da mesa estava a pasta “Programa de Governo”, o receptor dublê de informante, abriu a grossa pasta amarela e finalmente tomou conhecimento do segredo de Sforza e porque o Deputado Ulisses Passos Zambioni tanto o protegia. A pasta era muito grande para ser carregada e chamaria a atenção, Carlinhos então retirou algumas páginas, umas cinco, e saiu correndo. Passou pelo corpo de Sforza, desceu as escadas e deparou-se ainda com a confusão dos quase trezentos presos correndo para a liberdade, misturou-se e começou a correr pela rua, como estava fraco passou a andar e aos poucos foi ganhando distância da delegacia. Não tinha consigo dinheiro ou documentos, sua idéia de fuga porém era simples, bastava tomar um ônibus e depois fosse o que Deus quisesse desde que longe do DP, a fuga tinha medrado, seu passaporte fora tomado na carceragem, não podia viajar, estava completamente sem documentos, tinha medo de ir até seu apartamento pois outro dos homens de Sforza, provavelmente, Castanheira, poderia estar ali em busca dos dólares. Cybele provavelmente o traía e não era confiável. Não tinha dúvidas de que na próxima vez não haveria conversa, o matariam de imediato. Dez minutos depois entrou em um ônibus e um pouco mais tarde o movimento de viaturas aumentou sensivelmente, começava a caça aos fugitivos, sem dúvida a maioria seria recapturada em poucos momentos pois não haviam se preparado para nada. Iria pegar o dinheiro escondido e ficaria em algum hotel no centro onde o dinheiro comprasse a falta de documentos, os quais, aliás, precisaria comprar também.

Zoião, Pinga e Sabonete foram direto para a pick-up e pularam na caçamba, o motorista arrancou e outros presos pularam dentro, Zoião contudo os escorraçou, chutando-os para fora e jogando-os no chão, os homens do Comando Vermelho entraram nos carros que já estavam ligados e com as portas abertas, todos saíram em alta velocidade, os últimos

a saírem foram Nego Zulu e seus comandados, também entraram no carro e em poucos momentos estavam longe. É importante frisar que cada carro seguiu um caminho diferente. A pick-up andou um pouco e parou para que os três homens do PCC entrassem em um outro carro, já previamente preparado, aonde estariam menos expostos. A fuga fora um sucesso.

A Delegada Luciene embora novata mostrou ser dura na queda, consigo não fora encontrado nenhum telefone celular, mas em sua bolsa, que estava na própria sala de comunicações, havia um e quando a porta fechou ela imediatamente pegou o aparelho e acionou o CEPOL – Centro de Comunicações da Polícia Civil, imediatamente o aviso foi irradiado e viaturas de todos os Distritos próximos rumaram até o local, o Grupo de Operações Especiais foi avisado e o plantão daquela delegacia imediatamente entrou em ação. As viaturas da Polícia Militar também foram avisadas e as que estavam próximas convergiram direto para o DP, fizeram também um cerco na área e a busca começou. Infelizmente dentro da área do cerco estava a favela dominada por Caveirinha e para lá se dirigiram todos os seis veículos (a pick-up e o carro de espera também embora por caminhos diferentes). O resgate fora um sucesso. Em meia hora o cerco da polícia já havia recapturado um terço dos presos, em duas ou três horas praticamente a metade, antes que o dia raiasse, dois terços dos presos já teriam sido recapturados.

Sforza foi reanimado pela primeira equipe que chegou ao DP – o GOE –, quando os policiais subiram pensaram que o delegado estivesse morto, mas logo viram que estava apenas ferido, a delegada e os demais haviam se soltado sozinhos, arrombado a porta da sala de meios e já estavam libertando os outros policiais que haviam ficado presos no corró.

Sforza demorou apenas um minuto para recobrar integralmente a consciência, apesar da terrível dor de cabeça que sentia, seu raciocínio era perfeito, viu os homens do GOE examinarem sala a sala e quando estavam prestes a entrar em seu gabinete interferiu, simplesmente tomou a frente do policial e entrou primeiro, sentiu uma onda de alívio ao perceber a pasta fechada em cima da mesa e dispensou o policial do GOE, avisando que tudo estava bem, fechou a porta em seguida, trancou-a por dentro e foi até a mesa, pegou a pasta e começou a contar as páginas, faltavam cinco. Ódio, Sforza sentiu ódio de Carlinhos e prometeu a si mesmo que o mataria no instante em que o visse, fosse onde fosse. Trancou a pasta na caixa-forte e saiu do gabinete, desceu até o térreo e não deu a menor importância para a delegada e para os outros policiais, viu Dedo e Tainha e chamou-os em um canto.

– Carlinhos fugiu, levou parte da pasta.

– Que pasta chefe?

– Um negócio meu Tainha, o Dedo fez um bico me ajudando. De qualquer forma Carlinhos já era, quero o serviço para ontem, antes do dia amanhecer quero o presunto, vão até a casa dele, ele não pode ir muito longe sem os documentos, avisem todos os gansos que tiverem; Carlinhos vale ouro, principalmente morto, quem me der a informação ganha cinco mil dólares, vão até o ponto de Cybele, talvez ele dê as caras por lá, encontrem o cara, já.

Os dois policiais saíram do DP. Tainha um pouco enciumado por não saber o que havia na pasta, mas calou-se, não era hora de reclamar.

A caçada a Carlinhos Maracanã iria começar, no submundo ele era um homem jurado de morte e valia muito dinheiro, onde desse as caras sempre haveria alguém que iria querer levar alguma vantagem.

– Como vamos fazer Dedo?

– Ele está sem documentos, em bom lugar não vai ficar, vamos dar o serviço para todos os mocós da região e do Centro, todo mundo fica por ali.

Agora era apenas questão de tempo.

XXVII – INÍCIO DO FIM

Caveirinha estava muito feliz e sua felicidade era inversamente proporcional ao ódio que acometia Sforza, o resgate fora um sucesso, Zoião, Pinga e Sabonete estavam bem instalados em um aparelho providenciado pelo próprio Caveirinha o qual, inclusive, já começava a utilizar os métodos de organização do PCC. Os cariocas receberam o pagamento em dinheiro e estavam esperando apenas a poeira baixar para retornarem ao Rio de Janeiro. Com a fuga dos três, Russo afirmava-se perante o Comitê Central do PCC como líder, da mesma forma Caveirinha provava sua utilidade e tinha agora argumento firme para justificar sua ascensão à liderança. Os homens do PCC ficariam algum tempo fora para reforçarem um pouco a atuação externa, eis que os conflitos dentro da Casa de Detenção sempre causavam apreensão do lado de fora, ninguém sabia ao certo quem apoiar ao final das coisas e ninguém queria se indispor. Quando os três estivessem certos de manter o controle da atividade externa seriam recapturados e em virtude da fuga não retornariam aos DP's e sim iriam direto para Casa de Detenção, reforçariam então o poder de Russo. A aproximação de Milton Japonês e Marco Jacaré era esperada, mas sem dúvida a negociação com eles seria possível. Todo o plano desenhado cuidadosamente estava realizando-se a contento. Quando

Russo tomou conhecimento que o resgate havia sido bem sucedido também ficou satisfeito, suas pretensões também estavam caminhando a contento.

O Delegado Urtizes e os Promotores Danilo e André tomaram conhecimento do resgate no 222º DP através da imprensa, somente dedicaram um pouco de atenção à notícia porque tratava-se do DP de Sforza mas, pelo menos por isto, não podiam imaginar seu envolvimento.

A única situação dramática era a de Carlinhos Maracanã, este pegara parte dos dólares escondidos e assim passava um dia diferente em cada hotel, quando se fala em hotel entenda-se todas as espeluncas e pardieiros conhecidos em São Paulo, ia sempre em lugares onde a única pergunta era quanto e não ficava mais do que dois dias em cada local. Sabia que os hoteleiros eram em sua maioria informantes ocasionais e que desconfiavam sempre da presença do estranho que pagava em moeda forte para ficar em um lugar daquele nível. Assim, normalmente ia embora sem avisar, mesmo porque nestes casos geralmente se paga quando se entra, Carlinhos pagava por cinco dias e ficava no máximo dois, não podia porém ficar se escondendo deste modo indefinidamente. Poderia fugir, é lógico, mas com o teor das páginas que pegou do “Programa de Governo” de Sforza e sabendo das intenções do delegado, não tinha dúvidas de que seria caçado e cedo ou tarde apanhado. Havia também o problema dos dólares, fosse aonde fosse e chegasse aonde chegasse seria sempre uma vítima potencial de algum extorsionário que o atacaria em busca do dinheiro. O sinal do fugitivo era claro, dinheiro *cash*, falta de documentos e identidade duvidosa. Não queria ficar assim tão suscetível de ser novamente torturado. Após uma semana da vida de fugitivo Carlinhos, que estava acostumado à boa vida, teve de tomar uma atitude definitiva, a única saída para ele era destruir Sforza pois enquanto este fosse atuante, sua vida estaria marcada como um alvo, o pior é que não havia muitas opções para atingi-lo sem que ele próprio fosse envolvido.

O DEPAE onde o Promotor Danilo exercia a função de Promotor Criminal mudara-se de seu antigo endereço e agora encontrava-se instalado no novo prédio do Ministério Público na rua Riachuelo, no Centro da Cidade de São Paulo, o prédio fora cuidadosamente restaurado e tinha uma bela arquitetura, as instalações eram sem dúvida melhores do que as antigas Promotorias Criminais, agora instaladas no novo fórum na Barra Funda. Parte das atribuições de Danilo residiam no atendimento ao público em matéria criminal mas, com a mudança, este reduzira-se muito pois ainda poucas pessoas sabiam do novo endereço, portanto foi com surpresa quando no final de uma tarde, foi acionado pela segurança do prédio avisando-o de que havia um indivíduo que insistentemente

exigia vê-lo, mas negava-se a fornecer a razão. A única coisa que a pessoa dissera era que o assunto relacionava-se ao 222º DP, fato que por si apenas já causou o interesse imediato do promotor que imediatamente autorizou a subida do indivíduo, devidamente acompanhado pela segurança. Danilo também avisou André Lupara que duvidou que o desconhecido pudesse trazer qualquer notícia que não soubessem, provavelmente seria mais algum dos mil e tantos pirados que todo dia iam até o setor de triagem afirmando terem informações secretas as quais, ao final, geralmente eram delírios ou simplesmente pessoas com distúrbios psíquicos. De qualquer forma, ambos os promotores acomodaram-se na nova sala com uma funcionária administrativa à guisa de escrevente para digitar o depoimento. Quando Carlinhos Maracanã entrou no gabinete com um sonolento segurança às suas costas tanto André quanto Danilo entreolharam-se, o aspecto de Carlinhos não o recomendava, estava barbado e vestia-se pobremente, o informante notou a desconfiança dos promotores e por um momento todos permaneceram em silêncio.

– Pois não Sr. Carlos, é Carlos seu nome não?

– É sim e o doutor é o Dr. Danilo, um dos desafetos do Delegado Sforza.

– Isto é o senhor que está dizendo e se o que pretendia dizer é isto, já o disse e pode se retirar.

– Doutor, ouça bem, durante um bom período de tempo eu fui o principal informante do Delegado Sforza e seu principal receptador, o doutor lembra das mortes na engarrafadora? Os caminhões ali eram Mercedes azuis com logotipo branco no baú não eram?

– E daí? Muita gente viu isto.

– Eu dirigi o caminhão que escapou primeiro, e escapou primeiro somente porque a carga era o pagamento do delegado, do Escrivão Vasconcelos e de três investigadores.

Foi então que Carlinhos começou a contar desde o início todos os acordos que intermediara para Sforza, até que pouco depois narrou o roubo de tecidos e roupas do comerciante conhecido por Zorin, foi então que o promotor efetivamente começou a dar crédito a Carlinhos. Zorin era o nome que Urtizes dera ao informante que lhe indicara Sforza como envolvido em roubo de cargas.

– Espera aí, repete a versão do tal Zorin.

– Já te disse, doutor, o homem aplicava um golpe nas empresas que vendiam roupas, o Sforza foi até lá e ferrou com ele, tomou a carga e um carro Mercedes e aí...

– O Mercedes! A história do Zorin! – André Lupara não se continha, embora Carlinhos não soubesse sua versão coincidia completamente com a fornecida por Zorin para o Delegado Urtizes e que depois foi repassada por este aos promotores, somente aí eles deram-se conta de que as revelações teriam altíssima possibilidade de serem verdadeiras. Danilo mandou que Carlinhos parasse, telefonou para Urtizes e pediu que viesse imediatamente para a Promotoria. Uma hora depois o delegado ali estava. O depoimento de Carlinhos durou quase vinte horas e se uma bomba nuclear fosse detonada em São Paulo o efeito não seria menor. Enquanto Carlinhos terminava de depor e descansava em uma sala anexa, os promotores e o delegado discutiam sobre as providências a serem tomadas.

– Bom gente, o que queríamos acabou caindo do céu na nossa mão, alguém de dentro que dedurasse o esquema de Sforza e se tudo o que ele fala for verdade este esquema é bem maior do que pensávamos.

– Está certo Danilo, mas devemos ter cuidado, não podemos fazer muito barulho com isto, tudo o que ele fala é bom, cheio de detalhes e sem contradição, o problema é que temos que trabalhar em cima disto e produzir alguma coisa, a palavra do cara sozinha não vale nada.

– Se os senhores me permitem, penso que devemos avisar o delegado-geral e o delegado corregedor, talvez o próprio Secretário de Segurança Pública, porém muito discretamente, a idéia de novo confronto com aquele deputado não me agrada.

– Eu sei Dr. Urtizes, devemos também avisar o Procurador-Geral da Justiça e os Juízes do Departamento de Inquéritos, devemos tomar o depoimento dele judicialmente, de qualquer forma Urtizes, o problema imediato que temos de enfrentar é onde colocar o cara, se ele sai na rua está frito.

– E se ficar em alguma delegacia é um homem morto, mas tenho uma idéia Danilo, depende de vocês, mas acho que o único lugar que ele pode ficar é em um batalhão da PM, de preferência o quartel da ROTA na Av. Tiradentes, o qual, além de tudo, é perto do fórum e do Ministério Público.

– Então temos de avisar também o Comandante-Geral da PM, os oficiais do quartel e os subordinados ficarão sabendo, a notícia vai vazar!

– Será um corrida contra o tempo Danilo, teremos de produzir as provas tão depressa a ponto de escaparmos dos ataques que sofreremos de Sforza e à pressão que o Deputado Ulisses certamente fará, somente uma prova contundente o calará. Talvez até a divulgação pela imprensa seja uma boa, funcionará como meio de pressão política.

– Certo André, mas se divulgado cedo demais dificilmente poderemos produzir qualquer coisa, Sforza tentará atravessar a nossa frente e

goza da vantagem de não precisar de qualquer formalidade para meter uma bala na cabeça de uma testemunha, depois disto é que ninguém vai querer depor mesmo.

– Mas Danilo, você lembra quando eu te procurei com a informação que o Zorin forneceu?

– Lógico Urtizes.

– Na época você fez um levantamento sobre os roubos que confirmou a versão do informante, não foi?

– Lembro, tenho tudo arquivado.

– Pois é, já estamos com meio caminho andado, basta somar o depoimento de Zorin com o depoimento do Carlinhos, lembra que o Zorin tinha a foto do Carlinhos na Mercedes? Basta dar uma prensa.

– Mas o Zorin falará?

– Falará Danilo, porque se não falar por bem falará por mal, se ele não confirmar vou dizer a ele que vazarei a dica para o próprio Sforza, ademais, quando perceber a extensão do depoimento de Carlinhos e verificar que é um dos envolvidos não terá muita saída, é um arquivo morto ambulante.

– Pois é, a vantagem de Sforza virou problema, quando pelo menos um começa a falar todos os demais viram vítimas de uma queima de arquivo em potencial e aí não tem saída senão dedurar mesmo, a somatória dos depoimentos vai esmagá-lo pois deve ter muita gente que irá querer vingar-se.

– Temos de pedir a prisão temporária!

– Não dá agora André, para pedir a prisão temporária de um delegado é necessário muito mais que um simples depoimento, muito mais, envolve até política institucional.

– Política Danilo? Eu quero é que a política se foda!

– Errou André, se você a ignora ela é que fode com a gente, vamos seguir o manual e pegar os telefones, temos ainda muitas horas de conversa, a primeira com o Procurador-Geral da Justiça, acho melhor você ligar André que eu estou em baixa.

– Pode deixar.

– Eu ligo para o Comandante-Geral da PM, temos de colocar este cara em um batalhão hoje ainda; Urtizes, agora é você com o delegado-geral.

– Pode deixar.

– Tem outra...

– Fala.

– Quero que você contate o delegado auxiliar de Sforza, o tal Adriano, que fez o caso das batidas. Sabemos que o cara é certinho, mais ainda, ao que apuramos, não compactua com Sforza e eventualmente ele poderá corroborar algumas das menções de Carlinhos, gostaríamos que você falasse com ele e pedisse ajuda, se Sforza resolver dar o passo maior que a perna quando se sentir pressionado poderemos precisar dele.

– Entrarei em contato, mas se vocês pensam que ele vai dedurar o Sforza esqueçam, ele pode ser certinho e honesto, mas não é traíra.

– Não é isto, queremos apenas algumas confirmações e mesmo assim ele sequer vai depor oficialmente.

– Vou tentar, mas não prometo nada.

– Nossa linha de ação deve ser esta: vamos dividir cada um dos casos contados por Carlinhos e buscar provas independentes para cada um, acionaremos todos os promotores do DEPAE e pediremos apoio à própria Corregedoria da Polícia Civil, a idéia é a de que um revés contra um dos casos que investigarmos e ficarmos sem provas não cause danos ao outro onde as provas forem melhores, todas as condutas são graves e bastará uma condenação para quebrarmos qualquer resistência. A idéia para Adriano é que ele conhecia a rotina do DP, poderá nos confirmar até se Carlinhos era um freqüentador habitual, se as pessoas que ele aponta realmente estiveram por ali, se Sforza realmente tinha o hábito de chamar alguns casos para si e não instaurava inquérito, ou seja, referências sobre o que Carlinhos fala a fim de podermos ter uma idéia do que é verdade e do que é mentira ou exagero, se é que tem mentira ou exagero nesta história.

– Tem um outro problema Danilo, se Carlinhos está falando é porque tem um motivo e portanto não é uma testemunha confiável.

– Você está certo André, mas repito, teremos de agir rápida e eficazmente, caso contrário vamos perder a única chance que teremos.

Imediatamente os contatos foram feitos, toda a cúpula do Ministério Público, da Polícia Civil e da Polícia Militar e bem como o Secretário de Segurança Pública foram informados de um grave caso de corrupção e extorsão envolvendo um delegado de polícia de grande prestígio político, a questão era saber quanto tempo levaria para que a imprensa ficasse sabendo e quanto tempo teriam antes que Sforza soubesse o que ocorria, sua reação era tida como uma incógnita, variava do simples silêncio à opção por ataques pessoais, de qualquer forma a responsabilidade pelas apurações foi dividida por todos os promotores do DEPAE a fim de evitarem-se quaisquer ataques pessoais, Delegados da Corregedoria da Polícia Civil foram escolhidos para formar uma força tarefa junto com os

promotores, a Polícia Militar fornecia apoio e a casa de Carlinhos passou a ser o quartel da ROTA. Em 48 horas toda a mobilização fora organizada, foi este o período de tempo que a notícia levou para vazar à imprensa. Na verdade ninguém soube como a notícia vazou, o deslocamento de policiais civis e militares chamou a atenção e logo informantes da imprensa passaram o serviço, algumas consultas foram feitas e a negativa de que estava ocorrendo qualquer fato contrário à rotina soou como uma confirmação de que algo havia de errado. No segundo dia ao final da tarde não havia como negar e os promotores foram chamados para uma entrevista coletiva com a imprensa. Sforza finalmente ficaria sabendo que o alvo que procurava ficara, repentinamente, fora de seu alcance.

XXVIII – UMA OBSTRUÇÃO

A primeira pessoa do círculo de poder de Sforza que teve idéia do que acontecia e da repercussão que os fatos poderiam alcançar foi o advogado Jorge Dias Velho, bem relacionado que era dentro das dependências do Fórum Central, pouco tempo decorreu até que um funcionário do cartório judicial entrasse em contato com o escritório do advogado e desse conta de que os promotores haviam levado um informante até o juiz corregedor e um depoimento de mais de doze horas fora tomado, o conteúdo não se sabia ao certo, mas o nome Carlinhos Maracanã fora ouvido na sala várias vezes, o informante dava a notícia ainda de que o próprio delegado-geral fora informado e determinou pessoalmente que o depoimento fosse acompanhado por delegados da Corregedoria, falava-se que como o Delegado Urtizes tomara conhecimento primeiro do fato estaria pelo menos de início à testa das investigações. A única informação certa quanto ao depoimento era a referência do Delegado Sforza como cabeça de um esquema de corrupção e extorsão armado no 222^a DP e haveriam também vários policiais daquele Distrito envolvidos, não havia maiores detalhes, mas a imprensa em pouco tempo estaria lá e o fato se tornaria público em breve. Jorge Dias Velho não via Sforza a não ser como um futuro cliente, o caso era promissor porque Sforza sem dúvida estava capitalizado com todo o dinheiro que obtinha ilicitamente e os saudáveis ganhos que antevia seriam mais certos caso fosse o primeiro a dar a notícia ao delegado, se é que ele já não sabia. Resolveu então avisá-lo e utilizou o telefone fantasma para ligar ao celular do delegado.

– Dr. Sforza?

– Certo, quem é?

- Jorge Dias Velho, doutor, como vai?
 - Tudo bem advogado? A que devo a honra? Contribuição para a campanha do nobre Deputado Ulisses Passos Zambioni? Uma declaração pública de apoio seria bem vista vindo de advogado tão conceituado, Dr. Jorge.
 - Quem sabe o que o futuro nos reserva delegado? Até os mais fortes podem ser traídos e caírem com pés de barro.
 - Tem toda a minha atenção.
 - Carlinhos Maracanã acabou de depor perante o juiz corregedor e, como vocês da polícia falam, parece que a casa caiu para alguém.
- Jorge usou o nome de Carlinhos como se fosse uma pessoa de conhecimento comum a ele e Sforza, a gíria policial também foi dita com naturalidade como se Jorge soubesse de toda a extensão do relacionamento entre o delegado e o informante, a intenção era simples, iludir Sforza a ponto de arrancar-lhe alguma informação ou demonstrar que Jorge conhecia todo o esquema posto em prática no 222º DP, o que, desconsiderando-se a relação entre Caveirinha e Sforza, não era verdade, o delegado porém, experiente que era em interrogatórios, nada deixou transparecer.
- Até que ponto?
 - Não se sabe até agora.
 - Mais algum nome em específico?
 - Nada ao que se saiba, gostaria que soubesse que conta com meu apoio e pode ligar-me a hora que for, se surgir alguma necessidade.
 - Agradeço a informação, se houver necessidade sei que contarei com sua colaboração, mesmo porque não foi este o único negócio que fizemos juntos, não?
- A resposta do delegado era também uma velada ameaça ao advogado, que este não se arvorasse em dono da situação porque também tinha telhado de vidro e poderia servir de moeda de troca, os promotores com certeza ficariam muito felizes em identificarem o advogado como envolvido no tráfico de drogas, especialmente como intermediário das negociações, isto sem falar na Receita Federal.
- O doutor é sempre muito perspicaz, de qualquer forma mantenho minha oferta.
 - Obrigado advogado, com certeza nos veremos em breve.
- Secamente o delegado desligou, abutres, pensou, sentem o cheiro de carniça a quilômetros de distância mas, diga-se de passagem, o olfato

de Jorge Dias Velho era dos mais aguçados. Sforza começou a sentir um suor frio em suas costas e cuidadosamente passou a examinar a situação. A primeira premissa era simples, Carlinhos tomara a única decisão contra a qual ele estava de mãos atadas, não contava que o informante fizesse isto porque como estava também envolvido nas acusações e bem como todos os policiais que fossem condenados (se o fossem) seriam incluídos nos mesmos crimes e teriam condenações ao menos parecidas, poderia quando muito valer-se da nova lei de proteção à testemunha, mas o caso não era tão simples, ele demonstrava ter um interesse pessoal no caso e isto o desfavorecia. De qualquer forma, a situação não era tão ruim quanto imaginava e os promotores não estavam assim tão bem municiados quanto pensavam. Realmente, tratava-se apenas da palavra de um informante, um receptador com passado nada abonador que fazia as acusações contra a palavra prestigiada de um delegado consagrado politicamente, tinha as estatísticas de diminuição da criminalidade a seu favor e bem como a imagem de policial eficiente, seria notório um conluio querendo atingir o Deputado Ulisses na sua pessoa já que Sforza era tratado como um eventual Secretário de Segurança Pública em um governo de Ulisses; era, portanto, dois a um e para o delegado. Restava porém a possibilidade dos promotores e dos Delegados da Corregedoria, notadamente o filho da mãe do Urtizes, saírem a campo e conseguirem obter provas que apoiassem a versão de Carlinhos. O problema seria então impedir que pudessem produzir tais provas, o que por sua vez tinha dois aspectos, o primeiro era de que Sforza não sabia exatamente quais seriam os fatos investigados, nem qual prova eles buscariam, ponto para os promotores que agiriam inicialmente com vantagem. O segundo era de que nenhuma das condutas de Sforza deixara vestígios, não havia qualquer evidência física que o ligasse às torturas e ao dinheiro das extorsões, o dinheiro e os bens que obtivera estavam ou no exterior ou em nome de terceiros, neste ponto sempre fora cuidadoso. Não sabia é claro se Dedo e Tainha também o eram e o enriquecimento destes apontaria uma falha que certamente seria exposta, os dois talvez se transformassem em problema, Vasconcelos era macaco velho e com certeza cuidara-se, porém não sabia até que ponto; Castanheira não chegara a receber tanto a ponto de evidenciar um enriquecimento despropositado, cada um deles era uma falha a ser estudada e um provável traidor. O primeiro problema era conhecer o teor do depoimento de Carlinhos, depois verificar quais os caminhos possíveis para a obtenção de qualquer prova para, por fim, inviabilizá-la, uma cópia do depoimento seria fundamental. Um segundo aspecto era a possibilidade de matar Carlinhos. E claro que este era um homem morto fosse qual fosse o resultado de toda esta balbúrdia, demorasse o tempo que demorasse Carlinhos deveria morrer, é claro que os promotores deviam ter tomado todas as cautelas e com certeza o informante estaria em algum batalhão, mas Sforza deveria efetuar a checagem e verificar se algum gambé da Polícia Militar aceitasse

fazer o serviço ou dar qualquer informação ou acesso a Carlinhos. Isto não era de todo descabido já que um policial militar ganhava um salário de merda e eles não gostavam de gansos. Este caminho deveria ser verificado por Dedo e Tainha. Mas o fato que deixava Sforza mais tranqüilo era que Carlinhos não mencionara o “Programa de Governo”, isto podia significar de que não tenha conseguido ficar com as páginas que tirara de sua pasta, inúmeras coisas poderiam ter acontecido na fuga, no que Sforza não acreditava, ou Carlinhos ainda não estava seguro de que as informações que dera fossem suficientes para condená-lo e não confiava nos promotores a este ponto. Nisto Sforza acreditava, guardar sempre uma informação maior era uma segurança que combinava com o estilo de Carlinhos agir. Neste caso nada estava tão perdido, nem Carlinhos tinha certeza do efeito de suas declarações, seria conveniente então que o Deputado Ulisses fizesse valer sua força e através dele Sforza obteria a cópia do depoimento de Carlinhos e faria pressão sobre este informante. Caso Sforza saísse desta incólume seu prestígio seria decuplicado e se apresentaria como uma vítima da bandidagem, a qual teria medo de um delegado de ação e combatente do crime na condição de Secretário de Segurança, era a propaganda ideal, seria a vítima de um complô insano de corruptos, seria dramático na eleição. Sforza sacou de seu celular e ligou direto para o aparelho pessoal do Deputado Ulisses Passos Zambioni. Começara o jogo da vida de Sforza.

Após o depoimento prestado na Promotoria e repetido no Juízo da Corregedoria da Polícia Judiciária, Carlinhos Maracanã fora instalado no quartel da ROTA da Av. Tiradentes, onde nem mesmo o mais insano tentaria atingi-lo, na verdade a situação de Carlinhos era precária pois como participante dos crimes sofria processo e lhe seria imposta pena tanto quanto aos demais, sua condição era de um provável presidiário, talvez por tempo menor, talvez em condições mais favoráveis, porém como um presidiário e como tal era tratado. A partir das várias indicações de seu depoimento os promotores separaram caso a caso a fim de serem procedidas investigações independentes, tais investigações seriam realizadas em concurso com Delegados da Corregedoria da Polícia Civil, liderados desta feita pelo Delegado Urtizes que voltara à boa fase e com prestígio redobrado. Como consequência, todos os depoimentos colhidos eram realizados na Corregedoria da Polícia Civil, um prédio cinzento situado a poucos metros da Praça da Sé. A locomoção era fácil pois o quartel era próximo, assim como a Promotoria, o que permitia um trajeto sem grandes chances de interceptação. Foi assim que o início das investigações exigiu a presença de Carlinhos sempre que fossem necessários quaisquer tipos de esclarecimentos. O que significava quase todo o dia. A imprensa alvoroçada fazia plantão na frente do prédio e cercava cada pessoa que entrava ou saía. Foi assim que o Deputado Ulisses Passos Zambioni foi cercado logo que desceu do veículo oficial que o conduzia.

– Deputado, uma declaração, fala-se que o Delegado Sforza, indicado pelo senhor como um provável Secretário de Segurança estaria envolvido em extorsões e torturas...

– Senhores, não é de hoje que forças ocultas vêm tentando desestabilizar minha provável candidatura à Governança deste Estado, como nada podem contra mim, pelos meus quase trinta anos de irretocável vida pública, passam a jogar seu veneno pestilento contra meus auxiliares ou, como no caso do Delegado Sforza, a pessoa cuja capacidade me faz torná-lo um provável líder na área de Segurança Pública, um policial o qual, como todos sabem, mesmo com a falta de recursos característica do setor, conseguiu diminuir violentamente a criminalidade na área de sua atuação. Ora, se o Dr. Sforza conseguiu diminuir a criminalidade sem receitas mágicas e agindo com competência, é sem dúvida um exemplo a ser seguido que o gabarita como gente que faz.

– O deputado acha então que este ataque é pessoal?

– Não tenho dúvidas, veja que tentaram antes e não conseguiram em episódio recente e agora este novo circo justamente com o mesmo delegado e o mesmo promotor?

– O deputado está dizendo que o Delegado Urtizes e o Promotor Danilo são interessados no desfecho do procedimento e querem atingi-lo?

– Absolutamente, apenas anoto o fato com estranheza, tenho apenas a afirmar que é certo que uma vez tendo ferido a criminalidade era de se supor que o Delegado Sforza fosse vítima de calúnias e bem como de toda forma de conspiração de sua imagem como homem público, senhores, é o medo de terem de enfrentá-lo em uma posição de poder. Agora com licença.

O Deputado Ulisses entrou corredor adentro pelo prédio e nenhum dos atendentes teve coragem de interpelá-lo, ele simplesmente perguntou ao primeiro atendente onde estavam o Delegado Urtizes e o Promotor Danilo e exigiu que fosse levado à presença dos mesmos, não é preciso dizer que foi conduzido imediatamente tal como o exigira. É claro que os atendentes imediatamente interfonaram para o gabinete e informaram o Delegado Urtizes do que acontecia e o que fora dito aos repórteres. Quando a porta do gabinete se abriu tanto o delegado quanto o promotor já esperavam o deputado, muito pelo contrário das oportunidades anteriores quando haviam sido pegos de surpresa.

– Bom dia doutores, meu tempo é curto e creio poder ser dispensada a introdução, eu espero que os doutores estejam muito seguros do que estão fazendo pois encaro este tipo de pressão como um especial agravo ao meu avanço nas pesquisas de opinião e os ataques ao Dr. Sforza têm

demonstrado um colorido pessoal com o qual não posso concordar. De qualquer forma exijo cópia do depoimento deste indigitado que o acusa e cópia de todas as provas que coletaram, posso exigir tais cópias em função da minha condição de deputado e qualquer sigilo não se aplica a mim, portanto não tentem me ocultar nada.

– Bom dia deputado. Como um dos promotores designados para apuração destes fatos gostaria de esclarecer primeiramente que até o momento o nome do Dr. Sforza não foi mencionado em momento algum para a imprensa, na verdade me parece que o senhor mesmo encarregou-se de confirmar o boato tornando-o a notícia aos repórteres que estão ali mesmo, do lado de fora deste prédio. Como nada declaramos à imprensa e nenhum material foi apresentado não poderíamos nunca ter tentado macular sua candidatura. Cremos todavia que face ao teor de sua declaração à imprensa o fato seja agora de conhecimento geral.

O deputado enrubesceu, caíra numa armadilha infantil e agora sua ofensiva perdera força.

– Não me venha com jogos de palavras! Isto por acaso é uma conspiração? Agora se voltarão contra mim? Não preciso dizer que qualquer resistência à minha autoridade será apresentada em plenário como um atentado à minha vida pública!

– Deputado, eu como delegado nada tenho a esconder de V. Exa., muito pelo contrário, somos todos colaboradores da Justiça e cada um em sua esfera de atuação temos feito todo o esforço possível para o combate à criminalidade. Atenderemos à sua solicitação imediatamente e lhe forneceremos cópia dos depoimentos que exige.

– Não me enrolem! Um bate e outro agrada? Estão pensando que sou criança? Quero os depoimentos agora e caso não tenham substância irei diretamente ao gabinete do próprio governador.

– Não será necessário deputado, prevendo sua necessidade já havíamos, eu e o Dr. Danilo, pedido que fossem tiradas cópias a lhe serem entregues. Aliás, aqui estão.

Uma escrivã assustada com a gritaria entrou e colocou várias cópias dos depoimentos prestados por Carlinhos em cima da mesa do Delegado Urtizes e retirou-se tão rápido quanto suas pernas o permitiam.

– Veremos o que acontecerá doutores, passem bem.

Após a saída do Deputado Ulisses, tão tumultuada quanto a sua entrada, delegado e promotor mostravam satisfeitos.

– Realmente, não pensei que fosse tão fácil, o homem já entrou falando com a imprensa e dando o nome do Sforza, não pensei que com a experiência política que tem fosse tão ingênuo.

– Calma Danilo, o homem está acostumado a armar ciladas e não espera cair em uma delas, ademais não está acostumado com o meio, mas que caiu, caiu.

– Pois é, agora não poderá nos acusar de estar tentando macular sua imagem, como ele mesmo disse, já que guardamos sigilo até que o próprio deputado viesse a público e olha que o nome dele não tinha sido mencionado até agora.

– Tem razão, se tivesse ficado quieto no canto dele seria mais difícil, sempre alguém poderia dizer que estávamos fazendo publicidade contra ele, agora quem colocou o nome do Sforza na boca da imprensa foi ele e ninguém poderá nos acusar de agirmos interessadamente. A única coisa que não previmos é que ele fosse cair já na entrada com a imprensa, pensei que ele pelo menos iria querer pegar os depoimentos e depois ficaria fazendo jogo de cena na saída, imagine, nem deu tempo.

– Melhor para nós, sequer poderá dizer que foi induzido em erro, já que falou pelos cotovelos antes de entrar. Perfeito!

Enquanto delegado e promotor discutiam Carlinhos permanecia em uma sala próxima, aguardando os outros esclarecimentos que iria prestar, ouviu uma voz autoritária aos gritos na sala do delegado e do promotor e agitou-se, perguntou a um dos investigadores que o escoltavam o que acontecia e soube então que o famoso Deputado Ulisses Passos Zambioni ali estivera e discutira no gabinete. Carlinhos mudou de comportamento imediatamente.

– Dr. Danilo, eu não vou mais prestar qualquer esclarecimento, estou vendo que agora vou ser apontado como responsável por tudo e o Delegado Sforza será inocentado, quero mais garantia de vida e de que não serei jogado na Detenção por nada.

– Que idéia, por que mudou de opinião?

– Eu ouvi o deputado.

– Calma, não é nada disto, é apenas uma situação momentânea que já enfrentamos e resolvemos.

– Quero garantias.

– Escute aqui Carlinhos, você quer garantias? Eu te dou uma: se você sair daqui sem proteção nenhuma não vai demorar três dias até virar presunto em alguma esquina e garanto que será de uma maneira muito pouco ortodoxa, ou você colabora ou vai embora, escolha!

Carlinhos sabia que seu caminho era sem volta, sempre soube disto, falara aquilo apenas como forma de pressionar o delegado e o promo-

tor e saber até que ponto e de que forma reagiriam. Todavia o deputado era um joguete nas mãos de Sforza e somente no momento certo revelaria qual o verdadeiro elo entre eles. Por enquanto seguiria o plano que traçara, queria ver Sforza mostrar todos os dentes que tinha, o máximo de sua força, para então destruí-lo sem que tivesse chance de se recuperar, esta era a idéia. Se fosse com tudo de uma vez só talvez ele escapasse, agora com pressão contínua e sempre com medo de que Carlinhos o revelasse talvez cometesse um erro, este seria o maior prazer de Carlinhos.

– Vamos continuar Carlinhos.

– Vamos lá Dr. Danilo.

– A notícia mais provável de ser checada e comprovada é a do roubo das roupas do tal Zorin, precisamos de mais detalhes de três casos, este, o dos aparelhos de DVD e o caso da engarrafadora, destes o mais próximo é o Zorin, pode começar.

Enquanto o Delegado Urtizes e o promotor escolheram dois casos para apurar pessoalmente e repassaram todos os demais para outros delegados e promotores, inclusive o da engarrafadora, onde foram aconselhados pelos colegas a não acompanharem visto que já haviam se envolvido na apuração antes e pareceria pessoal. O Delegado Sforza estava já na posse de cópia dos depoimentos prestados por Carlinhos Maracanã, começou a lê-los imediatamente e subitamente sentiu que o chão faltava-lhe aos pés, nunca pensou que o informante fosse falar tudo e delatar-se ao mesmo tempo em que jogava todos no fogo, ele, Dedo, Tainha, Castanheira, o caso de Vanderlan já muito antigo e do qual nem ele participara, Vasconcelos, Zorin, as Lojas do Afonso, Orlando Gonzalo e Mathias e até mesmo Caveirinha, embora em relação a este último sequer soubesse o nome do traficante ou de seus soldados, limitando-se a afirmar o pedágio e bem como o fato do recolhe ser feito na favela. Carlinhos extrapolara. Pela primeira vez Sforza sentiu um medo profundo e o sentimento de impotência, é certo porém que Carlinhos nada falara sobre a relação entre ele e o deputado, isto poderia ser por dois motivos, o primeiro, não tinha conseguido levar as páginas do “Programa de Governo”, ou segundo, estava guardando esta informação para utilização posterior. Sforza resolveu concentrar-se e pensar, quanto ao caso dos DVD’s e as Lojas do Afonso estava de certa forma tranqüilo, a empresa falira e suas falcatruas foram objeto de notícia no Brasil inteiro, não guardavam registros ou sequer emitiam notas fiscais direito, muitas vezes espelhadas ou modificadas na data, o estoque não existia mais e seria muito pouco provável que os sócios guardassem provas de terem recebido mercadorias roubadas, principalmente porque naquela época já previam que seriam investigados. Neste ponto estava tranqüilo. O caso da engarrafadora ganhara novo ânimo, é certo, mas a investigação já

havia quase se encerrado e fora amplamente favorável a si, os remédios já haviam sido vendidos pelas farmácias de João Terto o qual, certamente, também não tinha interesse nenhum em se ver exposto, mesmo porque possuía ainda ambições políticas. Nenhuma prova viria daí. O caso de Vanderlan e os outros semelhantes, eram muitos os citados, também eram de difícil apuração, ocorrência antiga, Vanderlan não ficara ferido a ponto de restarem marcas permanentes e ninguém sabia sequer onde se encontrava. De todos os casos o único realmente substancial era o de Zorin, o turco ficara muito puto com o prejuízo, era um empresário, podia se defender e negar que participava de um esquema de desvio de cargas, este sim poderia manter registros que pudessem ser checados e o incriminassem, com um caso fechado eles poderiam tentar sua prisão e os demais viriam de roldão, sozinhos poderiam não dar em nada, juntos e cruzando-se informações, somados a um depoimento de Zorin e alguma prova documental e estaria morto. Logo neste esquema todo Zorin era fundamental, devia morrer.

– Dedo, Tainha, venham aqui já.

– Certo chefe, tentamos ver aonde o Carlinhos está e no momento a coisa está preta, impossível no quartel da ROTA, lá ninguém dedura e nem existe possibilidade de algum gambé fazer o serviço, verificamos o caminho que fazem com ele e parece que nem o Presidente tem tanta escolta, lá dentro da Corregedoria nem pensar.

– Esquece Tainha, eu quero que encontrem o Zorin e façam o serviço nele.

– No Zorin? O cara das calças?

– Sentem e escutem.

Sforza mostrou a seus dois investigadores os depoimentos de Carlinhos. Tainha ficou vermelho de ódio, Dedo permaneceu quieto e Sforza detectou um certo tremor nas mãos, explicou a necessidade de encontrar Zorin naquele momento e matá-lo custasse o que custasse. Ambos saíram do 222º DP cada qual com seu carro em busca de Zorin.

O Promotor Danilo e o Delegado Urtizes haviam chegado à mesma conclusão, os investigadores da Corregedoria também saíram a campo para encontrar Zorin, só que para eles o interesse era encontrá-lo vivo e trazê-lo para depor.

Os investigadores da Corregedoria chegaram primeiro à principal loja de Zorin, Dedo e Tainha foram direto para o armazém onde o haviam detido, depois passaram em todas as lojas e armazéns onde ele pudesse estar, em sua casa e até mesmo na casa de veraneio no litoral. Zorin sumira juntamente com a família e ninguém sabia onde estava e quando voltaria.

Empate técnico, enquanto Zorin não aparecesse as apurações paralelas seguiriam, mas a prova fundamental continuaria uma incógnita.

O único a não se mostrar preocupado com a localização de Zorin era Carlinhos Maracanã, estranhamente o informante mostrava-se tranqüilo e afirmava que o turco iria aparecer, mais cedo ou mais tarde, o comerciante não era bobo e estava pressionado, sabia que caso não viesse depor, Sforza o caçaria e cedo ou tarde o encontraria, o raciocínio era o mesmo de Carlinhos mas com uma ressalva: ele não iria querer ficar preso e nem ser acusado de nada, era somente isto que o impedia de aparecer, dentro de uns dias iria dar as caras pela Corregedoria, provavelmente junto com um bom advogado. Quando se cogitou do fato de Zorin ter saído do país para nunca mais voltar, Carlinhos foi mais enfático: turco, nunca iria ficar longe de suas lojas por muito tempo.

O raciocínio foi profético, no dia seguinte, um advogado do primeiro time apareceu na Corregedoria, afirmou representar Zorin e gostaria de apresentar o cliente, primeiro, contudo, gostaria de ter acesso a tudo o quanto constasse em nome dele, eis que era um comerciante respeitado na colônia, benfeitor até de sociedades de imigrantes, muito estimado e sobretudo um grande empresário. Foi dado acesso ao advogado e este examinou longamente o depoimento de Carlinhos, aprovou algumas afirmações e avisou que outras eram inverídicas ou apenas parcialmente relatadas, especialmente aquelas que prejudicavam seu cliente. Marcou-se o depoimento para dois dias já que Zorin deveria preparar-se devidamente para a situação, coisa nova para quem nunca havia entrado em uma delegacia, especialmente alguém com origem estrangeira, a condição clara era a de que a imprensa de nada soubesse e a entrada fosse feita dissimuladamente pela garagem. Os termos do advogado foram aceitos irrestritamente.

Sforza começava a desesperar-se, raciocinava do mesmo jeito, intuía que Zorin não ficaria longe do seu comércio, a família também sumira, o que impedia um seqüestro, uma hora ele iria até a Corregedoria, mais cedo do que pensava, acionou então novamente o Deputado Ulisses.

- Danilo, você não sabe quem ligou.
- Não tenho a mínima idéia.
- Nosso amigo o Deputado Ulisses.
- Para que desta vez?
- Ele sabe que ouviremos uma testemunha chave e quer estar presente na colheita do depoimento.
- Impossível ! Ninguém sabe do depoimento de Zorin.

- Se não sabe chutou legal.
- Sforza.
- É isto aí, se o deputado estiver junto Zorin não falará nada, nem o advogado deixará, que não será louco, como vamos fazer?
- Simples, vamos mudar o horário do depoimento, sete horas, para o deputado manteremos dezenove horas, quando ele chegar Zorin já terá ido embora. Diremos apenas ter sido um engano falamos sete da manhã e não da noite.
- Ele vai ficar puto. Não vai cair nesta.
- Pode ficar, agora é nossa vez e ele também já gastou os cartuchos que tinha, o mal de fazer pressão máxima sempre é que chega um momento em que se desgasta, até que vale a pena enfrentá-la, é o caso, quando ele chegar Zorin já terá ido embora.
- Se o depoimento dele for bom como pensamos o que faremos?
- Deixarei o juiz corregedor a par do que estamos fazendo, prestar depoimento de manhã até ajuda pois de tarde ainda teremos tempo de promover a medida judicial.
- Qual?
- Prisão temporária Urtizes, Lei nº 7.960/89, se tudo der certo em 48 horas Sforza estará preso.

Nem Urtizes e nem Danilo conseguiram dormir, o depoimento de Zorin era fundamental e se fosse verdade o que este dissera a Urtizes quando informara da participação de Sforza no caso da Mercedes-Benz, até foto teriam, era o fim do delegado.

Sforza por sua vez contava que o Deputado Ulisses pudesse fazer oficialmente o que nem ele e nem seus investigadores conseguiram, perturbar o depoimento de Zorin de tal forma que de nada valesse, o dia seguinte seria decisivo, para todos.

XXIX – IMOBILIZADOS

O horário forense começa às treze horas e vai até às dezoito, neste horário todas as audiências e decisões são proferidas, é claro que uma audiência pode começar às dezessete e não ter hora para terminar e é comum que o prazo estenda-se até às dezenove horas face ao grande

número de pessoas ouvidas cotidianamente. Neste intervalo juízes e promotores recebem o que a gíria forense designou a pilha, ou seja, é o expediente de processos destinados a cada um. Para promotores consiste em inquéritos policiais e ações penais, para juízes apenas ações penais. O certo porém é que o número de inquéritos e processos torna impossível que a avaliação e decisões a serem tomadas em cada procedimento sejam feitas na mesma hora ou até no mesmo dia. Por isso é comum que tanto juízes quanto promotores utilizem malotes semelhantes aos bancários para carregarem o expediente, visto que uma vez terminadas as audiências, cada caso, um a um, deve ser verificado e concluído. O resultado é que embora o expediente forense se inicie às treze horas e termine por volta das dezenove, na prática, pelo menos para juízes e promotores, o dia se prolonga até que a pilha seja diminuída ao máximo. É comum que os processos e inquéritos de maior complexidade sejam examinados no final de semana, nem sempre há tempo hábil para o exame durante a semana. E a tendência era piorar, pois o avanço da criminalidade era perceptível. Por estas razões o período da manhã é morto, eis que necessário para o exame e derrubada da pilha de processos e inquéritos recebidos nos dias anteriores. Sete horas da manhã e o prédio do fórum encontrava-se vazio, no prédio da Corregedoria da Polícia Civil porém certo movimento já se prenunciava, os promotores André e Danilo, o Delegado Urtizes e seus auxiliares, escrivães e investigadores já se encontravam prontos para recepcionar Zorin. Este não decepcionou e na hora marcada um velho Landau preto estacionou defronte ao prédio. Muita gente usava carros deste tipo, queriam evitar o que se convencionou chamar de sinais exteriores de riqueza, mas ao mesmo tempo exigiam espaço e conforto, assim, um carro mais velho porém luxuoso e equipado era o preferido. Tratava-se do mesmo princípio utilizado, por exemplo, por Carlinhos Maracanã e seu carro de DP ou ainda qualquer funcionário corrupto. É duvidoso que um investigador de polícia que ganha no máximo setecentos ou mil e duzentos reais por mês tenha condições de comprar carros importados ou nacionais de luxo zero km, por isto os mais espertos sempre compareciam com carros deste tipo. Para comerciantes a idéia era a mesma – pelo menos para este tipo de comerciante –, não podiam chamar a atenção com a utilização aberta de tais bens com medo da fiscalização ou da receita federal, mudava apenas o inimigo a temer. Deve-se deixar bem claro que o receio não é o medo de uma fiscalização por causa da ostentação, mas sim de que tal abuso acabe chamando atenção de algum fiscal corrupto que ali apareça apenas para reforçar seu caixa. Este era o medo de Zorin, quando o assunto então era polícia o melhor a fazer, sem dúvida, era lançar mão de tal recurso, que tinha a vantagem de emprestar à sua presença certa dignidade. O carro parou e dele desceram Zorin e o advogado Paulo Nascimento Martins, o cabeça do escritório Carvalho, Martins e Rubirosa, uma das maiores ban-

cas de São Paulo, havia também um motorista com cara de poucos amigos e um segurança, ambos policiais militares de elite e que faziam bico como seguranças, como o nível de ambos era superior ao usual, cobravam, também, preço superior ao usual. O mau humor decorria da circunstância de estarem junto com outros policiais e autoridades, mas como particulares, não se sentiam confortáveis em tais circunstâncias sem o manto protetor da farda. Especialmente na Corregedoria da Polícia Civil. O motorista ficou no carro e o segurança acompanhou o advogado e o comerciante até o hall de entrada do prédio. Como estavam sendo esperados, entraram rapidamente. Do outro lado da rua, próximo à esquina, um policial civil acabou de tomar uma xícara de café, sacou de um telefone celular saindo lentamente do local, Castanheira já estava cansado de ficar por ali à espera de que a previsão de Sforza viesse a se tornar verdade e Zorin aparecesse, mais uma vez admirou a esperteza do chefe e sacou do telefone para avisá-lo que a ameaça mais temida estava se concretizando, Zorin chegara até a Corregedoria. Do outro lado do telefone Sforza acordava quando o telefonema de Castanheira tirou qualquer espécie de cansaço da noite maldormida, o depoimento de Zorin nesta hora o surpreendeu, pois sabia que inicialmente estava marcado para as dezenove horas, era a vez de Sforza usar o telefone e acordar o Deputado Ulisses, para sua surpresa o deputado não estava em casa e sim em visita a correligionários na cidade de Sorocaba. Sforza acionou o celular e conseguiu falar com o deputado. Quando desligou sabia que Ulisses estaria a caminho e como o depoimento de Zorin deveria se estender por horas calculou que o deputado fosse chegar a tempo.

O cumprimento trocado entre os Promotores Danilo e André, o Delegado Urtizes e o advogado Paulo Nascimento Martins foi protocolar e formal, Zorin que não sabia como portar-se na situação seguiu o mesmo tom do advogado, o escrivão, encarregado de digitar o depoimento de Zorin, limitou-se a balançar a cabeça e permanecer olhando para o monitor do computador, desta feita e face à notoriedade do caso o depoimento não seria colhido por uma mera máquina de escrever.

– Dr. Danilo, quero deixar bem claro que não existe nada que indique a participação de meu cliente em práticas ilegais, o porquê do Delegado Sforza ter praticado os atos que praticou cabe aos doutores apurar, porém os autos foram examinados e a afirmação de que meu cliente envolve-se no roubo de cargas não procede e, sobretudo, não tem qualquer base de sustentação.

– Sabemos disto, Dr. Paulo, é por tal motivo que temos o depoimento de seu cliente em alta conta.

Era a vez de Danilo mostrar-se irônico.

– Vamos começar então, queremos saber exatamente o que aconteceu no dia em que o Delegado Sforza invadiu o pátio de seu depósito.

Foi assim que começou o depoimento de Zorin, este lembrou-se de todos os detalhes da invasão de Sforza, a apreensão da carga, seu encaminhamento ao DP, a negociação feita com a presença de advogados, do pagamento do preço e da entrega do carro. Cuidou de salientar bem que não tinha conhecimento de que a tal carga era roubada, principalmente dele mesmo, o que considerou um absurdo. Zorin era cuidadoso e era facilmente perceptível que o depoimento fora ensaiado até a exaustão, ele praticamente declamava as palavras e tal fato não passou despercebido aos promotores e ao delegado. A tendência de uma testemunha instruída, com depoimento preparado ou decorado, era falar tudo de uma vez, até mesmo pontos importantes que nem sequer haviam lhe sido perguntados. A experiência contudo tornou os promotores e o delegado sensíveis a tais manobras. Deixaram que Zorin falasse tudo o que viesse à cabeça e em seguida passaram a questioná-lo, faziam primeiro uma pergunta sobre a carga, depois sobre a negociação, depois sobre o veículo e em seguida voltavam a perguntar sobre a carga e sobre o veículo e depois sobre a negociação, voltavam ao veículo e assim controlavam o depoimento de Zorin. Quando uma versão é decorada o ideal é que se façam perguntas alternadas para cada trecho do depoimento indo e voltando na versão, como quem decora memoriza uma peça inteira e geralmente (exceto profissionais) perde a noção da seqüência, oito em cada dez testemunhas perdiam credibilidade quando inquiridas, era uma velha técnica de audiência usada por promotores. Zorin porém manteve-se firme, não mudou a seqüência em nada e passou no teste, seu depoimento foi tido como possuidor de credibilidade. Em seguida, a versão de Zorin foi comparada com cada depoimento de Carlinhos Maracanã a fim de verificarem-se discrepâncias. Como Carlinhos chegaria em pouco tempo eventual discrepância entre eles poderia ser tirada na hora, colocando-se um de frente para o outro. O certo é que as versões eram coincidentes exceto em um fato: Zorin negava seu envolvimento no roubo de cargas. Neste caso não se podia fazer a acareação pois, como preceito básico que qualquer estudante mediano de Direito sabe, ninguém pode ser obrigado a auto-acusar-se. O depoimento encerrou-se e foi assinado por Zorin, por seu advogado, pelo delegado, promotores e escrivão, nesta ordem. Foi neste momento que ouviu-se uma certa gritaria e a porta da sala em que se colhe o depoimento, ainda com todos presentes, foi aberta com violência e ali ingressou o Deputado Ulisses Passos Zambioni. Atrás do deputado espocavam flashes de câmeras dos repórteres e não eram poucos os microfones estendidos. Danilo, André e Urtizes ficaram realmente surpresos, pois o ingresso do deputado não foi precedido de nenhum aviso.

– Este é o exemplo da perseguição pessoal movida contra mim através do Delegado Sforza! Depoimentos colhidos secretamente, defesa de interesses escusos, quebra de ética e indução a falsas afirmações, não é Dr. Danilo?

– Equivoca-se deputado, o procedimento é inquisitorial e não necessita de qualquer acompanhamento, mesmo que por ilustre membro do Legislativo Estadual.

– Falta de ética, minha presença havia sido aceita até pelo senhor e agora a mudança, qual o motivo? Ora, justamente porque o intuito era apenas defenestrar a carreira e reputação alheias, fato este com o qual eu não concordaria evidentemente e foi exatamente por causa disto que resolveram esconder o depoimento desta testemunha, com o objetivo de instruí-la, com certeza, este depoimento é imprestável.

– Ao contrário deputado, o depoimento é bom e foi colhido até na presença de um grande advogado constituído pelo próprio depoente.

– Não importa, é mais um envolvido na trama sórdida dos interesses políticos. Exijo que o depoimento seja refeito na minha presença!

– Eu já dispensei a testemunha e não vou refazer nada.

– Má-fé, interesse.

– O senhor não impedirá minha atuação.

– Corrupto!

A discussão assumira proporções inusitadas, deputado e promotor falavam aos gritos e faziam o sonho de todo repórter. Microfones gravavam o tom da discussão, as fotografias não deixavam margem a qualquer outra interpretação e a agressividade entre ambos era patente. Urtizes e André pressentiram que a discussão podia não acabar bem e tentaram intervir, foi neste momento que o deputado acusou o promotor de corrupto e foi neste momento que Danilo perdeu o controle e partiu para cima do deputado. Estavam ambos no corredor que dava acesso à sala de depoimentos onde ainda estavam Zorin e seu advogado, o corredor era estreito e André Lupara e Urtizes estavam ao lado de Danilo, quando a discussão atingiu o auge e Danilo avançou contra o deputado, Urtizes conseguiu se interpor na frente deste e André muito mais alto e corpulento, ficou à frente de Danilo quase ocultando-o, apesar dos flashes a cena não ficou nítida, mas foi perceptivelmente assinalada. O deputado saiu do corredor em seguida e os repórteres o seguiram em mutirão até o hall de entrada do prédio onde novamente Ulisses passou a atacar as apurações do Ministério Público. André empurrou Danilo para dentro do gabinete de Urtizes e tentou acalmá-lo. Os seguranças de Zorin fizeram o que deles se esperava,

perceberam a confusão e como era briga de cachorro grande simplesmente tiraram Zorin dali e o levaram para o carro, o advogado Paulo Nascimento Martins foi quem desta vez não sabia o que fazer e acabou seguindo Zorin, que afinal de contas o pagava, embora sem a proteção de guarda-costas, o que o atrasou e o pôs em dificuldades para chegar ao carro que já partia e teve de parar para esperá-lo.

– André, vamos pedir a prisão temporária de Sforza, temos tudo, o depoimento de Carlinhos, o de Zorin, a relação das cargas e os boletins de ocorrência, tudo combina.

– Calma Danilo, calma.

– Calma? Por quê? Discorda? Não temos tudo o que queríamos?

– Temos e não temos.

– Não temos?

– Não, pense bem, hoje pelas rádios e amanhã pelos jornais a manchete será sua discussão com Sforza, seu pedido será visto claramente como uma vingança pessoal contra ele, exatamente como ele quer. Olha, devemos reconhecer que desta vez ele levou a melhor e precisaremos de alguma coisa a mais que os depoimentos de Zorin e Carlinhos.

– Absurdo, qualquer pessoa com estas provas já teria a prisão decretada.

– Eu sei, mas você eu sabemos que na vida real não é bem assim, nunca foi.

– Vou fazer o pedido, se você não quiser não assine.

– Se você o fizer o juiz corregedor o negará, a esta altura Ulisses já estará fazendo pressão neste sentido, se bobear impetra até um *habeas corpus* preventivo e perderemos de vez, a cautela manda esperar. Não queime a prova agora, temos uma base consistente, poderemos desenvolvê-la.

– Mas André, como ele sabia que estávamos ouvindo Zorin?

– Você quer dizer quem nos traiu? Não saberemos nunca, mas da próxima vez faremos diferente, agora devemos esperar.

A repercussão da discussão entre o deputado e o promotor foi fartamente noticiada, mais até do que merecia e para tanto os bons préstimos de repórteres amigos do deputado foram muito úteis, a situação do promotor porém não foi alterada, foi mantido na investigação mesmo porque era visível que a prova obtida era eficaz, embora perturbada pela intervenção do deputado.

Sforza esbanjava felicidade, voltara a ser procurado por repórteres com boas notícias, neutralizando Zorin conseguia boa vantagem eis que as outras acusações eram muito mais difíceis de obter. Com o depoimento de Zorin colocado como suspeito pelo modo como fora colhido e com a intervenção do deputado estava agora numa situação invejável. Nunca pensara que a pasta “Programa de Governo” fosse tão eficiente.

– Vascão, chama o Dedo, o Tainha e o Castanheira e suba aqui.

Sforza já pensava no desenrolar dos acontecimentos e precisava de certa cautela.

– Muito bem, primeira coisa: não vamos mais atrás de Zorin.

– Não?

– Não, se ele for morto agora alguém pode começar a dar razão para os promotores e o delegado, vamos apenas manter a pressão, talvez algum recado para ele e a família.

– Considere feito chefe.

– Adiem o recolhe de Caveirinha para a semana que vem, estamos ainda vulneráveis, de agora em diante só alguém do nosso grupo vai pessoalmente recolher o dinheiro, nada de gansos. Tainha, quero que fique de olho em Cybele.

– Ela não fará nada chefe.

– Eu sei, a palavra dela não vale nada, mas é bom tomar cuidado.

– Tudo bem.

– De agora em diante também vamos encerrar nossas atividades lucrativas.

– Encerrar?

– Isto, estamos vulneráveis, já falei, não será impossível que algum espertinho arme para gente e tente nos pegar no contrapé, os promotores estão de olho grande e o Urtizes também está espumando pela boca, procurarão qualquer coisa para nos atacar. De qualquer forma as eleições não estão longe e, pasmem, com estas discussões em público o deputado está dando uma de macho e o povão está gostando, a popularidade dele está subindo mais, ainda e é favorito para indicação à eleição.

– Finalmente chefe.

– Finalmente Dedo, de qualquer forma todo mundo safo e em breve recuperaremos o tempo perdido, agora vão e dêem um jeito de manter a pressão sobre Zorin.

Um dia depois das manchetes dos jornais apontarem a discussão entre o promotor e o deputado, Zorin preocupava-se, amaldiçoava o dia em que resolvera vingar-se de Sforza informando o investigador Paulinho das atividades daquele desgraçado, sabia que Paulinho avisaria Urtizes e daí esperava que Sforza estivesse liquidado. Por incrível que pareça Urtizes trocara as mãos pelos pés e conseguira falhar em prender Sforza em flagrante lá na engarrafadora. Tudo virara uma confusão danada e agora estava pressionado, era um arquivo ambulante, uma prova contra aquele desgraçado que não hesitaria em matá-lo cedo ou tarde, sabendo disto procurou aquele advogado vagabundo que cobrara-lhe uma fortuna para orientá-lo e acompanhá-lo e na verdade descobriu que tudo era negócio. Vagabundo, não fez nada, cobrou uma nota e sua situação continuou a mesma. O próprio advogado dissera que com seu depoimento Sforza estaria liquidado e depois nada aconteceu como combinado, o delegado estava livre, o promotor acuado e ele, Zorin, continuava um alvo ambulante. Seria o caso de propor um acordo? O delegado já provaria gostar do dinheiro e não era tudo uma questão de dinheiro? Poderia mandar um intermediário e propor um acordo, mas este acordo duraria até quando? Até Sforza conseguir colocar-se a salvo? Para depois mandar matá-lo? Outro desgraçado era aquele informante maldito, o que falara tudo, porque tinha de falar também sobre os caminhões, miserável, guardava ainda as fotografias dele dirigindo o Mercedes que tanto lhe custara, mandara buscá-lo no Paraguai e agora o guardava a sete chaves. As fotografias também mostravam Sforza no pátio próximo ao carro. Dissera isto para o investigador Paulinho, mas não mostrara as fotos, aquilo ficara guardado como um seguro porque, afinal, ninguém confiava integralmente em ninguém e não seria ele que confiaria sua vida a dois promotores e um delegado, afinal de contas, a vida era sua. Sempre devia haver um seguro como garantia, algo com que negociar se ficasse acuado. Iriam querer mais que seu depoimento? De qualquer forma era melhor contatar o advogado e dar-lhe conhecimento dos fatos. Foi neste momento que Zorin recebeu o primeiro aviso de Sforza, recebeu uma carta sem remetente e nela estava o endereço onde escondera sua família e sobre cada nome uma cruz e uma caveira. Zorin pegou o telefone e ligou para o Dr. Paulo.

Durante a manhã deste dia Danilo e André analisavam o desdobramento das declarações de Ulisses que agora fazia carga total contra a investigação, começaram a estudar cada possibilidade de investigação e contataram os outros promotores que juntamente com os delegados da Corregedoria examinavam cada uma das acusações feitas pelo informante. O telefone tocou, André atendeu, o advogado Paulo pediu uma reunião após o almoço, iria até a Promotoria falar com André e Danilo. Foi recebido sem grande entusiasmo.

– Boa tarde doutores, meu cliente deseja apresentar alguns novos esclarecimentos, de qualquer forma, em *off*, gostaria de contar-lhes que hoje recebeu uma carta sem remetente, o endereço da família foi localizado e na carta cada nome fora assinalado com uma cruz e uma caveira.

– Traga o bilhete, vamos mandá-lo para perícia e instauraremos um inquérito.

– Tudo bem, o problema não é este, Zorin insiste em mostrar fotografias de Carlinhos dirigindo o Mercedes e o carro parado no pátio do DP.

– Isto não prova nada, Carlinhos pode ter recebido o veículo de qualquer um e o Mercedes poderia estar no DP a qualquer título, é só mais um indício e não altera nada profundamente, de qualquer forma mande trazer.

– Eu sei que o valor é duvidoso, mas meu cliente insiste.

– Onde estão as fotos?

– Estão aqui neste envelope, gostaria de um recibo por favor, os negativos encontram-se juntos mas aviso, foram feitas cópias digitalizadas.

O advogado pegou o recibo que queria e saiu do gabinete, Danilo e André examinaram as fotografias, pouco mais de dez, nada provavam que já tivesse sido dito. Na última das fotografias Sforza e Carlinhos conversavam, aparentemente discutiam e ao fundo o Mercedes. Danilo quase caiu da cadeira.

– Olha André, os três, o carro, Carlinhos e Sforza.

– Como?

– É certo que as outras nada provam mas esta, o carro estava parado no DP e Sforza sabia disto porque estava ao lado...

– E daí?

– Veja nas mãos de ambos, no começo das fotografias e depois.

– Não vejo nada.

– Vê sim, olhe o chaveiro, Zorin adorava o Mercedes e usava um chaveiro com o logotipo da marca dourado, parece que em ouro.

– E?

– Nas primeiras fotografias estava na mão de Sforza e nas outras nas mãos de Carlinhos, nas fotos do Paraguai está nas mãos de Carlinhos, eis a prova que Sforza estava na posse do carro e entregou-o a Carlinhos.

– Deixa ver.

– Veja.

– É verdade, chame Carlinhos, ele está depondo na sala ao lado.

Carlinhos foi até o gabinete e recontou a história do Mercedes, foram-lhe mostradas as fotografias e ele ficou perturbado, não sabia que havia sido vítima de alguma arapuca, confirmou integralmente a idéia de Danilo, a chave fora-lhe entregue naquele momento.

– Agora temos base, nem o deputado irá nos parar André.

– É agora ou nunca, vamos pedir a prisão temporária, duas fotos e os depoimentos são provas inegáveis, depois que Sforza estiver preso garanto que outras vítimas virão depor contra ele e as provas começarão a surgir, quebraremos o pacto do medo.

– Dará tempo para hoje?

– Não sei, tentaremos.

Sforza sentia-se seguro de si, mandara o aviso para Zorin que fora escrito e desenhado por um preso, julgava que o poria em pânico. Castanheira deixara de vigiar a Corregedoria, mesmo porque o único depoimento que interessava já fora colhido, agora, pensou, é só correr para o abraço.

XXX – CUIDADOS

Caveirinha ficou sabendo do entrevero entre o promotor e o deputado através dos jornais e do rádio, aliás era praticamente impossível não ficar sabendo mesmo porque era o assunto do dia. O fato não lhe chamou muito a atenção, desconfiou levemente das razões pelas quais o deputado se doía tanto por Sforza, mas a política com certeza era mais cheia de percalços que o crime organizado, onde quem é inimigo é inimigo e ponto final. O único ponto importante nesta confusão toda era o fato de que um eventual afastamento de Sforza implicaria em uma economia providencial do pedágio que lhe era pago semanalmente, pelo menos até agora eis que constatou com surpresa que os contatos do delegado avisaram que o recolhe desta semana seria feito na semana que vem e com certeza isto tinha alguma razão com o que estava acontecendo. Bom, de qualquer forma tinha resoluções mais importantes a tomar. O acerto com Jorge Dias Velho fora confirmado e estava prestes a ingressar no Sistema Penitenciário onde pretendia dominar o PCC, o problema maior era como exerceria o controle sobre o tráfico na favela de tal forma que nenhum de seus tenentes se tornasse ambicioso a ponto de tentar-lhe tomar a lide-

rança. Russo também poderia ficar tentado a oferecer a liderança a algum de seus tenentes e em seguida atacá-lo em duas frentes, dentro, no presídio, e fora, na favela, o controle que deveria ter sobre a favela era absoluto a ponto de desencorajar tentativas deste tipo. Era evidente que em um futuro não muito próximo dois cenários se descortinavam, o primeiro um acordo com Russo, o segundo um conflito entre ambos. Gambá achava que o conflito seria inevitável e um acordo apenas o retardaria e daria tempo para Russo fortalecer-se e atacar dentro e fora do presídio. Era evidente portanto que entrar no presídio envolvia também uma forma de garantir o exercício do poder fora dele. O homem talhado para liderar o tráfico era Nego Zulu, respeitado, temido e fiel até onde se podia confiar. O problema era que Nego Zulu também seria necessário dentro do presídio, Nando demonstrara sua capacidade e a princípio poderia confiar nele, mas seu seguro era sempre Nego Zulu. Nando não desconfiava do modo como fora preso, iludido por Nego Zulu quanto à desistência dos policiais, não era 100% confiável então. Gambá não o acompanharia, precisava dele fora, a dúvida o consumia e era o único empecilho à efetivação do plano. Não poderia também demorar demais, Milton Japonês e Marco Jacaré poderiam ficar tentados a concluir que Caveirinha não seria louco a ponto de ingressar no sistema prisional por sua própria vontade. Após muito pensar decidiu-se, Nego Zulu iria com ele, na pior das hipóteses era melhor perder o tráfico que a vida, usaria Gambá como fiscal e como seguro adicional manteria o contato direto com o fornecedor da droga sem repassá-lo, o que criaria dificuldades extras para um sucessor forçado, diminuiria a frequência do recebimento e aumentaria a carga de cada entrega, isto faria com que a movimentação financeira para pagamento ficasse mais difícil. Assim o fazia pois um sucessor deveria honrar as dívidas com o fornecedor, pena de morte é claro e ninguém é louco de enfrentar os cartéis colombianos, assim seria necessário um capital substancial já no início dos carregamentos pois com certeza ele não cederia os códigos de acessos bancários, nem Nílson Macalé, nem Pedrinho ou Coisa-Ruim tinham noção de como funcionava esta parte, providência que tomara já pensando nisto. Os três desconfiavam de Gambá, este viera do Rio encomendado e já começara por cima, ganhando como eles, a rivalidade parecia evidente e a desconfiança era recíproca, usaria Gambá também para controlá-los e lhe parecia difícil que ambos se aliassem. Quando Caveirinha lhes disse o que estava pronto para fazer os três ficaram admirados com a esperteza do chefe, os lucros cresceriam de forma incrível se desse certo.

– Coisa-Ruim, você tem os maiores pontos e o maior faturamento, ficará com a administração aqui no meu quartel, seus pontos serão divididos com Nílson Macalé e Pedrinho, você agora recebe uma parte do bolo todo.

– É muita consideração com a minha pessoa, não vai ter problema Caveirinha, pode confiar que todo mundo aqui é gente boa. Como faço para entrar em contato com os fornecedores?

– Quem disse que vai entrar em contato com os fornecedores? Eu vou continuar com esta parte e com a movimentação bancária, não preciso estar aqui para isto, depois que inventaram o celular tudo fica mais fácil, para cada problema que houver vocês contatem Gambá ou a mim diretamente.

– E o Nego Zulu?

– Vai comigo de segurança, de agora em diante as entregas também serão feitas apenas uma vez a cada quinze ou vinte dias.

– Nossa, vai ser mais arriscado, se um carregamento se perder, vai ser mais fácil de ser detectado...

– É minha decisão.

– Claro chefe, respeitamos a sua pessoa. Quando será sua saída?

– Saberão, agora voltem para seus pontos, quero saber exatamente de tudo que entrou diariamente a partir de hoje.

Os tenentes não gostaram do fato de eventualmente terem de se reportar a Gambá, isto porém fazia parte do plano, criar atrito controlado entre ambos evitaria que se aliassem, agora que a decisão estava tomada e o esquema montado restava apenas a ação, a próxima ligação seria para Jorge Dias Velho.

Russo também soube do atrito entre o promotor e o deputado e não deu absolutamente nenhuma importância ao fato, eles que se ferrassem. A vinda de Caveirinha demorava e tanto Milton Japonês quanto Marco Jacaré ficavam impacientes e duvidavam que Caveirinha entrasse de bom grado no sistema prisional. Russo contornou a situação e pensava em contatar Caveirinha quando recebeu a mensagem de que seria naquela semana, finalmente pensou. A aliança de Russo e Formigão era sólida, Milton e Marco eram aliados de conveniência, Caveirinha desequilibraria a balança, a questão fundamental era como manobrar de tal forma que Caveirinha destruísse e ambos e ao mesmo tempo se enfraquecesse a ponto de ser destruído na seqüência, ficando apenas Russo e Formigão, este aceitando partilhar o poder como vice. É certo que um ataque a Caveirinha no futuro não poderia restringir-se apenas ao ambiente carcerário, deveria atacá-lo na fonte de seu poder: a favela. Para tanto pensou em utilizar-se de Macaco, desde o episódio da sua recaptura no aparelho onde Russo se escondia, quando foi baleado, Macaco sofrera mudanças visíveis e fora cada vez mais deixado de lado, hoje era um mero soldado. A idéia era reabilitar Macaco e através dele formar um

contato com o pessoal da externa fora do controle do PCC, exclusivo seu, este pessoal teria a missão de verificar até que ponto Caveirinha era sólido na favela e se poderiam contar com alguém de dentro do esquema de Caveirinha para conseguirem imobilizá-lo, em última hipótese poderiam simplesmente “queimar” a favela, ou seja, entregariam todos os pontos e o quartel de Caveirinha para a polícia, Civil ou Militar, e deixariam que a pressão o destruísse, isto contudo era coisa para o futuro e o futuro a Deus pertence.

Outra pessoa que também prestou atenção nas notícias foi Cybele que percebeu de uma forma ou de outra que o promotor estava atrás de Sforza e por tabela de Tainha. Ela tinha muito tempo na estrada para saber quando era hora de pular do barco, quando soube que Carlinhos tornara-se uma testemunha teve medo de que ele retribuísse sua traição, porém das duas uma, ou Carlinhos não se referira a ela por não a considerar importante ou os promotores não acharam que seu depoimento fosse relevante, mesmo que soubesse do envolvimento dos policiais através de Tainha seria meramente uma testemunha secundária e, além do mais, prostituta. Cybele perdeu toda a segurança quando um investigador de polícia entregou-lhe uma intimação para prestar depoimento na Corregedoria da Polícia. Era hora de pular do barco e dar o fora. Voltaria para Brasília, já tinha algum dinheiro e poderia tentar alguma coisa, o negócio da prostituição lá era promissor, muitos homens longe das famílias, festas, só que desta vez ela é que seria a dona do local. Teria porém de deixar Tainha, não que ele lhe desse qualquer prazer, muito pelo contrário, seria até um alívio, porém era uma fonte de renda segura e alta. Sempre estranhava a ingenuidade de quem acreditava nas palavras de uma prostituta, porém quase todos os homens eram ingênuos. Ao final da tarde Cybele, usando uma cédula de identidade falsa com nome de Roberta, embarcava para o Rio Grande do Sul e de lá faria uma ponte para Brasília. Ninguém ia a Brasília sem algum motivo e geralmente nenhum fugitivo ia para lá, era estranho, mas verdadeiro, todo mundo pensava em fugir para o norte/nordeste, mas para Brasília? Nem pensar. Não havia nada lá. Para Cybele todavia poderia ser um local de oportunidade. Jamais seria encontrada lá.

XXXI – COMO VAZA UMA NOTÍCIA

Carlinhos Maracanã ficara ao mesmo tempo surpreso e aliviado com as fotografias, viu ali a derrocada de Sforza e sua libertação, percebeu que quase dera tudo errado e como os meandros da justiça eram

complexos, mesmo com seu depoimento e o de Zorin tudo poderia ter dado errado, era claro que a influência do “Programa de Governo” de Sforza sobre o Deputado Ulisses era devastador e funcionava a contento. Carlinhos era o único que conseguia ver isto. O segredo de ambos era a informação final que poderia barganhar em último caso com os promotores ou diretamente com o deputado. É claro que Carlinhos não era gabaritado para nenhuma função pública, mas uma graninha iria bem, principalmente de um futuro governador, não teria escrúpulos em optar pela chantagem.

Os Promotores Danilo e André e o Delegado Urtizes também não perderam um segundo, o pedido de prisão temporária de Sforza fora instruído com os depoimentos de Zorin, novos depoimentos confirmatórios de Carlinhos e as fotografias. André demonstrará ter razão em não apresentar o pedido da primeira vez, caso tivesse sido indeferido, seria imensamente mais dificultosa, o pedido contudo seria feito pela primeira vez e incluía também os bilhetes de ameaça endereçados à família do comerciante. Uma vez instruído foi levado pessoalmente pelo trio diretamente ao juiz corregedor. Feita a exposição do caso finalmente deferiu-se a prisão temporária do Delegado Sforza e dos investigadores vulgarmente conhecidos como Dedo, Tainha, Castanheira e do escrivão de polícia Vasconcelos, a conduta de todos estava descrita nos depoimentos e as fotografias confirmavam, assim o decidiu o juiz corregedor, determinando-se em seguida a expedição dos mandados de prisão. Urtizes encarregou-se de avisar pessoalmente o delegado-geral e o delegado corregedor-geral, também o procurador-geral da Justiça, líder dos promotores, foi avisado, o Secretário de Segurança idem, a movimentação, como se vê, foi intensa. O cartório que atende ao juiz corregedor possui quase sessenta funcionários, ao contrário do que podia parecer estava com sua capacidade praticamente esgotada face aos inúmeros procedimentos aos quais dava continuidade, o que de resto não era novidade para ninguém. Os funcionários geralmente possuíam um nível superior ao usual e muitas vezes ganhavam uma pequena gratificação. Existiam dentre estes funcionários aqueles de confiança pessoal do juiz corregedor e dentre estes aqueles cuja responsabilidade consistia em, dentre outros serviços, expedir mandados de prisão cuja emissão era feita em caráter sigiloso a fim de evitar-se a evasão do indiciado. A presença dos dois promotores e do delegado no gabinete chamou atenção dos funcionários, assim como também sucessivos telefonemas partindo do gabinete, algumas ligações foram intermediadas pelas funcionárias que faziam as vezes de secretárias e as autoridades contatadas chamavam a atenção pelo número e hierarquia, restava pois evidente para o geral dos funcionários que algo muito grave estava para acontecer, ou seja, em poucos miúdos, que algum figurão seria preso. Quando o pró-

prio diretor do cartório foi chamado para formalizar a expedição do mandado de prisão tornou-se certeza de que fosse quem fosse a ser preso seria pessoa bem relacionada, cujo vazamento da notícia poderia inviabilizar a prisão. E se essa notícia poderia interessar a muita gente, interessaria especialmente aos jornais. Adamastor era um dos funcionários de confiança do cartório, posição a que chegou guindado pelo tempo dedicado ao serviço público, estava já com tempo de se aposentar e contudo continuava no serviço público, considerado um exemplo para todos e não raro servia de conselheiro aos demais, principalmente quando se tratava dos meandros da burocracia do Estado. Adamastor logo recebeu a notícia da presença dos promotores e do delegado, acompanhara o noticiário policial com interesse e não precisou de muito raciocínio para perceber que o assunto envolvia as declarações do tal informante Carlinhos e que provavelmente deveria envolver o delegado que os promotores estavam investigando e que causara a intervenção do deputado; se fosse mesmo a prisão dele o negócio poderia ser interessante para o próprio Adamastor. Foi por tal razão que prontificou-se a levar os formulários de prisão temporária ao gabinete e lá chegando notou o clima quase eufórico dos promotores e do delegado e a formalidade que o juiz corregedor imprimia ao pedido. Ficou poucos momentos mas o suficiente para ouvir a menção ao deputado e bem como ao nome Sforza, era o que precisava, voltou para o cartório e saiu dizendo que ia ao banheiro, desceu um andar e foi até o final do corredor onde havia um telefone público pouco utilizado, vez que aquele andar era destinado ao arquivo de processos velhos. Pôs uma ficha e aguardou.

- Diário da Cidade, boa tarde.
- Ramal 108, por favor.
- Pronto.
- Miguel? É Adamastor, do Fórum Criminal.
- Fala meu, alguma coisa que está valendo a pena?
- Quanto vale um furo dos bons.
- Pela tabela, quinhentos.
- Quero mil.
- Não inflaciona cara, a cota do jornal está baixa, tem pouca gente comprando e você sabe como é.
- Vai dar manchete, quero os mil ou nada feito, acho que é o melhor que já te dei.
- Tudo bem, espero que valha a pena, se for bobagem não vou pagar, estou te avisando.

– Acaba de ser expedido mandado de prisão temporária contra o Delegado Sforza, ao que parece os promotores e o delegado obtiveram fotografias dele entregando um carro para o tal informante, não sei mais do que isto, amanhã se der notícia lhe dou os detalhes.

– Você está falando daquele delegado que o Deputado Ulisses disse que ia ser seu Secretário de Segurança? É uma porrada nele nas vésperas da indicação para a eleição.

– Valeu a grana?

– Cada centavo, vou querer os detalhes.

– Depois eu descubro.

Esta era uma das vantagens de ser funcionário antigo e dedicado, ninguém nunca sabia quem dava com a língua nos dentes, aliás, achava que em pouco tempo, quando a notícia chegasse ao cartório, outros fariam igual, por que não ele que tinha tanto tempo de carreira e ganhava um quase nada? A próxima ligação foi para o Jornal Vespertino, mesmo tom, preço um pouco maior porque o jornal era maior, após três ligações Adamastor já conseguira o equivalente a seu salário de três meses. Falta-va uma última e a maior, talvez mais dois meses de salário, o que totalizaria quase meio ano em meia hora – não estava mal. Adamastor ligou então para o telefone seguro de um advogado, Jorge Dias Velho. O advogado recebeu a notícia sem esboçar absolutamente nenhuma reação e confirmou que no dia seguinte o envelope com dois mil reais estaria na casa de Adamastor. Jorge por sua vez ligou para o celular de quem já considerava seu futuro cliente. Sforza tinha dinheiro e a posição de Jorge sobre ele seria natural, já que demonstraria total controle da situação.

– Sforza.

– Sabe quem está falando?

– Sei.

– Prisão temporária decretada, você e todo time.

– Impossível, os depoimentos ficaram sem credibilidade.

– Fotografias, a casa caiu, se quiser meus préstimos agora terá de pagar.

– Está tudo acertado, nunca houve divergências entre nós.

– Você tem um lugar seguro?

– Sou um profissional, não me ofenda.

– Aguardarei seu contato.

Jorge desligou satisfeito, pensava talvez em comprar uma casa em Portugal onde passaria alguns meses por ano e isto ajudaria bem.

Sforza sentiu o ódio saindo pelo corpo, fotografias? De quem? Quando? Como? Desta vez pior do que ser surpreendido era que estava no escuro, levantou-se, limpou a mesa, pegou a pasta “Programa de Governo” e chamou todos do círculo interno.

– Uma fonte ligou, saiu prisão preventiva para todo mundo.

– Nossa! Estamos fodidos.

– Cala a boca, fodidos nada, o deputado nos apoiará e Jorge Dias Velho já está no circuito, para todos nós.

– Com base em que, chefe? Os depoimentos não tinham perdido a credibilidade?

– Já te disse, estou no escuro, vocês têm aonde ficar? Todos?

– A gente vai ter que se virar.

Os quatro teriam de valer-se de parentes ou amigos, nenhum deles chegara ao nível de Sforza que tinha propriedades em nome de terceiros e pelo menos um sítio em local retirado justamente para eventuais emergências.

– Vou quebrar um pouco o galho de vocês, cada um vai receber um bip para contato, vocês vão para o apartamento do Leléio no Centro e esperem, ali receberão o bip e caso não tenham lugar para ficar por muito tempo avisem, receberão sempre um número para contato. Tenho outro sítio retirado onde não existem vizinhos e está desocupado, o caseiro é analfabeto e já cumpriu pena.

– O Leléio é ponta firme?

– Estava envolvido na nossa até o dia da rebelião, depois medrou, vão e fiquem lá, se medrar de novo quando saírem fechem tudo e lembrem, ele não tem família, irão demorar para achar o corpo, cadáver demora para começar a feder.

Quinze minutos depois os cinco policiais assumiram a condição de fugitivos, uma hora depois as viaturas da Corregedoria da Polícia Civil entraram com estardalhaço no pátio da delegacia, o Delegado Urtizes à frente foi recebido pelo Delegado Adriano Del Tessio, o qual como sempre empenhava-se em investigações de todos os casos da delegacia, a delegada plantonista era a mesma da época do resgate, a Dra. Luciene, o trabalho seguia regularmente e nenhum dos dois sabia do paradeiro de Sforza, Dedo, Tainha, Castanheira ou Vasconcelos, a notícia da prisão vazara cedo demais, eles haviam desaparecido.

- O senhor conseguiu Doutor Urtizes?
- Adriano, você é um dos melhores Delegados que já vi, senão o melhor, não estrague sua carreira protegendo Sforza.
- Não sei por quem me toma, não protejo ninguém, protejo a lei, se a prisão dele está decretada meu empenho será em cumprir o mandado, rigorosamente, mas sem qualquer excesso, o senhor tenha certeza disto.
- Eu tenho, gostaria de trabalhar comigo na seccional? Breve voltarei para lá.
- Acho que meu lugar é aqui, o 222º DP sempre foi muito desprezado e merece dedicação.
- Muito bem, é a primeira vez que vejo um convite destes ser recusado, isto lhe torna a pessoa certa para responsabilidades maiores, lembrarei disto sempre que tiver de indicar alguém.
- Farei bem meu serviço Urtizes, aqui ou em qualquer lugar.

A notícia da decretação da prisão do delegado correu o Estado e obteve manchetes no país inteiro. Cybele em Brasília congratulou-se pela sabedoria e pensava onde Tainha iria esconder-se, toda a alta hierarquia da Segurança Pública foi entrevistada, grandes advogados que não sabiam absolutamente nada sobre o que ocorria começavam a dar opiniões e como de costume disputavam espaço na mídia, nos meios políticos era aguardada com ansiedade a reação do Deputado Ulisses Passos Zambioni, o qual, contrariando seu estilo de bateu levou, enclausurou-se em sua mansão no Morumbi. Alguns diziam que sua carreira sofrera um golpe fatal e que seu futuro político estava comprometido, caso tudo se confirmasse sua indicação à sucessão estadual estava prejudicada, contudo ouvia-se apenas o silêncio. Sforza não foi achado, muito menos o escrivão e os investigadores, todos haviam desaparecido e, desta vez, estavam na defensiva.

XXXII – MORTE

Após a expedição do mandado de prisão contra o delegado, o escrivão e os investigadores, o assunto Sforza foi um pouco esquecido pela imprensa, como aliás o são todas as notícias referentes a grandes crimes. O trabalho na Corregedoria da Polícia Civil porém continuou intensa, cada informação dada por Carlinhos dava início a um inquérito presidido por um delegado e acompanhado por um promotor, a Danilo e André

cabia, além do caso de Zorin, verificar se ninguém do grupo estava batendo cabeça procurando uma mesma prova, ademais, era necessário cruzar informações a fim de verificar se não existiam possíveis contradições, o que era plenamente previsível face aos inúmeros casos relatados. Contudo nenhum dos policiais foi localizado e a frenética busca inicial esmaeceu.

– Como estamos André?

– Muitos casos promissores, um que me convenceu foi o do tal Vanderlan, ele afirma que foi torturado e teve de pagar um resgate para sair do 222º DP; o próprio Sforza esteve falando com ele mas, a bem da verdade, ao que parece a tortura foi feita somente pelos investigadores e pelo escrivão, de qualquer forma é um depoimento seguro, mas...

– Mas?

– Bom ele já foi julgado por homicídio e absolvido, legítima defesa, me parece que matou um vizinho que morava em frente, um tal João da Silva, discutiram por causa de barulho eu acho, o vizinho foi atrás dele com uma faca e na briga acabou morrendo.

– Tem alguma testemunha de apoio?

– Bom, a mãe confirma a extorsão e o pagamento, que teria sido feito a um advogado de nome Rafael, junto com ela estava uma vizinha que tinha também uma relação de parentesco longínquo e também confirmou a versão. Indicou outros parceiros que passaram pela mesma situação.

– E o tal advogado?

– Morto, homicídio, autoria desconhecida.

– Sforza não deixa pontas mesmo, eu também tenho novidades. Carlinhos reitera sempre que Sforza cobrava altas quantias de pedágio de um traficante conhecido por Caveirinha, pedi informações no serviço reservado da Polícia Militar e o apelido é conhecido como o grande traficante da região, porém temos apenas o apelido e nada mais. A informação então tem certa procedência, falei com o DENARC e eles me disseram que a região do 222º DP não é problemática, sempre que os investigadores dão as caras por lá não acham nada, embora já tenham reclamado que sempre antes de alguma equipe chegar ao local uma viatura do 222º DP passa pelo local e todo mundo some.

– O que vai ao encontro à informação de Carlinhos, é típico, uma viatura passa como se fosse fazer uma ronda e o aviso de que o DENARC está chegando é dado.

– Eu sei, é uma ponta que não podemos atar, deixaremos este caso em *stand-by*. E a Receita Federal?

– Você sabe, eles são sempre muito lentos para fornecer qualquer informação, parece que só ficam com fogo no rabo quando é CPI, não mandaram resposta ainda.

– Ou seja, caminhamos bem, o problema de esquemas como este de Sforza é que quando caem trazem tudo de uma vez, tudo o que ficou represado começa a voltar contra eles.

– Acho que estamos indo bem, o problema é achar o homem.

– Acharemos, tenho outra novidade ainda, o advogado dele é o Jorge Dias Velho, já se habilitou no procedimento da prisão temporária.

– É mesmo? Este cara é osso duro de roer.

– Veremos.

Enquanto os promotores se organizavam e atacavam em todas as frentes Sforza escondia-se no sítio que comprara em nome de terceiros e cuja destinação inicial seria o depósito de carros ou cargas roubadas, era perfeito, um lugar isolado, uma única via de acesso, sem empregados fixos, ninguém o conhecia pelo nome ou função, estava deixando crescer a barba e também cortara o cabelo bem rente, agora usava óculos e estas alterações já bastavam para enganar um desavisado. Era comum que os presos, especialmente acusados de roubo, raspassem a cabeça careca para as audiências de instrução, alguns deixavam crescer barba também e a idéia será sempre a mesma: confundir a vítima a fim de que quando fosse feito o reconhecimento esta tivesse dúvida e, havendo dúvida, a decisão era sempre favorável à defesa. Sforza usou do mesmo truque, porém não fora tão radical, não estava sendo submetido a reconhecimento, apenas queria confundir alguém que porventura visse seu retrato na televisão e para tanto as modificações que fizera já bastavam. O sítio tinha piscina e sauna, TV a cabo, bilhar, podia passar muito tempo ali. Contudo seu recolhimento apenas se destinava a melhorar seu posicionamento, esperando a onda passar e o assunto perder força na imprensa. Avisara o Deputado Ulisses para manter-se calado e ele assim o fizera. Bom menino. Os problemas de Sforza resumiam-se a duas frentes, a primeira incluía Vasconcelos, Dedo, Tainha e Castanheira, todos eram possíveis delatores e não conseguiriam manter-se escondidos por muito tempo, especialmente Tainha o qual, a esta altura, já deveria ter sabido que Cybele desaparecera e estava furioso. Não sabia o que esperar de Dedo, este era especialmente perigoso porque não tinha nenhuma paixão, vivia modestamente mesmo com a quantia em dinheiro que recebia, o perigo que ele representava estava porém no fato de ser o único de seus policiais que tivera conhecimento e participação do “Programa de Governo”, era o traidor mor. Todos deviam morrer, seria mais do que conveniente, em 90% dos casos Sforza não se envolvia diretamente nas

extorsões, os investigadores eram sempre visíveis e o escrivão também, ele porém costumava ficar no gabinete. Apenas no início participava diretamente, até que eles “pegassem o jeito”, depois andavam sozinhos. Eles deviam morrer e já decidira o modo como realizaria seu intento indiretamente. A segunda frente a ser enfrentada eram as provas que estavam sendo coletadas pelos promotores, o cabeça era Danilo e André seu braço direito. Danilo devia ser desacreditado e toda sua atividade colocada sob suspeita, se conseguisse fazer isto teria ótimas chances de livrar-se da acusação a qual, aliás, é possível que jamais fosse feita. Discutiu a questão com Jorge Dias Velho e ele concordou que a morte dos investigadores e do escrivão seriam mais do que convenientes, mesmo porque mortos não se defendem e seria muito fácil jogar a culpa só sobre eles já que a participação deles era direta e a de Sforza não. A questão era como desacreditar Danilo e deixar toda sua atividade sob suspeita. Na verdade seria plenamente possível, porém teria de queimar para sempre o “Programa de Governo”, afinal de contas o que lhe aconteceria seria provavelmente uma remoção para outro Distrito Policial ou algum outro Departamento, cedo ou tarde voltaria para as ruas. A primeira coisa que faria então era cuidar do primeiro aspecto, foi até o telefone e ligou para o celular frio de Vasconcelos.

– Vasconcelos?

– Sim doutor, estamos aqui no apartamento do Leléio e está tudo na boa.

– Ótimo, de qualquer forma quero que façam o seguinte....

No apartamento de Leléio, Dedo, Tainha, Castanheira e o próprio Vasconcelos começavam a lamentar-se da situação onde se haviam envolvido, Tainha lembrou que há pouco tempo ele e Dedo caçavam Carlinhos em situação parecida, Castanheira então cada vez mostrava-se mais deprimido, o único que nada demonstrava era Dedo, todos olhavam para Vasconcelos que aparentemente recebia instruções complexas de Sforza e depois voltou-se para os demais!

– Bom, o chefe quer que todos nós fiquemos com ele no sítio.

– Finalmente uma notícia boa.

– Calma Tainha, não é assim, pelo que entendi o último recolhe que deveríamos receber do Caveirinha tinha sido adiado, o chefe quer o recolhe, inteiro, devemos ir até a favela no ponto de encontro de costume e receber a grana.

– Impossível, o Caveirinha não iria entregar o dinheiro de mão beijada, sabe que estamos perdidos.

– Nem tanto, o chefe confirmou ter feito um acerto, será o último recolhe e se Caveirinha não pagar toda a rede dele será denunciada para a CPI do Crime Organizado na Assembléia Legislativa.

– De certa forma o chefe tem razão, se tem uma coisa que mete medo em quadrilha é esta CPI, caiu lá está frito.

– O Castanheira tem razão, o Caveirinha vai pagar.

– Muito bem, vocês irão até lá no carro de Leléio, pegarão o dinheiro e irão até o sítio.

– Nós? E você?

– Eu vou direto para o sítio, o chefe quer ajuda, disse que vai nos tirar desta, só que precisa de alguma ajuda, a propósito, o recolhe será à noite, zero hora.

– Zero hora? Dia de semana? Não vai ter ninguém por lá.

– Isto mesmo, vocês poderão circular facilmente.

– E o Leléio? O que vamos contar para ele?

– Nada, o chefe foi claro, não quer pontas, o corpo do Leléio vai ficar aqui mesmo, ele mora sozinho e até o cadáver começar a feder vai demorar, nesta altura já estaremos longe.

Enquanto os policiais felicitavam-se pela saída do apartamento e ficavam na expectativa das diretivas do delegado, Caveirinha recebia surpreso a notícia de que Sforza insistia no recebimento do recolhe, mais ainda, dizia que seus homens estariam no ponto de encontro por volta da meia-noite e com uma arrogância que irritou profundamente o traficante, exigiu a entrega totalmente em dólares. Caveirinha chamou Gambá e suspeitaram de alguma armadilha, talvez Sforza quisesse refazer o nome em cima dele, de qualquer forma não conseguiria. Nego Zulu foi então chamado e recebeu as diretrizes para entregar o recolhe de modo especial na mesma noite, o matador não escondeu a alegria que sentia.

Por volta das onze horas os quatro policiais saíram do apartamento de Leléio, o corpo do carcereiro ficara no banheiro onde o cheiro ainda demoraria mais para chamar a atenção. Dedo insistira para levarem o máximo de armamento possível e fora atendido plenamente. Tainha levava uma escopeta, duas pistolas automáticas 9mm e duas granadas antipessoal, sua paixão; Dedo levava uma pequena submetralhadora UZI e duas pistolas cal. 45; Castanheira uma escopeta e duas pistolas semi-automáticas cal. 380, estas porém com miras laser acopladas, o que foi objeto de gozação dos demais; Vasconcelos usava apenas duas pistolas semi-automáticas iguais às utilizadas por Tainha e nada mais, usa-

ria o carro com que vieram ao apartamento e iria direto para o sítio, todos se encontrariam lá. Havia também três rádios HT, dois ficaram com Vasconcelos e um com Castanheira que seria o encarregado de mantê-lo ciente do que acontecia. Dividiram-se e foram cada qual para seu destino.

Dedo, Tainha e Castanheira aproximaram-se da favela dominada por Caveirinha e estacionaram o carro do outro lado da rua onde os barracos terminavam, os três desceram do carro e começaram a entrar no caminho inicial de palafitas, para este tipo de penetração os policiais não ficavam juntos, muito pelo contrário, por estarem em terreno provavelmente hostil, ou no mínimo desconhecido, distanciavam-se entre si cerca de dez ou quinze metros variáveis e usavam uma formação em triângulo, de forma que cada um tivesse os outros dois sob seu ângulo de visão. A razão deste tipo de procedimento policial é simples, se o grupo permanece junto pode ser rendido por um número menor ou até por um oponente solitário que facilmente colocaria todos sob seu campo de visão. Quando se adota este tipo de posicionamento fica improvável que um ou dois oponentes consigam imobilizar os três, mesmo porque ficariam sob a visão do terceiro na sobra. Se um for rendido estará sob a visão dos outros dois que teriam (em tese) tempo de reagir seja de que maneira fosse. O importante em tais casos é que um sempre deve manter os outros dois em seu campo de visão possível para uma reação provável. Foi assim que procederam ao descerem do veículo, Dedo ia à frente com as pistolas, Tainha mais atrás à sua esquerda e Castanheira um pouco mais atrás de Tainha à direita de Dedo. Avançavam irregularmente, ora um aproximava-se mais do outro, ora não. Foi assim que Dedo chegou primeiro ao bar onde se fazia o recolhe. Para espanto dos três policiais o bar estava com as portas fechadas, ao lado havia pelo menos quatro mulheres e um homem, um pai-de-santo, com os trajes brancos, velas acesas, garrafas jogadas no chão, um típico trabalho de umbanda. O pai-de-santo, com olhos enormes e saltados que pareciam pertencer a um viciado em estado terminal. Próximo havia várias crianças, a maior com treze anos prováveis e ninguém pareceu dar maior importância à chegada dos policiais. Os policiais aproximaram-se da trupe e Tainha ficou ao lado de Dedo, embora um pouco distante com Castanheira atrás de ambos. Permaneceram um pouco indecisos sobre o que fazer até que um dos menores, provavelmente o mais velho que aparentava treze anos, aproximou-se de Dedo e falou rapidamente.

– Vocês estão atrás da turma do bar?

– E você sabe onde eles estão?

– Hoje é dia de despacho e o bar fecha nesta hora, eles estão mais para dentro, uns quatro quarteirões em frente, não tem como errar.

Dedo lançou um olhar para Tainha que ouvira tudo, este deu de ombros e então retomaram a marcha e o posicionamento em direção ao centro da favela, só que agora não tinham mais o cuidado de ocultar as armas que carregavam abertamente na cintura, só Tainha mantinha as granadas coladas às costas. O barulho do trabalho continuava mais forte e agora contava com o acompanhamento dos atabaques que cadenciavam o ritmo velozmente. Os policiais foram em frente. Logo perceberam que o intervalo entre os barracos diminuía e se antes eram colados uns nos outros agora havia certo espaço e mais à frente até era perceptível um terreno baldio, algo proposital em se tratando de uma favela densamente povoada como era o reino de Caveirinha. Dedo não gostou e decidiu que se não encontrassem ninguém até lá voltariam antes de passarem de frente ao terreno baldio. Não precisou. Sentado em um caixote de madeira dois soldados do tráfico, sem portarem armas pesadas, ao menos aparentemente, e com o costureiro pacote de papel no chão, sob os pés, os dois estavam aparentemente drogados, um deles apresentava tremores típicos dos usuários constantes do crack, mas nenhum deles nunca tinha sido visto antes por Dedo e Tainha. Desta feita foi Tainha que dando uma amostra de ansiedade aproximou-se e dirigiu-se diretamente aos dois soldados.

– Vocês estão com o recolhe? Não vamos demorar com isto, estão esperando o que?

O soldado que não tremia pegou o pacote do chão e entregou a Tainha sem sequer levantar-se completamente. Tainha agarrou o pacote, significativamente grande e examinou o conteúdo, dinheiro em notas de cem e alguns dólares, o de sempre, aliviou-se pois se houvesse alguma cilada dificilmente usariam dinheiro verdadeiro. Dedo não conteve a curiosidade e aproximou-se de Tainha para ver o conteúdo do pacote e, neste instante, ambos foram rendidos não pelos dois soldados que continuavam sentados, mas por outros quatro que emergiram dos espaços entre os barracos e de um salto vieram por trás e encostaram as armas nas cabeças dos policiais. Castanheira que seria o encarregado de fazer a segurança dos dois, que estavam sob seu ângulo de visão, também foi rendido por outro homem do tráfico, um negrão enorme, fortíssimo, Nego Zulu que facilmente o desarmou tirando uma pistola da mão e outra que o policial usava na cintura. O gesto foi seguido pelos outros soldados, cada um desarmou um policial e as armas subtraídas eram colocadas na cintura dos soldados do tráfico. Só Tainha conseguiu ainda manter as duas granadas que trazia às costas bem acima da cintura e portanto não foram notadas pelos soldados do tráfico, que não tinham qualquer experiência de revista ou formação policial, surpreendentemente foi Dedo quem primeiro falou.

- Eu te conheço Negão, foi você que fez o resgate lá no 222º DP.
- Só de lá tira? Não lembra de mais nada não? E quando vocês foram no escritório do advogado bacana? Será que tu é tão besta?
- O gari, você era o gari também.
- Isto aí, até que nem todo cana é estúpido.
- Não tenho medo de você Negão, você é grande mas não é macho.
- Está escrito que a gente ia se cruzar cara, eu também nunca fui com a tua cara, a mãe de santo jogou os búzios e me falou, de nós dois só vai sobrar um e não precisa me provocar, vai ser no braço, eu até já sonhei com isto.
- Teu sonho vai ser pesadelo.

Nego Zulu sacou das duas pistolas que carregava e jogou-as perto do caixote onde os dois soldados continuavam sentados praticamente paralisados, os demais soldados aproximaram-se de Tainha e Castanheira ficando quase lado a lado, dois tomavam conta de Tainha e dois de Castanheira, as armas dos policiais eram levadas à cintura dos soldados, em seguida os soldados puxaram um pouco os policiais para trás e deram espaço para Dedo e Nego Zulu, ao mesmo tempo em que um deles murmurava para os demais.

- Hoje vai ter morte bonita, é coisa boa de se ver.

Nego Zulu e Dedo encararam-se, é fato que certas pessoas quando se conhecem às vezes percebem certa antipatia, outros aversão, ambos, contudo, pareciam odiar-se como se tivessem todos os motivos do mundo. Nego Zulu começou a gingar e fez uma finta chutando alto o rosto de Dedo, este ao contrário do usual não defendeu-se, andou para frente e chutou o pé de apoio e Nego Zulu caiu no chão ruidosamente.

- Vai morrer doído.

Novamente Nego Zulu avançou mas não chutou, jogou-se sobre Dedo que ainda teve tempo de atingi-lo com um bom *upper* de direita, o peso de Nego Zulu contudo era grande e a inércia fez com que os dois tombassem ao chão. Os soldados ficaram fascinados com a luta, a fama de Nego Zulu na capoeira corria solto e ele sempre treinava com alguns soldados em quem batia sem nunca ter levado desvantagem. Era a primeira vez que os quatro soldados que rendiam Tainha e Castanheira viam o chefe lutando para valer e ficaram absortos na luta. Já Tainha não tinha nenhum interesse na luta, sabia que estava praticamente morto e somente pensava em recuperar alguma vantagem e sair vivo, percebeu então a distração dos soldados que estavam a seu lado, suas pistolas cal.

45 engatilhadas na cintura do homem do tráfico sem o menor cuidado. É sempre bom ressaltar que os soldados do tráfico não têm qualquer treinamento, muito menos noção de disparo ou estudo das armas que utilizam, superam esta carência, é claro, com crueldade e com uma atitude violenta. Por isto ficaram absortos na luta, para os quatro soldados tudo já acabara e a luta de Nego Zulu e Dedo era mera diversão, erro que lhes custou caro, porque relaxaram e pelo menos o que estava ao lado de Tainha abaixou levemente a arma. Foi então que Tainha aproveitou-se da situação e simplesmente aproximou-se mais do soldado e utilizando-se de seu volume corporal maior deslocou a arma que estivera apontada contra ele, colocou a mão na cintura do soldado e puxou o gatilho, a pistola disparou e atingiu o soldado na púbis, com o mesmo movimento Tainha sacou a arma da cintura do soldado e usando o corpo deste como escudo disparou um outro tiro contra o outro soldado que estava a seu lado, o impacto do cal. 45 praticamente à queima-roupa, é violento e jogou o soldado no chão, quando caiu com o peito ensangüentado já estava morto. Como a ação de Tainha fora rápida, os outros soldados que estavam junto de Castanheira só tiveram tempo de reação quando o segundo companheiro já tombava e ao contrário de reagirem contra Tainha dispararam contra Castanheira, um tiro na nuca fez o policial rodopiar e ficar de frente para seus algozes que descarregaram nele o medo e a frustração que sentiram naquele momento, levou mais de vinte tiros e ao receber o último impacto já estava morto. Nego Zulu e Dedo atracavam-se quando ouviram os dois primeiros tiros, Nego Zulu viu um de seus homens morto no chão e outro que ferido não parava de gritar e gemer. Pensou imediatamente e por equívoco que os policiais estivessem acompanhados por outros e que a segurança falhara, soltou Dedo e rolou no chão entrando num beco entre os barracos, viu então enquanto Castanheira era fuzilado e quando voltou os olhos para Dedo este já corria voltando pelo mesmo caminho que chegara. Tainha também viu a morte de Castanheira, porém já corria antes de ver o companheiro tombar, a posição em que estava não lhe permitia voltar pelo mesmo caminho, mas entrou pela primeira viela que viu e passou a correr como nunca, afinal de contas, era sua vida. Nego Zulu urrou de ódio e se pôs a gritar, imediatamente outros soldados do tráfico correram ao local, alguns já estavam se dirigindo até lá por terem ouvido os tiros e no centro do poder no interior da favela, isto só podia significar um ataque de rivais ou alguma divergência no tráfico, mais provável este último e então seria divertido verem os contendores matando-se. De qualquer forma em pouco tempo o grupo já corria ao comando de Nego Zulu.

– É pra matar! Não güenta eles não.

Nego Zulu não teve dúvida e enveredou pelo mesmo caminho de Dedo, o prazer de matá-lo não seria de outro senão seu. Antes olhou para os dois soldados que continuavam sentados nos caixotes, lívidos, na

verdade não eram soldados, eram viciados mesmo que Nego Zulu utilizara pois temia que os policiais depois que levassem a grana pela última vez resolvessem deixar uma marca matando os entregadores.

– Vocês sumam.

Foi obedecido.

Tainha corria sem pensar sequer em respirar, tinha boa forma física e contava com alguma vantagem na corrida, mesmo assim ouvia os gritos de “pega” atrás de si, ouviu o sibilar de uma bala próxima à sua cabeça, em seguida outras, os idiotas, pensou, em vez de mirarem no corpo miravam na cabeça e erravam os tiros. Contudo sentiu que os perseguidores aproximavam-se, não pensou duas vezes e diminuindo um pouco a corrida levou a mão às costas e tirou uma das granadas, sabia que estas um dia seriam a salvação de sua vida. Guardara as granadas para uma ocasião onde estivesse acuado e cercado e a cautela iria salvar-lhe, tirou o pino e deixou-a cair atrás de si. Os soldados do tráfico não perceberam o movimento do policial, aliás, estavam como sempre, seguros de si, sabedores que em seu território a cidade era uma cidade sem lei. Três aproximaram-se de Tainha e puderam mirar com mais tranquilidade quando a granada antipessoal explodiu, além do estrondo, os fragmentos de metal atingiram os homens do tráfico e penetraram nos corpos como balas de uma metralhadora, o primeiro morreu na hora e os outros dois ficaram mortalmente feridos com os estilhaços espalhados pelo corpo. Tainha ganhou mais distância e o outro grupo de perseguidores, mais três, não se mostraram tão velozes na perseguição. O policial todavia não conhecia a favela e tomara um caminho diferente do que o usado quando viera, as vielas o confundiam e fizeram sua corrida mais longa, o fôlego começou a falhar e os homens do tráfico novamente aproximaram-se.

A situação de Dedo era também no mínimo desconfortável, para dizer a verdade era desesperadora, estava desarmado, porém tomara o caminho mais curto para a saída da favela e contava com uma vantagem maior na perseguição, por sua constituição física era bem mais veloz que a maioria e suas passadas largas davam-lhe evidente vantagem. Todavia não tinha como retardar a perseguição e contra si tinha além dos perseguidores o próprio Nego Zulu, que era movido também pelo ódio. Ele era porém mais pesado e corria menos. Sua única chance era uma arrancada veloz até o final da favela e assim o fez, venceu os dois primeiros quarteirões antes que começasse ouvir o zumbido das balas que eram atiradas contra si, ouviu então que os atabaques do trabalho de umbanda continuavam em ritmo acelerado e pensou que passando por meio deles teria menos chance de ser baleado pois haveria mais gente ao redor. Redobrou os esforços e imprimiu um último *sprint* para passar pelo meio das mãos-de-santo. Naquele momento o pai-de-santo com olhos esbugalhados estava

sentado em uma espécie de cadeira enfeitada, um trono, e as mulheres dançavam ao seu redor. Dedo pôde ver quarteirões abaixo o final da favela e a rua onde o carro de Leléu estava estacionado, lá haveria pelo menos uma escopeta de sobra e com ela poderia garantir sua escapada. Empurrou as mãos-de-santo e passou pelo meio da roda, só via a rua asfaltada ao final da favela e começou a sentir o gosto da fuga bem sucedida. Subitamente porém sentiu uma dor lancinante nas costas, na altura dos rins, o suor pelo corpo pareceu molhá-lo. Dedo virou-se e viu que estava sangrando, outra dor no abdome e sentiu que a morte o chamava, o pai-de-santo com um estilete na mão desferiu um terceiro golpe e Dedo sequer tentou apará-lo, estava imobilizado pela visão de sua própria morte e o golpe no peito foi certo, atingindo-lhe o coração em cheio. Dedo era magro e a ponta do estilete saiu pela costas. Caiu no chão, agonizou um pouco e morreu. O corpo permanecia no meio da roda das mãos-de-santo, os atabaques não pararam um momento sequer, só a dança parou. Foi Nego Zulu o primeiro a chegar, os atabaques pararam e ao ver o corpo de Dedo ensangüentado no chão sentiu-se frustrado.

– Que pena, eu queria este cara.

– Desculpa Nego Zulu, mas fica aqui um presente do PCC para você.

– Você é bom no estilete hein Zoião? Depois que saiu da carceragem do 222º DP parece que andou praticando.

– O que você mais aprende na Casa de Detenção é usar o estilete, de qualquer forma agradeço a acolhida que vocês estão me dando desde o resgate, aqui pelo menos posso fazer meus trabalhos com mais tranquilidade, posso continuar com o trabalho?

– À vontade, gente do PCC aqui é tudo irmão.

Zoião, um dos homens de Russo no PCC, justamente àquele resgatado no 222º DP, voltou-se para as mãos-de-santo e fez um sinal, os atabaques voltaram a tocar e a dança recomeçou, Zoião voltou para a cadeira e colheu numa taça o sangue que escorria do corpo de Dedo, levantou-se e à vista de todos tomou a bebida. As mãos-de-santo gritaram mais alto e rodopiaram na frente de Zoião, quando uma chegava próximo ele colhia mais um pouco de sangue e dava-lhe para beber, o ritmo então acelerava-se.

Tainha não sabia de nada, estava com vantagem e via que entre ele e o final da favela restava apenas um quarteirão. O problema era que não havia acesso, apenas uma fileira de barracos com portas fechadas e colados uns nos outros, ouviu as balas novamente assobiando pela cabeça e percebeu que estava prestes a ser acuado, não teve dúvida, sacou da segunda e última granada e tomou a única alternativa que tinha, parou, disparou seu igualmente último tiro na porta de um barraco escolhido ao

acaso e entrou, tirou o pino da granada e deixou na porta do barraco, do lado de fora, olhou para dentro e viu dois homens horrorizados com a invasão, não eram gente do tráfico, aliás, dentro da favela gente do tráfico mesmo era pouca, a maioria eram trabalhadores de baixa renda que não tinham alternativa nenhuma senão viver ali. Tainha contudo tomou impulso, correu e jogou-se com toda força contra janela do barraco que dava para o lado externo da favela, a janela rompeu-se e Tainha sofreu vários cortes com os vidros, os perseguidores já começavam a entrar no barraco quando a granada explodiu matando mais dois e ferindo gravemente outro, os homens do barraco também foram feridos, mas a maior parte dos estilhaços atingiu o lado externo do barraco. Viveriam.

Quanto Tainha caiu no chão a explosão acabava de acontecer, ele levantou-se atordoado e não acreditava que conseguira escapar da favela de Caveirinha com todo o bando de traficantes atrás dele; olhou para os lados e viu uma viatura da polícia civil estacionada, correu até o carro preto e branco e no meio do caminho parou, viu uma figura que lhe era familiar.

– Doutor? O senhor aqui? Olha estou cansado de fugir e não tenho para aonde ir eu posso fazer o que o senhor quiser eu...

Tainha surpreendeu-se com o gesto de seu interlocutor que, imperceptivelmente, sacara de uma arma e desfechou um tiro bem no meio do peito, à queima-roupa, era uma pistola 9mm com silenciador, o barulho foi seco. Tainha foi jogado para trás e caiu ensanguentado no chão ainda antes de morrer balbuciou apenas.

– Mas.....

A figura conhecida não lhe deu tempo de falar, aproximou-se, mirou na cabeça, viu o olhar aterrorizado de Tainha e deu-lhe um único tiro na cabeça, morte instantânea. Olhou para os lados, voltou para a viatura e saiu do local silenciosamente, saiu das proximidades da favela e ganhou a via de trânsito rápido até que ouviu o barulho crepitante do rádio informando tiroteio e mortes na Favela do Buraco Negro, parecia que havia policiais envolvidos. Ligou a sirene e o giroflex da viatura, fez o contorno e voltou para o local de onde acabava de vir, como se ali nunca tivesse estado.

XXXIII – JOGO DE ESPERA

Os jornais do dia seguinte, pelo menos aqueles mais dedicados à cobertura policial, trouxeram em manchete a morte dos policiais na fave-

la do Buraco Negro, a sensação era a fotografia de Dedo estirado no chão ao lado de restos de champanhe, velas, alimentos e, sobretudo uma caveira humana que constatou-se ser verdadeira. O corpo de Castanheira fora jogado para fora da favela perto do carro de Lelé e Tainha morrera já no asfalto, o corpo ali ficara e fora o primeiro a ser encontrado. As manchetes eram as mais criativas possíveis e quase todas faziam menção ao fato de Dedo ter sido morto ao que parece ao lado de algum culto umbandista. Os corpos ficaram na área periférica da favela (Dedo fora morto quando faltava apenas um quarteirão) e a polícia, no caso específico a Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa, não viu nem necessidade e nem utilidade em penetrar no interior para fazer qualquer tipo de pesquisa, como de praxe em casos semelhantes, os primeiros a chegar foram policiais militares que faziam a ronda local e ali foram acionados, via COPOM, o famoso telefone 190, acionado por moradores próximos à favela, ao contrário do Rio de Janeiro, os tiroteios deste tipo não eram de ocorrência cotidiana e assustaram os moradores próximos. Também ao contrário do Rio de Janeiro a polícia tinha acesso a toda a favela, não sem certa reserva é claro, mas sem que em cada entrada houvesse a necessidade de se montar uma operação de envergadura maior. Os policiais militares chegaram e se depararam com o corpo de Tainha estendido na via pública, não precisaram sequer se aproximar muito para perceberem que estava morto, o disparo de 9mm no rosto, à curta distância, fizera um rombo perto dos olhos e tinha um orifício de saída que consistia em quase toda nunca, a massa encefálica ficara espalhada pelo chão. Espantosamente o peito e o resto do corpo estavam intactos, tendo vazado pouco material orgânico do orifício causado pelo primeiro disparo. Os policiais procuraram nos bolsos e encontraram a carteira funcional de investigador de polícia, contataram o COPOM via rádio e confirmaram que de fato era verdadeira e havia mandado de prisão temporária expedido contra este policial. Neste momento os moradores da vizinhança começaram a indicar o local onde havia outro corpo, este mais maltratado com tiros na cabeça, tórax e pernas, a identidade estava suja de sangue mas os policiais usaram luvas cirúrgicas e confirmaram tratar-se do investigador Castanheira. Como a ocorrência subitamente estava adquirindo contornos maiores que o esperado o Policial Militar acionou a RO, Ronda Operacional, ou seja, o oficial de maior graduação, responsável por toda uma área e este ao ser informado do tamanho da encrenca que os policiais estavam prestes a descobrir foi imediatamente para o local e desviou boa parte das viaturas em ronda ostensiva para ali convergirem, tomou em seguida a cautela de avisar o CEPOL, a Central de Comunicações da Polícia Civil, esta por sua vez acionou a Delegacia de Homicídios e o Delegado de Plantão da especializada para lá se dirigiu em caráter de urgência. O delegado atualmente responsável pelo 222ª DP, área do crime, era o Delegado Adriano Del Tessio, muito respeitado pelos colegas da polícia civil e também pelos policiais milita-

res, a quem sempre tratou com extrema cortesia, ao contrário de muitos outros delegados, e com os quais também mantinha um bom grau de entrosamento. Decidiram chamá-lo e constataram que ele já havia sido acionado e estava indo em direção ao local. A delegada responsável pelo plantão no momento era a Delegada Luciene, a mesma que fora rendida durante o resgate dos homens do PCC, a qual já preparou-se para as providências de praxe e teve a idéia de ligar para o Delegado Urtizes, afinal, Urtizes era o responsável pelo inquérito que resultou na decretação da prisão temporária dos policiais. Ou seja, em pouco tempo a notícia já corria em todos os setores policiais, os repórteres dos jornais acompanhavam a frequência da rádio policial e como moscas as viaturas de reportagens chegaram ao local. O Delegado da Homicídios foi contudo a primeira autoridade civil a chegar, junto com o corpo de Tainha e Castanheira, que estavam intactos e tal como foram encontrados, haviam pelo menos duas dezenas de policiais militares com metralhadoras, escopetas e revólveres de grosso calibre em punho, todos excitadíssimos e especulando sobre qual teria sido o motivo do crime. O Delegado José Ernesto aproximou-se do oficial comandante da região, o Capitão Romão Filho, a quem conhecia de vista. Ambos eram profissionais e a troca de cumprimentos foi rápida, o Delegado José Ernesto possuía certa idade, mais de cinquenta anos e seus cabelos eram completamente grisalhos, alto e forte, os olhos azuis o transformavam no professor de maior popularidade entre as alunas da Universidade Santonense, próximo da Capital, onde dava aulas de Direito Penal. Sua paixão porém era a polícia e, mais especificamente, o cargo de Delegado de Homicídios.

– Parece-me que tem mais um corpo na favela, Dr. José Ernesto, nós vamos subir, o doutor nos acompanha?

– Vamos lá.

– Qual sua idéia?

– O corpo identificado como sendo do Tainha foi executado, um tiro no rosto e outro no peito, já o corpo identificado como Castanheira foi massacrado com vários tiros. Não foram as mesmas pessoas ou então foram mortos em situações completamente diferentes.

– Eles eram daquela turma que está sendo procurada?

– É, e se o comandante quer saber acho que o próximo corpo também vai ser.

As palavras do Delegado José Ernesto eram verdadeiras e os policiais não precisaram andar muito para encontrarem o corpo de Dedo, novamente com luvas cirúrgicas separaram a carteira funcional e o identificaram. O Delegado Ernesto mandou que o ambiente fosse preservado

e avisou que a polícia técnica iria precisar de mais uma equipe eis que o campo a ser analisado era muito extenso. Na verdade a polícia técnica pouco tinha a acrescentar, seus recursos eram praticamente nulos, fotografias eram contadas uma a uma e a cota deveria dar para o mês inteiro, laboratórios eram precários, peritos haviam poucos, ou seja, tudo muito longe do ideal que fazia as delícias dos filmes norte-americanos e fariam também o sonho de todos os policiais da homicídios, e de outros setores também. O delegado voltou para o asfalto e viu os repórteres fotográficos fazendo seu serviço, quando souberam da morte do investigador em terceiro de pai-de-santo abandonaram o corpo de Castanheira, o qual, por estar massacrado, oferecia maiores possibilidades fotográficas e voaram como urubus tentando pegar a melhor cena do que seria com certeza a primeira página do dia seguinte. O próximo a chegar fora o Delegado Adriano Del Tessio, o qual, dando muitas amostras de estar insone, cumprimentou José Ernesto a quem já conhecia.

- E aí Zé, a coisa está preta.
- Você confirmou a identidade dos três?
- Até agora só vi dois.
- O terceiro está mais para cima, cada um foi morto de uma maneira diferente, coisa muito estranha, ou eram três grupos distintos ou o momento da morte foi diferente, um de emboscada, outros na fuga, destes um pelas costas e outro com tiro no rosto.
- Isto também estou estranhando, e a perícia?
- Está chegando, duas equipes e tomei a liberdade de pedir uma terceira.
- Agradeço, mas nem existe, terá de vir de outra seccional.
- Que venha, é um triplo homicídio de policiais, nunca vi um negócio destes.
- Nem eu, de qualquer forma acho que devem avisar o delegado e os promotores que atuaram no caso, estas mortes não foram à toa e tem alguma coisa relacionada com a fuga de Sforza.
- Você também não gosta dele Zé?
- Ninguém gosta, arrogante, metido e incapaz, cedo ou tarde ele iria cair e vou ser franco, tem muita gente dentro da polícia pensando que se tivesse de ser alguém era bom que fosse ele a ser preso. Como é que você está aí no DP?
- Bem, fiquei com a herança temporariamente até que façam a designação de outro delegado.

– Não gostaria de vir para homicídios? Tem sempre lugar para gente boa.

– Não, obrigado, talvez quando minha carreira estiver mais deslanchada.

– Pena, vou avisar o CEPOL para acionar os promotores.

– Nem precisa, minha plantonista já fez isto, aliás ela está dando uma olhada por aí.

– OK!

– E os procedimentos de praxe?

– Meus investigadores desceram antes e chegaram a pé, misturaram-se com a multidão e estão de ouvidos abertos para todos os comentários que se fazem, é um bom momento para ficar ouvindo, pois quando o crime está fresco os vizinhos e os curiosos sempre falam demais, eles estão no meio do povão e nem você vai ser capaz de identificá-los.

– Você vai fazê-los subir na favela?

– Nem pensar. Aí funciona ao contrário, quando o crime está fresco o medo está no auge e ninguém fala nada, se eles aparecerem ficam marcados e qualquer infiltração depois fica impossível. Quando o crime é no asfalto tudo bem, mas na favela? Não mesmo, está todo mundo olhando pelas frestas das janelas morrendo de medo até de colocar a cara para fora. Estamos no padrão, os investigadores vão ficar sapeando na multidão, fazem alguma anotação e depois vão embora, talvez voltem amanhã ou entre um ou três dias e começam a ficar ouvindo por aí, nos bares, mercadinhos etc.

– Tenho uma sugestão.

– Nem precisa me dizer, vamos verificar todos os pais-de-santo e terreiros da região, um por um, está muito claro que Dedo foi morto quando o santo estava baixando, era hora de trabalho.

– Qual foi a hora da morte?

– Entre uma e três horas da manhã.

– Bom, não precisa mais de mim, já fiz a identificação formal dos corpos, se precisar de algo do DP avise a Luciene, ela é excelente.

– Imagino!

Adriano foi embora e Urtizes chegou momentos depois, fez quase as mesmas perguntas e José Ernesto já estava ficando incomodado, estava parecendo convenção policial. Os PM's continuaram com as armas à

mostra e preservavam o local, todos ficaram ali até o término do trabalho da perícia, a cápsula do disparo que matou Tainha estava próxima ao corpo e o projétil foi encontrado praticamente espatifado e imprestável para o exame de balística, nunca se saberia nada da arma, exceto o cal. 9mm, arma de traficante ou ladrão de banco. Castanheira fora executado em outro lugar e o corpo jogado ali, portanto não haviam cápsulas perto do corpo, mas como levava vários tiros alguns projéteis ficaram retidos no corpo e seriam recuperados para o exame balístico. Quanto a Dedo, não precisaria de perícia mais acurada, a *causa mortis* fora ferimentos cortantes e a provável arma do crime, com certeza um estilete parecido com os usados por detentos, não foi encontrada. É coisa de presidiário, pensou José Ernesto. Com o término da perícia o carro do IML para remoção dos cadáveres chegou e os levou para realização do laudo necroscópico. A esta altura a presença dos policiais militares já se reduzia, a multidão também quase se dispersara inteiramente e os investigadores da homicídios começaram a destoar na paisagem, razão pela qual também saíram discretamente, à francesa. Os repórteres já se tinham ido há muito tempo, apenas um ou dois mais experientes permaneceram por ali usando a mesma técnica dos investigadores, misturavam-se com a multidão e ficavam de orelhas em pé, tinham um acordo tácito com os investigadores da homicídios, quem soubesse mais contava para outro. Acabaram indo embora também e quando o dia clareava José Ernesto foi o último a sair do local. Sua experiência e percepção como policial o avisavam que as mortes daquela noite eram apenas parte de alguma outra coisa que continuava a rodar por aí, teve a intuição de que haveriam outras mortes a serem investigadas.

No dia seguinte foi a vez dos promotores receberem a notícia, André Lupara, contumaz consumidor dos jornais cuja tônica era o depoimento policial, soube através da primeira edição do “Notícias do Povo” e imediatamente ligou para Danilo, ainda ensonado, dando a notícia e pedindo que se encontrassem mais cedo na Promotoria.

– Mas o que temos aí André? Quem exatamente se queimou nesta?

– Temos três mortes confirmadas entre os cinco mandados de prisão expedidos, o policial alcunhado Dedo, que Carlinhos diz ser o mais próximo de Sforza, morreu com três facadas, uma nas costas na altura dos rins e duas no tórax, instrumento perfurocortante, um estilete, provavelmente, que atravessou o corpo de lado a lado. O tal do Tainha morreu com poucos ferimentos, instrumento perfurocontundente, disparo de arma de fogo, cal. 9mm, a cápsula só foi encontrada muito tempo depois e o projétil atravessou a cabeça e fragmentou-se, impossível o exame de balística e finalmente o Castanheira, este tem tanto tiro que ninguém sabe exatamente qual o matou, agente perfurocontundente. Dedo

e Tainha foram mortos no mesmo local em que os corpos foram encontrados, Castanheira foi transportado, provavelmente com algum tipo de lençol, e jogado na via pública, não havia vestígios de disparos no local, nem cápsulas e nem fragmentos de balas.

– Bom, temos três mortes diferentes, ocorridas numa mesma localidade com evidente vínculo de tempo. Por que seriam mortos assim? Por que não de um jeito só?

– Não creio que tenham sido mortos de modo independente, o vínculo é por demais evidente.

– André, você sabe a orientação dos tiros no corpo de Tainha e Castanheira? E do orifício de entrada e saída das facadas do outro?

– Parece-me que Tainha levou dois tiros à queima-roupa e de frente, um no peito e um no rosto, Castanheira tem tiros dados à queima-roupa e outros com distância variável, Dedo levou uma facada que entrou pelas costas, altura dos rins e saiu quase na altura do intestino, outras duas no tórax, entrou pelo pulmão e saiu pelas costas e a outra atingiu direto o coração trespassando-o.

– Bom, vamos supor que eles tenham sido surpreendidos subindo a favela, Castanheira teria sido o primeiro a morrer em uma tocaia, eles provavelmente estavam subindo em triângulo e os outros dois fugiram, alguém de tocaia matou Dedo e outro Tainha.

– É? Mas Tainha já estava fora da favela e no meio da rua podia ver claramente quem se aproximava, não foi tocaia, ele não se defendeu de quem se aproximava, estava ainda armado e a pistola foi apreendida na cintura dele.

– Está difícil!

– Vamos chamar o Carlinhos, Danilo, ele está depondo de novo na corregedoria da Polícia Civil, a esta altura poderemos ter algumas fotos do local e mostrá-las para ele.

– Fotos do local? Só se você tiver tirado, o laudo demora meses até ficar pronto.

– Calma Danilo, meu filho, você já ouviu falar em repórteres? Garanto que pelo menos dois jornais já devem ter tudo quanto é foto, isto sem falar que são de melhor qualidade, tiradas com equipamento melhor, com profissionais mais bem remunerados, você sabe o resto...

– Então você tem um contato lá? Precisa me apresentar.

– Segredos da idade.

Os promotores dirigiram-se até o prédio da Corregedoria da Polícia Civil onde o dublê de informante e receptador Carlinhos Maracanã prestava mais um de seus intermináveis depoimentos perante outro delegado e outro promotor designados para aquele caso específico. André Lupara já tinha em mãos as fotografias do local, nítidas e em papel brilhante, devidamente separadas em uma pasta que lhe fora entregue de bom grado pelos fotógrafos e pelos repórteres do “Diário da Cidade” e do “Notícias do Povo”, os quais também sugeriram que a amizade pudesse ser retribuída com alguma informação de primeira mão. Chegando à sala onde Carlinhos prestava depoimento solicitaram que ele fosse encaminhado até a sala de Urtizes e tanto o promotor quanto o delegado que ali estavam não se opuseram, na verdade estavam até agradecidos pelo intervalo.

– Acho que você já deve estar sabendo Carlinhos...

– Está falando do que doutor? Da morte daqueles três miseráveis? Não está esperando que eu fique lamentando não é?

– Não, queremos que você examine as fotos.

– Vai dizer que vocês não sabem quem matou os três? Vocês são muito ingênuos, para não dizer outra coisa.

– Olhe as fotos!

– Vou olhar, mas já vou te dizer uma coisa, quem queimou os três foi o Caveirinha, nada, absolutamente nada acontece naquela favela sem que ele saiba, ou melhor, sem que ele mande, matar tiras então só com aprovação dele, em pessoa.

– Isto só não basta. Por que o traficante mataria os três? Não me venha dizer que não está vendo a mão do Sforza aí.

– Ah, alguma coisa deve ter mesmo, mas que foi o Caveirinha quem mandou puxar o gatilho foi.

– Olhe as fotos Carlinhos.

O informante olhou as fotografias atentamente, descartou as que retratavam puramente os corpos e separou todas as que mostravam um plano geral e os populares que ali haviam permanecido.

– Os caras da homicídios ainda ficam se misturando no meio do povo é? Esta é velha até no Rio, eles também ficam de namoro com os repórteres? Parece que aqui em São Paulo vocês da Promotoria também, dá para ver que estas fotos são boas demais.

Os promotores suspiraram com a verborragia de Carlinhos, sem dúvida ele sabia valorizar-se.

– As fotos do Tainha e do Castanheira não me dizem nada, a do Dedo mostra atrás o bar onde Sforza fazia o recolhe de Caveirinha, o ponto de encontro era lá e o contato era sempre feito por algum moleque, está na cara que muitos dos fregueses são soldados do tráfico e estão ali na campana. O bar sempre ficava aberto e ao que sei nunca fechava, de manhã vendia café com leite e depois ia na pinga e churrasquinho, de madrugada ficava aberto também, tinha sinuca e tudo o mais, na verdade era um ponto de vigia do Caveirinha na beira da favela, não devia estar fechado.

– Talvez estivessem com medo dos policiais.

– Medo? Que nada, quando tem confusão eles ficam é de olho bem aberto, marcando quem entra e quem sai, quem é o policial, se é novo, se é de fora, eles não iam perder uma destas nunca.

– E você sabe que pai-de-santo fazia trabalho por ali, por acaso era algum protegido do Caveirinha?

– Pai-de-santo? Está de brincadeira? Na frente do ponto do bar?

– Não viu as velas não?

– Eu vi, mas pensei que tinham acendido depois para velar o desencarnado.

– O Dedo morreu no meio de uma roda de pai-de-santo, eles estavam fazendo trabalho na hora em que ele foi apunhalado.

– Eu te falo, nada acontece lá sem que o Caveirinha saiba, se teve trabalho é porque ele ou algum tenente dele mandou e se foi na frente do bar foi por algum motivo.

– Alguma vez você entrou mais para dentro da favela ou só ia até o bar?

– Não, não precisava, o bar estava sempre aberto e era o ponto de encontro e mesmo os três não iriam para dentro da favela sem um motivo razoável e eles eram muito espertos, Dr. Danilo.

– Ninguém é esperto sempre, alguma hora cai, e se o bar estivesse fechado?

– Eles desconfiariam.

– E se fosse por algum motivo visível, com várias pessoas ao redor e não quisessem dar muito na vista, lembre-se que eram fugitivos e portanto estavam sob pressão.

– Já sei o que o doutor está pensando, eles vão lá e o bar está fechado, tem trabalho de umbanda na frente, muita gente e pouca possibilidade

de de uma tocaia, vão um pouco mais para dentro e daí se fodem, é legal, pode ser isto sim, acho que foi isto, ademais, o ambiente à noite é diferente e eles sempre tinham ido lá durante a tarde, não tinham como desconfiar de nada.

– Se você acha, eu tenho certeza, a única coisa que me preocupa é o seguinte, por que eles iriam efetuar o recolhimento se sabiam que a condição deles era de fugitivos? Será que não previram que o Caveirinha acharia melhor queimar os três?

– Olha doutor, isto eu não sei, porque eles foram lá eu não tenho idéia, mas uma coisa eu acho, é coisa do Sforza, ele usa o mesmo sistema do tráfico, quando alguém chega perto ele prefere sacrificar os intermediários.

Voltando para a Promotoria, André e Danilo discutiam qual o segundo movimento de Sforza na clandestinidade, até agora o delegado tivera a vantagem da iniciativa, os movimentos partiram sempre dele e tanto os policiais quanto os promotores agiam sempre em reação. Com a morte de três dos quatro colaboradores diretos de Sforza restava tão somente o escrivão Vasconcelos e o próprio delegado, todas as diligências para localizá-los foram infrutíferas, o procedimento administrativo já vinha sendo acompanhado por Jorge Dias Velho o qual se encarregava de fazer pressão cotidianamente perante o juiz corregedor, a morte dos investigadores neste ponto talvez acalmasse um pouco os argumentos do advogado. Os três eram as testemunhas ideais do sonho de qualquer promotor e poderiam trair Sforza eventualmente caso percebessem que seriam presos, policiais dificilmente se sentem bem na condição de fugitivos, possuem outra natureza que a própria atividade lhes dá. De qualquer forma as pontas haviam sido amarradas e dificilmente novas provas viriam aos autos do processo sem a colaboração eventual de um dos três, esta em parte era a estratégia dos promotores, forçar até conseguir uma abertura com as provas que já possuíam. Novas provas seriam difíceis, só não conseguiam imaginar o que Sforza estaria tramando para destruir as que já existiam, Carlinhos estava guardado a sete chaves, se com seus homens Sforza não conseguira entrar no QG agora muito menos. A outra via de Sforza devia partir ou de Jorge Dias Velho ou de Ulisses Passos Zambioni, o advogado já estava fazendo o possível e o impossível para atrapalhar, o deputado mantivera-se calado e afastado da imprensa, qual a outra via?

– Danilo, como você vive?

– Sou solteiro e moro em apartamento simples com dois quartos, e você?

– Moro em um sítio no Embu e tenho uma criação de cachorros fila, para chegar lá é fácil, duro vai ser para alguém sair.

– O que você está insinuando?

– Que devemos ter cautela, ande armado e evite sair, não vamos perder a parceria neste momento.

No sítio de Sforza ele e Vasconcelos recebiam pela televisão e pelo rádio as notícias da morte de Dedo, Tainha e Castanheira.

– O senhor foi bala, chefe, nos livramos dos três sem termos que pôr a mão na sujeira.

– Dos quatro Vasconcelos, você esqueceu do Leléio, eles só não falam porque o corpo ainda não foi encontrado, vai demorar até alguém sentir o cheiro naquele apartamento.

– E agora, o que vamos fazer? Tem muita coisa contra a gente?

– Será mesmo? Tudo se resume à investigação do fato principal pelos Promotores Danilo e André.

– E?

– Você verá, para cada doença um remédio.

O quadro já estava completamente delineado na cabeça de Sforza, logo poderia retornar à sua função, não sem algum prejuízo imediato, mas cedo ou tarde ficaria novamente em posição vantajosa, o mesmo não podia dizer dos promotores.

XXXIV – CONFRONTO

O tempo, neste caso fala-se em dias, serviu para que os jornais deixassem de especular sobre o que ficou conhecido como a “chacina dos tiras”, mesmo os demais policiais, normalmente tão sensíveis quando se trata de alguém da própria corporação, não se demonstraram especialmente chocados, primeiro porque nenhum dos mortos era muito bem visto, assim como também Sforza não gozava de simpatia de seus pares, e ademais a existência dos mandados de prisão e a evidente vinculação com atividades ilegais fizeram com que a revolta desta feita não fosse tão intensa. O inquérito contra Sforza continuava em curso e a localização dele, assim como também a de Vasconcelos, continuava ignorada. O Promotor André mostrava-se de mau humor e apesar das intensas discussões com Danilo não conseguiam visualizar qual o próximo passo que seria dado pelo delegado. Cada confissão de Carlinhos, e eram muitas, levava a outro inquérito e logo a divisão de serviço demonstrou-se in-

suficiente. Vários dos dados que o informante prestava necessitavam ser checados pessoalmente e a ajuda dos Delegados da Corregedoria da Polícia tornava isto possível, os esforços combinados rendiam bons frutos, mas as melhores provas e as únicas diretamente obtidas provinham da extorsão praticada contra Zorin e esta encontrava-se praticamente terminada, Urtizes preparava o relatório final e as investigações em relação a este fato encerravam-se. Sforza continuava contudo em inquietante silêncio. Na fase final dos procedimentos os Promotores André e Danilo solicitaram a ajuda do Delegado Adriano Del Tessio, agora responsável interino pelo 222º DP, eis que as informações de Carlinhos referiam-se muitas vezes a este delegado como evitado por Sforza e Adriano igualmente oferecia detalhes confirmando ou não, por exemplo, a presença de Carlinhos na delegacia mas, principalmente, confirmando que Sforza a seu talante determinava que certos casos seriam apurados por ele pessoalmente, que Dedo, Tainha, Castanheira e Vasconcelos reportavam-se apenas a ele e bem como confirmando ou não a presença de testemunhas que afirmavam terem sido extorquidas na delegacia. As informações de Adriano quando coincidiam com as prestadas por Carlinhos davam aos Delegados da Corregedoria e aos promotores a certeza de estarem no caminho certo. Finalmente o primeiro inquérito contra Sforza estava terminado e a imprensa, é claro, adorava isto. Com o assunto praticamente esgotado neste fato, a presença dos Promotores Danilo e André era cada vez mais escassa e a partir deste momento ambos passaram a alternar-se nas diligências. André apresentava-se um pouco reticente, pois temia que o ataque de Sforza – pois era certo que viria – fosse voltado pessoalmente contra os dois e se hoje em dia se cogita de que testemunhas sejam protegidas ninguém nunca fala de qualquer proteção a promotores. O tempo passou e mesmo as medidas pessoais de segurança foram relaxadas. De qualquer forma, permanecia o hábito de promotores e delegados estenderem depoimentos complexos varando a noite. Na Promotoria permanecia por vezes Danilo ou André, sendo que somente quando um encerrava as atividades na Corregedoria da Polícia Civil o outro assim o fazia na Promotoria, para desespero dos funcionários obrigados a acompanhá-los até o término do expediente.

– Dr. Danilo, telefone para o senhor?

– A esta hora? Onze da noite? Quem é o enche saco?

– Doutor, é o Deputado Ulisses, no direto, e parece urgente.

Danilo atendeu e percebeu a voz evidentemente alterada do deputado.

– Dr. Danilo?

– Pois não deputado.

– Eu sei que temos discutido muito e nossas opiniões têm divergido, mas espero que compreenda que não se trata de nada pessoal.

– Com certeza deputado, nunca levei como algo pessoal.

– Existem certas coisas que somente se tornam claras quando temos todas as informações disponíveis Dr. Danilo.

– O que o deputado quer dizer?

– Preciso falar com o doutor, pessoalmente, preciso que saiba o real motivo de minha ligação com Sforza, talvez o senhor seja minha única esperança.

– O que há deputado? O senhor está bem?

– E quem está bem promotor? Preciso falar-lhe urgentemente, em caráter pessoal e estritamente confidencial, somente eu e você.

– Estarei lhe esperando na Promotoria a hora que quiser, meu colega André em breve estará aqui e ambos...

– Sozinho, Dr. Danilo!!! Minha confiança é restrita e somente sua presença garantirá o sigilo que necessito.

– Inviável, sua presença na Promotoria será notada assim que entrar no prédio.

– O senhor não entendeu, eu não vou até aí, o senhor é que vem aqui.

– Deputado, eu sei que o senhor tem prerrogativa de foro e pode ser ouvido onde quiser, mas...

– Deixe de ingenuidade doutor promotor!!! Não se trata de depoimento!!! É muito mais que isto e se quiser realmente entender o sentido de tudo deve vir para cá, sozinho.

– Tudo bem, mas avisarei o Dr. André do conteúdo de nossa conversa e informarei onde estou.

– Tome as cautelas que quiser, o endereço é no Morumbi, a casa tem um portão eletrônico e quando chegar basta se anunciar.

Danilo não resistiu, as suspeitas de que havia alguma ligação entre Sforza e o Deputado Ulisses estavam prestes a confirmarem-se, não acreditava em uma cilada por parte do delegado, primeiro porque já deixara bem claro que avisaria André que ali estaria, qualquer eventualidade deixaria exposta a situação de Sforza, depois porque este estava se tornando um estorvo para o deputado, era certo que ele iria querer se afastar do policial a fim de garantir-se e não havia jeito melhor que não mostrar-se como defensor da verdade, doesse a quem doesse, mesmo a um prote-

gido? Este era o lema de Ulisses. Ademais, como o próprio deputado mencionara, estava tomando todas as cautelas possíveis. Quando avisou André o mau humor deste praticamente desapareceu e deu lugar à viva excitação, quando Danilo avisou-lhe porém que iria sozinho André murchou e protestou radicalmente. Danilo porém insistiu em ir sozinho, e garantiu que poderia cuidar de si, combinaram então que André voltaria da Corregedoria da Polícia Civil e permaneceria na Promotoria, eventualmente talvez fosse necessário acionar o Procurador-Geral da Justiça ou até o próprio Presidente da Assembléia Legislativa, tudo era possível, deveria também deixar avisado o Delegado Urtizes, talvez diligências extraordinárias pudessem ser necessárias, notadamente a prisão de Sforza. André aconselhou Danilo a levar um gravador de bolso com microfitas de meia hora e perguntou se ele estava armado. Acerto feito, Danilo abriu sua mesa e retirou a lustrosa pistola 380 com prolongador, como a situação era excepcional usou um outro coldre no tornozelo com um revólver cal. 38, cano curto de seis tiros, checkou a bateria do celular e também o microgravador com as fitas. Avisou os funcionários de que deveriam aguardar o Dr. André e percebeu o semblante inamistoso de todos, forçados agora ao tédio noturno, desceu para a garagem, entrou no carro e se pôs a caminho. Como já era tarde e meio de semana, o caminho entre o Centro da Capital e o bairro do Morumbi foi feito em pouco tempo. O local onde o deputado tinha sua residência na Capital situava-se no ponto nobre da região, ruas largas com enormes mansões e muros altos sempre encimados por cercas elétricas, cachorros em quase todas, seguranças e tudo o mais, mesmo assim as ruas eram perigosas, as árvores tornavam a iluminação pública simplesmente ineficiente, os muros altos reforçavam o fato de tornar a rua sombria. Assim como nas favelas reinava o medo, só que com estilo. A menos de dez minutos de carro já existiam favelas e em certos pontos havia mansões de um lado e barracos de outro, exemplo vívido da separação de classes, para atravessar a rua seria necessário bem mais que alguns passos. Danilo teve um pouco de dificuldade, mas encontrou a rua e logo achou a mansão do deputado, esta em nada diferia das demais, muros altíssimos, rede elétrica, prováveis câmeras de televisão e, evidentemente, cachorros, um dos mais eficientes meios de impedir um assalto. O muro só era interrompido por um portão de gradil igualmente alto e barras grossas encimadas em arco com um desenho ao meio. Na lateral um porteiro eletrônico com câmera de televisão. Danilo parou o carro e apertou o botão do mecanismo de comunicação.

– O Dr. Ulisses por favor, é o Promotor Danilo.

– Entre Dr. Danilo, deixe o carro no estacionamento, a porta da entrada está aberta, estou sozinho pois a ocasião assim o exige, quando entrar vá até o fundo da sala onde está a porta do escritório, estou esperando.

O porteiro eletrônico aparentemente estava defeituoso, a voz fora entrecortada por uma interferência e quase não se distinguia os sons. O portão abriu-se automaticamente e Danilo entrou com o carro, parou no estacionamento, desceu e examinou a casa, não havia sinal de empregados, mas estes sem dúvida eram necessários em uma casa deste tamanho, deviam ter recebido folga, examinou detidamente o jardim, apenas arbustos e árvores pequenas, nada que pudesse esconder alguém, era terreno descoberto sem dúvida. Atentou para as janelas, fechadas, para um tiro seria necessário abri-las. Danilo pensou que estava ficando com mania de perseguição e que a convivência com André Lupara o estava afetando. Dirigiu-se até a porta principal a qual, efetivamente, estava destrancada, apesar do tamanho da porta e do pé-direito do *hall* ser enorme, ela deslizou suavemente. O *hall* era grande e esparsamente mobiliado, chão de mármore carrara branco, como de praxe neste tipo de construção, escada em caracol etc., à esquerda uma sala-de-estar pequena que parecia servir de ante-sala para um salão com uma grande mesa de jantar para no mínimo 12 pessoas, do outro lado mais salas, defronte à porta da entrada, ao final do *hall*, uma porta de madeira entalhada e aparentemente bem pesada estava aberta com apenas uma fresta, todas as luzes estavam acesas, mas a luz do escritório parecia mais intensa. Danilo dirigiu-se para lá e não ouviu nenhum ruído, sentia o peso da pistola no coldre sob a axila esquerda e do revólver no pé direito, abriu a porta do escritório e deparou-se com uma mesa de carvalho trabalhada, enorme, atrás uma cadeira presidente de couro preto igualmente enorme, estantes e livros em profusão, na lateral um sofá e uma mesinha com mais duas poltronas, duas cadeiras defronte à mesa de carvalho, tipo diretor, menos que presidente, é claro. A cadeira presidente estava virada para a parede e de costas para a porta, Danilo percebeu claramente a cabeça do deputado, seus cabelos já grisalhos em um tom cinza metálico.

– Dr. Ulisses? O senhor...

Danilo sentiu uma violenta dor na cabeça, chegou a virar-se e viu Sforza com algo na mão – um revólver –, sua mente ainda assimilava este fato quando desfaleceu.

Neste instante André já havia se deslocado para a Promotoria e Urtizes juntamente com Adriano conferiam todos os aspectos possíveis de mais uma das narrativas de Carlinhos Maracanã, este porém mostrava-se reticente.

– Eu quero saber Dr. Urtizes, por que não tem nenhum promotor aqui, o trato não era este, será que já esgotaram minha utilidade é? Estão querendo me ferrar?

– Claro que não Carlinhos, o problema é outro, Sforza está quase caindo, sua prisão deve ser iminente e os dois promotores estão na marcação.

- Prenderem Sforza é? Quem dedurou o homem?
- Não propriamente dedurar, temos mais alguém no nosso jogo agora, o Deputado Ulisses parece que quer se livrar de algum incômodo e ainda ganhar alguma propaganda, o filho da mãe vai se livrar e ainda sair com lucro.
- O que o delegado está falando? O Deputado Ulisses está traindo Sforza e entregando-o aos promotores? Estão loucos?
- Loucos por quê? O próprio Deputado Ulisses chamou o Dr. Danilo para uma conversa particular em off hoje na mansão dele no Morumbi, ele já deve estar lá a esta altura e a qualquer momento teremos novidades.
- Carlinhos subitamente embranqueceu, era uma cilada sem dúvida, mas só quem soubesse do conteúdo da pasta de “Programa de Governo” de Sforza poderia saber que o deputado jamais trairia Sforza, o problema é que se Danilo caísse, as acusações poderiam também cair. Com certeza Sforza tinha mais alguma coisa em mente que apenas inutilizar um promotor, se ele se saísse bem e as acusações fossem julgadas improcedentes era ele, Carlinhos, que mais cedo ou mais tarde viraria um cadáver.
- O Deputado Ulisses jamais entregaria Sforza e tem mais, é uma tocaia e seu amigo pode estar fodido a esta hora.
- Por quê? O que está falando?
- Carlinhos levou a mão às costas e de dentro da camisa retirou quatro ou cinco folhas de papel que colocou sobre a mesa.
- A treta entre o delegado e o deputado não tem boi, não tem como ser desfeita, daí porque se o deputado disse isto e chamou ele lá é porque Sforza o quer lá e se ele assim o quer é o fim para o promotor.
- Ambos os delegados debruçaram-se sobre os papéis e os examinaram detidamente, Urtizes primeiro embranqueceu e depois ruborizou-se, estava nitidamente raivoso. Adriano nada deixou transparecer exceto um arquear de sobrancelhas.
- Ligue para o celular dele Urtizes, avise-o para voltar, impeça-o de chegar lá.
- Já tentei, não responde.
- Vou acionar as viaturas do setor para entrarem na casa.
- Não, se qualquer outro entrar lá Sforza ainda pode virar o jogo, com alguma armação. Está na cara que ele vai querer testemunhas, vamos nós e agora, não tenho em quem confiar Adriano, preciso de você para me dar cobertura.

– Estou nessa, vamos embora.

– E eu? A dica foi minha!!

– Cala a boca miserável, depois a gente discute porque você escondeu este negócio, se Danilo se danar eu mesmo vou foder você.

Os delegados desceram correndo do prédio da Corregedoria e entraram na viatura disponível, arrancaram com Urtizes guiando em alta velocidade, giroflex e sirene à toda.

– Ô Urtizes, se a gente se mata no caminho não vai adiantar.

– Pode deixar, filho, tenho prática e nem precisa falar, quando chegarmos perto da mansão vou desligar a sirene e o giroflex, Sforza não deve perceber que estamos chegando.

Enquanto isto, Danilo recuperara a consciência, seus olhos permaneceram sem foco por um segundo, mas só foi preciso este momento para que se orientasse. Estava em uma das cadeiras diretor, defronte à mesa de carvalho, a cadeira do deputado continuava voltada para a parede.

– Ah! A criança acordou, como vai promotor? A propósito, não precisa se preocupar com os coldres da axila e do tornozelo e muito menos com microgravador, que estupidez, mesmo que Ulisses quisesse falar jamais iria aceitar um gravador, sabe como é político, é sempre melhor um depoimento que possa depois ser retratado.

– Sforza, você está fodido, breve as viaturas estarão aqui, o Promotor André sabe que vim e sentirá minha falta.

– É verdade? Estou morto de preocupação, aliás ficaria mais preocupado se ninguém viesse aqui.

– Deputado! Deputado! Reaja! Sforza já era! Não há nada que não possamos desfazer!

– Oh! Que lindinho, pensa que é Jesus Cristo chamando Lázaro né?

– As aulas de catecismo te fizeram bem Sforza, o que fez com o deputado?

Sforza virou a cadeira presidente vagarosamente e Danilo viu então o cadáver do deputado, um tiro na têmpora com sinais de queimadura evidentes, massa encefálica espalhada na cabeça da poltrona e no chão, sangue pela boca e nariz, olhos fechados e inchados.

– Eu acho que ele não te ouviu Danilo, na verdade apesar de mais um buraco na cabeça ele não ouviu mais nada. Perdeu a fala? Veja que cena interessante, o típico suicídio, não há qualquer sinal de lesão no

corpo de Ulisses, exceto o tiro, o revólver, esta merda cal. 32 que estou usando, está registrada em nome dele há anos, o tiro foi desfechado com o revólver encostado na têmpora, tudo nos conformes.

– Isto nunca vai colar.

– Tem até uma carta de despedida, patético, mas necessário.

– Não vai sair desta.

– Já vi que a pancada prejudicou seu cérebro, mas você merece uma explicação, afinal, é justamente você que me livrará deste aperto, dê uma olhada nesta pasta e depois na carta.

Danilo estava com os pés e mãos atados na cadeira diretor, Sforza aproximou-se e soltou-lhe as mãos entregando-lhe uma pasta de cartolina amarela semelhante à capa de inquéritos policiais, inclusive com o símbolo do governo do Estado, em cuja capa estava escrito “Programa de Governo”. Quando abriu a pasta e começou a folheá-la começou a perceber qual era a extensão do poder de Sforza sobre o deputado.

– Vamos pelo começo, vá com calma, veja cada página vagarosamente, os ângulos são espetaculares não são?

– Como chegou a isto?

– Bom, tempos atrás invadi um ponto de drogas do Caveirinha, detive um vendedor chamado Brina e uma fornecedora chamada Gorda. Brina utilizava-se de dois menores para a venda da droga, o de praxe, ele só ficava com o dinheiro depois que os menores recebiam e entregavam a droga, o de sempre, de qualquer forma detive os menores, dois irmãos gêmeos chamados Pedrinho e Miguelzinho e os levei a juízo, a pena é que depois Brina morreu na rebelião, mas tudo bem.

– A rebelião que Urtizes desmontou.

– É isto aí, o tal do Brina já estava morto antes dos policiais do GOE chegarem e se entrassem seria apenas um cadáver encontrado em uma rebelião, obviamente era por causa disto que eu queria a invasão.

– Já havia suspeitas sobre você.

– Certo, o fato é que menos de uma semana depois Miguelzinho e Pedrinho já estavam de novo traficando na favela, foram detidos e novamente encaminhados, quatro dias depois detidos novamente, na semana seguinte também, desta vez foi um roubo, arma na mão e tudo o mais, dez dias depois estavam na rua traficando.

– Impossível. É certo que o Estatuto da Infância e Adolescência é subjetivo e na prática ineficaz, mas nem mesmo os juízes mais cegos deixariam de perceber uma sucessão de atos infracionais deste tipo.

– Foi o que pensei, alguma coisa estava errada, como os menores entravam e saíam com tanta rapidez? Era impossível, logo pensei: é treta, tem algum esquema na soltura destes dois.

– E se tem esquema...

– Se tem esquema uma parte deveria ser minha também, tem muita coisa aí né?

– Demais até.

– Vai haver um grande final... bom, resolvi então investigar a saída precoce dos menores, foi até fácil, uma noite eles voltaram detidos pela Polícia Militar por um simples porte de crack. Perguntei qual era o segredo e eles ficaram quietos, falaram que eram “de menor” e que ninguém podia pôr as mãos neles etc. Não conheciam o Vasconcelos é claro, quando estavam pelados já tremiam, no primeiro choque abriram o bico.

– E?

– O que falavam a princípio não fazia sentido, após chegarem na triagem eram levados a uma ONG de apoio ao menor, ligada à FUNDABEM, um desses órgãos estatais que tratam de menores, ficavam ali um pouco, conversam com alguma assistente social ou psicóloga e em seguida lhes dava uma escolha, ou iam para o setor de reincidentes e perigosos, e aí estariam fodidos porque eram novatos e tinham o tipo físico frágil, ou executavam um serviço. Eles foram levados para uma mansão em um condomínio fechado nos arredores de São Paulo e, no dizer deles, “comiam e eram comidos por um velho”, havia nítidos sinais de sadomasoquismo. O fato é que a mansão tinha piscina e eles tinham tratamento VIP até a noite, que afinal de contas não era tão mal assim no pensar deles. Quem mal comia e agora vivia na boa...

– Já percebi.

– Nada, passamos a seguir os menores, eu e o Dedo, como a coisa poderia ser grande demais deixei os outros de fora disto, especialmente o Tainha que poderia abrir a boca para a puta da Cybele. Pedrinho e Miguelzinho foram presos mais uma vez e então os acompanhamos de longe, seguimos o carro até o condomínio e utilizando as credenciais de policiais entramos, fomos até a casa, você sabia que nestes condomínios não podem existir muros? E então fizemos a primeira sessão de fotos, são as primeiras da pasta, estão em ordem cronológica.

– Muito organizado.

– Pois é, eu não reconheci de imediato, mas era o próprio Deputado Ulisses em uma sessão de sexo sadomasoquista com os menores, os três usavam coleiras, davam pequenas chicotadas um nos outros, dê uma olhada na calcinha de Tiazinha que o deputado usava, patético.

- Ele estava doente Sforza.
- Doente ou não eu fiz as fotos, foram as primeiras.
- Por que as outras?
- Você ainda não entendeu, só isto não era suficiente, ele podia perder o cargo, prestígio, ser reduzido a nada politicamente, mas eu precisava de mais, eu queria que ele dependesse de mim.
- Como assim?
- Veja bem, ele devia ficar numa posição que dependesse de minha boa vontade, eu devia ser uma solução para ele, o Deputado Ulisses deveria querer colaborar comigo.
- Um chantageado nunca fica amigo de seu chantagista.
- Chantagista, eu? Que nada, fizemos algumas campanhas na mansão do deputado, eram poucos os menores envolvidos e com o tempo ele terminou por fixar-se em Pedrinho e Miguelzinho, creio até que os três gostavam da farra e os menores chegaram até a aparecer por lá por vontade própria. Foi então que enquadrámos os dois menores, ficamos com Miguelzinho e fizemos com que Pedrinho fosse detido por um pequeno furto. No mesmo dia estava na cama do deputado, demos a ele um comprimido para misturar na bebida do Deputado Ulisses e quando ele desabasse deveria fazer um sinal, nós entraríamos e resolveríamos o problema de modo definitivo. E assim foi, Pedrinho colocou o comprimido na bebida e o deputado tomou todas e nem percebeu, começou uma sessão de sexo sádico com Pedrinho e antes que tomasse fôlego o deputado já dormia. Pedrinho nos avisou e entramos, eu e Dedo.
- Mais fotos?
- É claro, só que deixamos Pedrinho com a coleira e quando ele notou que Dedo o segurava pelo pescoço tentou debater-se, parecia um porquinho, Dedo quebrou o pescoço dele fazendo pressão aos poucos, parecia mesmo uma sessão de sexo sadomasoquista que terminara mal. Deixamos o cadáver de Pedrinho posicionado sob o corpo adormecido do deputado e voltamos para a delegacia, pegamos Miguelzinho e o avisamos que o deputado tinha se excedido e seu irmão talvez estivesse morto. O pobre embranqueceu. Fomos até a casa e aguardamos que o deputado desse pelo menos um sinal de vida, tiramos mais fotos evidentemente, filme mesmo, nada de câmera digital que não tem negativo para examinar.
- E quando ele acordou?
- Ele acordou com os gritos de Miguelzinho, primeiro parecia que não estava entendendo nada, depois percebeu sua situação, vestido de

Tiazinha e com um cadáver na cama, um dos amantes menores morto e o outro acusando-o. O melhor de tudo é que em virtude do remédio ele não se lembrava de nada e acabou acreditando que realmente matara o menor sem querer, sua posição era insustentável.

– Estou ficando curioso!

– Quando o deputado tomou consciência, estávamos eu e Dedo ali, Miguelzinho histérico abraçando o corpo de Pedrinho, eu disse a ele que fora Miguelzinho quem nos levara ali temendo pelo irmão, que havia fotos dele com os menores tirados por outro comparsa dos dois e que iria acionar os órgãos superiores.

– Ele desmoronou.

– Inteirinho, contou então a treta, o Presidente da ONG é seu sobrinho e recebe um salário altíssimo mantido por contribuições estrangeiras que pensam estar ajudando menores carentes, pior ainda, mantinha toda uma estrutura de benefícios extorquindo o Estado, eram licitações, compras, contratações de funcionários fantasmas, tudo porque a ONG mantinha-se também a partir de dotações do próprio Estado, um esquema milionário, para este problema de menor vem verba de tudo o quanto é lado.

– Isto nós já desconfiávamos, a administração pública é sempre um dos alvos favoritos porque ninguém é a vítima, fisicamente falando, é tudo um acordo de vontades.

– Exato, mas este era bom demais, fizemos as contas depois e constatamos que se todo dinheiro entregue para ONG's e para o tratamento de menores fosse utilizado efetivamente para esta finalidade não existiriam menores nas ruas, mas se eles não existirem, não haveria a necessidade de ONG's, de convênios, de despesas etc.

– Mas como era que o tal Pedrinho e Miguelzinho saíam toda hora?

– Na verdade era simples, o sobrinho de Ulisses presidia a ONG, recebia os menores, providenciava análises positivas dos perfis psicológicos deles, forjava provas para o processo ou, simplesmente, quando eles chegavam conseguia que primeiro fosse apresentados na ONG.

– Isto é irregular, inviável.

– Não existe nada inviável quando se fala em dinheiro e, como você pode ver, neste ramo corria muito, aliás, nem precisava de muito porque todo mundo neste ramo vê os menores como vítimas e quando conseguem fazer algum favor ficam até contentes. Ulisses implorou que os ajudássemos, prometeu tudo, tudo mesmo, a idéia de me colocar como Secretário de Segurança foi dele. Sua eleição para governador seria barbada, era o favorito em todas as pesquisas e com larga margem.

– E você?

– Tive de aceitar a proposta dele, depois acabei sabendo que Ulisses pretendia implementar o mesmo esquema de desvio de verbas em outros setores localizados do Governo, deixando uma parte limpa como exemplo de gestão honesta e ética e atacando campos específicos para o desvio, o que tornaria praticamente impossível a detecção. O homem era um gênio quando se tratava de finanças.

– Falta uma ponta.

– Finalmente você deu uma dentro. Miguelzinho estava vivo e poderia estragar tudo dando com a língua nos dentes, o próprio Ulisses percebeu isto e pediu que eliminássemos o problema, aliás, depois que voltou a ser senhor de si, Ulisses me pareceu o cara mais vivo que já conheci. Desta vez tive a cautela de gravar e filmar enquanto ele me pedia que matasse Miguelzinho, isto ele não soube até a morte, era um seguro; o cadáver de Miguelzinho está enterrado no próprio sítio do deputado, morreu como o irmão e foi enterrado de coleira, acessórios e calcinha de couro, tudo é lógico para eventualmente incriminar o deputado.

– O resto já sei, você continuou com seus esquemas e quando deu tudo errado na engarrafadora apelou para o deputado.

– Exato, ele iria me defender até a morte, é claro, até que chegou Carlinhos Maracanã. O Carlinhos devia estar morto, mas saiu vivo por mero acaso.

– No resgate dos presos.

– No resgate dos presos sim, e pior do que tudo, levou parte das fotografias com ele.

– Impossível, ele não falou nada nos depoimentos.

– É claro que não, no começo eu fiquei esperando, depois saquei a dele, as fotos são um seguro, quando ele sair estará queimado como receptor, é lógico portanto que ele quer chantagear o deputado e receber muita grana, demorei para sacar isto. Por isto você está aqui.

– Eu?

– É laranja, muito simples, aqui temos a carta de adeus do deputado, segundo ele depois de discutirem pela primeira vez em público tornaram-se inimigos pessoais, você o perseguiu e acabou descobrindo sua doença, viu como ele também se achou doente? Tirou as fotografias e passou a chantageá-lo, mantinha as aparências com algumas discussões em público, mas subornou um comerciante chamado Zorin para depor contra mim, está no depoimento, Ulisses fez tudo por você.

– Zorin jamais admitirá...

– Nem precisa, a sugestão da carta é verificar as finanças do desgraçado, ele é um receptor de mão cheia e logo descobrirão notas frias e coisa e tal, com a afirmação de Ulisses perderá toda a credibilidade. Nem mesmo as fotos te salvarão, podem ter sido forjadas até. Ademais, o patrimônio dele é maior do que o declarado e incompatível com a renda de comerciante. De qualquer forma fui obrigado a fugir, em parte por sua pressão, em parte porque eu sabia que seus métodos de trabalho eram, digamos, sujos. Você continuou fazendo pressão sobre Ulisses, cada vez mais e mais, até que ele não agüentou mais, resolveu se expor ao mundo e provar seu arrependimento e a verdade de suas palavras, chamou-o aqui, matou-o e em seguida se suicidou. Aliás, isto nos leva ao motivo de nossa conversa.

– Motivo?

– Exatamente, agora que você acabou de ler a pasta pode devolvê-la, você ainda está vivo e as suas digitais estão espalhadas em todas as fotografias e páginas, só existem digitais suas e do deputado, isto eu garanti, como morto as impressões não ficam tão boas fiz questão que manuseasse a pasta enquanto eu falava, o vínculo agora está completo, posso provar que você estava em posse da pasta.

– É pouco Sforza, haverá uma investigação.

– Matar e mostrar promotor, não aprendeu isto? Eu também li os informes reservados do seu querido DEPAE. O sistema é simples, o alvo é uma pessoa politicamente intocável ou popular, qualquer atentado implicará em rigorosas investigações. Então o que se faz? Atinge-se o alvo e de pronto se apresenta uma explicação ou um culpado o qual, da mesma forma, também deverá desaparecer, por causas acidentais ou suicídio e a situação se resolve, ninguém quer mais saber de nada. Existe também a Variante Italiana, entrega-se um culpado que assume a responsabilidade e sofre uma condenação violenta, isto satisfaz a classe dominante que tem o coitado como exemplo. Você sabe, não tem nada que meta mais medo na classe política que a idéia de não serem invulneráveis e poderem ser atingidos como qualquer mortal. No seu caso é bala, você e o deputado eram inimigos declarados, fato público e notório, tinha poderes e condições de investigá-lo, tinha o trinômio perfeito: o motivo, a oportunidade e os meios, é o candidato ideal. Veja, a polícia não irá querer descobrir nada, a verdade está a mão e os mortos estão mortos, serei afastado administrativamente por um longo tempo, talvez um cargo burocrático, mas Ulisses me ensinou que também os cargos burocráticos podem ser lucrativos; sua morte e a do deputado combinam e se justificam, ninguém quer pressão pública, ninguém quer ver orçamentos de ONG's examinados, nada disto, todo mundo quer o de

sempre, um acerto. A explicação oficial será simples: o Deputado Ulisses consumido pela culpa o chamou até aqui, matou-o e depois suicidou-se, ponto final, caso encerrado.

– Falta uma ponta, seu escrivão, o tal Vasconcelos, poderá traí-lo, existe mandado de prisão contra ele.

– Vasconcelos? Só se for em sessão espírita. Mande os três investigadores debilóides encontrarem-se com Caveirinha, sabendo que seriam assassinados, eu provoqueei deliberadamente o traficante e os mandei fazer o recolhe. Vasconcelos sabia, disse a ele que precisava de seu auxílio e ele foi me encontrar no sítio onde eu estava, ficamos lá repassando todo o plano e verificando eventuais pontas, depois o matei e hoje é mais um cadáver sem identificação. Dedo e Castanheira foram mortos por Caveirinha, Tainha por algum desafeto que ali passava e se aproveitou, ele tinha muitos. Você está morto e, melhor ainda, completamente desacreditado, a pasta com suas digitais ficará aqui em cima da mesa, em pouco tempo seus amigos darão por sua falta e acionarão a polícia, é o que quero. Só não gosto deste revólver 32 de merda que o deputado tem, mas acho que você não vai sentir a diferença.

Sforza engatilhou o revólver e apontou para Danilo, que estava sentado na cadeira diretor com os pés amarrados na base.

– Parado!

A voz de Adriano atingiu Sforza, e este fez o que somente os melhores profissionais fazem, moveu-se para o lado e atirou. Urtizes e Adriano entravam na sala e o tiro atingiu Adriano antes que tivesse tempo de revidar, caiu com o ombro direito sangrando violentamente, aquilo não era filme, um tiro era um tiro. Urtizes atirou, mas o movimento de Sforza o fez errar, Sforza então fez o que de melhor poderia fazer, seguindo a escola israelense de tiro, manteve o revólver cal. 32 do deputado atirando e sacou de sua pistola, esta sim um cal. 45, avançando e atirando sobre Urtizes, este por um momento teve dúvida entre esconder-se e revidar ou avançar; a hesitação deu o espaço que Sforza queria e Urtizes viu a sombra de sua morte chegando. Isto até Sforza repentinamente pular para trás, seu peito encheu-se de sangue, ele rodopiou e tombou. Adriano, apoiando a mão direita na esquerda, percebeu que acertara dois dos três tiros que disparara contra Sforza, este desabou no chão sangrando em abundância, teve um espasmo e morreu em seguida.

A mansão do deputado encontrava-se cercada por carros da Corregedoria da Polícia Civil e do GOE, também havia viaturas da polícia militar, pouco depois carros oficiais chegaram e saíram da mansão furiosamente, a imprensa ficava mosquejando em volta da casa sentindo o cheiro

dos cadáveres. Amanheceu e quando a manhã já avançava Urtizes e Danilo finalmente sentaram-se no *hall* de entrada, apreciando os veios do mármore de carrara.

– E aí Danilo?

– E aí nada, quase me dei mal, a carta de Ulisses e as digitais nas fotografias eram bons indícios, a sorte é que seus policiais encontraram as fitas de Ulisses encomendando a morte do Miguelzinho lá no sítio do Sforza, o Carlinhos Maracanã conhecia o local, aliás, este miserável sabia de muita coisa que não nos contou. De qualquer forma estão todos mortos e a investigação perdeu o objeto.

– E a parte do Ulisses?

– Não sei se vai vazar para a imprensa, me parece que fizeram um acordo de cavalheiros com as diretorias dos jornais, parece-me que a figura do deputado vai ser preservada deste escândalo, vão inventar uma versão qualquer.

– Mas o inquérito seguirá.

– Por muito tempo, com os prováveis indiciados mortos ninguém vai esquentar com isto.

– E o que Sforza falou sobre a ONG?

– Como vamos saber? Não existe nenhuma prova do que Sforza falou, as fotografias vinculam o deputado aos menores.

– Mas e as solturas dos menores?

– Será uma investigação difícil, os registros são precários, não temos datas e nem sabemos se ocorriam sempre no 222º DP ou não.

– Isto está soando muito vago para quem é tão preparado.

– Vou ser claro Urtizes, ninguém está muito a fim de checar tudo isto, haverá oposição das entidades de direitos humanos envolvida na defesa dos menores, da Igreja, de tudo que é lado. A idéia dominante é que quem deveria estar morto morreu e ponto final.

– É, pelo menos isto está certo, temos gente ruim, mas temos gente muito boa também.

– Por falar em gente boa e o Adriano?

– Está bem, vai ficar uns trinta dias de molho, mas sem conseqüências.

– Sabe Urtizes, tenho medo, a longo prazo, vivemos uma antítese de uma sociedade querendo justiça e uma política legislativa evidentemente liberal como não existe outra no mundo, é uma mistura explosiva.

– Existe mais, e você sabe, a política de desmantelamento do funcionalismo por razões econômicas venceu, daqui a dez anos ninguém poderá viver de sua função, virará apenas um bico, é lógico que sempre haverá um ou outro que fará esta opção, mas estes com certeza já terão recursos próprios.

– Ou então serão Sforzas em maior ou menor grau, tirando proveito da sua posição. Sabe o que me mata? Tem muita gente que vem do exterior para cá cobrando atuação da polícia e da Justiça brasileira, no entanto, mesmo ganhando altos salários e tendo toda a estrutura tecnológica não conseguem fazer o mesmo nos respectivos países, se com recursos lá eles não conseguem como querem que aqui façamos alguma coisa? E ainda com esta política de desmantelamento...

– Eu te digo, vamos ter que arrumar o que fazer.

– Desanimei Urtizes.

– Vai largar o DEPAE?

– Talvez.

– Vou animá-lo um pouco, dê uma olhada no “Notícias do Povo”.

O jornal estampava na primeira página a prisão de um traficante na favela do Buraco Negro, com ele havia sido apreendidos dois ou três pacotinhos de crack e fora preso por investigadores que simulavam a condição de compradores, o apelido do traficante: Caveirinha. As fotografias mostravam o traficante ao lado de seu vendedor, um negrão alto e musculoso que recusava-se a olhar para a fotografia.

– Isto merece ser checado, mas não hoje.

Promotor e delegado despediram-se, a sensação, longe de ser vitoriosa, mais parecia uma crise de depressão, o jornal foi deixado no local e nenhum dos dois leu a reportagem que dizia terem os policiais do DENARC recebido uma informação anônima sobre a realização de tráfico no local e indicando um indivíduo com o apelido de Caveirinha, o jornal caiu ao chão e ali permaneceu.

XXXV – UMA CENA

Os três investigadores do DENARC, Delegacia de Repressão ao Narcotráfico, aproximaram-se da favela do Buraco Negro em uma viatu-

ra fria, oficialmente afirma-se “descaracterizada” a utilização em diligências policiais é uma praxe legal, especialmente porque a própria lei antitóxicos prevê a utilização de veículos e bens pertencentes que tenham sido apreendidos com traficantes os quais deles se faziam valer para o comércio da droga. Os investigadores, Pepeu, Tomzé e Ricardinho já estavam acerca de um ano no DENARC e já haviam perdido a conta de quantas prisões fizeram usando o mesmo esquema. Desta vez utilizavam-se de um Santana novinho de cor preta que havia sido apreendido com um traficante que nele tentara esconder quase um quilo de cocaína. O carro era novo e de luxo, sem dúvida melhor que as viaturas oficiais. A investigação, mais precisamente a diligência, começara como tantas outras, um telefonema anônimo para o serviço “Disque-Denúncia”, o atendente simplesmente anotou os dados em uma papeleta e entregou para o delegado encarregado, este por sua vez olhou a pequena lousa na sala dos investigadores e chamou: equipe “C” e aqui estavam os três investigadores que leram a informação anônima e desceram absolutamente sem pressa para o pátio onde os carros eram estacionados. Aproveitando o sistema de som e o ar-condicionado aproximaram-se da favela. A informação era imprecisa quanto ao local onde o traficante costumava atuar, falava-se apenas “na boca” da favela e referia-se à proximidade de uma padaria. O Santana rodou pelos limites da favela com os policiais atentos, no perímetro encontraram vários bares vendendo pinga, tudo normal para um começo de noite, finalmente, passaram por uma padaria que em verdade era um bar um pouco mais crescido. Deram mais uma volta na favela, esperaram um pouco e retornaram, parando o carro a duas quadras da padaria. Tomzé juntamente com Pepeu desceu e começou a andar lentamente em direção à padaria. Ricardinho permaneceu no Santana com a pistola 380 engatilhada e o carro ligado. Tomzé e Pepeu eram profissionais, cabelos longos, barba malfeita, brincos. Pepeu aproveitava-se de profundas olheiras e o tipo biofísico magro dava a perceber que se tratava de um provável viciado. Tomzé era mais alto e corpulento. Aproximaram-se da padaria e ficaram defronte à porta, qualquer um que olhasse teria exata noção de dois viciados otários sem saber o que fazer. Foi Tomzé quem percebeu Caveirinha do outro lado da rua, sentado em um caixote e jogando dominó com duas crianças. Ambos foram na direção de Caveirinha e foi Pepeu, que tinha mais características físicas de usuário que tomou a iniciativa.

– E aí cara? Você sabe onde a gente pode arrumar uma farinha ou uma pedra?

– Depende, quantos contratos você quer? Tenho pedra.

– É o seguinte, somos eu e meu mano aqui, dele é a segunda pipada e ele ainda está com medo, quero dois contratos agora e depois eu pego mais.

– Está dez paus cada.

– Está na mão.

Pepeu enfiou a mão no bolso e sacou duas notas de dez reais, antes os três tiveram o cuidado de xerocopiar as notas e as cópias encontravam-se no carro com Ricardinho. Caveirinha recusou-se a pegar o dinheiro.

– Não é comigo não, é com meu mano ali.

Caveirinha apontou um pouco para trás onde Nego Zulu estava, parecendo inofensivo sentado no solado de um barraco. Pepeu viu então como Caveirinha gesticulou para Nego Zulu e fez um número dois com a mão.

– É só vocês darem um chego lá.

Pepeu e Tomzé deram as costas para Caveirinha e foram em direção ao local onde Nego Zulu estava, desta vez foi Tomzé quem gesticulou brevemente e Ricardinho já percebeu que deveria ficar observando Caveirinha e dele se aproximar a pé, enquanto os policiais iam até Nego Zulu. Pepeu e Tomzé esperaram menos de um minuto quando Nego Zulu retornou e perguntou-lhes sobre o dinheiro, Pepeu deu-lhe as notas e então Nego Zulu tirou do bolso da bermuda dois pacotinhos plásticos contendo as cobiçadas pedrinhas brancas de crack. Foi o sinal, Tomzé sacou a arma por detrás e Pepeu gritou:

– É cana, a casa caiu.

Antes que ele terminasse a frase Pepeu também já estava de arma em punho e Ricardinho, que tinha se aproximado de Caveirinha, repetia o mesmo anúncio. Pediram apoio pelo rádio e a viatura oficial, que de antemão estava preparada, demorou cinco minutos para aparecer. Caveirinha e Nego Zulu foram algemados e colocados no chiqueirinho e os carros partiram em alta velocidade para o DENARC, onde o Delegado de Plantão já os esperava. Seguiu-se o de praxe, o escrivão começou a lavratura do auto de prisão em flagrante ouvindo os policiais e foi neste momento que a rotina perturbou-se com a chegada de Jorge Dias Velho, o advogado que conseguira ainda mais notoriedade com o caso de Sforza. O advogado fez o teatrinho de praxe, tratou de entrevistar-se reservadamente com Caveirinha e passou a acompanhar o auto de prisão em flagrante, para tristeza do escrivão que viu seu trabalho sendo detidamente examinado. Os policiais narraram a ocorrência padrão tal como tinha efetivamente transcorrido, Caveirinha e Nego Zulu contaram outra versão, declararam-se usuários e negaram a venda afirmando que haviam sido presos apenas com dois papелotes os quais iriam ser utilizados para consumo próprio, como se negavam a indicar o fornecedor, os policiais já os acusavam injustamente do tráfico. Jorge ainda insistiu com o delegado para que ambos

fossem considerados meros usuários, porém este foi firme e manteve a prisão de ambos. Tráfico, decretou o delegado. Pela primeira vez o líder do tráfico em uma região de São Paulo era preso. Só que a polícia não sabia disto. Caveirinha permaneceu no DENARC pouco tempo, dias depois, antes mesmo da acusação ser formalizada pelo Promotor de Justiça, ele já havia sido removido para o Centro de Observações Criminológicas, o mesmo lugar onde Russo liderara a rebelião tempos atrás, antes de ser removido para o 222^a DP. Lá o traficante foi recebido como líder, ele e Nego Zulu ocupavam uma cela, em verdade um quarto, onde podiam contar com banheiro privativo, chuveiro elétrico, televisão e outras regalias, de cozinha não precisavam pois outros presos se encarregavam de cozinhar ou melhorar o recortado. Caveirinha já era reconhecido como um dos líderes do PCC. Não tardaram mais dias e finalmente Caveirinha foi levado ao Fórum Criminal pela primeira vez, ele e Nego Zulu repetiram a mesma versão que forneceram ao delegado do DENARC. Jorge Dias Velho fazia o teatro de sempre e buscava ao máximo pressionar o juiz não perdendo um momento sequer pedindo que ambos fossem considerados meros usuários, gritou, urrou e fez seu papel, porém eles continuavam presos e assim permaneceriam até o prazo final para término do processo. A estratégia decidida por Jorge Dias Velho seguia exatamente a linha que estava sendo dada ao processo, ele tinha boas linhas de defesa, a primeira era a pouca quantidade do crack apreendido – era perfeitamente compatível com o simples consumo –, depois a ausência de outras testemunhas no momento da prisão, somente os policiais haviam feito a diligência e ninguém vira a prisão, havia ainda a confissão parcial a qual demonstrava que desde um primeiro momento ambos, Caveirinha e Nego Zulu, não se eximiam da responsabilidade pela droga. A defesa era sólida e quando muito permitiria que fossem condenados à pena mínima como meras pontas inofensivas dos verdadeiros traficantes encastelados no centro da favela. Jorge não forçava seus argumentos, nada fazia de efetivo além da teatralidade, era a primeira vez que com o consentimento de um cliente, seu objetivo era simplesmente a própria condenação. É claro que estas obscuridades poderiam ser revistas após a sentença, seguiriam recursos e mais recursos vagorosamente, permitindo que caso Caveirinha precisasse sair legalmente da prisão, houvesse uma chance de revisão. Restava a Jorge garantir a pena mínima. Marcou-se então a data para a audiência das testemunhas de acusação (Jorge não arrolara nenhuma testemunha de defesa propositalmente) e para discussão e decisão final do processo. A discussão resumia-se em um ditado que o promotor e o advogado de defesa faziam para a escrevente, normalmente o juiz sequer ouvia pois deveria lê-los antes de proferir a sentença, na maior parte das oportunidades, sendo um processo simples como este, a sentença seria proferida em audiência e assim o foi. O promotor já antecipara as teses de defesa e mostrou o porquê de seu cargo, afirmou que a quantidade de crack apreendido não significa-

va o simples uso, a venda seria considerada fosse de um ou mil papелotes eis que tal distinção não existia, não se julgava a quantidade, mas a vontade do criminoso em vender a droga e esta fora bem demonstrada, quanto à ausência de testemunhas, era claro que ninguém se dava a depor contra traficantes e ademais o tráfico era sempre realizado às escondidas, fora das vistas de eventuais passantes, muito o mais durante a noite. Ademais, afirmou, os policiais não conheciam os réus e não teriam motivos para culpá-los falsamente, a admissão parcial apenas confirmava a diligência policial. Jorge Dias Velho demonstrou-se literalmente ofendido com tais argumentos e com a violência que estava sendo perpetrada. Ambos os réus estavam presentes na sala e Nego Zulu parecia simplesmente entediado. Já Caveirinha prestava atenção em todos os detalhes e quase deu risada com a intervenção teatral de Jorge, após os debates ambos permaneceram sentados na ponta da mesa. Promotor e advogado aguardaram e o juiz que havia retornado à sala leu atentamente os argumentos das partes e passou a ditar, agora sim, a sentença. Caveirinha e Nego Zulu foram condenados a cumprirem três anos de reclusão, regime fechado, sem direito a progressão. Jorge Dias Velho demonstrou estar chocado, levantou-se, foi de um lado a outro da sala, ponderou com o juiz, a condenação porém fora lançada. Ao final da audiência todos que ali estiveram saíram efetivamente satisfeitos, secretamente ou não. Nego Zulu e Caveirinha foram levados então à carceragem do fórum e ali permaneceram. Foi para surpresa de ambos os traficantes que os policiais militares da escolta chamaram Caveirinha para uma ante-sala da carceragem, em separado. Dentro havia apenas um policial, ele entrou na sala, que não tinha cadeiras ou mesas, devendo simplesmente ficar de pé, e fitou o policial que o chamara, o agora efetivado delegado do 222º Distrito Policial, o bem conceituado e competente Adriano Del Tessio.

XXXVI – UMA VISÃO DO FUTURO

Adriano Del Tessio e Caveirinha fitaram-se por um breve tempo até que Adriano se dirigiu a ele e o abraçou.

– Professor...

– Você está louco? Não aprendeu nada?

– Sem problemas, eu e Urtizes viemos depor perante o juiz corregedor na sindicância que apura a morte do deputado e de Sforza, é um circo inevitável, de qualquer forma aquele policial desgraçado já foi tarde.

– É, causou-me um bom prejuízo, mas meu temor sempre foi que ele se tornasse um obstáculo na sua carreira.

– E por incrível que pareça fui promovido por causa dele, o ferimento no braço ajudou é claro, mas consegui finalmente chegar à chefia do 222º DP.

– Não é só isso, Adriano, sua imagem está sendo construída dia-a-dia, será como eu previ, você sempre será o melhor policial possível.

– Ninguém tem a sua visão, será fácil!

– Eu não me arrependo de tê-lo escolhido, um adolescente de favela como outro qualquer, sem perspectiva senão a de ser um soldado do tráfico, mas você era diferente, inteligente, esperto, curioso, acima do normal. Como estão seus pais?

– Vivem bem graças ao senhor, professor, tudo que possuímos veio do senhor, o apartamento em Moema, o carro.

– Eu lhe dei a melhor educação possível, o melhor colégio, os melhores cursinhos, tudo para que você entrasse na faculdade.

– E eu não lhe decepcionei, entrei na melhor faculdade de Direito de São Paulo, fui líder de turma, ativo politicamente...

– Prestou o concurso que eu escolhi e finalmente tornou-se um delegado de polícia, sua carreira deveria, e é, ser brilhante, esforçado, estimado pelos colegas, tudo foi planejado meticulosamente e agora, após tantos anos...

– Após tantos anos é hora de colher os frutos, e o Nego Zulu como está?

– Com o jeito dele, você sabe, precisa de controle e de alguém que lhe diga como agir, é um homem de ação.

– Professor, tenho pouco tempo, tente reverter sua decisão, não entre no sistema prisional, o PCC é muito mais duro que a vida aqui fora, lá não tem lei senão a de quem consegue ser melhor que o outro.

– E até agora não tem sido assim? E eu não sobrevivi vencendo meus inimigos? E não é só o melhor que sobrevive?

– Tenho medo pelo senhor.

– Tenha medo por si, o fato de ter desejado o 222º DP para comandar talvez levantasse desconfiança, pensou nisto?

– É claro, mas tenho a desculpa perfeita, estou lá há muito tempo e obtive sempre bons resultados, isto sem falar que todos ficaram felizes com a minha escolha, se escolhesse um Distrito bom haveria conflito com

outro delegado que também gostasse de ficar ali e a minha base política ainda é frágil para uma disputa destas.

– E os convites?

– O José Ernesto convidou-me para trabalhar na homicídios. Urtizes talvez me queira com ele, poderei escolher um pouco mais tarde, quando já tiver me firmado como titular.

– Vá com calma, não force, não seja evidente, demorou muito para chegar onde está e o prêmio está perto.

– DENARC.

– Sim, DENARC, primeiro pensei no 222^a DP, porque era a delegacia que controlava a favela, foi fácil para você ser removido para lá.

– Claro professor, ninguém queria o lugar, só tinha problemas e ninguém gostava de Sforza, já o DENARC é diferente, de qualquer forma seu plano é infalível.

– Nada é infalível, lembre-se, uma hora sempre alguém falha, você deve estar preparado para cuidar que suas falhas não sejam vistas ou pelo menos que possam ser corrigidas a tempo.

– O DENARC...

– O DENARC é prêmio final, pense Adriano, controlarei o sistema prisional e serei influente no mais temível setor policial, sua carreira deve dirigi-lo à chefia do DENARC e nesta época serei o senhor do PCC, as duas pontas estarão na minha mão e finalmente poderei estabelecer o primeiro cartel brasileiro.

– E os fornecedores?

– Estarão na nossa mão, veja bem Adriano, a vocação do Brasil para o tráfico não é a produção, mas a distribuição, as fronteiras com os países produtores são extensas e impossíveis de serem vigiadas e controladas, dou muita risada quando alguém fala de controlar o tráfico através do controle das fronteiras, somos porosos, escorregadios, tudo muito diferente dos centros de consumo.

– Exato, basta olhar o mapa, a divisa dos Estados Unidos com o México é pequena e extensamente vigiada inclusive com muralhas e equipamentos eletrônicos sofisticadíssimos e, mesmo assim, não conseguem nem evitar a entrada de imigrantes clandestinos!! Como querem que nós façamos mais nas nossas fronteiras?

– Exato, para a droga chegar lá, ao contrário daqui, deve percorrer um caminho longo e cheio de etapas, não pode portanto seguir as formiguinhas em pequenas quantidades, não haveria gente suficiente.

– Daí o grande tráfico, com grandes cargas, que vão todas para lá é lógico.

– Claro, quando pegamos para gente mesmo não precisa de tanto de uma vez, é mais fácil uma mula ir lá toda semana e trazer um quilo do que comprar uma tonelada e ficar trazendo de caminhão, facilmente detectável.

– Fora que com a nova legislação a venda vai ficar mais fácil.

– E você não viu o que aconteceu? Mesmo querendo ser condenado eu quase fui absolvido, tudo porque eram só dois papelotes, o Jorge insistiu nesta tese para poder garantir um outro processo chamado revisão, tudo mais ou menos engatilhado para que eventualmente eu possa sair em menos tempo e legalmente.

– Vai ser pior, basta ser primário e dizer que fez isto da primeira vez que vai dar sopa.

– Isto sem falar nesta lei nova, pena até quatro anos não se cumpre e o tráfico pega três, o Jorge me falou que tem juiz que aceita, temos tudo a nosso favor. Menos para a remessa ao exterior.

– Mas e aí?

– Olhe, se eu controlar o PCC, controlarei boa parte do sistema prisional, isto primeiro nos dará muito lucro não só com o tráfico mas com outras atividades criminosas, expandirei a organização e a tornarei sólida podendo enfrentar e liquidar outros traficantes que se coloquem no meu destino. Quem domina o PCC tem poder e eu usarei este poder para vencer os outros. De qualquer forma tenho você, a outra ponta, primeiro terá informações totais sobre os outros traficantes, quando estiver no DENARC fará grandes prisões e apreensões de drogas até que meus concorrentes estejam enfraquecidos, aí selarei o golpe final com os homens do PCC e finalmente controlarei a distribuição.

– Eu vejo mais.

– Vê mesmo, com você no DENARC poderei controlar com total segurança o transporte da droga dos produtores até a remessa para o exterior, é claro que sempre deixaremos alguém ser pego senão irão desconfiar, mas será uma perda calculada.

– Sem muito prejuízo é claro.

– É claro. Uma vez que eu demonstre o total controle sobre as rotas de distribuição os fornecedores passarão a se utilizar de mim para remeter as drogas, seremos o primeiro cartel distribuidor da história, já pensou? O risco será mínimo, não produzimos nada, não temos laboratórios,

plantações, não estamos em áreas determinadas, temos todas as vantagens, será quase impossível sermos apanhados e receberemos o maior pedágio criminoso da história, nunca houve nada parecido.

– E contra nós?

– Nada, os órgãos de segurança estão se esfacelando, poucos recursos, salários baixos e perda de qualquer tipo de vantagem, somado ao fato de tratar-se de mão-de-obra de formação especializada.

– Novos Sforzas surgirão.

– É possível, talvez até em outros setores, Judiciário e coisa e tal.

– Pensa mesmo assim?

– Sem dúvida, a combinação nos favorece a longo prazo, porém antes de tudo devo controlar o PCC e você deve chegar ao DENARC.

– Temo pelo senhor, professor, o PCC será o maior perigo, Russo o trairá.

– E eu a ele, ou faremos um acordo, estudamos as variantes, eu, você e Gambá, lembra-se?

– Se lembro, quando vejo a cara do Tainha.

– Matá-lo foi arriscado.

– Não havia jeito, ninguém ia saber que Nego Zulu ia deixar o bicho sair correndo, quando eu estava chegando para a reunião com o senhor e o Gambá vi Tainha voando de um barraco para o chão, ele viu a viatura e foi direto ao meu encontro, ele viu que estava fodido e veio até mim pensando em se entregar e entregar o Sforza, ele ficou perplexo quando eu saquei o revólver e lhe dei o tiro na cara, ele bem que merecia.

– Mas havia o risco, de qualquer forma cada um daqueles merdas morreu de jeito diferente e isto embaralhou a polícia.

– E se eles começarem a desconfiar?

– Você lembra dos estudos do serviço de inteligência? O tal DEPAE?

– Lógico.

– Ali havia a Variante Italiana, use-a.

– Alguém vai assumir a culpa como assassino?

– Como assassino e como traficante, faça um Caveirinha falso, alguém que receberá muito bem para levar a culpa com a garantia do PCC que sairá mais cedo da cadeia para morar bem no Paraguai, fazendo isto as investigações cessarão e manteremos o poder.

– O professor continua vendo o que os outros não vêem.

– É só pensar, aliás, o que mais temo é encontrar alguém que pense, alguém que esteja em posição de ver o que ocorre e faça uma ligação, por isto tanto cuidado.

– Relaxe professor, este não é o problema, está todo mundo mais ocupado em formalidades administrativas, em produzir papel e fazer tudo rápido, estão pressionados pela opinião pública e simplesmente não existe um órgão de inteligência ou informação que sequer tenha este objetivo em qualquer esfera que seja. Ninguém pensa nisto, eu sempre digo, ninguém age, todo mundo reage a algo que já aconteceu. Mas de uma coisa o professor tem razão, eles têm pessoal suficientemente perceptivo para isto.

– Daí meu medo, alguém que esteja bem colocado e possa dedicar-se integralmente sem outras preocupações e ainda dispuser de meios, será um perigo para nós, caso haja um órgão próprio então terá que ser controlado.

– E neste caso estarei por lá.

– Exatamente, é a única hipótese em que o objetivo final não será o DENARC. De qualquer forma antecipe o que puder sobre a Variante Italiana, se for necessário ela deve estar pronta.

– Será feito.

Adriano e Caveirinha abraçaram-se, neste instante a porta abriu-se e Urtizes conversando com o investigador Paulinho entrou na sala. Adriano deu um pulo para trás e Caveirinha mostrou-se subitamente irritado.

– Por que você não vem agora tira? Chegaram testemunhas é? Não confia em seus amiguinhos? Passou a vontade de me espancar é? Só bate quando está sozinho hein?

– Miserável.

Adriano avançou sobre Caveirinha como se quisesse agredi-lo e foi contido por Urtizes e Paulinho, sendo retirado da sala enquanto os policiais militares levavam Caveirinha de volta para a carceragem.

– O que foi isto Adriano, batendo em preso no fórum? Enlouqueceu?

– Urtizes, vou lhe dar uma informação reservada, soube através de um informante que este traficante aí não é o Caveirinha que procuramos.

– Como é?

– Você acha que o barão da favela ia ficar vendendo papelote na rua?

- Claro que não.
- Pois é, acho que ele está sendo queimado para a gente não desconfiar do verdadeiro dono da favela.
- Faz sentido.
- Eu estava quase tirando a informação dele, mais um pouco e saberíamos quem matou Dedo, Tainha e Castanheira, mas eu chego lá.
- Não será batendo em preso, mas você tem informações? Os promotores talvez gostem de saber.
- Ainda é cedo, deixa eu confirmar com mais subsídio e aí iremos a eles.
- Está fazendo um bom trabalho de campo Adriano.
- Com a sua ajuda será mais fácil.
- Diga-me o que pretende.

Os delegados se afastaram conversando, o investigador Paulinho os olhava desconfiado, de primeira não parecia que Adriano estivesse pressionando Caveirinha, mais parecia estarem abraçados, isto de qualquer forma não era problema dele, mas talvez devesse comentar com o Dr. Urtizes, quem sabe, hoje almoçariam com os promotores e talvez mais tarde surgisse a oportunidade.

O expediente se encerrava, funcionários, testemunhas, vítimas, juízes, promotores, todos saíam do fórum castigado pelo calor, só depois que todos já tivessem saído o caminhão que levaria os presos de volta aos presídios ou delegacias sairia, dentro dele estavam Caveirinha e Nego Zulu e o destino era a Casa de Detenção, onde o PCC já os esperava.

FIM